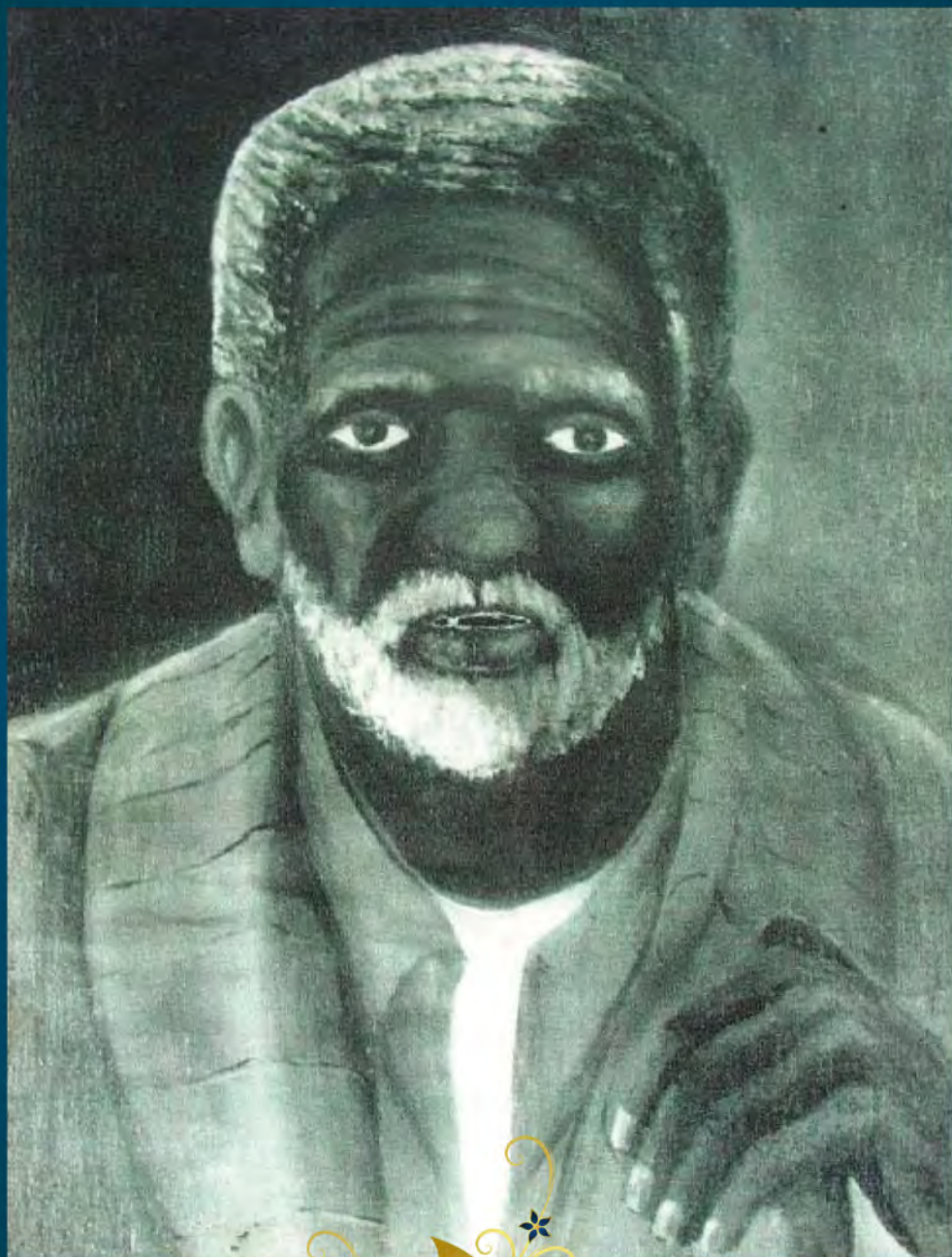


COLETÂNEA UMBANDA

A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO
PARA A CARIDADE



AS ORIGENS DA UMBANDA II

Padrinho Juruá

Padrinho Juruá – 1956

COLETÂNEA UMBANDA

“A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE”

AS ORIGENS DA UMBANDA – II

**São Caetano do Sul, 2013
2500 p.**

Fundação Biblioteca Nacional

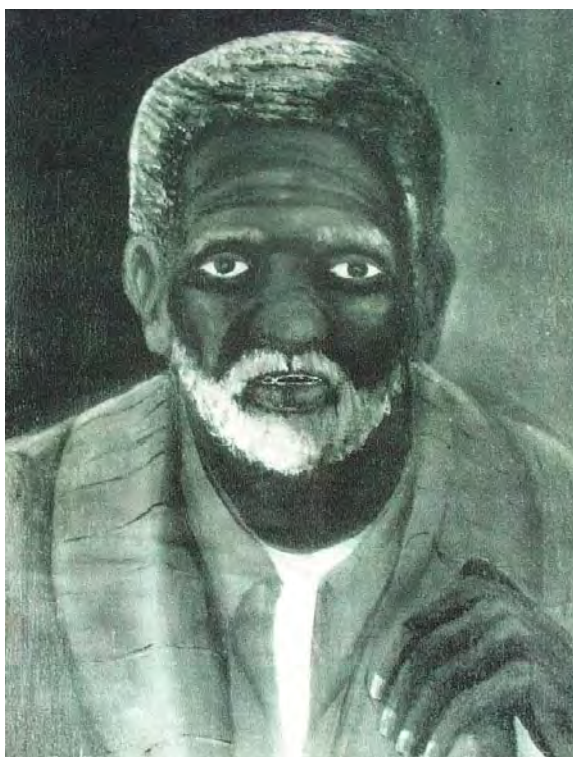
**Escritório de Direitos Autorais Certificado de Registro ou
Averbação**

Nº Registro: 533.475 – livro: 1024 – folha: 149

Todo o material (textos, fotografias e imagens) disponibilizados neste livro estão sob a proteção da “LEI DO DIREITO AUTORAL Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998”.

É proibida toda e qualquer comercialização dos mesmos, em quaisquer meios de comunicação, sem prévia consulta e autorização pessoal do autor.

Para reprodução sem fins comerciais, é obrigatória a divulgação da autoria do material aqui disponibilizado.



Concepção artística do Pai Antônio – Pai de Mesa da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade

ÍNDICE

• PREFÁCIO.....	01
• ANTONIO ELIEZER LEAL DE SOUZA – O PRIMEIRO ESCRITOR DA UMBANDA.....	08
• HINO DA UMBANDA.....	27
HINO UMBANDISTA.....	31
• OS PRIMEIROS INTELECTUAIS DA UMBANDA.....	34
GIRA DE UMBANDA.....	34
GIRA DA UMBANDA – ÁTILA NUNES.....	39
BAMBINA BUCCI.....	41
• OS CONGRESSOS DE UMBANDA.....	43
1º CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPIRITISMO DE UMBANDA.....	43
REUNIDOS EM ASSEMBLÉIA, CABOCLOS E AFRICANOS.....	47
ESPIRITISMO DE UMBANDA – INTRODUÇÃO.....	50
A IDÉIA DO CONGRESSO.....	51
A COMISSÃO ORGANIZADORA.....	51
REUNIÕES PREPARATÓRIAS.....	51
O PROGRAMA.....	51
ENTREVISTA COM O CAPITÃO PESSOA.....	54
OS CONGRESSOS DE UMBANDA: 1941 - 1961 - 1973 - REALIZADOS DO RIO DE JANEIRO.....	56
CONGRESSOS DE UMBANDISTAS NO RIO.....	57
2º CONGRESSO DE UMBANDA NO RIO.....	57
UMBANDISTAS EM CONGRESSO VÃO PEDIR SAGRAÇÃO DO “PAI PRETO”.....	59
II CONGRESSO DE UMBANDA QUER CODIFICAR DOUTRINA.....	61
BISPO ESTEVE PRESENTE AO ENCERRAMENTO DO II CONGRESO DE UMBANDA.....	62
CONGRESSO DAS ORGANIZAÇÕES UMBANDISTAS EM SÃO PAULO.....	64
TEXTO DE CAVALCANTI BANDEIRA.....	65
A POLÍCIA VAREJOU A TENDA A TENDA ESPÍRITA SÃO JERÔNIMO.....	69
PERSEGUIÇÃO ÀS TENDAS ESPÍRITAS PELA POLÍCIA DO ESTADO DA GUANABARA.....	70
A CONSTITUIÇÃO ASSEGURA O FUNCIONAMENTO DOS CENTROS ESPÍRITAS.....	70
CARTA ABERTA AO CHEFE DA NAÇÃO.....	71
PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA COM OBJETIVO POLÍTICO-ELEITORAL.....	72
• CRONOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO MOVIMENTO UMBANDISTA NO BRASIL.....	77
• DIA NACIONAL DA UMBANDA.....	83
• INSTITUIÇÃO DO DIA NACIONAL DA UMBANDA.....	85

• LINHA BRANCA DE UMBANDA E DEMANDA NA VISÃO DE UM APRENDIZ.....	86
• A UMBANDA E A IMPRENSA CATÓLICA.....	170
VAREJADOS SETENTA “TERREIROS” E PRESOS OITENTAS “MACUMBEIROS”	171
• CURIOSIDADES.....	175
CASA DE UMBANDA.....	175
O MISTÉRIO DA MACUMBA.....	175
O TERREIRO DA MACUMBA.....	183
O ESPIRITISMO NA MACUMBA.....	186
• HOSPITAL NACIONAL DE UMBANDA.....	191
• O OLHO DE DEUS.....	194

PREFÁCIO

Queremos registrar, explicitamente, que é nosso, e só nosso, de maneira indivisível e absoluta, todo e qualquer ônus que pese por quaisquer equívocos, indelicadezas, desvios ou colocações menos felizes que, porventura, sejam ou venham a ser localizadas neste livro, pois, temos certeza plena de que se tal se der terá sido por exclusiva pequenez deste menor dos menores irmãos de Jesus, deste que se reconhece como um dos mais modestos dos discípulos umbandistas.

Todo o material utilizado na feitura desta obra é dividido em:

- 1) Profundas e exaustivas pesquisas;
- 2) Orientações espirituais; e,
- 3) Deduções calcadas na lógica, na razão e no bom senso.

Não podemos nos esquecer do que escreveu Kardec, em “A Gênese” – capítulo I, item 50: “(...) os *Espíritos não revelam aos homens aquilo que lhes cabe descobrir, usando de pesquisas, esforço continuo, estudos aprofundados e comparações com outros estudiosos*”. Foi exatamente isso que fizemos.

Realizamos longas e exaustivas pesquisas a fim de sermos fiéis ao que realmente aconteceu, bem como coletamos informações da espiritualidade para posteriormente colocar algumas poucas observações, tudo dentro dos ensinamentos crísticos, da razão e do bom senso.

A Espiritualidade Superior nos faz atingir o conhecimento da verdade por nós mesmos, por intermédio do raciocínio, ao invés de submeter um Espírito iluminado ao sacrifício de descer ao plano físico para nos elucidar.

Não devemos apenas nos esconder atrás de um Espírito em psicografias ou mensagens psicofônicas para escrevermos doutrina religiosa; devemos somente pedir a intervenção espiritual quando o assunto fugir totalmente à nossa compreensão; aliás, todo o conhecimento já está no mundo; basta ter paciência e perseverança para encontrá-los.

As bases primordiais do conhecimento e das normas divinas já foram fartamente explicadas pelos Espíritos crísticos das diversas filosofias e religiões; o ser humano está capacitado a dispô-las da mesma maneira que melhor atendam à sua concepção.

“Tenho a impressão de ter sido uma criança brincando à beira-mar, divertindo-me em descobrir uma pedrinha mais lisa ou uma concha mais bonita que as outras, enquanto o imenso oceano da verdade continua misterioso diante de meus olhos”. (Isaac Newton)

Muito já se tem escrito sobre o que é Umbanda, e este é mais um apontamento sobre suas características e finalidades. Não pretendemos “impor” nada a ninguém, mas sim, levar todos a pensarem melhor, a fim de enxergarem outras realidades e plasmarem em suas mentes, a religiosidade maravilhosa da Umbanda.

“Tem muita gente falando que se copiam assuntos e verdades (...) mas a verdade não se copia, a verdade existe, não é filhos? E se ela existe, não é copiada; ela é divulgada por muitos seres, de muitas formas, por vários estilos de esclarecimento sobre ela mesma. Vejam bem: as linguagens dos grupos espiritualistas são diferentes e, as que são corretas, pretendem levar os discípulos da Terra a um mesmo ponto: o ponto do esclarecimento e da chegada do amor e da consciência na Terra. Os filhos têm que saber que a realidade da vida na Terra e a vida no Cosmos é contemplada de inúmeras formas e tem explicações baseadas na verdade imutável (...). Mas tem outros pontos de vista sobre elas também (...).” (Cacique Pena Branca – Mensagem canalizada por Rosane Amantéa)

Essa explicação é perfeitamente compatível com a posição colocada em “o Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XXIV, onde diz que: *“Cada coisa deve vir ao seu tempo, pois a sementeira lançada a terra, fora do tempo não produz (...)”*. Os Espíritos procedem, nas suas instruções, com admirável prudência.

“(...) As grandes ideias jamais irrompem de súbito. As que se assentam sobre a verdade sempre têm precursores que lhes preparam parcialmente os caminhos. Depois, em chegando o tempo, envia Deus um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos esparsos, de reuni-los em corpo de doutrina. Desse modo, a ideia, ao aparecer, encontra Espíritos dispostos a aceitá-la”. (Trecho da introdução de “O Evangelho segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec – IV)

É sucessiva e gradualmente que eles têm abordado as diversas partes já conhecidas da doutrina, e é assim que as demais partes serão reveladas no futuro, à medida que chegue o momento de fazê-las sair da obscuridade.

Nossa esperança é que você, leitor, se sensibilize com o que está escrito aqui, e verá uma Umbanda calcada nos ensinamentos crísticos, na razão e no bom senso, movida pela noção do conhecimento do que representa essa grande religião perante a humanidade. De acordo com seus próprios recursos e reconhecendo as limitações das circunstâncias muitas vezes impostas, temos a certeza que você fará de tudo para compreendê-la e divulgá-la.

Os conhecimentos impressos neste livro, com certeza são breve pincelada da realidade cultural umbandística.

Como disse o venerável Espírito de Ramatís: *“A Umbanda, portanto, ainda é o vasilhame fervente em que todos mexem, mas raros conhecem o seu verdadeiro tempero”*.

E como cantava Pai Antônio, manifestado em Zélio de Moraes (Conforme gravação na fita 52 a – 23 minutos e 10 segundos, disponibilizada juntamente com esse livro):

*Tudo mundo que Umbanda
Que, que, que Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda
Mas quer, quer, quer Umbanda
Umbanda tem fundamento.
Mas quer, quer, quer Umbanda
Mas, ninguém sabe o que é Umbanda*

Temos certeza que existem muitas maravilhas a serem descobertas sobre a Umbanda. Todos têm uma natural curiosidade do que é e o que representa toda essa religiosidade genuinamente brasileira e muitos até agora estavam em dúvidas, pois lhes faltavam recursos literários para compreendê-la.

Pode ser que muitas das noções aqui apresentadas poderão não ser aceitas e que podemos inclusive contrariar muitas pessoas.

Em nossas observações particulares não pretendemos aviltar a doutrina praticada em seu Terreiro ou aceita por você, mas somente estamos colocando mais um ponto de vista e esperamos que todos leiam e reflitam, usando a razão e o bom senso, para depois verificar a veracidade dos ensinamentos por nós esposados.

“Mais vale repelir dez verdades que admitir uma só mentira, uma só teoria falsa” (pelo Espírito de Erasto). Máxima repetida em “O Livro dos Médiuns”, 20º capítulo, item 230, página 292.

Para emitirmos uma crítica, temos que estar escudados em conhecimentos culturais profundos e militando diariamente dentro da Religião de Umbanda, pois somente assim poderemos nos arvorar em advogados de nossas causas. Não podemos simplesmente emitir opiniões e conceitos calcados em “achismos” (o achar e a mãe de todos os erros), ou mesmo escudados tão somente pelo que outros disseram ser a verdade absoluta.

Lembre-se que tudo esta sendo feito para o bem e a grandiosidade da Umbanda. Da nossa parte, estaremos à disposição, pessoalmente, para dirimir dúvidas e fornecer os esclarecimentos necessários a tudo o que neste livro foi escrito.

A UMBANDA É DE TODOS, NEM TODOS SÃO DA UMBANDA

Um dia, hão de chegar, altivos e de peito impune, pessoas a dizer-lhes: sou umbandista, tenho fé em Oxalá, tenho mediunidade... com altivez e força tal que chegarão a lhe impressionar.

Mas quando olhar bem seu semblante, você o verá opaco, translúcido e sem o calor de um verdadeiro entusiasta e batalhador em prol da mediunidade umbandista.

A Umbanda é uma corrente para todos, mas nem todos se dedicam a ela como deveriam. O verdadeiro umbandista sente, vive, respira, se alimenta espiritualmente nela. Não com fanatismo, mas sim com dedicação aflorada no fundo d'alma.

Ser umbandista é difícil por ser muito fácil; é só ser simples, honesto e verdadeiro.

Não batam no peito e digam serem umbandistas de verdade, mas procurem demonstrar com trabalho, luta, dedicação e, principalmente, emoção de estar trabalhando nessa corrente.

Eu lhe garanto que a recompensa será só sua.

Falange Protetora

(Trecho do livro “Umbanda é Luz” de Wilson T. Rivas)

Somente pode testemunhar quem realmente milita com fé, amor, desprendimento e mangas arregaçadas, para a grandeza desta tão magnífica Religião Nacional.

No primeiro livro (“COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE – AS ORIGENS DA UMBANDA”), estaremos disponibilizando todo um material histórico sobre a formação da Umbanda.

Segundo o Caboclo das Sete Encruzilhadas, nenhuma religião nasce plena. Ela nasce em fase embrionária e como uma criança ela cresce e se desenvolve. Somos sabedores que no surgimento de qualquer evento importante que permeia a vida de muitos, com o passar dos tempos, quando tudo se inicia somente com observações calcadas na oralidade, pela falta documental comprobatória, muita coisa acaba transformando-se em mito e/ou estórias.

Por isso, na realização do livro sobre as “Origens da Umbanda” – procuramos ser fiéis nos relatos, sem mudar uma vírgula sequer. Em alguns assuntos, tomamos a liberdade de tecer pequenas observações, mas calcadas da razão, a fim de esclarecer ou mesmo dirimir certas dúvidas.

Muitos falam sobre o Caboclo das Sete Encruzilhadas, mas, infelizmente, raros são os que seguem suas orientações. Muitos dão muitas desculpas, todas calcadas na idiossincrasia. Propagam o Caboclo como instituidor da Umbanda, mas, deixam suas evidentes e claras “Linhas Mestras” relegadas a uma Umbanda lírica, histórica e ultrapassada, alegando que a Umbanda evoluiu desde a sua criação, e por isso, muita coisa que o Caboclo das Sete Encruzilhadas orientou que não usasse ou fizesse, hoje, já pode ser usado e feito com justificativas esfarrapadas, sem comprovação e sem a anuência da espiritualidade maior, aduzindo que a Umbanda progrediu e hoje tudo pode ser usado a bel prazer.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas institui a Umbanda como religião e normatizou-a com preceitos simples, mas, que teriam de serem seguidos a risca. A partir da fundação da Umbanda, muitos umbandistas derivaram das práticas originais, criando o que chamamos de: “Modalidades de Umbanda”. Se essas modalidades de Umbanda, mesmo não seguindo todas as “Linhas Mestras” do instituidor, estiverem praticando a caridade desmedida, a compaixão, fé, amor, humildade, desprendimento, desapego, perdão e perseverança, estão no caminho certo, mas, estariam mais seguros, seguindo todas as “Linhas Mestras” do fundador.

Só teríamos que nos posicionar, e classificarmos que modalidade de Umbanda se pratica, para que o leigo pudesse se posicionar.

Inclusive, afirmamos que nem todo Espírito que “baixa” em Terreiro é autorizado a dirigir ou agir em nome da Umbanda. Seguimos a regra evangélica que diz: *“Amados, não creiais a todo Espírito, mas provai se os Espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.”* (I João, 4:1). Observem o que o Capitão Pessoa, dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo, um das sete Tendias fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, em 1942 disse: *“(…) O Caboclo das Sete Encruzilhadas é o legítimo senhor de Umbanda no Brasil; nenhuma entidade, por grande que seja, intervém nos trabalhos da magia branca sem uma prévia combinação com ele (...). – “O que deseja, sobretudo, é que este ritual (nota do autor: ritual da Umbanda) seja praticado apenas por Guias autorizados, porque não são todos Espíritos que baixam nos Terreiros que se acham à altura de praticá-lo”(…).*

Já lemos relatos de irmãos ainda insistindo que não foi o Caboclo das Sete Encruzilhadas que fundou a Umbanda; outros, dizem que Zélio de Moraes era kardecista e, portanto, montou uma Umbanda kardequizada. Tudo pura conjectura. São opiniões calcadas somente em achismos, pois carece de comprovação documentária, fonográfica, discográfica ou mesmo filmográfica.

Por isso, primamos pela farta documentação histórica no primeiro livro, juntando em anexo, documentos escritos, jornalísticos e fonográficos. Contra depoimentos documentais e relatos gravados, não há argumentos.

Cremos que muita coisa ainda há de aparecer e ser esclarecida quanto à história da Umbanda, do Caboclo das Sete Encruzilhadas, da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e de Zélio Fernandino de Moraes. Verificar esses dados históricos já foi como procurar agulha num palheiro; hoje esta sendo como procurar agulha num agulheiro. Mas, se todos que tiverem um pequeno dado histórico e comprovado contribuírem, com certeza poderíamos juntar todas as peças do tabuleiro e assim descortinar o movimento umbandista brasileiro em sua real beleza e funcionalidade. Temos poucos, mas, fiéis trabalhadores engajados no resgate histórico da nossa amada Umbanda. Uns estudiosos concordam e outros discordam dos entendimentos sobre os relatos históricos. Uns merecem e outros desmerecem a descoberta que alguns fizeram em fatos documentais. A verdade é uma só: Quem participou juntamente do Caboclo das Sete Encruzilhadas em sua missão na terra já desencarnou e não deixou nada, a não ser comentários espaçados. Por isso, achamos bonito entender certos aspectos de como tudo era, mas damos verdadeiro valor e insistimos obsessivamente, que nós umbandistas devemos sim, atentar para o que o Caboclo deixou como “Linhas Mestras” a serem seguidas; o resto são somente fatos históricos para satisfazer a curiosidade.

Seria o mesmo que deixarmos de lado os ensinamentos de Jesus, para somente atentar, discutir, brigar, para provar se ele era moreno, se tinha 1.80 de altura, se era casado, se mantinha relações sexuais, se teve filhos, se bebia vinho, etc., o que não iria de maneira nenhuma acrescentar em nada a nossa evolução espiritual.

Pela extensão, da “COLETÂNEA UMBANDA – A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE”, dividimo-lo em vários livros, cada um estudando vários aspectos da doutrina Umbandista, para que todos possam, passo a passo, vislumbrar esta maravilhosa religião. No livro: “As Origens da Umbanda” está, somente, o estudo histórico da Umbanda, inalterado; e somente em poucas partes fizemos algumas considerações; quanto ao restante dos livros, estarão impressas noções sobre a doutrina umbandística, suas características, atributos e atribuições, bem como seus aspectos esotéricos e exotéricos, com total visão da Umbanda Crística.

Por serem progressivos, facilitará o estudo da Umbanda tanto nas Sessões de Educação Mediúnica e Doutrinária, bem como em cursos preparatórios de médiuns; assim, quando os médiuns terminarem cada livro, com certeza estarão escudados nos conhecimentos gerais umbandísticos necessários ao seu desenvolvimento como médium umbandista. Esta obra também servirá grandemente para todos aqueles, simpatizantes, estudantes, sociólogos, antropólogos religiosos e curiosos, que querem saber o que é Umbanda.

Obs.: Se alguém reconhecer suas ideias impressas neste livro e não ver o devido crédito comunique-se conosco, onde iremos sanar tal entrave, verificando a veracidade dos fatos. Afinal, quando uma verdade espiritual vem à tona, com certeza, vários médiuns sérios a recebem simultaneamente.

Vejam o que diz Kardec: *“Estai certos, igualmente, de que quando uma verdade tem de ser revelada aos homens, é, por assim dizer, comunicada instantaneamente a todos os grupos sérios, que dispõem de médiuns também sérios, e não a tais ou quais, com exclusão dos outros”*. (“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, capítulo 21, item 10, 6º §. (5)).

Em nossas pesquisas, deparamos com um fórum aberto no site de Umbanda: “www.redeumbanda.ning.com”, que nos chamou atenção. Dizia assim:

Uma regra para reger a todos. É possível? (Publicado por M.R.C. em 13 de Setembro de 2008 às 11h20min)

Cada pessoa tem sua leitura da vida de acordo com uma série de fatores, educação familiar, estudo didático, meio que vive.

Observa-se uma variedade gigantesca de diferentes formas de levar seu viver.

Esse aspecto nos acompanha em diversas áreas de nosso dia-a-dia, e não poderia ser diferente na Umbanda.

“(...) Muitas portas levam a morada do Pai (...)”

É realmente possível conseguir uma linguagem única para a Umbanda?

Decretar regras gerais nesta situação não alimentaria o preconceito e a intolerância, tendo em vista esses muitos níveis de entendimento?

Bom pensar. Cigano.

Responder até Marcos Alberto Corado

Oi amigo

A Casa ter regras – normas pré-estabelecidas para o seu funcionamento se fazem necessário, no que diz as necessidades básicas como:

- *Manter organização própria, segundo as normas legais vigentes, estruturada de modo a atender a finalidades por ela proposta.*
- *Estabelecer metas para a casa, em suas diversas áreas de atividades, planejando periodicamente suas tarefas, e avaliando seus resultados.*
- *Facilitar a participação dos frequentadores nas atividades da casa.*
- *Estimular o processo do trabalho em equipes.*
- *Dotar a casa de locais e ambientes adequados, de modo a atender em primeiro lugar as atividades prioritárias.*

- Não envolver a casa em quaisquer atividades incompatíveis ao fundamento da prática do bem e da caridade.
- Zelar para que as atividades exercidas nos preceitos fundamentados pela casa sejam gratuitas, vedando qualquer espécie de remuneração.
- Aceitar somente os auxílios, doações, contribuições e subvenções, bem como firmar convênios de qualquer natureza ou procedências, desvinculados de quaisquer compromissos que desfigurem o caráter da instituição, ou que impeçam o normal desenvolvimento de suas atividades, em prejuízos das finalidades nos trabalhos espirituais, preservando, assim, a independência administrativa da entidade.
- Manter a disciplina quanto a horários, vestuários, comportamento, ética, etc., boa conduta para que nos trabalhos práticos os objetivos sejam alcançados.
- A casa ter um grupo de estudo, com a participação de todos trabalhadores.

Falei de alguns tópicos, quanto à parte de organização estrutural, para o bom funcionamento da espiritual. Quanto a este, cada casa tem uma tarefa a ser desempenhada.

Estas tarefas são planejadas no mundo espiritual, com mentores já designados, trabalhos a serem realizados, médiuns que vão participar do processo daquela casa etc.; por isso que toda atividade espiritual de uma casa deve ser gerida pelo mentor da mesma, mas infelizmente em nossa vaidade e orgulho interferimos neste processo, muito das vezes colocando nosso objetivo pessoal, nossos interesses, interesses de outros que pode nos beneficiar etc., aí vem as diversidades, não diversidades naturais pela interação de encarnados e Espíritos pela diferença do próprio grau evolutivo de um e de outro no modo de levarem seus trabalhos, mas querendo alcançar objetivos dentro dos parâmetros do bem e da caridade, mas sim diversidades que são contrários à ética, a moral e os bons costumes. Aí se instala a diversidade, calcada no aproveitar, levar vantagem, denegando a imagem da Umbanda.

*****//*****

Por essa pequena conversa entre irmãos num fórum de Umbanda, observamos no feliz comentário do Sr. Marcos Alberto Corado, a questão da dificuldade de se formalizar um estudo coeso na Umbanda, devido à diversidade de cultura, conhecimento, etc.

Pela diversidade cultural, fica difícil “escrever” sobre a Umbanda, sem ser tachado de nariz empinado ou mesmo de querer ser “expert”, somente por não coadunar com conceitos pré-estabelecidos por outrem. Por isso, antes de prosseguirmos, vamos alertar aos leitores que não estamos aqui falando em nome da Umbanda em si, coisa que, atualmente ninguém pode fazer, a não ser o seu instituidor, o Caboclo das Sete Encruzilhadas; o máximo que pode acontecer, que também é o nosso caso, é vivenciar, estudar e divulgar a “modalidade umbandista” a qual está ligado; afinal, o que existe são aos subgrupos dentro da Umbanda. Divulgamos uma doutrina calcada na razão e no bom senso, preconizada pela modalidade “Umbanda Crística”. Portanto, se alguém não coadunar com os nossos ensinamentos, é fácil: feche o livro, não leia mais e siga os seus próprios passos, com a sua própria compreensão. *“Tempus est mensura motus rerum mobiliū”* (O tempo é o melhor juiz de todas as coisas).

“Nada aceiteis sem o timbre da razão, pois ela é Deus, no céu da consciência. Se tendes carência de raciocínio, não sois um religioso, sois um fanático”. “Não devem vocês impor as suas ideias de maneira tão radical. Cada Espírito é um mundo que deve e pode escolher por si os caminhos que mais lhe convém”. (pelo Espírito de Miramez).

Irmãos umbandistas, nunca se esqueçam: O exemplo é a maior divulgação de uma doutrina superior.

“Não obrigamos ninguém a vir a nós; acolhemos com prazer e dedicação as pessoas sinceras e de boa vontade, seriamente desejosas de esclarecimento, e estas são bastante para não perdermos tempo correndo atrás dos que nos voltam às costas por motivos fúteis, de amor próprio ou de inveja”.

“Reconhece-se a qualidade dos Espíritos pela sua linguagem; a dos Espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradições; respira a sabedoria, a benevolência, a modéstia e a moral mais pura; é concisa e sem palavras inúteis. Nos Espíritos inferiores, ignorantes, ou orgulhosos, o vazio das ideias é quase sempre compensado pela abundância de palavras. Todo pensamento evidentemente falso, toda máxima contrária à sã moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim, toda marca de malevolência, de presunção ou de arrogância, são sinais incontestáveis de inferioridade num Espírito”.

(Allann Kardec)

Se quiserem, muito poderão aprender com os mais velhos e experimentados dentro da Umbanda. Lembre-se que tudo o que fizerem de bom com os mais velhos, estarão plantando nesses corações sementes de luz, que no amanhã poderão clarear os seus próprios caminhos.

“Amamos as catedrais antigas, os móveis antigos, as moedas antigas, as pinturas antigas e os velhos livros, mas nos esquecemos por completo do enorme valor moral e espiritual dos anciãos”. (Lin Yutang)

Importante:

Não leia de um livro, somente um tópico ou aleatoriamente, emitindo sua opinião sobre o entendido somente naquele capítulo. Leia-o do começo até o final, pois, muitos assuntos vão-se completando, esclarecendo o tema.

Parafraseando Torres Pastorinho: Para podermos interpretar com segurança um texto doutrinário, é mister:

- 1º) Isenção de preconceitos;
- 2º) Mente livre, não subordinada a dogmas;
- 3º) Inteligência humilde para entender o que realmente está escrito, e não querer impor ao escrito o que se tem em mente;
- 4º) Raciocínio perquiridor e sagaz;
- 5º) Cultura ampla e polimorfa, mas, sobretudo; e,
- 6º) Coração desprendido (puro) e unido a Deus.

É imprescritível o direito de exame e de crítica e em nossos escritos não alimentamos a pretensão de subtraímo-nos ao exame e à crítica, como não temos a de satisfazer a toda gente. Cada um é, pois, livre de o aprovar ou rejeitar; mas, para isso, necessário se faz discuti-lo com conhecimento de causa, vivência e cultura, e não somente com interpretações pessoais, ou mesmo impondo a sua “verdade”.

“Do ponto de vista psicológico, a verdade pode ser entendida sob três aspectos: a minha verdade; a verdade do outro; e a verdade absoluta; a verdade é muito relativa; a verdade absoluta é Deus” (Divaldo Franco). E temos como verdade absoluta provinda do Pai, tudo o que está calcado na razão, no bom senso e nos ensinamentos crísticos; o ponto de vista calcado no personalismo é pura idiosincrasia.

CRÍTICA E SERVIÇO

“Se muitos companheiros estão vigiando os teus gestos, procurando o ponto fraco para criticarem, outros muitos estão fixando ansiosamente o caminho em que surgirás, conduzindo até eles a migalha do socorro de que necessitam para sobreviver.”

É impossível não saibas quais deles formam o grupo de trabalho em que Jesus te espera”.

(Pelo Espírito de Emmanuel)

Ainda estamos na primeira fase da Umbanda (100 anos), a da implantação, já ingressando na segunda fase, a da doutrinação. Muita coisa ainda há de mudar. Hoje, fazemos, cremos e pregamos uma Umbanda. Amanhã, faremos, creremos e pregaremos outra Umbanda, calcada na Espiritualidade Maior. Mas, temos que preparar o terreno para as mudanças que virão futuramente.

Ainda nos encontramos presos na egolatria, no egocentrismo e na idiosincrasia, sem ouvirmos atentamente o que nos passa a espiritualidade, pois ainda encontramos-nos preocupados tão somente com fatores externos, esquecendo as mudanças interiores, esquecendo de nos educar nos ensinamentos evangélicos, legados pelo meigo Rabino da Galiléia. Vamos envidar todos os nossos esforços para as mudanças atuais que se fazem necessárias, a fim de que possamos unidos, nos preparar condignamente, para sermos fieis medianeiros e depositários da confiança da Cúpula Astral de Umbanda, em Aruanda.

“A tarefa que sobre seus ombros tomou o Caboclo da Sete Encruzilhadas – organizar a Lei de Umbanda no Brasil – é um verdadeiro milagre de fé e nos leva a um sentimento de profundo respeito por essa Entidade que se faz pequenina e procura valer-se sob a capa de uma humildade perfeita.

É a ele que se deve a purificação dos trabalhos nos Terreiros. Não veio destruir o ritual e sim lhe dar força e métodos, manter sua pureza e propagá-lo com a sua organização maravilhosa”.



José Álvares Pessoa (Capitão Pessoa) – Dirigente da Tenda Espírita São Jerônimo (1935), uma das sete tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas)

ANTÔNIO ELIEZER LEAL DE SOUZA

O PRIMEIRO ESCRITOR DA UMBANDA



Antônio Eliezer Leal de Souza nasceu em Livramento (antiga Santana do Livramento), Rio Grande do Sul, em 24 de dezembro de 1880.

Quando jovem, foi alferes e participou da Guerra de Canudos, mas desligou-se do Exército, já cansado de sofrer prisões por combater o governo de Borges de Medeiros. Passou então a dedicar-se ao jornalismo em Porto Alegre.

Depois de algum tempo na área, mudou para o Rio de Janeiro e resolveu cursar Direito, sem concluí-lo. Naquela cidade, destacou-se como diretor e repórter dos jornais “A Noite”, “Diário de Notícias” e “A Nota”. Foi um grande participante do movimento umbandista.

Foi o dirigente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, uma das sete casas fundadas pelo Sr. Caboclo das Sete Encruzilhadas. Leal de Souza desencarnou em 1948, no Rio de Janeiro, deixando as seguintes obras publicadas: “O Álbum de Alzira”, “Almanaque Regional”, “Bosque Sagrado”, “Canções Revolucionárias”, “No Mundo dos Espíritos”, “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda” (considerado realmente, o primeiro livro sobre Umbanda lançado no Brasil), “A Biografia de Getúlio Vargas”, “A Rosa Encarnada” (romance Espírita), “A Transposição dos Umbrais”, entre outros.

Pois é, caro leitor, Leal de Souza ousou escrever pela primeira vez sobre Umbanda, num jornal de grande divulgação do Rio de Janeiro, em 1932, em plena repressão da Ditadura Vargas.

Leal de Souza, que nós já sabemos ter sido o dirigente da Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição, era poeta, jornalista e escritor e foi o primeiro umbandista que enfrentou a crítica feroz, ostensiva e pública, em defesa da Umbanda do Brasil, ou seja, daquele movimento inicial preparado pelo Caboclo Curuguçu e assumido pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Isto aconteceu numa época que era quase um crime de heresia de falar em tal assunto. Foi o primeiro que tentou definir, em diversos artigos, o que era Umbanda ou o que viria a ser no futuro esse outro lado que já denominava de Linha Branca de Umbanda e Demanda. Nessa época, para os fanáticos religiosos, alguns católicos e alguns kardecistas sectaristas, tudo era apenas: "Macumba".

Em 1925, Leal de Souza publicou o livro: "No Mundo dos Espíritos", compilado de uma grande série de reportagens suas, através do jornal – "A Noite", com o título: "No Mundo dos Espíritos – Inquerito A Noite". Esse material é importante ser lido, pois nos passa um panorama, em época, das manifestações dos Espíritos em Centros Espíritas, Feitiçarias, Mistificações, Macumbas, etc. Os relatos são fidedignos e interessantes.

A NOITE

Sabbado, 19 de Setembro de 1925

O LIVRO DO DIA

*"No mundo dos espiritos" —
Leal de Souza — Officinas
graphicas da "A Noite".*



*Leal de Souza, nosso boníssimo compa-
nheto, um dos mais fulgurantes talen-
tos da geração de agora*

Assumpto que divide as opiniões, o espiri-
tismo precisa de ser tratado por autoridades
que estejam acima da suspeita e em plano
superior às insinuações. Religião ou scien-
cia, pode-se affirmar que os assumptos es-
píritas embora muito conhecidos e divul-

gados em certos paizes desde o meio seculo
dezesete, só foi levado a serio depois que
Edmonds e Dexter lhe emprestaram o aval
da propria autoridade. Por diante, desde en-
tão, as investigações desta materia foram
feitas num ambiente mais elevado, e mais
serio, sem que, entretanto, fosse licito a
qualquer tratar della, menos porque fosse
inaccessivel á intelligencia vulgar, senão
porque, justamente, os autores deviam ter
elementos de resistencia ás correntes con-
trarias, pelas suas credenciaes e anteceden-
tes.

Leal de Souza está nestas condições de
sufficiencia mental e moral, e seu livro,
"No mundo dos espiritos", que acaba de ser
publicado, é bem uma attestado chelo de elo-
quencia de como elle soube produzir um in-
querito sensacional sem communicar á
observação preferencia nem repugnancia.

Este o valor principal do livro cujo suc-
cesso é desde logo evidente, e do qual fala-
mos com desembaraço, porque Leal de Souza,
antes de ser o companheiro de trabalho, que
sabemos prezar, é o autor do "Bosque sa-
grado", cultivando todas as formas de poe-
sia, o escriptor de "A mulher na poesia
brasileira", de "A romaria da saudade", do
"Canções revolucionarias", e de, alem disto,
paginas que ratificam o fulgor, a inspiração,
o brilho daquellas obras magnificas.

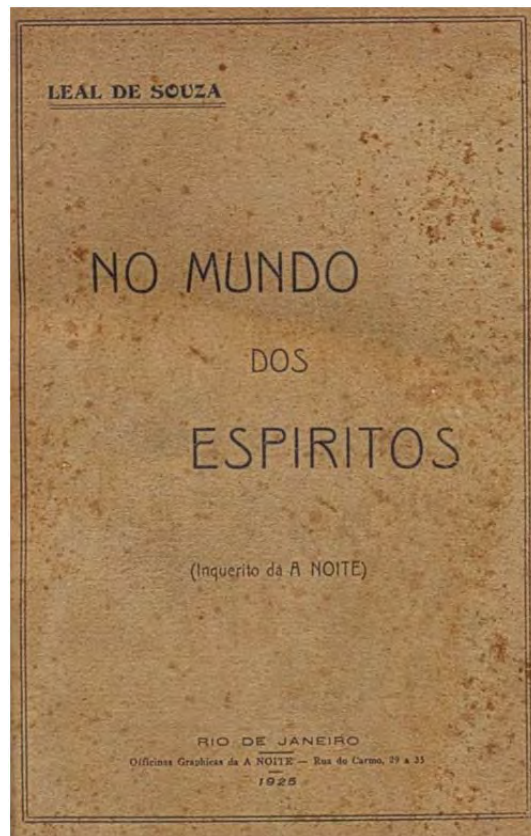
Só depois de concluida a famosa "enquê-
ta", em que Leal de Souza tanto denunciou a
phrase evidente como o phenomeno inexpli-
cavel á primeira vista, o autor velu a con-
verter-se, e se tornou um dos "leaders" do
espiritismo elevado, praticante e doutrina-
dor.

Somos alheios aos segredos espíritas que
os ha. Mas, nem por isto queremos divergir
de uma questão que impressiona o mundo, e
que tem forças e verdades evidentes a ponto
de seduzirem temperamentos lucidos e cul-
tos, experientes e trabalhados pelo estudo, pe-
las pelejas da vida, enfim, nomes como o de
Leal de Souza, que não foi um adhesista pre-
cipitado mas tão sómente um vencido pelo
que lhe pareceu a verdade.

Leal de Souza fez o inquerito sobre o es-
piritismo, por designação da A NOITE, sem
auxiliares nem coadjutores. Foram mezes de
trabalho incessante, noite e dia, e o resultado
apparece, agora, em volume, ao qual o autor
deu o mesmo titulo da reportagem que tanto
agitou e sacudiu os animos: "No mundo dos
espíritos".

Em todas as livrarias o livro de Leal de
Souza está sendo procurado com um interesse
que bem poucas vezes se regista nesta ca-
pital.

Capa do livro: “No Mundo dos Espíritos” – 1925, de Leal de Souza. Este é o primeiro livro que aborda o tema Umbanda:



Leal de Souza, a partir de 1920, iniciou entrevistas a jornais e revistas, tentando explicar das razões e da finalidade da “Linha Branca de Umbanda e Demanda”. Ele registrava – sem talvez prever o valor e a dimensão que teria para a posteridade, e para a história dessa Umbanda, que abarca milhões de adeptos na atualidade.

A dignidade e a sinceridade desse valoroso escritor nunca foi posta em dúvida, pois seus registros ocorreram desde 1920, época de grandes perseguições e preconceitos ostensivos contra os Terreiros de Umbanda, fatos que perduraram por muitos anos.

Leal de Souza foi um participante ativo e dedicado, durante 10 anos, da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade e amigo pessoal de Zélio de Moraes, dali se afastando, por ordem e em boa paz, a mando do Caboclo das Sete Encruzilhadas, para dirigir a Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição.

Nota-se, então, que ele estava bem familiarizado com a importante missão dessa portentosa Entidade do Astral Superior. Leal de Souza não poderia ter inventado o Caboclo Curugussú, e muito menos falseado a verdade, visto que era um fiel adepto do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Leal de Souza foi o primeiro ensaísta de uma espécie de normatização, pois naquela época ele tentava classificar (segundo o seu conhecimento de então) as 7 Linhas da Umbanda.

Um jornal do Paraná chamado “Mundo Espírita”, entrevistou-o, em 1925, sobre Magia e as Sete Linhas da Umbanda. Nessa entrevista ele classificou as 7 Linhas da seguinte maneira : OXALÁ (Nosso Senhor do Bonfim) – OGUM (São Jorge) – EUXOCE (São Sebastião) – SHANGÔ (São Jerônimo) – NHAN-SAN (Santa Bárbara) – AMANJAR (Nossa Senhora da Conceição) – AS ALMAS.

Devido ao seu prestígio e ao seu conhecimento, o 1º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda, realizado em 1941, no Rio de Janeiro, aprovou essas Sete Linhas. As Sete Linhas de Umbanda constituem seguramente, um dos assuntos mais polêmicos da Umbanda, pois cada Federação ou Terreiro procura “criar” os seus próprios conceitos sobre as Sete Linhas.

Em alguns lugares pode-se perceber a existência de mais de 20 Linhas, o que deve causar, na verdade, um grande emaranhado de confusão entre Santos, Orixás e Entidades; Esse emaranhado de Linhas vai aos poucos sendo desenrolado...

A edição matutina de 8 de Novembro de 1932, do Diário de Notícias, da antiga Capital Federal, anunciava:

“A larga difusão do Espiritismo no Brasil é um dos fenômenos mais interessantes do reflorescimento de fé. O homem sente, cada vez mais, a necessidade do amparo divino, e vai para onde o arrastam seus impulsos conforme sua cultura e a sua educação, ou para onde os conduzem as sugestões do seu meio.

E o que se observa em nosso país ocorre, igualmente nos Estados Unidos e na Europa, atacada, nestes tempos, de uma curiosidade delirante pela magia”...

Mas, em nenhuma região o Espiritismo alcança a ascendência que o caracteriza em nossa Capital. É preciso, pois, encará-lo com a seriedade que a sua difusão exige. No intuito de esclarecer o povo e as próprias autoridades sobre o culto e as práticas amplamente realizados nesta cidade, o Diário de Notícias convidou um especialista nesses estudos, o senhor Leal de Souza, para explaná-los, no sentido explicativo em suas colunas.

Esses mistérios, se assim podemos chamar, só podem ser aprofundados por quem os conhecem.

Convidamos o senhor Leal de Souza por ser ele um Espírito tão sereno e imparcial que exercendo até setembro do ano próximo findo o cargo de redator-chefe de “A Noite”, nunca se valeu daquele vespertino para propagar a sua doutrina e sempre apoiou com entusiasmo as iniciativas católicas.

O senhor Leal de Souza já era conhecido pelos seus livros quando realizou o seu famoso inquérito sobre o espiritismo.

“No Mundo dos Espíritos”, lançado com grande êxito pela imparcialidade e discrição com que descrevia as cerimônias e fenômenos então quase desconhecidos de quem não freqüentava os Centros.

Depois de convertido ao Espiritismo, o senhor Leal de Souza fez durante seis anos, com auxílio de cinco médicos, experiências de caráter científico sobre essas práticas, e principalmente sobre os trabalhos dos chamados Caboclos e Pretos.

O senhor Leal de Souza, nos seus artigos sobre “Espiritismo e as Sete Linhas de Umbanda” não vai fazer propaganda, porém, elucidação, mostrando-nos as diferenciações do Espiritismo no Rio de Janeiro, as causas e os efeitos que atribui as suas práticas, dizendo-nos o que é e como se pratica a feitiçaria, tratando não só dos aspectos científicos como do uso do defumador, da água, da cachaça, dos pontos, em suma, da magia negra e branca.

Esperamos que as autoridades incumbidas da fiscalização do Espiritismo e muitas vezes desaparelhadas de recursos para diferenciar o joio e o trigo, e o povo, sempre ávido de sensações e conhecimentos, compreendam, em sua elevação, os intuitos do Diário de Notícias.

Na próxima quinta-feira, iniciaremos a publicação dos artigos do senhor Leal de Souza, sobre o Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda. “E a primeira série desses artigos, escritos diariamente ao correr da pena, que constitui este livro.

A primeira série de artigos de Leal de Souza no Diário de Notícias deu origem ao livro “O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda”, editado em 1933, com 118 páginas, nas antigas oficinas gráficas do Liceu de Artes e Ofícios, na Avenida Rio Branco, 174, Rio de Janeiro. Em 2009, a Editora do Conhecimento reeditou a obra, com apresentação de Diamantino Fernandes Trindade. Deste histórico documento reproduziremos os capítulos I, XIII, XX (um pequeno trecho) e o XXIII.

No capítulo I de sua obra, Leal de Souza procura esclarecer os leitores, no sentido de que as religiões em expansão, que se caracterizam pelas manifestações dos Espíritos desencarnados, não podem atacar ou destruir algum outro credo religioso (é bom lembrar a influência da Igreja Católica sobre as massas populares, naquela época) e sim, mostrar a imortalidade da alma e revigorar a Fé em Deus. Vejamos então o que diz Leal de Souza nesse primeiro capítulo (Explicação Inicial):

“O Espiritismo não é clava para demolir, é uma torre em construção, e, quanto mais se levanta, mais alargam os horizontes e a visão de seus operários, inclinando-os à tolerância, pela melhor compreensão dos fenômenos da vida. Como nos ensina o seu codificador (Allan Kardec), o Espiritismo não veio destruir a religião, porém, consolidá-la e revigorar a fé, trazendo-lhes novas e mais positivas demonstrações da imortalidade da alma e da existência de Deus. As religiões sabem-no todos, são caminhos diversos e às vezes divergentes, conduzindo ao mesmo destino terminal. O indivíduo, está sob a assistência de Deus, pois mesmo as regras que aos seus contrários pareçam absurdas ou degradantes, como a confissão, no catolicismo, ou a benção solicitada aos pais de Terreiro, no Espiritismo de Linha (Umbanda), revelam um grau de humildade significativo de radiosa elevação espiritual.

Seria negar a Deus os atributos humanos da inteligência e justiça ao admitirmos que o Criador fosse capaz de desprezar ou punir as suas criaturas, porque não amam do mesmo modo, orando com as mesmas palavras, segundo os mesmos ritos.

Deus não tem partido, e atende a todos os seus filhos, de onde quer que o chamem com amor e fé, parta a prece do coração de um Cardeal, ajoelhado na glória suntuosa de um altar, ou saia à oração do peito de um sertanejo, caído no silêncio pesado da selva. Os homens é que escolhem, pela sua cultura, ou pelas tendências de cada alma, em seu núcleo de evolução, a maneira mais propícia de cultuar e servir a Divindade.

Com estas ideias, é claro que não venho provocar polêmicas, e seria desconhecer os intuitos do Diário de Notícias, ou aventurar-me à propaganda agressiva dos meus princípios. Pretendo, nestes artigos, esclarecer, quanto o permitam meus conhecimentos, práticas amplamente celebradas nesta Capital, estabelecendo diferenciações, para orientação popular, e mostrando a importância de coisas que parecendo burlescas, são, com frequência, sérias e até graves.

É, pois que tratarei também, e principalmente, do Espiritismo de Linha, na fórmula da Linha Branca de Umbanda: – salve a quem tem fé; salve a quem não tem fé”.

Uma das tarefas mais importantes desses pioneiros do Movimento Umbandista da época era separar o “joio do trigo”, elucidando os novos adeptos sobre as diferenças entre Umbanda, Kardecismo e Macumba.

Muitas confusões se faziam na cabeça dos recém-chegados ao Movimento Umbandista, principalmente pela generalização desses cultos em torno do termo “Macumba”, prática que ainda hoje vigora em algumas cabeças menos esclarecidas e “surdas” aos clarins dos novos tempos.

É comum ouvirmos certas pessoas dizerem que vão a uma Macumba quando, na verdade estão indo a um Terreiro de Umbanda. Vejamos a opinião de Leal de Souza (em 1932) sobre a “Macumba” no capítulo XIII de seu livro:

“A Macumba se distingue e caracteriza pelo uso de batuques, tambores e alguns instrumentos originários da África. Essa música bizarra em sua irregularidade soturna, não representa um acessório de barulho inútil, pois exerce positiva influência nos trabalhos, acelerando, com suas vibrações os lances fluídicos.

As reuniões não comportam limitações de hora, prolongando-se, na maioria das situações, até o alvorecer. São dirigidas sempre por um Espírito, invariavelmente obedecido sem ter diversificações, por que está habituado a punir os recalcitrantes com implacável rigor.

É, de ordinário, o Espírito de algum africano, porém também há de Caboclos. Os métodos, seja qual for a entidade dirigente, são os mesmos, porque o Caboclo aprendeu com o africano”

Os médiuns que ajudam o aparelho receptor do Guia da reunião às vezes, temem receber as Entidades auxiliares. Aqueles lhes ordena que fiquem de joelhos, dá-lhes um copo de vinho, porém com mais frequência, puxa-lhes, com uma palmatória de cinco buracos dos alentados bolos.

Depois da incorporação, manda queimar-lhes pólvora nas palmas das mãos, que se torna incombustível quando o Espírito toma posse integral do organismo do médium. Conhecendo essa prova e seus resultados quando a incorporação é incompleta, apassivam-se os aparelhos humanos, entregando-se por inteiro àqueles que devem utilizá-los.

Os trabalhos que, segundo os objetivos, participam da magia, ora impressionam pela singularidade, ora assustam pela violência, surpreendem pela beleza. Obrigam a meditação, forçam ao estudo, e foi estudando-os que cheguei à outra margem do Espiritismo”.

- 1. Generalização feita a cultos afro-brasileiros.*
- 2. Sabemos hoje que o som dos atabaques estimula o animismo vicioso.*
- 3. Na verdade, Caboclos e Pretos-Velhos, beberam na mesma fonte de conhecimentos”.*

Do capítulo XX do livro de Leal de Souza escolhemos um trecho que relata, ao mesmo tempo, a humildade e a sabedoria das Entidades que baixam na Umbanda:

“O protetor, na Linha Branca, é sempre humilde, e, com sua linguagem atravessada, ou incorreta, causa uma impressão penosa de ignorância, mas frequentemente, pelos deveres de sua missão, surpreendem seus consulentes, revelando conhecimentos muito elevados”.

Exemplo:

Uma ocasião, numa pequena reunião de cinco pessoas, um protetor Caboclo descarregava os maus fluídos de uma senhora, enquanto, também incorporado, um Preto-Velho, Pai Antônio, fumava um cachimbo, observando a descarga:

Cuidado, Caboclo, avisou o preto. O coração dessa filha não está batendo de acordo com o pulso.

Como é que Pai Antônio viu isso? Deixe verificar, pediu um médico presente à sessão.

E, depois da verificação, confirmou o aviso do preto, que o surpreendeu de novo, emitindo um termo técnico da medicina, e explicando que o fenômeno não provinha, como acreditava o clínico, de causas fisiológicas, porém de ação fluídica, tanto que, terminada a descarga, se restabeleceria a circulação normal no organismo da dama. E assim aconteceu.

O doutor, então quis conversar sobre sua ciência com o Espírito humilde do preto e, antes de meia hora, confessava, com um sorriso, e sem despeito, que o negro abordara assuntos que ele ainda não tivera oportunidade de versar”.

Como o leitor pode perceber, através da vestimenta humilde dos Caboclos e Pretos-Velhos esconde-se, não raras vezes, uma potente sabedoria científica e humanística.

Para encerrar este capítulo, transcreveremos o capítulo XXIII. No qual Leal de Souza escreve sobre o Caboclo das Sete Encruzilhadas, Entidade a qual esteve ligado por muitos anos.

“Se alguma vez tenho estado em contato consciente com algum Espírito de Luz é, sem dúvida, aquele que se apresenta sob o aspecto agreste, e sob o nome bárbaro de Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Sentindo-o ao nosso lado, pelo bem estar espiritual que nos envolve e sensibiliza, pressentimos a grandeza infinita de Deus, e, guiados pela sua proteção, recebemos e suportamos os sofrimentos com uma serenidade quase ingênua, comparável ao enlevo das crianças nas estampas sacras, contemplados, da beira do abismo, sob as asas de um anjo, as estrelas do Céu.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas pertence à falange de Oxossi, e sob a irradiação da Virgem Maria, desempenha uma missão ordenada por Jesus.

O seu ponto emblemático representa uma flecha atravessando um coração, de baixo para cima; a flecha significa direção, o coração o sentimento, e o conjunto orientação dos sentimentos para o alto, para Deus.

Estava esse Espírito no espaço, no ponto de intersecção de sete caminhos, chorando sem saber o rumo que tomava, quando lhe apareceu, na sua inefável doçura, Jesus, e mostrando-lhe, numa região da Terra, as tragédias da dor e os dramas da paixão humana, indicou-lhe o caminho a seguir, como missionário do consolo e da redenção. E em lembrança desse incomparável minuto de sua eternidade, e para se colocar no nível dos trabalhadores mais humildes, o mensageiro de Cristo tomou o seu nome dos caminhos que o desorientavam, e ficou sendo o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

E já vinte e três anos, baixando em uma casa pobre de um bairro paupérrimo, iniciou a sua cruzada, vencendo, na ordem material, obstáculos que se renovam quando vencidos e derrubados, e dos quais o maior é a qualidade das pedras com que deve construir o novo templo.

Entre a humildade e a doçura extremas, a sua piedade se derrama sobre quantos o procuram, e não poucas vezes, escorrendo pela face do médium, as suas lágrimas expressam a sua tristeza, diante dessas provas inevitáveis a que as criaturas não podem fugir.

A sua sabedoria se avizinha da onisciência. O seu profundíssimo conhecimento da Bíblia e das obras dos doutores da Igreja, autorizam a suposição de que ele, em alguma encarnação, tenha sido sacerdote, porém a medicina não lhe é mais estranha do que a Teologia.

Acidentalmente, o seu saber se revela. Uma ocasião, para justificar uma falta, por esquecimento, de um de seus auxiliares humanos, explicou, minucioso, o processo de renovação das células cerebrais, descreveu os instrumentos que servem para observá-las e contou numerosos casos de ferimentos que as atingiram, e como foram tratados na Grande Guerra deflagrada em 1914.

Também para fazer os seus discípulos compreenderem o mecanismo, se assim posso expressar-me, dos sentimentos, explicou a teoria das vibrações e a dos fluídos, e numa ascensão gradativa, na mais singela das linguagens ensinou a homens de cultura desigual as transcendentais Leis da Astronomia.

De outra feita, respondendo a consulta de um espírito que é capitalista em São Paulo e representa interesses europeus, produziu um estudo admirável da situação financeira criada para a França, pela quebra do padrão ouro na Inglaterra.

A linguagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas varia, de acordo com a mentalidade de seus auditórios. Ora chã, ora simples, sem um atavio, ora fulgurante nos arrojos da alta eloquência, nunca desce tanto, que se abastarde, nem se eleva demais, que se torne inacessível. A sua paciência de mestre é como sua tolerância de chefe, ilimitada. Leva anos a repetir, em todos os tons, através de parábolas, por meio de narrativas, o mesmo conselho, a mesma lição, até que o discípulo, depois de tê-la compreendido, comece a praticá-la.

A primeira vez em que os videntes o vislumbraram, no início de sua missão, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, se apresentou como um homem de meia idade, a pele bronzeada vestindo uma túnica branca, atravessada por uma faixa branca onde brilhava, em letras de luz, a palavra “Cáritas”. Depois de muito tempo, só se mostrava como Caboclo com tanga de plumas e mais atributos dos Pajés silvícolas. Passou, mais tarde, a ser visível na alvura de sua túnica primitiva mas há anos acreditamos que só em algumas circunstâncias se reveste da forma corpórea, pois os videntes não o veem, e quando a nossa sensibilidade e os outros Guias assinalam a sua presença, fulge no ar uma vibração azul e uma claridade dessa cor paira no ambiente”...

O Caboclo das Sete Encruzilhadas jorrava serenidade, doçura e principalmente Piedade. Aqueles que por Graça conheceram o Caboclo das Sete Encruzilhadas relatam que não era raro ver, durante as sessões, lágrimas escorrendo as faces de seu aparelho quando incorporado. Sua Misericórdia em ver seus pobres e amados filhos da Terra sofrendo o afilgiam.

Este Espírito formidável e bem-aventurado nas Graças do Senhor, possuía todo tipo de conhecimento, nunca deixara uma pergunta sem uma resposta, poderíamos até afirmar que seu conhecimento era quase onisciente.

Possuía extraordinário conhecimento de medicina e teologia, com as quais deixava os doutos da Igreja e da área médica, estupefatos, pois, abordara assuntos que nem ao menos eles tinham conhecimento ou refletido sobre a causa para descobrir o efeito.

A sua linguagem e forma de se expressar variava, de acordo com a faixa intelectual de quem o abordava, para que fosse de fácil compreensão daqueles que o consultavam. Em muitas ocasiões discursava em alta eloquência, dentro dos arrojos da língua, e quando compareciam pessoas com menor saber, descia mais seu vocabulário, para que todos ouvissem, entendessem e aprendessem. Passou todos os anos ensinando através de parábolas e ensinios, e sua paciência e tolerância nunca sumiu.

Continua a nos contar, Leal de Souza, sobre uma ocasião, certamente interessante de se observar: “Resolvi, certa vez, explicar os dez mandamentos da Lei de Deus aos meus companheiros e, à tarde, quando me lembrei da reunião da noite, procurei, concentrando-me, comunicar-me com o missionário de Jesus, pedindo-lhe uma sugestão, uma ideia, pois não sabia como discorrer sobre o mandamento primeiro. Ao chegar à Tenda, encontrei seu médium, que viera apressadamente das Neves, no município de São Gonçalo, por uma ordem recebida a última hora, e o Caboclo das Sete Encruzilhadas, baixando em nossa reunião, discorreu espontaneamente sobre aquele mandamento e, concluindo, disse-me: Agora nas outras reuniões, podeis explicar os outros, como é vosso desejo.

E esse caso se repetiu: - havia necessidade de falar sobre as Sete Linhas de Umbanda, e, incerto sobre a de Xangô, implorei, mentalmente, o auxílio desse Espírito, e de novo o seu médium, por ordem de última hora, compareceu, numa alocução transparente, as nossas dúvidas sobre a quarta linha.”

Como o leitor pode perceber, Leal de Souza não era vidente e os seus relatos foram buscados na vidência mais ou menos apurada dos citados médiuns. Claro que isso implica em determinadas deturpações que podem levar a desvios da realidade.

No entanto, não é nossa função tecermos críticas às qualidades dos médiuns de então e sim, registrar os fatos historicamente, através da honestidade de Leal de Souza, valoroso “escriba” dos primórdios do Movimento Umbandista.

(Trecho extraído da obra: Umbanda e sua História – Diamantino Fernandes Trindade – Editora Ícone, com complementações do autor)

Entrevista com Leal de Souza, publicada no “Jornal de Umbanda” em outubro de 1952, com o título de “Umbanda– Uma Religião Típica do Brasil”:

“Leal de Souza, poeta, escritor e jornalista é um dos mais antigos umbandistas do Brasil. Dirige a Tenda Nossa Senhora da Conceição, considerada por José Álvares Pessoa, uma das Tendas mestras.

Diz, Leal de Souza, que: *a Linha Branca de Umbanda é realmente a Religião Nacional do Brasil, pois que, através de seus ritos, os Espíritos ancestrais, os pais da raça, orientam e conduzem sua descendência.*

O precursor da Linha Branca foi o Caboclo Curugussú, que trabalhou até o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que a organizou, isso é, que foi incumbido pelos Guias superiores, que regem o nosso ciclo psíquico, de realizar na Terra a concepção do Espaço. Esse Espírito une a intransigência à doçura. Quando se apresentou pela primeira vez, em 15 de novembro de 1908, para iniciar sua missão, mostrou-se como um velho de longa barba branca; vestia uma túnica alvejante, que tinha em letras luminosas a palavra “CARIDADE”. Depois, por longos anos, assumiu o aspecto de um Caboclo vigoroso; hoje é uma claridade azul no ambiente das Tendas. A sua missão é, portanto, a de preparar Espíritos encarnados e desencarnados que deverão atuar no Espaço e na Terra, na época futura em que ocorrerá um acontecimento da importância do advento de Jesus no mundo antigo. O Caboclo das Sete Encruzilhadas chama Umbanda os serviços de caridade, a demanda, os trabalhos para neutralizar ou desfazer os da magia negra. A organização da Linha é um primor minucioso.

Espanta a sabedoria dos Espíritos que se apresentam como Caboclos e Pretos-Velhos a que são tanto mais humildes e quanto mais elevados. Em geral, as pessoas que frequentam as sessões, não as conhecem na plenitude da sua grandeza, porque tratam do seu caso pessoal, sem tempo para outras explicações.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas, que é dotado de rara eloquência, quando se manifesta em público, costuma adaptar a sua linguagem à compreensão das pessoas menos cultas, que são consideradas como sendo as mais necessitadas de conforto espiritual. Foi esse Espírito que há vinte anos, conforme ficou apurado em inquérito policial, reproduziu o milagre do Divino Mestre, fazendo voltar à vida, uma moça cuja morte fora atestada pelos médicos.

Pai Antônio, o principal auxiliar do Caboclo das Sete Encruzilhadas, e que baixa pelo mesmo aparelho, Zélio de Moraes, e que eu já vi discutir medicina com os doutores. É o Espírito mais poderoso do meu conhecimento.

A seguir, Leal de Souza, referiu-se a outras entidades que baixaram em Tendas de Umbanda.

Na Tenda de São Jerônimo, há entre outros, dois Espíritos de grande poder e vasta ciência que utilizam o mesmo aparelho; Anízio Bacinca: Pai João da Costa do Ouro e o Caboclo da Lua. Este, quando saiu da minha Tenda para fundar a de Xangô, estava ditando a um oficial do Exército um livro sobre o “Império dos Incas”. O Chefe do Terreiro da Tenda de Oxalá é Pai Serafim e seus trabalhos têm produzido milagres; baixa por Paulo de Lavoura, médico como não há muitos. Pai Elias, baixa pelo Dr. Maurício Marques Lisboa, presidente da Tenda Filhos de Santa Bárbara. É velhíssimo e sapientíssimo. Segundo outros Guias, esse Espírito numa de suas encarnações, foi sumo sacerdote da Babilônia e depois Papa, em Roma, para chegar como Preto-Velho no Terreiro de Umbanda. Nota-se que Pai Elias foi sumo sacerdote, mas seu aparelho não é sumo sacerdote de Umbanda. O indivíduo que se envaidece desse título seria um doente de vaidade e morreria de ridículo. Catumbé, da Tenda de São Miguel, baixa por Luiz Pires, é filósofo e alquimista. Pai Vicente, que baixa pela Sra. Corina da Silva, presidente da Tenda de São Pedro, na Ilha do Governador, é um Espírito de saber profundo, que abrange a literatura, a filosofia de todos os tempos. Os seus trabalhos produzem efeitos miraculosos.

Citei apenas alguns Espíritos de meu conhecimento, pois como esses, os há em todas as Tendas.

Não esqueçamos que o labor desses Espíritos tem duas finalidades, atrair a criatura e ensiná-la a amar e servir o próximo. Com a sua manifestação, pelo corpo dos médiuns, provam a imortalidade da alma e os benefícios que fazem, servem para elevar o beneficiário, pela meditação ao culto do amor a Deus e, portanto, à prática de suas Leis.

É de suma importância a leitura do livro – “O Espiritismo, A Magia e as Sete Linhas de Umbanda” – de Leal de Souza, o primeiro livro escrito sobre Umbanda, onde teremos uma boa ideia do que era a Linha Branca de Umbanda e Demanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas, e a luta dos umbandistas já na década de 1920, procurando saneá-la, e como dito em linhas atrás – “Uma das tarefas mais importantes desses pioneiros do Movimento Umbandista da época era separar o “joio do trigo”, elucidando os novos adeptos sobre as diferenças entre Umbanda, Kardecismo e Macumba”.

O livro: “O Espiritismo, A Magia e as Sete Linhas de Umbanda” – de Leal de Souza estará sendo disponibilizado gratuitamente junto com esta obra em nosso site, ou podem adquirir a mesma obra reeditada pela Editora Conhecimento.

Juntamente, estarão as reportagens originais, publicadas no “Diário de Notícias” intitulada: “A Magia e as Sete Linha de Umbanda”, bem como as reportagens também originais publicadas no “A Noite”, intitulada: “No Mundo dos Espíritos – Inquérito: A Noite”.

A Macumba sofreu um processo de “umbandização”, que continua até os dias atuais, onde a Cúpula Astral de Umbanda, homeopaticamente, a cada dia, está incutindo em todos, os verdadeiros conceitos crísticos da Umbanda, sua simplicidade, sua eficiência, sua beleza e os reais caminhos doutrinários e ritualísticos, desmistificando-a gradativamente. O tempo é um grande aliado, e futuramente os detratores dirão: “Deus escreve certo, por linhas tortas”.



Reunião da Sociedade dos Homens de Letras, em 1915. Olavo Bilac aparece na foto indicado pelo número 15 e Leal de Souza pelo número 16.

(Foto do arquivo de Diamantino Fernandes Trindade)

LEAL DE SOUZA – NOTA DE FALECIMENTO

O primeiro escritor da Umbanda, Leal de Souza, desencarnou em 01 de novembro de 1948. Na página 11 do jornal do Brasil do dia 2 de novembro de 1948, foram publicados três anúncios sobre o fato:

“Dr. Leal de Souza. A Tenda de Nossa Senhora da Conceição sente-se pesarosamente no dever de comunicar o passamento de seu presidente – Dr. Antônio Eliezer Leal de Souza, e convida todas as suas co-irmãs, seus companheiros e amigos para os seus funerais, à Rua Santa Alexandrina, nº 255, às 14 horas.

“Tabelião Leal de Souza (falecimento) – Elza Ribeiro de Veiga, Ernani Ribeiro Meyer e família, Carlos Alberto Motta e senhora, Luiz Carlos Ponce de Leon e família. Carlos Alberto Motta e senhora, cunhado, sobrinhos e afilhados participam aos parentes e amigos o falecimento de Antônio Eliezer Leal de Souza, ocorrido ontem em sua residência, à Rua Santa Alexandrina, nº 255, de onde sairá o féretro às 16 horas de hoje, para o Cemitério de São João Batista.

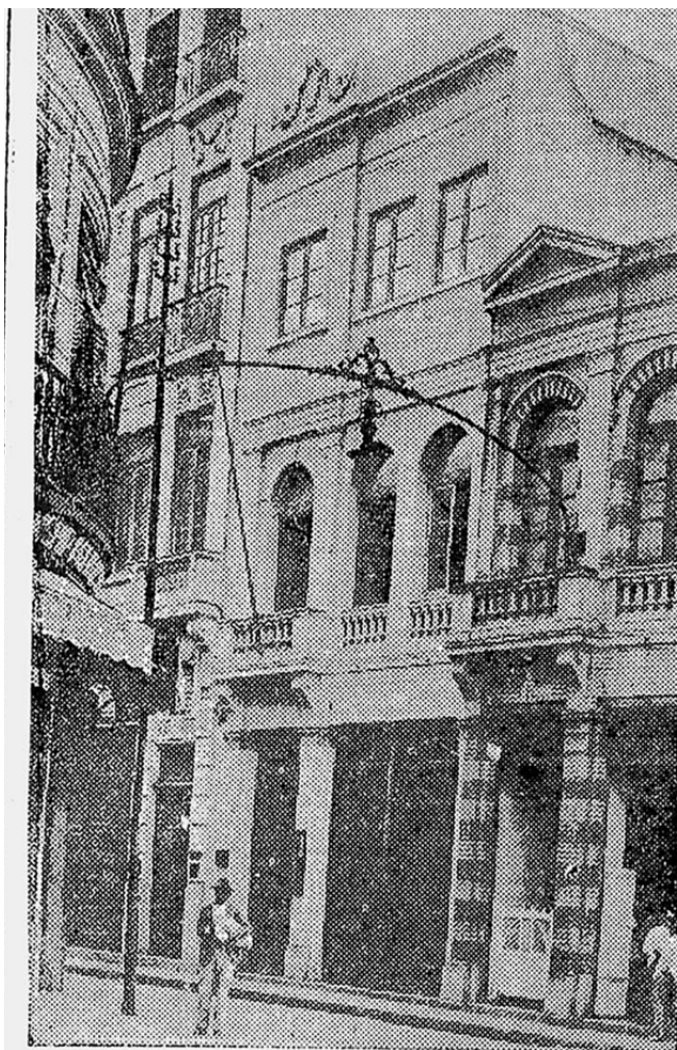
“Tabelião Leal de Souza (falecimento) – Gabriella Ribeiro Leal de Souza, Luiz Alberto Leal de Souza, Victor José Leal de Souza, Lauro Walter Leal de Souza, Regina Maria Vairão Leal de Souza, Sonia Gaertner Leal de Souza e Ana Maria Vairão Leal de Souza, esposa, filhos, noras e neta comunicam aos seus parentes e amigos o falecimento de Antônio Eliezer Leal de Souza, ocorrido ontem em sua residência, à Rua Santa Alexandrina, nº 255, de onde sairá o féretro às 16 horas de hoje, para o Cemitério de São João Batista”

(<http://mandaladosorixas.blogspot.com.br/search?updated-min=2012-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2013-01-01T00:00:00-08:00&max-results=50>)

Pela seriedade, prestígio moral e principalmente por ser um seguidor fiel e propagador tenaz da Linha Branca de Umbanda e Demanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas, Leal de Souza era respeitado tanto no meio religioso como no meio político/social/jornalístico/intelectual do então Distrito Federal. Mas, também, como umbandista foi acusado injustamente de práticas censuráveis. Vamos a um relato jornalístico do ano de 1932:

O caso da tenda de N. S. da Conceição **Como o jornalista Leal de Souza** **elucida o caso**

A acção da Policia — Cortezia dos soldados — Mostrando aos espíritos que não tinham responsabilidade no acontecido — Um ponto com o nome do commissario e uma préce de defesa — O guarda-roupa da tenda — Punhaes, fumo, paraty, cerveja ou vinho — As imagens — Leal de Souza e Irineu Marinho — Dentro de 90 dias o castigo de Deus



O sobrado 201 da rua da Quitanda, em cujo 2º andar se realizava a sessão do Centro Espirita N. S. da Conceição, que foi surpreendida pela policia

Um vespertino noticiou hon-tem que a policia varejára um centro espirita do 2º andar da rua da Quitanda numero 201, constatando que, ao invés de centro espirita, o que ali existia era a pratica da "macumba", tão disseminada pelos morros da cidade. Divulgou, ainda, o mesmo vespertino, que os frequentadores do centro obedeciam, no ritual, á exigencia de plena nudez.

Apareceu-se, ainda mais, em minucias de cunho evidentemente escandalizante.

Como se trata de uma casa que tem o titulo de Tenda de Nossa Senhora da Conceição e de que é chefe o nosso confrade e collaborador Leal de Souza, fomos ouvil-o sobre o que se teria passado, obtendo d'elle a seguinte elucidação, em fórma de entrevista:

FALA-NOS LEAL DE SOUZA

— Antes de tudo, quero reconhecer e agradecer a nobreza de attitude do DIARIO DE NOTICIAS, facultando, em suas columnas, o meio de explicação ou defesa a um jornalista actualmente sem jornal e contra quem se investe com a certeza de atacar a um combatente desarmado.

A POLICIA NA TENDA

Realmente, a policia esteve na Tenda de Nossa Senhora da Conceição, de que sou presidente. Em virtude de uma denuncia malevola, a autoridade foi á nossa Tenda, e all chegando, depols de rerealizada a sessão, prendeu e conduziu á delegacia do segundo districto policial as treze pessoas que lá encontrou. Pela madrugada, ás tres horas, verificado que não havia motivo para agir contra a Tenda e seus componentes, foram todos postos em liberdade e o commissario Fernandes, que

effectuou a diligencia, voltou, pessoalmente, á sede da Tenda para restituill-a a seus dirigentes e á regularidade legal de seu funcionamento.

CORTEZIA DOS SOLDADOS

Devo salientar a cortezia dos soldados da Policia Militar, que acompanhavam o commissario Fernandes; o cavalheirismo do escrivão e de outros funcionarios, que todos reconheceram, instantaneamente, o equivoco de que fomos victimas, tanto que o delegado districtal, tendo conhecimento do caso, mandou soltar-nos e restituir-nos a Tenda, cujo funcionamento legal foi attestado pela autoridade respectiva.

MOSTRANDO AOS ESPIRITOS QUE NÃO TINHAM RESPONSABILIDADE NO ACONTECIDO

Se alguma das pessoas que, nessa noite, agiram contra nós soffrer algo, não será por vontade nossa, nem por acção dos nossos guias. Os meus companheiros mantiveram, nesse transe, uma conducta rectilínea, lembrando-se de que, antes de nós, muitos soffreram, e mais cruelmente, pela nossa doutrina. Os nossos confrades da policia civil e da militar, isto é, os nossos irmãos dessas corporações, é que ficaram affli-

ctos com o que nos acontecia, e desejaram mostrar aos espiritos que não tinham responsabilidade no acontecido. Talvez, algum delles, se excedesse.

UM PONTO NA RUA COM O NOME DO COMMISSA- RIO E UMA PRECE DE DEFESA

Um desses irmãos, que mostrou conhecer certas linhas, alta madrugada traçou, na rua, um ponto, com o nome do commissario, e, quando disso tive conhecimento, fiz, com os meus companheiros, uma prece de defesa, pois os nossos guias não nos permitem attitudes de vingança. Defendemos, pois, o commissario que nos prendeu.

O GUARDA-ROUPA DA TENDA

— Não conhecemos leis que prohibam o uso de roupas brancas. Nós as usamos, nas nossas sessões, pelos motivos de ordem scientifica, expostos em meus artigos publicados no DIARIO DE NOTICIAS e por um motivo de ordem social.

Frequentam a Tenda, como mediums e auxiliares, ricos e pobres — mas, muitas vezes, vestidos com grande elegancia, e outros, não raro, vestidos com extrema modestia. Mas, no recinto da Tenda, vestindo a mesma roupa modesta e simples, ficam todos, ao menos pelo vestuario, na mesma condição de igualdade social, e a menina pauperri-

ma não se sente constrangida ao lado da dama riquissima.

PUNHAES, FUMO, PARATY, CERVEJA OU VINHO

— Na Tenda, segundo se noticiou, foram apprehendidos alguns punhaes, fumo, paraty, cerveja ou vinho. Os punhaes e outras coisas, foram deixados por pessoas, que nos solicitaram trabalhos prohibidos por nossos guias e que não podemos fazer, conforme já expliquei em artigo do DIARIO DE NOTICIAS. Essas pessoas lá os deixaram, pro-

mettendo lá buscal-os. Tínhamos de guardal-os, mas não os usavamos, como é facil provar com o testemunho das autoridades policiaes que, á nosso pedido, até á ultima quinta-feira, assistiam ás nossas sessões. Quanto ao fumo, nós o fumavamos. O paraty, usavamos, depois da sessão, para lavagem das mãos, pela razão inserta no DIARIO DE NOTICIAS. Vinho e cerveja, é natural que existissem, pois a apprehensão foi, no dia 10, e no dia 8 tinha havido uma festa na Tenda, servindo-se, á tarde, um jantar a um grupo de pobres. Representavam, essa cerveja e esse vinho, os sobejos desse festim de caridade.

AS IMAGENS

— Assim como temos em nossa casa, um retrato que nos traz á mente a lembrança de nossa mãe, podemos ter, em nossas tendas, imagens que nos trazem á mente a lembrança de Jesus, de Maria, de S. Jorge ou de S. Sebastião. E só o materialismo mais grosseiro será capaz de photographal-as como coisas de feiticaria, sem respeito á crença alheia. Assim como a Igreja usa imagens, o vinho e o thuribulo, isto é, o incenso, nós podemos usar garantidos pelas mesmas leis, as imagens, o paraty e o defumador.

LEAL DE SOUZA E IRINEU MARINHO

— Os vossos confrades do "O Globo", noticiando amplamente o incidente, sem nenhuma consideração ás senhoras cujos nomes publicaram, hontem, escandalosamente, disseram que as autoridades encontraram, na Tenda de N. S. da Conceição gente, em trajes paradisiacos, ou estado de nudez. E' mentira, e já está apurado que essa informação, e outras, não foram prestadas por nenhuma

autoridade policial, mas o director do "O Globo" terá oportunidade de comprovar em juízo a sua accusação.

Lamento, não por mim, mas pelo coração que ella desnuda, essa attitudo do "O Globo". Eu fui encaminhado para o espiritismo pelo seu fundador, sr. Irineu Marinho, então director da *A Noite*. No dia em que lhe apresentei as minhas conclusões favoráveis ao espiritismo, o sr. Irineu Marinho ficou tão satisfeito, que mandou reservá-las para um livro, em cujo exito confiava, concedendo-me, ainda, uma gratificação de tres contos de réis. Depois, quando ordenou a edição do livro "No mundo dos Espíritos", mandou, no seu desejo de estimular-me, que me adeantassem dois contos de réis.

DENTRO DE NOVENTA E NOVE DIAS O CASTIGO DE DEUS

— Amo a Deus sobre todas as coisas. Conheço o infinito de sua misericórdia e a infalibilidade de sua justiça. Para essa justiça appello. Hoje, sou apenas um collaborador do *DIARIO DE NOTICIAS* e o sr. Roberto Marinho é o orgulhoso director do "O Globo". Que Deus nos julgue, nestas circumstancias, e que o povo possa conhecer esse julgamento pela minha situação e pela do meu accusador, noventa e nove dias depois de publicada a aggressão contra as filhas da Tenda de Nossa Senhora da Conceição.

Reconhecida a sua legalidade, continúa o seu funcionamento

O caso da Tenda de Nossa Senhora da Conceição, que se reduziu, afinal, a um lamentavel equivoco, reparado, pelo delegado districtal, na propria noite em que a precipitação do commissario Fernandez realizou a sua infeliz diligencia, está encerrado de modo definitivo.

A segunda delegacia auxiliar, a requerimento do presidente da Tenda, declarou que a sua situação é legitima e legal.

Como nos declarou, na entrevista que hontem publicamos, seu presidente e nosso collaborador, sr. Leal de Souza, a sede da Tenda lhe foi entregue na mesma noite da diligencia.

Completo-se, hoje, essa reparação, com a restituição áquelle nosso confrade de tudo o qua havia sido retirado pela policia da sede da Tenda, sem excepção de coisa alguma, desde as imagens até os pregos das estantes ou cantoneiras que as supportavam nas estantes.

E' de desejar que não se repitam esses equivoccos, que não deixam de representar restricções á liberdade de cultos, podem dar uma impressão erronea do criterio da autoridade e expõe á irreverencia os sentimentos mais puros da fé.

Consideramos o Sr. Leal e Souza o maior divulgador e defensor da Linha Branca de Umbanda. Durante os anos, Leal de Souza acabou por coleccionar diversos adversários, alguns poderosos, entre o governo vigente, kardecistas e macumbeiros, que diariamente em periódicos, bombardeavam-no de accusações mentirosas e levianas, procurando de todas as formas desacreditá-lo.

Muitas das calúnias eram pelo fato de Leal de Souza ter-se tornado umbandista numa sociedade altamente preconceituosa. O último capítulo deste livro (Linha Branca de Umbanda) é relatado algumas das perseguições e calúnias sofridas por parte de kardecistas.

Vamos disponibilizar agora uma reportagem altamente caluniosa, para que o leitor avalie o que Leal de Souza sofreu, principalmente por ter abraçado a Linha Branca de Umbanda como meta a seguir. Pelo escrito tendencioso do texto, observaremos ter sido formulado por alguém seguidor de determinada religião.

O caso d'« A Nota » ELEMENTOS PARA UM DIAGNOSTICO

Antonio Eliezer Leal de Souza, um sexagenario de pequena estatura e de côr branca, que reside á rua Santa Alexandrina e se proclama fundador de uma religião e proprietario de um arranha-céus, investiu contra mim, porque fui depôr em certo processo que erradamente se move a esse pobre diabo. Digo erradamente, pois, no meu entender e sentir, os casos de paranoia não devem levar-se aos tribunaes. A sua solução encontra-se mais perfeitamente na acção dos alienistas que a policia têm o dever de chamar, em defesa da sociedade e em attenção aos imperativos de humanidade.

Nesta meia dúzia de linhas que escrevo e nas quaes pouco falei, para deixar que falem conhecidos psychiatras, não ha a preocupação de responder, mesmo porque se é possível comprehender-se a "resposta de um louco", não ha geitos de se admitirem "respostas a um louco", nem associar-lhes a loucura d'aquelle que responde.

Quero, apenas, com as minhas palavras juntar e ordenar elementos para um diagnostico.

Ha mais de dez annos — Antonio Eliezer beirava os cincoenta — teve esse infeliz um grave ataque de melancolia com tentencias suicidas. Foi quando o acaso lhe entregou uma reportagem sobre phenomenos espiritas e religiões mysteriosas. Antonio Eliezer Leal de Souza fez um ba-

lanço da sua vida esteril. Tentára a poesia e fracassára, lastimavelmente, com os sonetos parnasianos e os poemas de almanack. Ensaíára a chronica, onde chegou a fixar-se, uma ou outra vez com scintillação, e nada obtivera, nem da gloria nem da fortuna. Experimentára o ensaio historico, sobre themas americanistas. Foi feliz, em alguns desses trabalhos, mas o publico, atrahido para outros generos de maior emoção, despresára a obra de Antonio Eliezer.

E' facil de calcular o estado de espirito do jornalista envelhecido, falhado e esgotado. Tinha alma e nervos abertos á entrada de qualquer delirio. E elle veio. Na mente de Antonio Eliezer Leal de Souza nasceu, cresceu e firmouse o "delirio religioso" que o grande Julio de Mattos tambem chama "delirio prophetico". Segundo o mestre lusitano, em perfeito accordo com a definição de Kraepelin, "o doente se crê investido na elevada missão de prégar uma nova doutrina mystica ou de propagar uma religião em crise".

Fraco demais para crear uma theoria, Antonio Eliezer Leal de Souza conjugou praticas de religiões africanas, reunidas na Macumba, com rythos da religião espirita, coordenados por Kardec.

Falseou nos principios dos africanos e viciou as bases evangelicas do espiritismo.

Durante muito tempo abandonou todas as actividades para ser apenas o apostolo.

Fingia-se humilde, mas permanecia viva a sua vaidade infinita e a sua ambição immoral.

Nos "Elementos de psiquiatria" — edição Chardron de 1911 — Julio de Mattos escreve estas palavras que parecem talhadas para Antonio Eliezer Leal de Souza:

"O paranoico religioso não reveste sempre a attitude soberba de iniciado; ás vezes, affixa mesmo a mascara da humildade, affirmando a sua pequenez (chamo a attenção para os artigos ultimos de Leal de Souza, notadamente para aquelle em que explica o seu assalto ao jornal do dr. Geraldo Rocha — A NOTA). "Não nos illudamos, porém, continúa o alienista director do Hospital do Conde Ferreira, essa humildade que parodia a dos apostolos, esconde um fundo insondavel de orgulho, que a cada instante se revela."

Antonio Eliezer Leal de Souza é um homem inquieto, permanentemente agitado. Julio de Mattos escreve: "São extraordinariamente activos e contagiantes estes paranoicos" (os apostolicos), e como se tivesse de classificar o Eliezer, conclue: "os paranoicos religiosos são grandes "dissimuladores" (o grypho está no proprio livro do medico portuguez — ver paginas 589 da edição citada).

Como se sabe — observa-o Kraepelin e repete-o o autor que estou seguindo — os themas religioso e erotico dão logar a variedades interessantes de "delirio ambicioso", ou "megalomano", que quasi sempre deriva para as fórmulas curiosissimas de "delirio processivo", tambem chamado "litigante".

Este é o caso actual de Antonio Eliezer Leal de Souza. Transcrevo, a seguir, todos os periodos da pagina 580 dos Elementos de Psychiatria, edição citada:

"O paranoico litigante não é atacado na sua vida, na sua idade, no seu credito, na sua dignidade pessoal, mas nos "seus direitos".

"Ora, como os direitos individuaes nascem das relações collectivas, o "processivo" — egocentrico hypertrophico e destituido de senso critico, tem delles a falsa impressão que o paranoico tem de tudo quanto o cerca: cria direitos insubsistentes e perfeitamente imaginarios, em cujo não reconhecimento descobre uma propositada hostilidade e uma injusta, perseguição de que se defende, sempre, atacando. O "processivo" é um perseguido — perseguidor, ou, como com muita propriedade lhe chamou Seglas — um reivindicador".

"Na sua encarnçada luta, não pelo direito e pela justiça de que não tem noções objectivas e exactas, mas pelo "seu direito" e pela "sua justiça", o litigante não tem um momento de repouso. Vencido num pleito, inicia um outro; e, se perdida a confiança na honestidade dos juizes, ou, exhaustos os recursos monetarios, não póde já pleitear nos tribunaes, volta-se para a imprensa ou ataca elle proprio, violentamente, os seus adversarios e pretendidos inimigos. As repetidas decepções não o corrigem e antes servem para o exaltar: os juizes são venaes, os advogados andam feitos com a parte contraria, as testemunhas são um bando de falsarios, os jurados uns vendidos, os amigos que tentam dissuadi-los de questões inuteis, são uns estupidos, e os proprios parentes, se os não apoiam e coadjuvam, são, pelo menos, cobardes. (Kraepelin)."

Dir-me-ão que Antonio Eliezer Leal de Souza, neste caso, não está sózinho. Dois ou tres o acompanham e se lhes solidarizam o que enfraquece as minhas conclusões. Eu digo que as reforça. Estes casos de paranoica, que se caracterizam pela apparente verossimilhança na apresentação dos factos, são contagiosos. Está nas constatações de Kraft-Ebing, notando, em França, varios episodios clinicos que foram classificados — "folie á deux".

Penso ter sobejamente provado — e com tristeza o fiz — a paranoia de Antonio Eliezer Leal de Souza.

Poderá alguém reputar-se insultado com o que elle diga, faça, ou escreva?

Coitado.

Antonio Eliezer delira e só por isso arremete contra uma attitúde minha, da qual eu posso dizer, com a convicção do romantico Cyrano: "C'est mon panache".

Leal de Souza mente para me

chamar mentiroso. Mas até isso é natural e avoluma os elementos do diagnostico.

Kraepelin sustenta que esta especie de paranoicos mentem sempre. Assim faz Antonio Eliezer. Indo ao Tribunal depôr, não hesitou em mentir no nome — pois Leal é um appellido que perdeu — mentir na crença — diz á certa altura, que é espirita e todos sabem que jamais o foi — mentir até na idade — porque affirma ter 56 annos, apesar de já ser cabo de cavallaria ao tempo da campanha de Canudos, na qual tomou parte, com bravura, seja dito por amor da verdade historica.

SANTOS JUNIOR.

Em contrapartida, apresentaremos uma bela reportagem do periódico "Revista da Semana", publicado entre 1950 – 1959, por Armando Pacheco, onde Olavo Bilac revela o poeta, o escritor, o repórter, o espirita e o tabelião Antonio Eliezer Leal de Souza:

BILAC REVELOU O POETA LEAL DE SOUZA

Três cartas fabulosas do príncipe dos nossos parnasianos ★ Leal de Sousa, o jornalista, o poeta, o escritor, o repórter, o espirita e o tabelião ★ Companheiro de Coelho Neto, Martins Fontes, Anibal Teófilo e outros "biggs" de sua geração ★ Gaúcho da fronteira ★ Amigo de Getúlio Vargas ★ Foi quem deu o furo na tragédia de Euclides da Cunha

(Fotos da Arquivo da Família)

Reportagem de ARMANDO PACHECO



O POETA LEAL DE SOUZA aos 16 anos, ainda estudante



FARDADO DE CADETE, quando da Guerra de Canudos



O JORNALISTA COMEÇOU a revelar-se aos 18 anos

ÁLBUM DA FAMÍLIA

O batismo vai bem, porque o repórter "penetra" no passado, nas coleções de jornais e revistas, nos arquivos e coleções de fotografias de várias épocas. Dentro dessa indiscreção pretendemos tornar lembrados vultos esquecidos da nossa história. Para começar ninguém melhor do que o saudoso e completo homem de jornal que foi Leal de Sousa. E já iniciamos prestando um serviço ao público, pois reduzido número de pessoas sabe disso: Leal de Sousa foi poeta. E grande poeta, segundo depoimentos insuspeitos e valiosos de Olavo Bilac e Martins Fontes, para citar apenas dois sujeitos que podem dar atestado neste país onde os poetas de rimas ou falsos modernistas abundam como sapos no pântano.

O POETA LEAL, BILAC E FONTES

Estou na primeira página do álbum e vejo Leal de Sousa menino, estudante de preparatórios, cadete nos Pampas, oficial que lutou em Canudos contra as tropas de Antônio Conselheiro e de onde trouxe belas e candentes páginas de observação da gente dos sertões. Viro a página e deparo com o nosso herói jornalista, novo na corte, depois o repórter consagrado, depois já vitorioso numa atitude de diretor dos vários órgãos da imprensa que fundou e administrou com mão de mestre e inteligência brilhante. Vejo-o diretor de "A Noite" e "A Nota", redator-chefe de "A Careta" e secretário do "Diário de Notícias", enfim homem de jornal reverenciado. Noutras páginas lá está ele com a esposa Gabriela Ribeiro Leal de Sousa e os filhos: Luís Alberto, Victor José e Lauro Walter, todos seguindo o exemplo paterno: escrevendo para jornais e revistas. Leal de Sousa, que foi um bom de verdade, que nos legou numerosas e importantes obras, dizia com orgulho que esses três filhos eram a sua melhor obra, porque são rapazes cultos que honram e veneram o nome do pai. Passo mais uma página: lá está o poeta que terminou — jornalista que terminou — tabelião, de **smocking** no casamento do Victor que aparece por sua vez de casaca. São numerosas e convincentes as fotografias, provando o amor reinante no seio da família. E vêm a seguir as fotos com os literatos do seu tempo: Bilac, Coelho Neto, Martins Fontes, Aníbal Teófilo e outros. Mas, por falar nisso, não podemos esquecer as cartas fabulosas conservadas com carinho pelos filhos. Bilac, por exemplo, que pelo que dizem não se abria com ninguém, eclético demais em tudo na vida, mandou-lhe cartas assim: "Paris, 13 fevereiro 1914, 18 rue Gaillon. Meu caro poeta e amigo. Esteve aqui comigo, dois dias, o Martins Fontes, que no dia 10 de março casará em Nice. Dei-lhe ontem o número da "Careta", em que apareceu a sua careta. Gostei muito das belas palavras que V. escreveu sobre aquele selvagem heleno. V., além de ser um belo poeta e um belo prosador, é um fúlgido **bom** e um radiante **justo**."

"Mando-lhe alguns versos, — frutos da menopausa lírica.

"Muitos abraços ao nosso J. Schmidt. O coração do seu admirador e amigo grato, —)a Bilac. — Nota: bem sei que V., como ourives que é, tem horror dos versos mal impressos; mas, sou tão medroso, que não resisto à impertinência de pedir-lhe um cuidado feroz e um escrúpulo draconiano na revisão da pontuação desses versos. Para mim, a supressão de uma vírgula na impressão de um verso, seria um calamidade maior do que o arrastamento completo das finanças do Brasil!

"Novos abraços do Bilac".

BILAC CONSAGRA UM LIVRO DE LEAL DE SOUSA

Agora leiam est'outra carta reveladora de Olavo Bilac:

"Rio de Janeiro, 11 setembro 1917, 35 r. Barão de Itambi, telefone 1330 — Sul.

"Leal de Sousa:

"Quero enviar-te um grande abraço; pelo prazer que me deu a coleção das tuas poesias.

"Vivi dentro do teu livro, como dentro do mesmo Bosque Sagrado de Vesta, em cujo pórtico havia uma inscrição, lembrando que, aquêle recesso, vedado aos bárbaros e aos desmemoriados, era dedicado às Musas e às Saudades.

"Com as primeiras, gozei, affligi-me, e sonhei. Mostraram-me a severa Clio e a eloquente Calliope fastos, festas e lutos do Egito, da Grécia, de remotíssimas épocas, de dias da Idade Média, e de eras mais chegadas à minha alma, coisas da nossa história, caravelas e bandeiras, domínio de mares, conquista de serras, combates nos pampas; deu-me Euterpe as sinfonias dos matos e das águas; sorri com a leve Thalia; tremi com a lura Melpomena; chorei com a melancólica Erato; dancei com a alada Terpsicore; revivi os meus velhos amores com a exaltada Polímia; e com a arguta Urânia scletei os versos de fogo do poema do firmamento...

"E, com as segundas, longamente pensei e senti. O teu livro é um mundo de saudades: saudades tuas, e saudades de todos. Não arrancas somente do passado as lembranças dos devaneios, das alegrias e das tristezas que já tiveste nesta vida, — mas ainda outras vagas lembranças de outras vidas, sedimentos de outras gerações, que são patrimônio teu e de toda a nossa raça, — como esta tua singela "Canção Gakcha", tão profunda na sua singeleza, em que mostras a tua alma sucessora de tantas outras almas, o ódio e o amor que inflamaram o ciclo da Conquista, a arrogância do branco e a revolta do índio, "tristeza do vencido e a altivez do vencedor"..."

"Santuário das Camenas e das Memórias, o teu "Bosque Sagrado" é admirável e amável. Geraste um filho bom e belo; criaste obra de fôrça, com extremos de alma e cuidados de feitura. Quando, à tua passagem, te atirarem esta injúria, que é uma condecoração: "Parnasiano!", — levanta do chão a palavra, e prega-a na tua fronte, como uma estrêla. Parnasianos só podem ser os que são dignos do Parnaso, onde as nove companheiras de Apolo ensinam a pureza do pensar e a de-

cência do dizer, dando nobreza às idéias e compostura ao estilo.

"E não te arrependas de ter provado, como dizes na última página do teu livro, "a amargura dos frutos do Bosque Sagrado": os frutos mais amargos são os que dão mais saúde.

"Teu, de coração — a) Olavo Bilac".

Aí estão duas preciosas amostras do grau de amizade que unia os dois poetas.

Garantem os que conheceram Bilac de perto (e são poucos hoje!) que o mestre da forma jamais se prodigalizara em elogios a quem quer que fôsse, e ainda mais nos termos aqui transcritos. De Martins Fontes também vimos inúmeras missivas interessantes. Uma delas dizia assim, laconicamente:

"Querido Leal de Sousa,

"Vim aqui te ver no jornal. E como não te encontrei, deixo-te um beijo na boca.

a) Martins Fontes".

O repórter viu cartas de Coelho Neto e de outros grandes homens do passado. Os filhos de Leal de Sousa possuem valioso arquivo das coisas do velho (o velho aqui é o Leal mesmo).

O JORNALISTA E O TABELIAO

Antônio Eliezer Leal de Sousa (êste seu nome por inteiro, dado também a um de seus netos) era gaúcho de Santana do Livramento, tendo nascido na fronteira a 24 de setembro de 1880, filho de Manuelino Pereira de Sousa e de d. Emiliania Leal de Sousa, era um dos grandes amigos do presidente Getúlio Vargas, desde os tempos de neófitos na imprensa. Tão amigos que o líder trabalhista deu-lhe um cartório, o 1.º Ofício de Notas, oferecido depois pelo general Dutra a um irmão do sr. Vitorino Freire.

Logo que Leal de Sousa morreu a (2 de novembro de 1948, estando sepultado no Cemi-

tério S. João Batista), o presidente Gaspar Dutra mandou chamar os dois rapazes que sempre trabalharam no cartório e disse-lhes que escolhessem um bom emprêgo, pois precisava do 1.º Ofício para um amigo. Os rapazes (Luís Alberto e Victor José) concordaram, escolheram e estão agora esperando o lugar prometido. Esse fato o repórter ouviu do próprio senador Getúlio Vargas quando esteve em Itu.

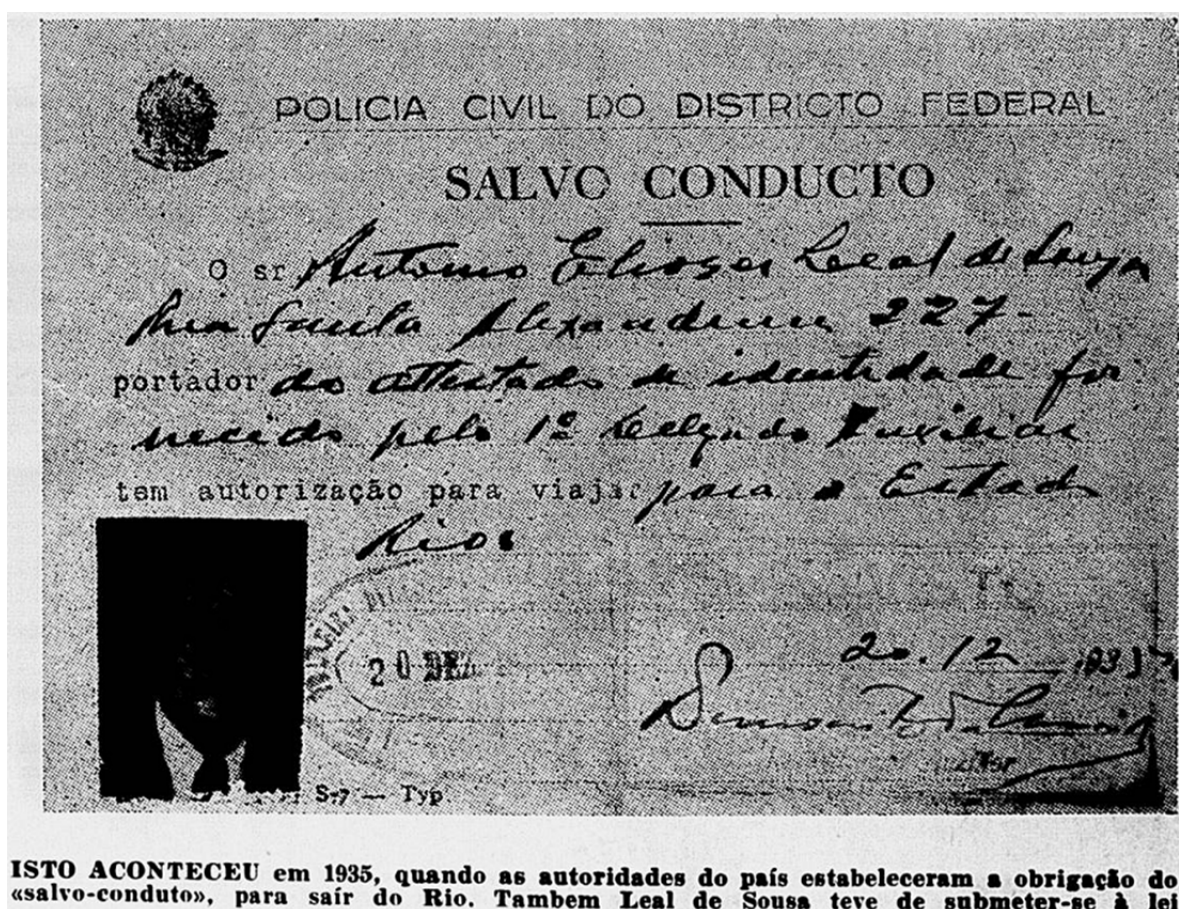
Vindo muito cedo para o Rio, Leal de Sousa fêz época como o repórter das campanhas, descobertas e "furos" sensacionais. Foi êle quem, repórter de polícia na ocasião, primeiro escreveu sobre a tragédia da Piedade onde tomou Euclides da Cunha. Daí por que Leal de Sousa é apontado como o pai da reportagem na imprensa brasileira. Candomblés e macumbas, gafieiras, festejos populares, foram reve-

lados pela sua pena inquieta. Contam que indo fazer certa vez uma reportagem sobre espiritismo, êle se aprofundou tanto no estudo da talvez ciência de Alan Kardec, que se tornou espírita de primeira plana, chegando a escrever livros apontados hoje como catecismos dos médiuns. Entre sua volumosa bagagem literária, figuram: "Canções Revolucionárias", "A Mulher na Poesia Brasileira", "Romaria da Saudade", "Almanaque das Glórias",

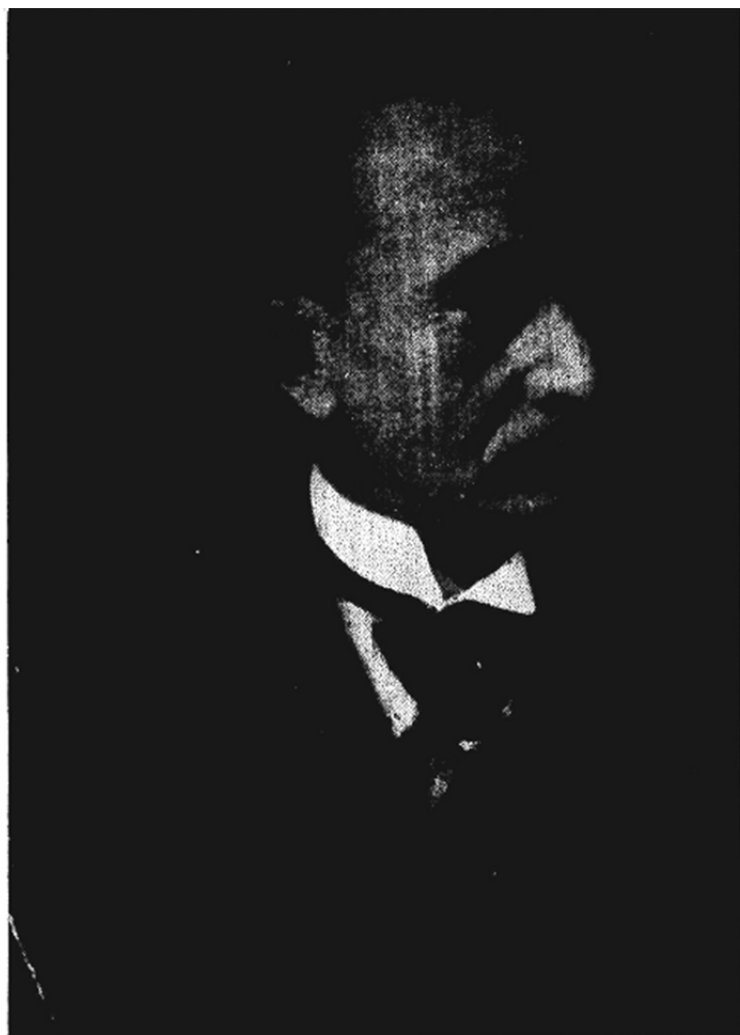
"Getúlio Vargas", "O Pelourinho", "Catiga de Mulato" (romance social), "Notas de um Tabelaio" (memórias), "Álbus de Alzira", "Notas de um Notário Notório". Escreveu também peças teatrais como: "O Charuto", levada à cena no Teatro Municipal, pelo maestro Artur Napoleão; deixou também livros espíritas: "No Mundo de Espíritos", "Rosa Encarnada" (romance). "Espiritismo e Magia" e "As Sete Linhas de Umbanda".

Só não acabou na Academia, como poeta, escritor e jornalista, porque foi sempre um homem modesto e avesso por comodismo pessoal às traquibernas literárias que levam às glórias

acadêmicas. Todos os que trabalharam com êle, na imprensa e no cartório, guardaram as melhores e mais duradouras das impressões. Porque essas virtudes anímicas são imperecíveis. Os homens passam, as glórias terrenas são transitórias; o que fica são as boas ações, a inteligência, a bondade. E Leal de Sousa foi um apóstolo desse culto tão raro no mundo de hoje. Por isso, ao folhear o álbum de Luís, Victor e Lauro, o pelotão de amigos, gente de jornal e clientes do cartório do seu tempo, murmura ao evocar a simpática e querida figura daquele mansuetíssimo cético que se chamou em vida Leal de Sousa "sursum corda"!



ISTO ACONTECEU em 1935, quando as autoridades do país estabeleceram a obrigação do «salvo-conduto», para sair do Rio. Também Leal de Sousa teve de submeter-se à lei



FOI ELE QUEM DEU o «furo» na tragédia de Euclides da Cunha. Esta fotografia, obtida quando completou seu cinquentenário, tem um lugar de honra no «Album de Família»



A ÚLTIMA FOTOGRAFIA de Leal de Sousa-tabelião: quando assistia ao casamento do segundo filho, Victor José. Sua condição de poeta, não renegada, foi um de seus prazeres

HINO DA UMBANDA



Para entender o Hino da Umbanda devemos saber que o mesmo está ligado à história do seu autor: José Manuel Alves (J. M. Alves). Nascido em 05 de Agosto de 1907 em Monção, Portugal, já, em sua terra natal, era ligado a música, tendo dos 12 aos 22 anos tocado clarineta na Banda Tangilense, em sua cidade natal. Com pouco mais de 20 anos, em 1929, vem para o Brasil, indo residir no interior do Estado de São Paulo. No mesmo ano, mudou-se para o Tatuapé, bairro da capital São Paulo, ingressando na Banda da Força Pública do Estado de São Paulo, onde ocupou vários postos, aposentando-se como capitão. Em paralelo a esta função exerceu a carreira de compositor de músicas populares e, ao longo da mesma compôs dezenas de músicas as quais foram gravadas por famosos intérpretes da época: Irmãs Galvão, Osni Silva, Ênio Santos, Grupo Piratininga, Carlos Antunes, Carlos Gonzaga entre outros.

Suas composições mais famosas foram: Em 1955, Juanita Cavalcanti gravou a marcha “Pombinha Branca” de sua autoria em parceria com Reinaldo Santos; em 1956, Zaccarias e sua Orquestra gravaram o dobrado “Quarto Centenário”, de sua parceria com Mário Zan. Compôs ainda valsas, xotes, dobrados, baiões, maxixes e outros gêneros musicais. Em 1957, realizou sua única gravação no antigo disco de vinil, o “LP”, acompanhado de sua banda, sendo a gravadora a RCA Victor.

Mas... e a Umbanda? Aonde entra? Para a Umbanda, e para vários Terreiros compôs diversos pontos gravados por diversos intérpretes, como por exemplo:

• Hino da Umbanda; • Defuma com as ervas da Jurema; • Corre Gira Pai Ogum; • Homenagem à Mãe Menininha (gravado por J. M. Alves / Ariovaldo Pires); • Ponto de abertura (gravado por J. M. Alves / Terezinha de Souza e Vera Dias); • Ponto dos Caboclos; • Prece a Mamãe Oxum; • Coroa da Jurema • São Jorge Guerreiro;	• Santa do meu altar (gravado por J. M. Alves / H. Junior); • Sarava Banda; • Sarava Oxossi; • Saudação aos Orixás; • Xangô rolou a pedra; • Xangô, rei da pedreira; • Hino do Primado de Umbanda do Estado de São Paulo, Entre outros.
--	--

Uns dizem que J. M. Alves era cego; outros, que ele tinha sérios problemas nas vistas, procurando o Caboclo das Sete Encruzilhadas a fim de obter uma cura. Também dizem que o Caboclo lhe explicou que não seria possível uma cura, pois a doença tinha fundo cármico; que embora não tenha conseguido sua cura, se apaixonou pela Umbanda, e, portanto, compôs uma música, apresentando-a ao Caboclo, que gostou tanto que resolveu apresentá-la como Hino da Umbanda.

Agora perguntamos: De onde tiraram isso: Qual a fonte? É histórica? É verídica? Como conseguiram saber que J. M. Alves era cego ou tinha problemas nas vistas? Como afirmam que ele apresentou a música ao Caboclo das Sete Encruzilhadas e este a apresentou como Hino da Umbanda? Pela falta de comprovação, cremos que tudo isso só pode conjecturas.

Para uma das questões, temos a resposta: Pela foto do Sr J. M. Alves apresentada abaixo temos uma certeza: Cego ele não era. Por usar óculos, até pela idade (aparência e cabelos brancos), podia no máximo ter alguma deficiência nas vistas.



José Manuel Alves (do lado esquerdo da foto, de óculos), numa festividade do Primado de Umbanda de São Paulo

Agora, uma coisa é certa: A letra foi composta por José Manuel Alves e a melodia foi composta por Dalmo da Trindade Reis (maestro do Conjunto Musical da Polícia Militar do Rio de Janeiro), em 1961, e originalmente tinha como título: *"Refletiu a Luz Divina"*, sendo cantada nos Terreiros como um ponto comum.

Somente ganhou o status de "Hino da Umbanda" sendo oficialmente adotado como tal, no 1º Congresso de Umbanda em 1962, ganhando o status de Hino oficial, somente após 1977.

Vamos prestar então nossa homenagem, agradecendo a Deus a oportunidade de poder cantar este Hino, e aos seus autores: José Manuel Alves e Dalmo da Trindade Reis, que mostraram com este Hino a simplicidade, a humildade e a missão da nossa amada Umbanda.

A partitura oficial do Hino foi feita em 20 de Janeiro de 1984 (cópia do original abaixo, gentilmente cedida pela Mãe Maria de Omulú da Casa Branca de Oxalá/MG) por Dalmo da Trindade Reis, maestro tenente do conjunto musical da Polícia Militar do Rio de Janeiro.

HINO DA UMBANDA DE J.M. ALVES

RE-FLE-TIU A LUZ DI-VI-NA EM TO-DO SEU
ES-PLEN-DOR. VEM DO REI-NO DE-O-XA-LÁ ON-DE HÁ PAZ E A-MOR
LUZ QUE RE-FLE-TIU NA TER-RA LUZ QUE RE-FLE-TIU NO MAR LUZ QUE
VEM LÁ DE-A-RU-AN-DA PA-RA TU-DO I-LU-MI-NAR UM-BAN-DA
É PAZ É A-MOR UM MUN-DO CHEI-O DE LUZ É FOR-ÇA
QUE NOS DÁ VI-DA E A GRAN-DE-ZA NOS CON-DUZ A-VAN-TE
FI-LHOS DE FÉ CO-MO A NOS-SA LEI NÃO HÁ LE-VAN-DO
AO MUN-DO IN-TEI-RO A BAN-DEI-RA DE-O-XA LÁ.
DTR

Deus da Umbanda
20/01/84

Na versão original, quando o Hino da Umbanda era cantado, não se repetia a última estrofe. Com o tempo, os umbandistas adotaram repetir a última estrofe – quem somos nós para irmos contra aquilo que o povo escolhe – portanto, também repetimos sempre a última estrofe quando o proferimos.

A regra diz que não devemos bater palma após entoar qualquer Hino. Assim também o é para o Hino da Umbanda. A confusão se dá pelo fato de que, automaticamente, ao terminarmos o Hino, proferimos: “Sarava a Umbanda”, e é nesse momento que se deve aplaudir.

Não esquecendo de que, ao entoarmos o Hino da Umbanda devemos nos postar em pé e com a mão direita colada ao peito, por cima do coração, enquanto o entoamos; esse é o sinal de amor e respeito que devemos ter pela religião.

*****//*****

HINO UMBANDISTA

Apresentamos um disco, faixa única, de rotação 78, provavelmente da década de 1940, intitulado: “Hino Umbandista” de autoria de: Iris Fossati Guimarães e Jerson D’Oliveira, orquestrado pelo afamado maestro Radamés Gnattali, adquirido em época de seu lançamento pela nossa avó materna, Mãe Alice, 1ª dirigente do Templo da Estrela Azul – Casa de Oração Umbandista.

Esse disco é uma raridade, pelo fato de que dispõe de uma música intitulada “Hino Umbandista”, anterior a composição “Refletiu a Luz Divina”, composta pelo senhor J. M. Alves, na década de 60, sendo posteriormente adotada pelos umbandistas como “Hino da Umbanda”.

Não encontramos absolutamente ninguém que o conhecesse, nem os mais velhos umbandistas que conhecemos, bem como nas pesquisas realizadas na Net; não encontramos nenhuma referência. Inclusive, este disco, é desconhecido pela própria família do maestro, não fazendo parte do acervo histórico dedicado a ele.



Radamés Gnattali (Porto Alegre, 27 de janeiro de 1906 — Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1988) foi um arranjador, compositor, e instrumentista brasileiro.

Estudou com Guilherme Fontainha no Conservatório de Porto Alegre; na Escola Nacional de Música, com Agnelo França. Terminou o curso de piano em 1924 e fez concertos em várias capitais brasileiras, viajando também como violista do Quarteto Oswald, desde então passou a estudar composição e orquestração.

Em 1939 substituiu Pixinguinha como arranjador da gravadora Victor. Durante trinta anos trabalhou como arranjador na Rádio Nacional. Foi o autor da parte orquestral de gravações célebres como a do cantor Orlando Silva para a música *Carinhoso*, de Pixinguinha e João de Barro, ou ainda da famosa gravação original de *Aquarela do Brasil* (Ary Barroso) ou de *Copacabana* (João de Barro e Alberto Ribeiro) - esta última imortalizada na voz de Dick Farney.

Em 1960 embarcou para Europa, apresentando-se num sexteto que incluía Acordeão, Guitarra, Bateria e Contrabaixo. Foi contemporâneo de compositores como Ernesto Nazareth, Chiquinha Gonzaga, Anacleto de Medeiros e Pixinguinha.

Na década de 70, Radamés teve influência na composição de choros, incentivando jovens instrumentistas como Raphael Rabello, Joel Nascimento e Mauricio Carrilho, e para a formação de grupos de choro como o Camerata Carioca. Também compôs obras importantes para o violão, Orquestra, concerto para piano e uma variedade de choros.

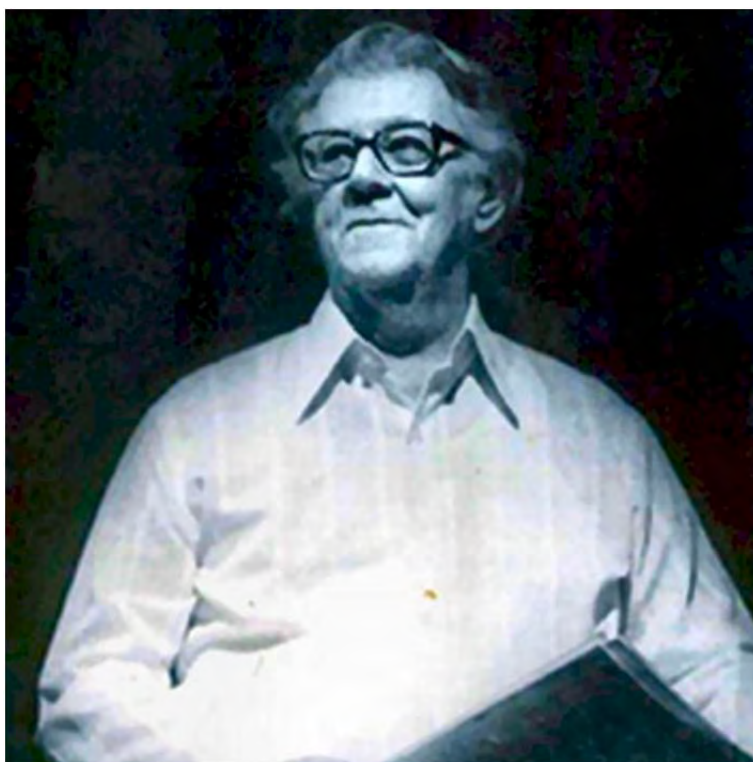
Foi parceiro de Tom Jobim. No seu círculo de amigos Tom Jobim, Cartola, Heitor Villa-Lobos, Pixinguinha Donga, João da Baiana, Francisco Mignone, Lorenzo Fernandez e Camargo Guarnieri. É autor do hino do Estado de Mato Grosso do Sul — a peça foi escolhida em concurso público nacional.

Em janeiro de 1983, recebeu o Prêmio Shell na categoria de música erudita; na ocasião, foi homenageado com um concerto no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, que contou com a participação da Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, do Duo Assad e da Camerata Carioca.

Em maio do mesmo ano, numa série de eventos em homenagem a Pixinguinha, Radamés e Elizeth Cardoso apresentaram o recital *Uma Rosa para Pixinguinha* e, em parceria com a Camerata Carioca, gravou o disco Vivaldi e Pixinguinha. Radamés foi um dos mestres mais requisitados nesse período, demonstrando uma jovialidade que encantou novos chorões como Joel Nascimento, Raphael Rabello e Maurício Carrilho. Nasceu assim uma amizade que gerou muitos encontros e parcerias.

Em 1979 surgiu, no cenário da música instrumental, o conjunto de choro Camerata Carioca, tendo Radamés como padrinho.

A saúde começou a fraquejar em 1986, quando Radamés sofreu um derrame que o deixou com o lado direito do corpo paralisado. Em 1988, em decorrência de problemas circulatórios, sofreu outro derrame, falecendo no dia 13 de fevereiro de 1988 na cidade do Rio de Janeiro.



Maestro Radamés Gnattali

Segundo nos informou o filho do maestro Radamés, a compositora da letra, senhora Iris Fossati Guimarães era uma musicista influente e parenta do senhor Radamés.

O Maestro Radamés era simpatizante da Umbanda. Dizia:

“Eu sempre trabalhei em música popular e gosto muito. Aliás, devo a isso, eu fazer alguma coisa de brasileiro, hoje, aprendendo com o povo, pois só o povo ensina essa coisa”.

Esta composição é cantada como o Hino da Umbanda Crística.

Esta é a letra:

***“Avante, avante, umbandista Sol do novo porvir,
Oxalá nos aponta o caminho que devemos seguir,
Sempre avante lutando,
Para o bem da humanidade,
Sob a luz desse ideal,
Nossa lei será a caridade,
A nossa fé, a nossa luta,
Será salvar a todo irmão,
Pois só assim cumprimos,
Nossa sagrada missão,
Seja na Terra ou no Céu,
Estaremos a servir,
A legião umbandista,
Do nosso imenso Brasil”.***

OS PRIMEIROS INTELECTUAIS DA UMBANDA

“Por intelectuais da Umbanda entendemos os homens e mulheres que se lançaram ao trabalho exegético, bem como de codificação ritual da nova religião” (Artur Isaia)

É nosso dever fazer o registro dos principais umbandistas que conseguiram destaque na literatura de Umbanda:

- Leal de Souza, em 1932, com “O Espiritismo, a Magia, e as Sete Linhas de Umbanda”.
- Waldemar Bento, em 1932, com “Magia no Brasil”.
- João de Freitas, em 1939, com “Umbanda”.
- Emanuel Zespo, em 1941, com “Codificação da Lei de Umbanda”.
- Lourenço Braga, em 1946, com “Trabalhos de Umbanda”.
- Mestre Yokanan, em 1954, com “Evangelho da Umbanda”.
- Mestre Yapacani (Wilson Woodron da Matta e Silva), em 1956, com “Umbanda de Todos nós”.
- Cavalcanti Bandeira, em 1970, com “O Que é a Umbanda”.
- Em 1970, João Alves de Oliveira. Foi contemporâneo de Zélio de Moraes. Era médium do Caboclo Sete Flechas, dirigente da “Seara de Umbanda Tupinambá – sediada na Rua Manuel Machado, 467, Vaz Lobo”, co-irmã da Tenda Mirim, autor dos importantíssimos livros: “O Evangelho na Umbanda”, “Magias da Umbanda”, “Umbanda Cristã e Brasileira”.

JORNAL DE SERVIÇO — Rio de Janeiro, domingo, 22 e 2.^a feira, 23-3-1970

Gira da Umbanda

O Evangelho na Umbanda

Sob este título, a Editora Eco acaba de publicar um livro que se destina a ser leitura diária em nossos terreiros.

Os conceitos emitidos pelo autor e confirmados nas maiores obras da literatura espiritualista dos nossos dias, referem-se a uma Umbanda de “finalidades elevadas e regeneradoras, onde se recomenda a lei do amor ao próximo, a Umbanda que chama a si todas as doutrinas evolucionistas que proclamam o amor universal, a imortalidade da alma, a vida futura e a reencarnação, consagrando-se como verdadeira religião nacional”. São palavras do autor, J. ALVES DE OLIVEIRA, que a considera não mais o resultado de um sincretismo, e sim, um movimento dinâmico, produzindo magnetismo sadio.

O soneto de Casemiro Cunha, à abertura do livro, sintetiza magnificamente o texto. Reportamo-nos, ainda, a um trecho do prefácio de Clóvis Ramos, lembrando que o autor advoga uma Umbanda cristã, sublimada, pura magia branca, expurgada dos ritos obsoletos, uma Umbanda sem sacrifícios inúteis de animais, religião respeitável como qualquer outra dentre as religiões florescentes no Brasil.

Escritor kardecista e umbandista, estreitamente ligado à **Seara de Umbanda Tupinambá**, J. A. Oliveira proporciona aos leitores um livro excelente, cujos direitos autorais se destinam à Assistência Social Paulo de Tarso. São quase 200 páginas de leitura instrutiva e atraente, esclarecimentos sobre o ritual de Umbanda e considerações sobre os Mandamentos, na acepção de Moisés, que deu à Terra as bases da Lei, e de Jesus, que nos trouxe a revelação do Amor, da Bondade e da Caridade. (LÍLIA RIBEIRO — Exclusivo).



Entre outros...

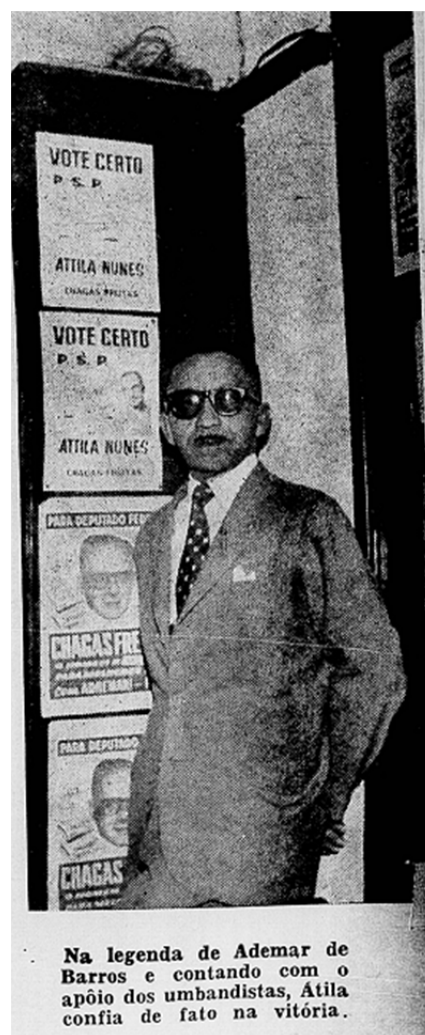
Devemos destacar que Diamantino Coelho Fernandes, um dos organizadores do 1º Congresso de Espiritismo de Umbanda, conseguiu algum sucesso com algumas obras. Em 1947, a União Espiritista de Umbanda do Brasil lançou um periódico denominado “Jornal de Umbanda”, importante veículo de divulgação umbandista que chegou a contar com a colaboração de Wilson Woodrow de Matta e Silva e do Capitão José Álvares Pessoa.

A divulgação do Movimento Umbandista ganhou corpo quando entrou em cena o radialista e escritor Átila Nunes. Foi uma importante personalidade do rádio brasileiro e um defensor incansável da liberdade religiosa. Criou e produziu o primeiro programa de rádio voltado para os cultos afros: “Melodias de Terreiro”, que foi ao ar pela primeira vez em 1947 no Rio, pela então Rádio Guanabara, durante três décadas. Na literatura conseguiu sucesso com a obra “Antologia de Umbanda”, chegando a ser eleito Deputado Estadual.

Átila Nunes Pereira nasceu em Niterói, Estado do Rio de Janeiro em 16 de junho de 1908. Era filho de Joaquim e Alice, esta, dirigente de um Terreiro de Umbanda. Conheceu Bambina Bucci em 1937, por quem nutriu uma paixão imensa. Bambina Bucci, esposa de Átila Nunes, tornou-se o seu braço direito e companheira inseparável. Ela foi seu esteio, seu braço direito até que ele desencarnasse em 26 de outubro de 1968. Dessa relação amorosa nasceu Átila Nunes Filho. Átila Nunes ingressou na imprensa em 1935. Foi sócio fundador do Sindicato da Associação Guanabarina de Imprensa. Escreveu nos jornais Diário Fluminense, Gazeta de Notícias, Revista do Disco, A Notícia e o Dia. Como radialista começou sua carreira em 1931 na Rádio Educadora do Brasil. Atuou na PRE-6, Rádio Sociedade Fluminense até 1937. Em 1938 ingressou na Rádio Tamoio onde lançou programas que marcaram época. Na Tamoio e na Rádio Tupi atuou até 1948, quando, então, passou para a Rádio Guanabara, onde foi locutor, animador, redator, diretor de auditório e chefe de programação. Iniciou suas apresentações umbandistas em 1948, evoluindo para o lançamento do programa “Melodias de Terreiro”, que esteve no ar por mais de 30 anos, e, após o falecimento de Átila Nunes, continuou no ar durante algum tempo comandado por Bambina Bucci e Átila Nunes Filho.

Eleito deputado em 1960, destacou-se pela sua atuação na Assembleia Constituinte e na Assembleia Legislativa. Foi um dos elaboradores da Constituição do Estado da Guanabara. No exercício do seu mandato (1960-1962) pronunciou 254 discursos, a maioria deles, em defesa da Umbanda.

No Rio de Janeiro, o periódico “Revista do Rádio”, em 1959, lançou a seguinte reportagem:



A candidatura de Atila Nunes à Câmara do Distrito Federal, foi deliberada durante um jantar, por um grupo de amigos. Vendo nele um dos grandes batalhadores do rádio, julgaram por bem tê-lo à frente de um poder que destina o rumo e os benefícios para a cidade. Falando à reportagem, Atila disse, inicialmente, que a notícia foi surpreendente, inclusive para si próprio, de vez que jamais pensou em política durante toda sua vida.

— Conta com o apoio do rádio? (perguntamos).

— Conto. Ingressei no rádio em 1931. Nêstes 27 anos fiz muito por ele e ajudei muita gente. Estou certo de que velhos companheiros, não se negarão a ajudar-me.

— O que pretende fazer em benefício do rádio?

— Caso seja eleito, tudo farei dentro das possibilidades da vereança, para melhoria dos radialistas. Tenho em mente vários planos que serão submetidos ao Sindicato dos Radialistas e à ABR, após o que, serão convertidos em projeto de lei.

— Qual é a sua principal plataforma política?

— Lançarei uma mensagem que responderá a esta pergunta. Devo dizer, contudo, que me proponho a defender, sem distinção de classe ou credos, as reivindicações do povo.

— Conta com um número certo de eleitores?

— Nunca fui político. Confesso que pouco entendo do assunto. Todavia, penso que nenhum candidato, por mais otimista que seja, pode determinar ao certo o número de seus eleitores. É como diz o meu bom amigo Carlos Brasil: "De cabeça de maluco e de bôjo de urna ninguém sabe o que poderá sair".

— Contará com o apoio dos centros espíritas umbandistas?

— Estou certo que sim. Tenho fé na gente da "banda" de que faço parte. Umbandista quando promete, cumpre.

— Pelas perspectivas, já se julga eleito?

— Não penso tal coisa. Aliás, devo dizer que tenho um medo horrível da teoria do "já ganhou".

— O que fará na Câmara, pela Umbanda?

— Tudo farei, não só pela umbanda, mas também pela terra carioca. Pela Umbanda, lutarei pela sua emancipação social e jurídica.

— De quem partiu a idéia de sua candidatura?

— Feitosa, um grande colaborador do "Jornal de Umbanda", e Edgar Menezes.

— Por qual partido é candidato?

— PSP, o partido de Ademar de Barros.



Átilla Nunes está flutuando em nuvens de felicidade. Desta vez conseguiu o que tanto queria.

A Átilla Nunes foi o deputado de maior votação no Partido Social Progressista. Lançou-se na campanha eleitoral, como candidato dos umbandistas. Para muitos, sua eleição constituiu uma surpresa, principalmente, quando se sabe que ele superou políticos de grande evidência. Átilla Nunes, feliz da vida, declarou:

— Xangô me deu a vitória! Os “bacuros de pomba” (umbandistas) foram leais, como eu esperava.

— Deve mesmo a Xangô a sua vitória?

— Sim! Recebi a ajuda dos meus companheiros da “MUAN” (Movimento Umbandista Pró Átilla Nunes), aliada ao apoio de um grande número de gente simpaticante do meu trabalho pelo rádio.

— Que fez em favor da Umbanda?

— Nos longos anos em que apresentei “Melodias de Terreiro”, pela Rádio Guanabara, realizei muita coisa útil pela minha Seita. Cerca de 2.000. Tendas foram encaminhadas às Federações, onde legalizaram sua situação jurídica. Centenas de irmãos receberam auxílio através do meu programa. Várias campanhas foram por mim realizadas para ajuda material de muitas Associações religiosas umbandistas.

— Como foi recebida a sua eleição?

— Para os umbandistas, um mo-

tivo de alegria já esperada. Para os que não conhecem a força da Umbanda, uma surpresa.

— Que pretende realizar como Constituinte?

— Trabalho, trabalho e trabalho. Procurarei desenvolver o meu esforço para o bem das boas causas do Estado da Guanabara. Apoiarei todas as iniciativas, mesmo de parlamentares pertencentes a outras correntes, desde que as mesmas sejam para o bem do povo.

— Nesse ponto, Átilla Nunes explicou que tem muito a fazer na futura Câmara, em favor dos Umbandistas. Vai agir de maneira que acabem os abusos, de certas autoridades policiais, contra a gente humilde dos terreiros. E, diante uma pergunta, explicou:

— Jamais me afastarei do microfone. Meu trabalho, em favor dos “bacuros de pomba”, também continuará no rádio. Meu programa, que saiu da Guanabara, passará a ser irradiado pela Rádio Copacabana. Mantereí contato com o público que me acompanha há cerca de 30 anos.

— O rádio prejudicará ou ajudará a carreira política?

— A função legislativa não obriga o radialista a afastar-se das suas atividades, diante do microfone. Jair Martins, Raul Brunini e outros, encontram meios de atender às duas coisas. Tentarei fazer o mesmo.

— Por que deixou a Rádio Guanabara?

— Não deixei. Apenas entrei em um período de licença. E obtive permissão para trocar o meu programa, “Melodias de Terreiro”, para outra emissora.

Foi o primeiro parlamentar eleito pelos umbandistas no Brasil, tendo se destacado pela conquista da mais importante aspiração dos seguidores dos cultos afro-brasileiros: o fim da perseguição religiosa por parte da então polícia carioca. Desencarnou na cidade do Rio de Janeiro em 26 de outubro de 1968.

Toda a trajetória de Átilla Nunes pode ser resumida na frase de sua autoria: “Umbanda unida, Umbanda forte!”

“Átilla Nunes goza de imenso prestígio entre os seguidores as leis de Umbanda, graças, principalmente ao programa “Melodia de Terreiro”, que apresenta à noite, pela Rádio Guanabara, e para o qual já escreveu inúmeros poemas e preces em louvor das Entidades Espirituais. Átilla Nunes já pintou também vários quadros sob inspiração mediúnica, entre eles “Pai Benedito”, “Filho do Fogo”, “Raio de Luz”, e, recentemente, “Janaína, que apresentamos ilustrando este texto.

Sobre seu último quadro (ele enviará cópias fotográficas a quem solicitar) e veterano radialista explica: Janaína é uma entidade que baixa em vários Terreiros do Rio e dos Estados, especialmente na Bahia. Janaína representa para muitos uma deusa cigana e para outros é uma Cabocla da Linha das águas”.



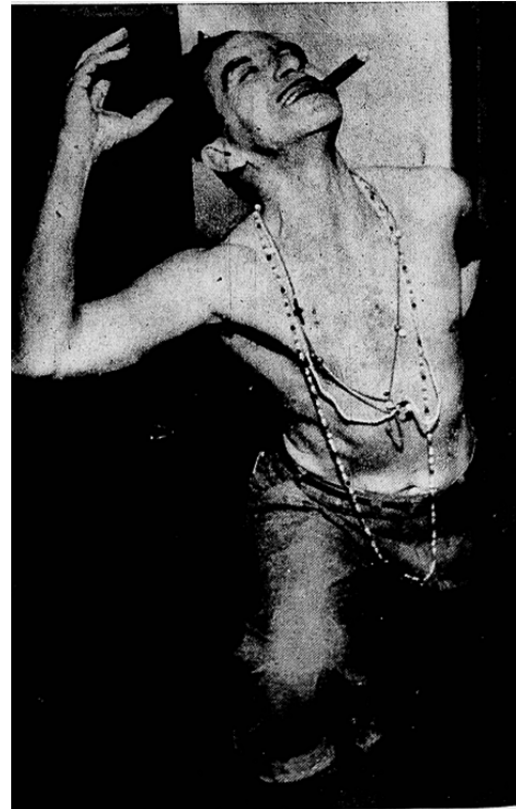
(Revista do Rádio – Rio de Janeiro – 1948 a 1970)

Defendeu, através de seus programas de rádio, o direito à liberdade de culto e o respeito à religião. Criou as Caravanas da Fé, realizando o primeiro cadastramento dos Terreiros do Rio de Janeiro. Escreveu preces e poemas, publicados mais tarde no livro recordista de vendagem “Antologia da Umbanda” No auge da era do Rádio, Átila Nunes comandou programas e lançou artistas, como Chacrinha, Chico Anísio, Luís Gonzaga e J. B. de Carvalho (João Paulo Batista de Carvalho 26/4/1901 – 24/8/1979) que se notabilizou como cantor de pontos de Macumba e pontos de Umbanda. Iniciou a carreira artística em 1931, liderando o Conjunto Tupi na extinta Rádio Cajuti, O Conjunto Tupi foi um dos primeiros a ter programa de Umbanda em rádio, durante muitos anos, além de realizar inúmeras gravações na Odeon. O grupo se apresentou na maior parte das emissoras cariocas, sendo frequentemente interrompido pela polícia, que invadia os auditórios de seus programas, quando as pessoas entravam em transe ao ouvir os pontos de macumba e orações. Foi preso inúmeras vezes, sempre dizendo que saía livre graças a sua amizade com Getúlio Vargas. A partir de fins da década de 1960 passou a gravar uma série de LPs de pontos de Macumba e pontos de Umbanda, muito vendidos em casas de artigos de Umbanda de todo o Brasil.



J. B. de Carvalho dá a benção a um consulente

Áttila Nunes era um umbandista honesto e sincero e tinha realmente muito amor à sua religião. Na sua coluna "Gira de Umbanda", na Gazeta de Notícias, escrevia artigos vibrantes e destemidos em defesa da Umbanda verdadeira e mostrando ao público as trapaças e deturpações dos falsos umbandistas.



Áttila Nunes manifestado com o Caboclo Pele Vermelha

Transcreveremos o corajoso artigo de Áttila Nunes do jornal Gazeta de Notícias:

GIRA DA UMBANDA – ÁTILA NUNES



Já vi muita bobagem, muita tolice, já assisti coisas na televisão que até hoje me fazem estremecer pelo total nonsense (nota do autor: "sem sentido"; é uma expressão inglesa que denota algo disparatado, sem nexo), dos participantes. Indivíduos despreparados, cidadãos sem a mínima base e conhecimento da Religião de Umbanda no seu aspecto doutrinário e científico.

Pessoas, enfim, sem traquejo para o diálogo, sem o preparo mental e psicológico para o debate, sem a mínima prática para falar em público e até mesmo sem a cultura que se faz necessária para as dissertações ou para responder aos entrevistadores da TV, têm comparecido a alguns programas e as tolices que proferem só têm contribuído para o demérito da nossa religião. Minha decepção (e a de milhares de irmãos umbandistas) é total quando vejo um presidente de uma entidade federativa ou um chefe de Tenda (programa “O Homem do Sapato Branco”, “Caso Isaltina”, etc.), gaguejar, titubear, e finalmente, ser derrotado num debate ao qual não deveria ter comparecido jamais.

Sinto-me triste, fico desanimado quando vejo um babalaô com seus filhos se exibindo na televisão (ou nos campos de futebol), dançando para uma plateia de leigos, desmoralizando a Umbanda (ou o Candomblé) com a amostragem de alujás, de “incorporações”, com demonstrações (na TV) dos nossos rituais, com tudo aquilo que jamais deveria ser exposto em público, isto é, fora de nossos Templos, dos nossos Terreiros.

Registro, ainda – com profunda tristeza – a inconsciência de alguns companheiros que, com suas exibições na TV, acarretam males terríveis à nossa Umbanda. Muito sofremos.

Muitas vitórias conquistadas pela nossa Umbanda ao longo desses últimos 10 anos têm-se diluído, vem se transformando em derrotas com as exposições de vaidade de certos chefes e malungos, com o exibicionismo de alguns irmãos nossos, com a mania de determinados cavalheiros (desejosos de fazerem seu cartaz a qualquer preço) de se projetarem, de se fazerem notados, de criarem uma popularidade a toque de caixa. Por tudo isso, jamais darei meu apoio a sonhos mirabolantes, jamais concordarei com exibições na televisão e combaterei, até o último instante de minha vida, os desfiles nos palcos ou nos estádios de esporte.

Não sou radical no meu ponto de vista, contrário à exteriorização de nossos rituais. Não chego a ponto de achar que devemos nos aprisionar em nossos abassás (nota do autor: Terreiro). Reconheço que não podemos ficar adstritos exclusivamente ao recesso de nossos Terreiros. Não, somos prisioneiros, não somos fanáticos, pesamos na balança do bom-senso os nossos atos, as nossas ações. Nossos bacuros (nota do autor: filho), nossos trabalhadores, não vivem manietados, não são escravos. Não impomos em nossa religião os rigores que são impostos aos frades, às freiras, aos pastores, aos batistas, e aos budistas, etc.

Ao contrário somos livres, praticamos o culto dentro de normas bastante liberais e até mesmo mais evoluídas do que as de outros cultos, de outras crenças.

Sou inteiramente favorável (e venho estimulando há 20 anos) as reuniões nas praias no dia 31 de dezembro, acho imprescindível às peregrinações às matas (macaias), preconizo constantemente, a necessidade de seguirmos os nossos preceitos com rigor; devemos manter os velhos hábitos, devemos fazer as nossas obrigações, nossos assentamentos, devemos ir à cachoeira, à praia e até mesmo (quando necessário) devemos ir à Kalunga Pequena (cemitério), ao Cruzeiro das Almas, à Kalunga Grande (mar).

Devemos salvar Olukum, Aloxum, Dandalunda, Inaê Mabo, Yemanjá, Janaína, as Iaras, etc. Devemos entregar nossos padês, nossos ebós, nossas oferendas, nossas “mesas”, nossos arcos”, em suma, devemos continuar umbandistas como foram nossos pais e nossos avós. É nosso dever mostrar a nossa convicção mantendo as nossas irradiações e tudo aquilo que herdamos dos nossos antepassados.

Sou totalmente favorável ao exposto nas linhas acima, já que no cumprimento sincero de nossas obrigações – não há o mínimo resquício de vaidade, não há exibição nessas atividades, nesses preceitos que fazemos fora de nossos Terreiros.

W. W. da Matta e Silva, o renomado escritor umbandista, o autor de numerosas obras dentre as quais destaco “Doutrina Secreta da Umbanda”, compareceu à televisão.

Sua presença no grande programa de J. Silvestre, “Show Sem Limite”, marcou mais uma vitória para a nossa Umbanda. Valorizou a nossa crença, revigorou as nossas convicções, reforçou as bases do grande Templo umbandista, representado por cerca de 80.000 tendas espalhadas em todo país.

Matta e Silva enfrentou as câmeras da TV Rio com dignidade, com respeito, com energia, com profundo conhecimento de causa, com o destemor dos guerreiros indômitos. Ressaltou o poder da crença umbandista.

Reafirmou sua fé, não titubeou, não gaguejou, argumentou com firmeza, com consciência, em linguagem simples e, ao mesmo tempo, erudita. Fez se compreender pelos leigos, pelos irmãos de fé e por todos aqueles que tiveram a felicidade de vê-lo e ouvi-lo no famoso “Show Sem Limite”;

Estou quase certo de que o insigne escritor e Tatwa W. W. da Matta e Silva está de acordo com os meus pontos de vista no que tange às exibições de Terreiros nos palcos ou nos estádios esportivos.

O querido Mestre Matta e Silva (que é rigoroso em suas apreciações sobre a prática do umbandismo) é, sem dúvida uma das vozes mais autorizadas, é um arauto do bom-senso, e um malango, a quem devemos prestar a nossa homenagem e, sobretudo, devemos respeitar (mesmo que às vezes discordamos de um ou outro ponto) a sua pregação que sabemos sincera. Nosso dever é ouvi-lo atentamente, devemos ler os seus livros com a certeza de estarmos ouvindo a voz de um mestre. Devemos nos curvar respeitosamente diante de seu talento, de sua cultura, dos seus profundos conhecimentos da Umbanda como religião, como filosofia e como ciência. Homens como W. W. da Matta e Silva, João de Freitas, Henrique Landi Jr., Cavalcanti Bandeira, Pena Ribas, Mauro Rego Porto e João Guimarães deviam ser convocados, de vez em quando, para nos proporcionar aulas de umbandismo, para fazerem pregações de alto nível como a que ouvimos segunda-feira última na TV Rio.

Os depoimentos, as considerações, as explicações que esses autênticos líderes podem nos fornecer diante das câmeras e microfones, viriam desfazer a má impressão deixada por alguns cidadãos que tanto diminuíram a Umbanda quando de suas aparições no horrível programa “O Homem do Sapato Branco” e nos entreveros sobre o “affaire” Isaltina e seu parceiro Sebastião Pedra d’Água (Bolha d’Água como disse nosso irmão Aranha).

As grandes vozes têm que ser ouvidas. Lutemos contra a palhaçada, contra a bisonhice, contra os vaidosos, contra os exibicionistas. Ergamos uma muralha invencível contra os destruidores da Umbanda! Utilizemos o poder dos nossos Guias, usemos as nossas forças espirituais para deter a onda de insensatez que ameaça nossa Religião.

Não podemos manter posição contemplativa diante das tolices arquitetadas pelos vaidosos, pelos fariseus, pelos “profiteurs” (nota do autor: do francês: aproveitadores) da ingenuidade de alguns que se aliam a tudo sem medir as consequências.

Acima de tudo, a nossa gloriosa Umbanda; acima de tudo a dignidade da nossa crença, dos nossos irmãos de santo que dão tudo de si pelo bem de todos”

(Trecho extraído da obra: Umbanda e sua História – Diamantino e Trindade – Editora Ícone)

BAMBINA BUCCI



Viúva de Átila Nunes, de quem se tornou braço direito e companheira inseparável na década de 40, Bambina Bucci é brasileira, descendente de italianos, tendo nascido numa fazenda em Batatais, no Estado de São Paulo, no dia 10 de junho de 1920.

Em 1948 nasceu seu único filho, Átila Nunes Filho, deputado desde 1970, maciçamente votado pelos umbandistas.

Inteligência viva, temperamento nervoso, agitado, Bambina Bucci fez o ginásio no Rio, completou seus estudos na terra bandeirante e diplomou-se na Escola Normal de sua terra natal.

Ingressou no rádio em 1940. Locutora, rádio-atriz, produtora de programas, umbandista convicta e dotada de grande facilidade de escrever, produziu dezenas de preces e poemas, destacando-se Mensagem da Fé, Oração do Enfermo, Prece ao Alto, Mensagem de Oxalá, Prece do Cruzeiro das Almas, Oração à Mãe de Jesus, Gratidão, Creio em Deus, Meditação, Procura a Tua Luz, Oração dos Cegos, Caboclo da Mata, Sete Penas Brancas, Mensagem de Lázaro e Prece do Presidiário.

A metapsíquica sempre exerceu grande fascínio sobre Bambina Bucci que, possuindo dons extraordinários de vidência-auditiva, prestou bons serviços aos que a procuravam imbuídos de fé. Grande parte de sua vida tem sido dedicada ao estudo do sobrenatural e dos fundamentos do espiritismo em todas as suas formas, principalmente no que tange ao culto religioso da Umbanda. Seu espírito de curiosidade, entretanto, leva-a a voltar, também, suas atenções ao esoterismo e até mesmo ao agnosticismo, doutrina que declara o absoluto inacessível ao espírito humano.

Vereadora eleita e reeleita por 16 anos para a Câmara Municipal do Rio, autora de dezenas de leis municipais que garantiram a igualdade religiosa, Bambina Bucci produziu e apresentou durante três décadas o Programa Melodias de Terreiro, o mais antigo programa do rádio brasileiro, hoje produzido e apresentado pelo seu filho, o deputado Átila Nunes Filho e pelo seu neto, Átila Nunes Neto, na Rádio Metropolitana AM 1090 do Rio de Janeiro, podendo ser acessado na primeira rádio web de Umbanda do Brasil.

Dos pontos cantados no programa “Melodias de Terreiro”, surgiram vários discos de vinil.

Rádio Melodias de Terreiro: (<http://www.radiomelodiasdeterreiro.com.br/>)

(<http://tendaespiritasaojorge.blogspot.com/2009/06/bambina-bucci.html> - com complementação do autor)

O trabalho de Átila Nunes e de Bambina Bucci não parou por aí.

Família Átila Nunes – 60 Anos em Defesa da Umbanda



Átila Nunes Filho, Átila Nunes Neto e Átila Alexandre Nunes

Átila Nunes Filho, carioca, nascido em 14 de dezembro de 1948, é pai de Átila Nunes Neto (falecido – (1973-2012) e Átila Alexandre Nunes. Umbandista, é deputado desde 1970, por umbandistas e candomblecistas pelo antigo Estado da Guanabara, manteve-se fiel aos ideais de seu saudoso pai. É autor de todas as leis que garantem a liberdade religiosa, bem como o respeito a todos os credos no Estado do Rio de Janeiro, considerado o estado da Federação com o maior número de leis que garantem a liberdade da prática religiosa. Iniciou sua atividade política em 1968, logo após o desencarne de seu pai, Átila Nunes. Átila Nunes Filho continua empenhado na união dentro da Umbanda e seu reconhecimento por toda a nação. Ele tem sido uma voz viva em defesa da Umbanda.

Em Defesa da Umbanda

O Portal “EM DEFESA DA UMBANDA” (www.emdefesadaumbanda.com.br) é uma rede de amigos e voluntários idealizado pela família Átila Nunes que tem como objetivo divulgar, orientar, esclarecer, catalogar, resgatar, educar e incentivar a cultura e a tradição relacionadas à religião de Umbanda. O combate à intolerância e à discriminação sofridas pela Umbanda e demais religiões de matrizes africanas é uma das principais bandeiras da equipe que participa desse portal. O Portal “Em Defesa da Umbanda” é um espaço destinado à cooperação virtual entre religiosos, frequentadores, dirigentes, sacerdotes, médiuns, ogãs, camponos, interessados, estudiosos, curiosos e entusiastas da nossa religião.

A NOITE

Domingo, 8 de junho de 1941

1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda

Em outubro proximo realizar-se-á nesta capital o 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, cuja finalidade visa uniformizar o ritual das praticas espiritas, bem como a codificação dos seus principios basicos. Promovem-no a Federação Espirita de Umbanda, recentemente fundada, e o jornal "O Caminhô", órgão da Tenda Mirim.

A comissão organizadora é composta dos Srs. Dr. Jayme Madruga, Alfredo Antonio Rego e Diamantino Coelho Fernandes, respectivamente vice-presidente, secretario e tesoureiro daquela Federação.

Para maior eficiencia e brilho do congresso, é pensamento dos que o promoveam sollicitar a presença de todos os confrades desta capital e dos Estados, adeptos ou não da Umbanda.

Pedem ainda lhes sejam enviadas sugestões, etc., sobre a melhor maneira de ser o mesmo reallizado.

A NOITE

Sábado, 18 de outubro de 1941

1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda

Sua instalação no dia 19 do corrente

Comunica-nos a Federação Espirita de Umbanda, que será instalado amanhã, o 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, ao qual serão apresentados trabalhos de grande valor filosofico, acerca dessa empolgante modalidade de praticas espiritas. Eis alguns dos trabalhos já concluidos: "Umbanda e os sete Planos do Universo"; "O Espiritismo de Umbanda na evolução dos povos"; "Legislação sobre liberdade religiosa no Brasil — Império e sua consolidação no Brasil-República"; "A Utilidade da Umbanda"; "Umbanda Racional"; "Umbanda e a Numerologia"; "Lei (e não linha) de Umbanda"; "Banhos de descarga e defumadores"; "Pontos" cantados e riscados".

A solenidade da instalação do Congresso realizar-se-á às 20 horas, à rua General Câmara, 313 - 1º andar, sendo a entrada franca para que possam assistir aos trabalhos deste Congresso todos os interessados, filiados, ou não ao Espiritismo de Umbanda. Das conclusões do Congresso procederá a Federação à codificação da História, Filosofia, Doutrina, Ritual, Mediumidade e Chefia Espiritual do Espiritismo de Umbanda.

1.º CONGRESSO BRASILEIRO DO ESPIRITISMO DE UMBANDA

Instalou-se Ante-Ontem o Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda



Aspectos do 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, no primeiro plano de pé, lendo a sua tese o sr. Diamantino Coelho Fernandes, ladeado pelo presidente da Federação Espirita e no segundo plano parte da numerosa assistência

Realizou-se, ante-ontem, a primeira sessão do Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda, na sede da Federação Espirita de Umbanda, à rua General Camara, 313.

A sessão foi aberta pelo presidente da F. E. U., dando a palavra ao secretário do Congresso, que falou das finalidades daquela reunião.

Estavam presentes todos os representantes das tendas filiadas.

Depois falou o secretário da Federação Espirita de Umbanda, que num discurso breve, justificou os pontos de vista da doutrina que professa.

Logo após, ocupou a tribuna o sr. Diamantino Coelho Fernandes, que com clareza absoluta, buscando nas doutrinas filosóficas indianas, egípcias e helenicas a origem da palavra "Umbanda", provou a sua significação perfeita.

Outros oradores discursaram com felicidade e eloquência, e por fim falou uma senhora adepta do Espiritismo de Umbanda, que foi vivamente aplaudida.

O congresso continua por toda a semana, encerrando-se domingo próximo.

Amanhã, daremos o programa das próximas reuniões.

1.º CONGRESSO BRASILEIRO DO ESPIRITISMO DE UMBANDA

Como Decorreram os Trabalhos Deste Certame



Aspectos da última sessão do 1.º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda. Vendo-se no primeiro plano a mesa presidida pelo sr. Eurico Lagdén Moerbeck, ladeado pelos Drs. Jaime Madrugá e Diamantino Coelho Fernandes; e no segundo plano um aspecto parcial da grande assistência.

A surpresa levantada em muitos dos espíritas desta capital, quando foi anunciado o Congresso do Espiritismo de Umbanda, encerrado no domingo último, deve ter a estas horas desaparecido, diante da magnitude dos trabalhos apresentados àquele certame.

Acompanhando o desenvolvimento de suas reuniões, desde a instalação a 19 deste mês, até ao encerramento, pudemos constatar o esforço dispendido pelos seus organizadores para levar a cabo tão empolgante tarefa.

Ali se debateram assuntos de grande transcendência e oportunidade, apoiados em dados autênticos, rebuscados em fontes de conhecimento perfeitamente identificadas, para se chegar à conclusão desta verdade: o Espiritismo de Umbanda, em vez de uma prática de magia vulgar, como a muita gente poderia parecer, é, ao contrário, uma corrente de pensamento com raízes históricas assáz profundas, mergulhadas em fontes de incontestável autoridade no mundo.

Constava do programa dos trabalhos deste primeiro Congresso a codificação da História, Filosofia, Doutrina, Mediu-nidade, Ritual e Chefia Espiritual.

E os trabalhos apresentados às suas oito reuniões consecutivas forneceram matéria superabundante para dela se extrair elementos de segurança a essa codificação.

No primeiro dia de trabalhos, foi apresentada pela Tenda Espírita Mirim uma tese do mais alto valor, acerca do Espiritismo de Umbanda na evolução dos povos, ao fim da qual se ficou sabendo que esta modalidade de práticas provem de uma das mais antigas fontes do conhecimento humano, pois que sua concepção e doutrina filosófica está apoiada nos "Vedas", os livros sagrados dos hindús.

Na segunda reunião, um outro trabalho igualmente interessante ali foi apresentado pela Tenda de São Jerônimo, acerca da Liberdade Religiosa no Brasil, desde o primei-

ro ante-projeto de constituição imperial em 1824 até ao Código Civil a entrar em vigor a primeiro de janeiro próximo.

Outros trabalhos cuja apreciação será feita mais tarde foram ali apresentados, atestando por si mesmos o nível intelectual dos seus autores, no louvável esforço de elevar ao seu justo nível, no conceito do público e das autoridades, o que se deve entender por Espiritismo de Umbanda. Voltaremos a nos referir mais detalhadamente aos demais trabalhos apresentados.

O encerramento do 1º Congresso do Espiritismo de Umbanda teve lugar ante-ondein perante uma casa superlotada, no mesmo local da instalação, e onde se realizaram todas as reuniões, á rua General Camara, 313-1º andar.

Ante-ondein, domingo, foram os congressistas homenageados pela Tenda Mirim, que lhes ofereceu uma recepção em sua sede em construção, á rua Ceará n. 57, onde foi servida uma mesa de doces e vinhos finos. Falaram por essa ocasião varios oradores, exaltando os sentimentos de fraternidade que unem neste momento todos os trabalhadores de Umbanda no Brasil.

Todas as orações improvisadas foram taquígrafadas pela senhorinha Laudelina Gama, que no desejo de colaboração para maior exito do Congresso, se ofereceu para fazer esse serviço graciosamente.

O IMPARCIAL

Rio de Janeiro, Domingo, 19 de Outubro de 1941

REUNIDOS EM ASSEMBLÉIA CABOCLOS E AFRICANOS

INSTALASE HOJE O PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DO ESPIRITISMO DE UMBANDA — OS SEUS OBJETIVOS EXPOSTOS A "O IMPARCIAL" PELO PRESIDENTE DA COMISSÃO ORGANIZADORA DA CONFERÊNCIA, DR. JAIME MADRUGA



O dr. Jaime Madruga falando ao redator de O IMPARCIAL

Por iniciativa da Federação Espírita de Umbanda, e na sua sede, à rua General Camara, 313, instala-se hoje, às 20 horas o 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, durante o qual serão estudados a codificação, a história, a filosofia, o ritual, a mediunidade e a chefia espiritual desta doutrina.

Guiados pelo convite com que fomos distinguidos para esse congresso, procuramos o presidente de sua comissão organizadora, o advogado Jayme Madruga, afim de pedir-lhe, para os leitores de O IMPARCIAL, uma exposição dos objetivos dessa reunião dos praticantes. O operoso causidico, que também é o 1º vice-presidente da Federação Espírita de Umbanda e presidente da Tenda

São Jeronimo, gentilmente aquiescer ao nosso desejo, esclarecendo, de início:

— Eu preferiria falar na presença dos meus companheiros de comissão, Alfredo Rego, funcionário do Ministério da Educação e Saúde e Diamantino Fernandes, seu colega de imprensa, chefe de publicidade do "Jornal do Comércio". Mas, na ausência deles, e dada a urgência que me alega, estou à sua disposição.

Depois de nos informar que mais de trinta centros e tendas espíritas de Umbanda estão inscritos como membros efetivos do congresso, representando se-

Depois de nos informar que mais de trinta centros e tendas espíritas de Umbanda estão inscritos como membros efetivos do congresso, representando seguidores da doutrina desta capital, do Estado do Rio, de São Paulo, da Baía, de Pernambuco etc. e que são inúmeras também as inscrições individuais, posstrivou o dr. Jayme Madruga.

— O congresso proposto e organizado com os melhores índices de sucesso pela Federação Espirita de Umbanda, tem vários objetivos imediatos, todos eles igualmente importantes. Preliminarmente desejamos anular as prevenções que pessoas pouco informadas a respeito da lei de Umbanda ainda nutrem sobre a inteligência e o grau de cultura de seus filiados.

O **espiritismo de Umbanda** é uma religião com mais de dez mil anos de existência e durante todos estes milênios foi seguida por homens cultos, como ainda hoje podemos ver, pertencentes às mais cultas classes sociais. O presidente de nossa Federação, o sr. Eurico Lagden Moerbeck, é um ativo e eficiente servidor do Estado, como chefe de seção do Departamento dos Correios e Telégrafos. Inteligências brilhantes apresentarão durante o congresso teses de valor mental indiscutível, acudindo-nos à lembrança, entre outros, o nome do dr. Maurício Marques Lisboa, advogado e jornalista, secretário da Agência Havas, que não se constrange, mas antes tem a maior satisfação de ser conhecido como 2º vice-presidente da nossa Federação e presidente da Tenda de Santa Barbara. Não se trata, portanto de ignorantes, e nem se assim fosse poderia eu apresentar-lhes uma tese, como o farei, com o título de: "A liberdade religiosa no Brasil e o espiritismo em suas modalidades perante as leis". Cito a minha tese, apenas para mostrar a seriedade dos assuntos que nos ocuparão no decorrer do congresso. Os outros versarão pontos de história, filosofia, etc., porventura mais profundos do que esse com que ocuparei a atenção dos congressistas.

BRASIL, GUIA ESPIRITUAL DO MUNDO

Prosseguindo, acentuou o nosso entrevistado:

— A civilização segue a marcha do sol e a sua evolução já chegou até nós. A Europa teve a sua hora. Agora é a América que conduz o mundo. Os Estados Unidos têm a força material;

a mentalidade utilitária do seu povo coloca num segundo plano os problemas do espírito. O primado espiritual da humanidade, se ainda não é inteiramente do Brasil, chegará a sê-lo muito proximoamente. Somos hoje o povo mais idealista, mais espiritualista de todo o mundo. E nisto devemos ver uma predestinação preparada com os homens primitivos que aqui viveram, os selvagens e os escravos que, de acordo com a doutrina espírita, viveram vidas anteriores, em condições sociais diferentes, como poderão já estar de novo reincarnados entre nós mesmos ou em terras distantes.

UMBANDA E QUIBANDA

Após uma ligeira pausa, prosseguiu o presidente da Tenda São Jerônimo, oferecendo-nos uma lição de etimologia:

— Umbanda originariamente se compõe de "Um" ou "On" ou ainda "Aun" que significa "Deus", ou "enviado de Deus", fonte do Bem; desde modo temos que Um-banda é da "banda de Deus" da "banda do Bem". É a "magia branca" do vulgo. Em contraposição, "Qui", representação do Mal, é o prefixo de Quibanda, a "magia negra" orientada pela força do Mal. Não faço esta divagação etimológica sem razão. O que quero é tornar mais sensível a distinção, que o povo dificilmente concebe, entre "magia branca" e "magia negra". Mas essa distinção é fácil e se revela elementarmente. A "magia branca" é praticada com um sentido puramente espiritual e visando o bem; os seus agentes nada recebem pelo seu trabalho e os associados das tendas não são compelidos nem ao pagamento de uma mensalidade, qualquer contribuição que façam para os serviços da sede social sendo francamente espontâneos. Ao contrário, os que praticam a "magia negra" exigem paga imediata e no seu materialismo não trepidam em provocar qualquer malefício.

Compreendendo esta clara diferença é que o poder público tolera o **espiritismo de Umbanda**, a "magia branca", e reprime energicamente o baixo e perverso espiritismo da "magia negra". Ainda há pouco o major Chefe de Polícia, contrariando a opinião de um comissário de polícia, que negara licença para funcionamento de uma tenda de Umbanda, no seu Distrito, despachou favoravelmente a petição dos interessados, afirmando que a Constituição garante a liberdade de religião.

UMBANDA E OUTRAS RELIGIÕES

Passou, em seguida, o dr. Jayme Madruga a desenvolver um interessante ponto de história das religiões, dizendo:

— O espiritismo de Umbanda é uma doutrina e uma prática religiosa que remonta às mais antigas e limpidas fontes da formação espiritual da humanidade. Nela se inspiram todas as outras religiões, que lhe são posteriores. Os mais antigos povos praticaram a "magia branca", com o mesmo virtual espírito religioso com que hoje ainda o fazemos: os egípcios, os abissínios, os gregos e os romanos. Dai a nossa tolerância em face de todas as religiões. Dentro das tendas de Umbanda é vedada qualquer discussão neste sentido, porque com todos temos as mais evidentes afinidades. Não pretendemos com isto dizer que nos arrogamos uma primazia que estaria em desacordo com a própria humildade e pequenez dos conhecimentos que possuímos. Respeitamos a orientação Kardecista do chamado "espiritismo científico", ou "de mesa", cujos adeptos nos acusam de desvirtuamento da doutrina espírita pelo fato de, às vezes indicarmos remédio para males corporais. Não negamos que assim procedemos. Mas assim procedemos ainda por caridade cristã; seguindo os exemplos de Jesus, que também curou a aleijados e deu vista a cegos. O fundamento da lei de Umbanda, entretanto, é primordial e fundamentalmente espiritual. Eu poderia mostrar pontos de contacto da nossa, com qualquer outra religião. Isto, porém, seria demasiado longo. Basté-nos estabelecer um ligeiro confronto com a religião católica. Como esta e como os mais antigos cultos de fetiches, temos imagens, cantos, ritual e até comunhão.

A começar por Jesus, que é o nosso guia espiritual supremo, veneramos todos os santos da igreja católica, embora invocando-os sob as denominações africanas que já nos são familiares: Oxalá é Jesus; Ogum, São Jorge, São Miguel ou qualquer dos arcanjos; Oxóce, São Sebastião; Oxangô, Santa Bárbara; Ibeji, São Cosme e São Damião; abrangendo a falange das crianças; Abaluaíê, S. Sebastião; Yamanjá ou Oxun, Nossa Senhora, e até o diabo do catolicismo reconhecemos na similitude africana de Exú, significando as falanges do Mal

De todos os santos temos estampas e imagens nos nossos centros, não por idolatria, mas para facilitar à volubilidade humana concentrar-se melhor nas suas preces aos espíritos de Luz.

PRÁTICAS SÓ PERMITIDAS AOS INICIADOS

O reporter pediu ao jovem e brilhante doutrinador espírita esclarecer melhor o ritual e a comunhão da lei de Umbanda aos quais aludira, visto que a existência de imagens e a prática de cantos nas tendas, é do conhecimento de todos.

— O ritual — respondeu-nos — só em parte é conhecido dos frequentadores dos centros. Outras religiões, também, e através, dos séculos, reservaram apenas, para os seus iniciados, o conhecimento de uns tantos ritos. A confissão católica é um exemplo. Mas, quanto à nossa comunhão, ela se faz mais ou menos publicamente com várias substâncias para as quais pedimos os fluidos ou graças dos espíritos superiores: água pura, leite, vinho, cachaça e até pão.

Encerrando a sua interessante palestra com o nosso redator, insistiu o dr. Jayme Madruga:

— O sentido filosófico da doutrina de Umbanda não pode ser esplanado numa rápida entrevista. Vá às sessões do congresso, para a satisfação, ao menos, da sua curiosidade pessoal. Ouça as teses que serão lidas e venha, depois, sem constrangimento de opinião, trazer-me as suas impressões.

Em 1941, alguns líderes umbandistas realizaram no Rio de Janeiro o 1º Congresso de Espiritismo de Umbanda com a participação de alguns umbandistas de São Paulo. Esse Congresso pretendia ser de âmbito nacional, porém acabou sendo apenas um evento local. Dentre os objetivos desse Congresso podemos destacar: a preocupação com a desafricanização e uma tentativa de criar uma codificação para a Umbanda. Essa temática voltou a ser abordada no 2º Congresso, realizado em 1961 e no 3º realizado em 1973. Várias tentativas de codificação foram tentadas isoladamente, por alguns autores, tanto no sentido de codificar, como de evangelizar a Umbanda. Isso permitiu a alguns escritores, conseguir relativo sucesso no mercado literário umbandista. É bom lembrar que o 1º Congresso aprovou as Sete Linhas de Umbanda propostas por Leal de Souza.

Vamos apresentar o introito deste Congresso, a fim de nos inteirarmos do seu conteúdo:



Detalhe do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda em 1941 no Rio de Janeiro.

ESPIRITISMO DE UMBANDA – INTRODUÇÃO

As práticas espíriticas no Brasil veem se desenvolvendo há mais de meio século, contando hoje com um ativo assas numeroso de bons serviços prestados às classes menos favorecidas, quer na parte doutrinaria propriamente dita, quer na parte moral, educativa, e na experimentação fenomênica.

Introduzido neste país poucos anos após o aparecimento das obras de Kardec, no último quartel do século passado, o maior desenvolvimento do Espiritismo operou-se principalmente na parte religiosa, que é o trabalho dos dirigentes dos Centros Espíritas com a finalidade de implantar a fé no coração das massas, despertando nelas o sentimento de fraternidade e amor ao próximo.

Neste sentido a codificação realizada por Allan Kardec ainda constitui a obra fundamental sobre a qual se baseiam os espíritas do Brasil, desconhecendo a maioria dos adeptos desta corrente de pensamento filosófico a grande bibliografia oriental, de cuja fonte multimilenar emanaram todas as seitas, crenças e filosofias, o Espiritismo inclusive.

A reunião do 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, em outubro último, veio trazer uma nova luz ao estudo do Espiritismo entre nós, com a investigação criteriosa a que se entregaram os seus organizadores, em torno desta modalidade de práticas espíritas, cujo número de adeptos cresce de modo notável por toda parte.

Pode, mesmo, dizer-se, que o Espiritismo no Brasil acaba de transpor os umbrais de uma nova era com a realização deste primeiro Congresso, cujo êxito excedeu a todas as expectativas, tanto no número e qualidade dos estudos apresentados, quanto no volume da assistência que ali compareceu durante as oito noites consecutivas de suas reuniões.

A IDÉIA DO CONGRESSO

O conceito alcançado entre nós pelo Espiritismo de Umbanda nestes últimos vinte anos de sua prática, deu motivo à fundação nesta capital de elevado número de associações destinadas especialmente a esta modalidade de trabalhos, cada qual procurando desempenhar-se a seu modo, para atender a um número sempre crescente de adeptos. Sua prática variava, entretanto, segundo os conhecimentos de cada núcleo, não havendo, assim, a necessária homogeneidade de práticas, o que dava motivo a confusão por parte de algumas pessoas menos esclarecidas, com outras práticas inferiores de espiritismo.

Fundada a Federação Espírita de Umbanda há cerca de dois anos, o seu primeiro trabalho consistiu na preparação deste Congresso, precisamente para nele se estudar, debater e codificar esta empolgante modalidade de trabalho espiritual, a fim de varrer de uma vez o que por aí se praticava com o nome de Espiritismo de Umbanda, e que no nível de civilização a que atingimos não tem mais razão de ser.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

Em sua reunião do mês de Junho do ano passado, a Diretoria da Federação Espírita de Umbanda nomeou a Comissão abaixo para organizar o Congresso, tarefa que por mais de uma vez a mesma julgou superior às suas forças, tais as dificuldades encontradas para a realização de semelhante desiderato. Assistida, entretanto, em todos os momentos, pelos Mensageiros invisíveis do Bem, Mestres e Instrutores dos trabalhadores de Umbanda, a Comissão apresentava em fins de Julho seguinte o esquema do programa elaborado para o referido certame, em torno de cujos pontos deveriam girar os trabalhos a serem apresentados em plenário.

REUNIÕES PREPARATÓRIAS

No sentido de colher elementos de estudo e coordenar os trabalhos em andamento, a Comissão Organizadora, sempre assistida pelo presidente da Federação Espírita de Umbanda, Sr. Eurico Lagden Moerbeck, efetuou várias reuniões preparatórias do Congresso, durante as quais desejou ouvir a palavra autorizada dos Guias espirituais das Tendas acerca da orientação a seguir.

A primeira reunião teve lugar, assim, na “Tenda de São Jerônimo”, em fins do mês de Agosto, ao fim da qual a Comissão Organizadora melhor pôde estimar o vulto dos obstáculos a vencer, diante da desorientação que ali se patenteou acerca dos fins colimados. Não desanimaram, porém, os seus componentes. Na reunião seguinte, efetuada em princípios de Setembro na “Tenda Humildade e Caridade”, uma luz mais forte se projetou sobre a Comissão, firmando-se desde então o roteiro pelo qual a mesma deveria seguir dali por diante. Nova reunião teve lugar na “Tenda de São Jorge”, ainda no mês de Setembro, com um novo êxito para o andamento dos trabalhos, pois que novos esclarecimentos foram trazidos à Comissão Organizadora pelos Guias Espirituais, os quais se manifestaram satisfeitos com o que vinha sendo realizado, e que mais não era do que a execução de planos previamente traçados no Alto.

A quarta reunião preparatória verificou-se na “Tenda de Nossa Senhora da Conceição”, a 5 de Outubro, na qual se estudaram novos aspectos dos trabalhos em preparo, recebendo-se por intermédio dos Guias espirituais cujos médiuns ali compareceram, uma nova exortação ao trabalho preparatório do Congresso, cujas linhas principais estavam sendo traçadas com o agrado dos nossos Instrutores invisíveis.

Uma quinta e última reunião foi realizada já às vésperas do Congresso, com a presença de quase toda a Diretoria da Federação Espírita de Umbanda, vários médiuns chefes de Terreiro de Tendas ainda não ouvidas e representantes especiais de outras, durante a qual foram ultimados os preparativos e traçado o programa definitivo dos trabalhos, programa este que foi cumprido nas reuniões de 19 a 26 de Outubro de 1941.

O PROGRAMA

Foi este o programa elaborado pela Comissão Organizadora do 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda:

- 1) HISTÓRIA** — Investigação histórica em torno das práticas espirituais de Umbanda através da antiga civilização, da idade média até aos nossos dias, de modo a demonstrar à evidência a sua profunda raiz histórica.

- 2) **FILOSOFIA** — Coordenação dos princípios filosóficos em que se apóia o Espiritismo de Umbanda, pelo estudo de sua prática nas mais antigas religiões e filosofias conhecidas, e sua comparação com o que vem sendo realizado no Brasil.
- 3) **DOCTRINA** — Uniformização dos princípios doutrinários a serem adotados no Espiritismo de Umbanda, pela seleção dos conceitos e recomendações que se apresentarem como merecedoras de estudo, para o maior esclarecimento dos seus adeptos.
- 4) **RITUAL** — Coordenação das várias modalidades de trabalho conhecidas, a fim de se proceder á respectiva seleção, e recomendar-se a adoção da que for considerada a melhor delas em todas as Tendas de Umbanda.
- 5) **MEDIUNIDADE** — Coordenação das várias modalidades de desenvolvê-la e sua classificação segundo as faculdades e aptidões dos médiuns.
- 6) **CHEFIA ESPIRITUAL** — Coordenação de todas as vibrações em torno de Jesus, cuja similitude no Espiritismo de Umbanda é “Oxalá”, o seu Chefe Supremo.

Encerrando a presente exposição julgada necessária pela Comissão abaixo, como introdução à leitura dos trabalhos enfeixados no presente volume, os quais constituem o maior esforço até hoje realizado no Brasil acerca do Espiritismo de Umbanda, um apelo aqui se consigna a todos os estudiosos da matéria, no sentido de uma contribuição mais ampla a ser enviada ao II Congresso, projetado para o ano de 1943. Rio de Janeiro, Maio de 1942.

A Comissão Organizadora do Congresso: JAYME S. MADRUGA — ALFREDO ANTÔNIO REGO — DIAMANTINO COELHO FERNANDES.

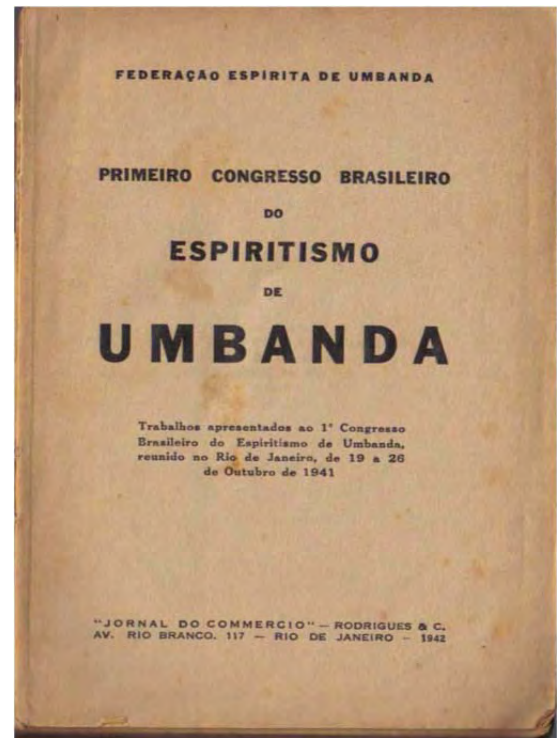
Desse Congresso surgiu o livro do 1º Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda.

A NOITE — Sábado, 26 de setembro de 1942

Espiritismo de Umbanda

A Federação Espirita de Umbanda acaba de editar em volume os trabalhos apresentados ao 1.º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, reunido em outubro do ano passado nesta capital, no qual foram codificados os seguintes princípios: História, Filosofia, Doutrina, Ritual, Mediunidade e Chefia Espiritual. Do volume constam, entre outros, os seguintes trabalhos: “O Espiritismo de Umbanda na evolução dos povos”; “A liberdade religiosa no Brasil”; “Utilidade da Lei de Umbanda”; “Umbanda e os sete planos do Universo”; “Umbanda, suas origens, sua natureza e a sua forma”; “Banhos de Descarga e Defumadores”; “Numerologia, modalidade mediúnica”; “O Espiritismo de Umbanda como Religião, Ciência e Filosofia”; “A medicina em face do Espiritismo”; “Chisto e seus auxiliares”; “Pontos cantados e ris-

cados”; “O ocultismo através dos tempos”; “Introdução ao estudo da Linha Branca de Umbanda”. O trabalho gráfico foi executado nas oficinas do “Jornal do Comércio”, apresentando em sua capa uma curiosa simbologia relacionada com o Espiritismo de Umbanda.



“Neste Congresso foi apresentada tese pela Tenda S. Jerônimo, propondo a descriminalização da prática dos rituais de Umbanda. O autor, Dr. Jayme Madruga, a par de um minucioso estudo de todas as constituições já colocadas em vigência no Brasil, busca também em projetos como o da Constituição Farroupilha e nos códigos penais até então vigentes e no que haveria de vigorar após 01 de janeiro de 1942, os argumentos mostrando que o caminho da Umbanda começava a ser aberto e que caberia aos Umbandistas buscar acelerar o processo com declarações e resoluções partindo daquele congresso, em prol da descriminalização da prática da Umbanda. Em 1944, vários umbandistas ilustres, entre eles vários militares, políticos, intelectuais e jornalistas, apresentam ao então Presidente Getúlio Vargas um documento intitulado “O Culto da Umbanda em Face da Lei” e consegue daquela autoridade a descriminalização da Umbanda. Este fato, que foi extremamente positivo, trouxe como subproduto uma perda de identidade muito grande. Por parte de nossa religião, uma vez que todos os Terreiros, das mais variadas seitas, incluíram em seus nomes a palavra Umbanda como forma de fugir à repressão policial. Como nossa religião, nessa época, não tinha um rito claramente definido e nem a formação de sacerdotes, o que gera uma hierarquia, a Umbanda ficou à mercê dessa deturpação; outro fato que fortaleceu essa descaracterização foi que, sendo um período de crescimento, não se buscava a qualidade dos Terreiros que se filiavam à Federação, ou à União que lhe sucedeu, e, finalmente, ao CONDU”. (<http://povodearuanda.files.wordpress.com/2008/07/correio-da-umbanda-2007-06-edicao-18.pdf>)



ENTREVISTA COM O CAPITÃO PESSOA

Jornal Correio da Noite, 17 de novembro de 1944

Nesta entrevista, José Álvares Pessoa fixa a situação das 500 mil pessoas que se dedicam aos fenômenos psíquicos no Distrito Federal. Nesse momento diversas reportagens abordavam a questão judicial suscitada pela família de Humberto de Campos, à propósito dos direitos autorais referentes às obras psicografadas por Chico Xavier. Tais reportagens aguçaram a curiosidade da opinião pública sobre os temas espiritualistas, tão em voga na época. Mostra ainda a necessidade de licença policial para exercer a função de sacerdote. O Capitão Pessoa era considerado uma autoridade sobre o assunto e, assim se expressou nas suas considerações iniciais:

– É curioso observar o extraordinário aumento que se vem registrando na frequência das casas que entre nós se dedicam aos estudos e à prática do espiritismo. O fenômeno é, sobretudo impressionante no Distrito Federal, onde de dia para dia surgem mais núcleos de irradiação, sejam "centros", "tendas", "cabanas", ou que nome tenham, todos funcionando sempre apinhados e acusando frequência cada vez maior. O fato, a nosso ver, se justifica pelas condições do momento excepcional que vivemos. O mundo passa por uma tremenda crise de sofrimento. Nos campos de batalha imperam a morte e a devastação. Fora deles, choram os indivíduos e as famílias a perda dos entes queridos que morreram na luta e sofrem as angustias da incerteza quanto à sorte dos que ainda permanecem de armas na mão. Há milhões de indivíduos sem pão, milhões de crianças chorando com fome ou definhando por falta de alimentação adequada. A geração que surge vem marcada com os sinais da inferioridade resultante de todas essas coisas, tanto no físico, como no moral, como na esfera espiritual. Nunca se chorou tanto, nunca se sofreu tanto, como nos dias tristes que vivemos. E é justamente a infelicidade, o sofrimento, que mais impele o indivíduo para as coisas do Espírito. A doutrina espírita. Abrindo à alma humana horizontes novos, dando-lhe a certeza de que não sejam suscetíveis de redenção, que não há condenações eternas e inexoráveis, que a justiça divina se exerce através da divina misericórdia e que uma e outra são infinitas e perfeitíssimas, e a cada pecador, por mais tremenda que seja a falta cometida, por mais fragorosa que tenha sido a queda, proporcionam oportunidades para se redimir completamente, para se aperfeiçoar, para se purificar, e, portanto, para subir na escala espiritual. É a essas condições que atribuímos a vitória sempre crescente da causa espírita e o grande, o formidável impulso que está tomando agora.

O jornalista indaga sobre a diversidade de crenças espíritas; e o entrevistado esclarece:

– Não há, propriamente, diversidade de crenças espíritas. Há diversidade de ritual. Os fenômenos espíritas começaram a ser estudados de maneira metódica, racional, por Allan Kardec, que foi o codificador do espiritismo. Mas há manifestações espíritas que se realizam sob outro ritual, constituindo o chamado espiritismo de Umbanda. É o que realizavam nossos antigos africanos, que o trouxeram da África. A sua prática é, por certo, antiquíssima e fora impossível fixar-lhe a origem. O ritual é diferente, as manifestações também são diferentes do espiritismo de Kardec, mas umas e outras são manifestações espíritas. Como em certas religiões há diversidade de ritual, conforme os povos que a praticam, também no espiritismo o mesmo se verifica. Mas, em última análise, Umbanda e Kardec são folhas do mesmo tronco – o espiritismo – que, por sua vez, como as outras crenças, constituem ramos de uma árvore comum – a fé religiosa.

A CONFRATERNIZAÇÃO DOS ESPÍRITAS

– É verdade, responde o Sr. Pessoa a uma pergunta nossa, que vimos trabalhando no sentido de obter-se íntima aproximação entre os que se dedicam ao espiritismo, seja qual for o ritual que sigam. Se as fontes da nossa doutrina é a mesma, se um só é o nosso objetivo – o aperfeiçoamento espiritual – não se justifica que vivamos isolados uns dos outros. Ao contrário, o que é certo é que nós nos completamos. Nenhuma outra religião pode oferecer ao pensamento humano o que oferecemos – um formidável acervo de verdades comprovadas por cientistas da mais alta responsabilidade e de renome universal, mediante experiência com todos os rigores dos métodos científicos. Sim, porque nós temos o chamado "espiritismo científico", que se dedica a estudar os fenômenos espíritas à luz dos conhecimentos e das técnicas científicas mais exigentes. É só no espiritismo que isso se vê. Mas, como dizia, procuramos articular entre si todos os que se dedicam ao espiritismo, para maior segurança do progresso da crença espírita e mais fácil realização dos nossos objetivos, que, como já disse, se resumem no aperfeiçoamento espiritual. O movimento inicial nasceu no espiritismo de Umbanda. Com essa finalidade, foi fundada a União Espiritualista Umbanda de Jesus, que visa a articulação de todos os centros em que se pratica o espiritismo de Umbanda em todo Brasil, e principalmente no Distrito Federal, onde, aliás, essa doutrina atingiu surpreendente desenvolvimento. Queremos uniformizar a nossa liturgia, o nosso ritual, a orientação seguida para o preparo dos sacerdotes de Umbanda. Depois virão outros itens do programa, inclusive a assistência social aos que se dedicam à nossa crença.

Os nossos irmãos de Kardec já têm as suas agremiações, como essa pujante Federação Espírita Brasileira que congrega centenas de centros de sua especialidade. Têm eles, ainda, obras notáveis que não devem ser esquecidas, pela sua alta benemerência social – o Hospital de Clínicas Allan Kardec, o Abrigo das Crianças, e o Abrigo dos Velhos, pertencentes à União dos Discípulos de Jesus, o Abrigo Tereza de Jesus e outros. Aí está. Congregando todas essas entidades, teremos realizado uma admirável obra de confraternização religiosa, que há de marcar época, permitindo o aperfeiçoamento cada vez maior do nosso corpo de doutrina.

OS ESPÍRITAS PERANTE A SOCIEDADE

– E os espíritas não pretendem arregimentar-se para as suas reivindicações? Pergunta o jornalista.

– Com o Divino Mestre, eu lhe direi que o nosso reino não é deste mundo. O que nos preocupa precipuamente é o aperfeiçoamento espiritual. Encaramos a nossa presença neste mundo como uma passagem fugaz, que pedimos a Deus seja a mais curta possível. Aqui estamos para realizar uma tarefa de aperfeiçoamento. Quando adquirimos um corpo humano, com todas as suas deficiências e inferioridades, com todas as suas fraquezas, e todos os males que o acometem, estamos trabalhando pela nossa purificação, através do sofrimento. A morte para nós é uma redenção. Que recebemos com alegria e gratidão. Por isso mesmo, temos os olhos voltados sempre para a eternidade. Mas, aqui estando no desempenho de uma missão que a misericórdia divina nos deu, da melhor maneira possível. Não podemos olvidar os deveres que temos para com os nossos semelhantes, para com as nossas famílias e para com o Estado. A Cesar o que é de Cesar, a Deus o que é de Deus... O espírita, por isso mesmo, deve ser bom cidadão, cumprindo a rigor os seus deveres, para com o país e para com a Sociedade, dentro da ordem, do trabalho e da solidariedade humana. E – digam as nossas autoridades – o espírita é em geral bom cidadão. Não se veem agremiações espíritas perturbando a ordem pública, conspirando contra a estabilidade das instituições, fazendo revoluções. Não se registrou o quintacolonismo (*Quinta-coluna é uma expressão usada para se designar todo àquele que atua dentro de um grupo, praticando ação subversiva ou traiçoeira, em favor de um grupo rival. O termo surgiu durante a guerra civil espanhola (1936-1939) para designar a comunidade de madrilenhos simpatizantes do general Francisco Franco*) entre os espíritas.

Cumpre-nos colaborar na vida com elevação e patriotismo. É justo que também colaborem no aperfeiçoamento das nossas leis e das nossas instituições. Não falhamos jamais ao cumprimento de nossos deveres cívicos. Atualmente, ainda não dispomos de completa liberdade de ação. O espiritismo ainda não obteve integral liberdade de culto. Ainda somos olhados com desconfiança, ainda dependemos de autorização e fiscalização policiais para a instalação dos nossos templos e para a celebração dos atos do nosso culto. Os nossos sacerdotes ainda são previamente fichados e licenciados pela Polícia. É só o espiritismo que pode apresentar ao exame de consciência universal esse crisol.

Mas, compreendemos ainda nisso uma provação, que um dia há de desaparecer. Todas as religiões foram recebidas com desconfiança, muitas foram perseguidas e oprimidas. Nos primeiros tempos do cristianismo, os cristãos só podiam respirar os ares das catacumbas. O sangue dos mártires ensopou as arenas de Roma. É verdade, porém, que o estoicismo dos cristãos e a sua fé inquebrantável abalaram o ânimo dos seus perseguidores e propiciaram ao cristianismo a vitória magnífica que deu ao mundo a civilização ocidental. O espiritismo também há de transpor a fase negativa, em que se lhe recusa o elementar direito à liberdade de culto, concedido indistintamente às demais religiões. As leis – bem o compreendemos – retratam o pensamento dominante na época em que são feitas, mas o progresso lhes vai indicando e impondo modificações que as aperfeiçoam.

O nosso código Comercial, por exemplo, foi feito ao tempo em que a navegação transoceânica se fazia a vela. Isso não impediu que se mantivesse em vigor até hoje, o que prova a excelência da obra, muito embora leis posteriores – e até leis não escritas, mas resultantes dos usos e costumes – viessem ajustando, aqui ou ali, o seu texto às conquistas do progresso. Assim há de ser também com o que interessa ao espiritismo. O progresso há de vir. Os espíritas não constituem apenas uma meia dúzia desprezível de indivíduos. Mais trinta e seis mil, já preparados, aguardam apenas licença policial para o início do seu alto ministério espiritual. Convém lembrar que os nossos sacerdotes, os médiuns, além da preparação religiosa, passam por uma seleção muito rigorosa, do ponto de vista médico, só começando a trabalhar depois de declarados física e mentalmente aptos e de registrados na Polícia, o que pressupõe, também, atenta investigação de antecedentes. Só um dos nossos templos – a Tenda Mirim – utiliza mil e seiscentos médiuns, devidamente registrados, e acusa uma frequência mensal superior a quarenta mil pessoas.

É preciso notar que não podem frequentar as cerimônias espíritas os menores. Computadas as crianças, filhas de pais espíritas, a quanto montará a população espírita do Distrito Federal? E a do Brasil? Só as estatísticas oficiais poderão revelar com segurança a situação, que nós bem conhecemos. Não pretendemos fundar nenhum partido político, conforme já se nos perguntou. Não temos preocupações políticas. Examinaremos serenamente os programas com que se apresentarem à consciência cívica do país os candidatos, no momento oportuno, e então fixaremos a orientação a seguir pelos que quiserem ouvir o nosso conselho.

OS CONGRESSOS DE UMBANDA: 1941 - 1961 - 1973 - REALIZADOS DO RIO DE JANEIRO

A partir de 1939, o Movimento Umbandista começou a ganhar corpo e estruturar-se a fim de obter o status de religião brasileira. Primeiro, criou-se a Federação Espírita de Umbanda nesse mesmo ano, atual União Espiritista de Umbanda do Brasil, cujo objetivo primordial era servir de interlocutor entre os Templos filiados, o Estado e a sociedade. Depois promoveu-se o Primeiro Congresso Brasileiro de Espiritismo de Umbanda (1941), cuja finalidade era a unificação do culto e a normatização de uma doutrina mínima.

A NOITE — Terça-feira, 29 de setembro de 1942

A instalação da sede da Federação Espírita de Umbanda

A “Federação Espírita de Umbanda”, inaugurou sua sede à Praça Tiradentes n. 60, 5.º andar, sábado.

As solenidades obedecerão ao seguinte programa:

Às 15 horas — Inauguração da sede. Sua abertura e franqueamento à Imprensa, sendo nessa ocasião oferecido uma taça de champagne aos seus representantes.

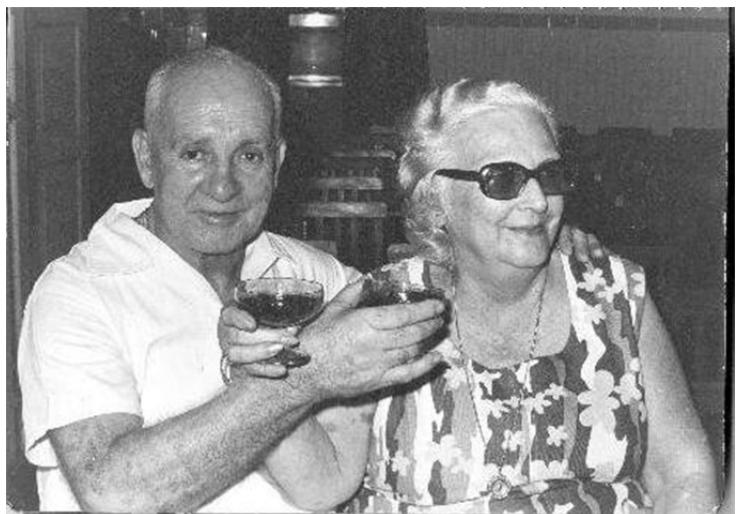
Às 19 horas — Reunião Confraternizadora — Prece de abertura — Concessão da palavra aos presentes; e

Às 21 horas — Prece de Caritas para o encerramento.

O Congresso traria, também, à luz explicações de cunho científico que pudessem desmistificar algumas práticas mágicas, como a utilização de banhos com ervas, defumadores, charutos, cachimbos, bebidas alcoólicas, pólvora, punhais, etc.; e, ainda, correlacionaria a origem da Umbanda a um tempo remoto, imemorial que, sem negar a herança africana, transcenderia a própria África escravizada: Lemuria, Atlântida, Vedas, Índia e Egito. Ao analisarmos o conteúdo simbólico das comunicações apresentadas durante o Congresso de 1941, observa-se que os intelectuais de Umbanda, em busca de legitimidade, tentaram construir uma identidade mais próxima do “cientificismo” kardecista do que das “primitivas” religiosidades africanizadas. A estratégia adotada estava em sintonia com a conjuntura política, pois a ditadura Vargas via com bons olhos a religião Espírita, muito mais do que a Católica. Cabe lembrar que, na época, os Terreiros de Umbanda eram obrigados a ser registrados nas Delegacias de Polícia e que era obrigatória a inclusão da palavra Espírita no nome do Templo para que se efetivasse tal registro, liberando o funcionamento do Terreiro. Em 1961, Henrique Landi Júnior foi eleito pelas Comissões Organizadoras do 2º Congresso Brasileiro de Umbanda, o seu Presidente Nacional. Assumiu a Presidência e passou a coordenar os trabalhos das Comissões e reuniões preliminares em outros Estados.



**Henrique Landi Junior (de branco)
juntamente com Áttila Nunes (pai)**



Henrique Landi Júnior e sua esposa Maria Augusta Landi

A NOITE * Rio de Janeiro

Sábado, 15 de Abril de 1961

CONGRESSO DE UMBANDISTAS NO RIO

O segundo Congresso Brasileiro de Umbanda será realizado nesta cidade, de 16 a 23 de julho próximo, com participação das organizações do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo, Estado do Rio e Bahia. Até lá, outros Estados poderão pronunciar-se, pois o congresso é de âmbito nacional.

Uma das finalidades da reunião, tal como expôs a A NOITE o presidente da Comissão Organizadora, é congregar as Tendas e Terreiros, sem distinção de ritos e de liturgias, para, através do Conselho Supremo dos Cultos Afro-Brasileiros discutir todas as matérias, e sobre elas deliberar, atinentes aos cultos praticados em nossa terra, de índios e negros.

"Com isto, em concílios semestrais ou trimestrais, os representantes dos Estados que formarão o Conselho Supe-

rior, em igualdade de condições, elaborarão a Carta Sinódica ou, melhor, o Código Orientador para obter a uniformidade ritualística dos cultos", acrescentou o Sr. Henrique Landi Júnior.

No domínio da literatura umbandista, o Conselho Superior opinará sobre a obra antes de conceder-lhe o "imprimatur". Por isto, só serão consideradas obras oficiais aquelas que tiverem si-

do aprovadas pelo órgão máximo, concluiu o entrevistado.

A NOITE * Rio de Janeiro

Sábado, 20 de Maio de 1961

II CONGRESSO DE UMBANDA NO RIO

Em sua visita de cordialidade à redação de A NOITE, o Sr. Henrique Landi Júnior, diretor-presidente da Fraternidade da Luz, teceu esclarecimentos acerca do que será o II Congresso Brasileiro de Umbanda, a realizar-se em junho próximo, nesta cidade, salientando que tal acontecimento há de atrair para a Guanabara elementos responsáveis que aqui organizarão aquilo que considera "o símbolo ou a fórmula básica dessa modalidade religiosa".



O Sr. Henrique Landi, presidente da Fraternidade da Luz, quando da sua visita a este jornal

MARCO INICIAL

Acrescentou o visitante, que, naturalmente, pelas teses aprovadas, poder-se-á julgar do grau de adiantamento a que já atingiu o umbandismo, frisando que este acontecimento deve ser o marco inicial de uma sequência de congressos que deverão ser feitos, não apenas na Guanabara, mas também nos demais Estados, culminando tudo com a cúpula ou o colegiado de umbandistas composto de 22 cadeiras.

ESCOLAS MISSIONÁRIAS

Prosseguiu o Sr. Landi frisando que o próximo congresso umbandista será, antes de tudo motivo de conhecimentos referentes ao culto, que podem ser considerados como verdadeiras escolas preparatórias de formação daqueles que hão de ser os futuros sacerdotes autorizados a exercerem sua missão.

Diante da cobertura publici-

lária, o presidente da Fraternidade da Luz, afirmou estar certo de que o Rio abrigará enorme número de representantes estaduais, notadamente do Rio Grande do Sul, S. Paulo, Paraná, Santa Catarina, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Pará, Amazonas e Mato Grosso.

COMISSÃO ORGANIZADORA

Referindo-se à organização do II Congresso Brasileiro de Umbanda, o Sr. Landi disse que a comissão reúne-se, todas as terças-feiras, às 20 horas, na rua Ccará número 183, terceiro andar, solicitando inclusive, que, para este endereço, devem ser encaminhadas as correspondências daqueles que tenham interesse em ajudar a divulgação desta modalidade religiosa, "que é bem brasileira, porque é originária dos índios das Américas e, notadamente, do sílvicola brasileiro, que deu a mais evidente demonstração da origem desse culto, que adivindo em épocas passadas, através dos negros africanos, absorveu, no Aruanã, a essência necessária, bem brasileira, para transportá-la até os nossos dias".

Prontas as comissões, com suas teses elaboradas, realizou-se no Maracanãzinho (Rio de Janeiro), em 28 de julho de 1961, a Festa de Congraçamento do 2º Congresso Brasileiro de Umbanda, em que compareceram cerca de quatro mil médiuns uniformizados, além de grande público assistente. Foi nesse Congresso que o Hino da Umbanda foi oficialmente adotado em todo o Brasil, como o Hino Oficial da Umbanda.



A NOITE — 11-7-1961

Umbandistas em Congresso Vão Pedir Sagração do "Pai Prêto"

Quase dois mil congressistas estarão participando, entre os dias 16 e 23 deste mês, no Maracanãzinho, do II Congresso Nacional de Umbanda, o primeiro foi em 1941, ocasião em que todas as variantes da seita africana (pajelança, xangô, candomblé, macumba, umbanda e batuque ou pará) estarão presentes, chefiada pelo caboclo "Sete Cachoeiras" (Jorge Cordeiro), que apresentará uma tese pedindo a sagração do Monumento ao Pai Prêto, erigido em Campo Grande, há quatro anos.

O público previsto (no Rio, os umbandistas dizem que a seita nas suas diversas variantes chega a ter 70% da população) para as sessões do Congresso é estimado em 10 mil pessoas, devendo chegar do Rio Grande do Sul uma caravana de mais de 2 mil umbandistas.

Um Motivo

Várias teses de capital importância serão apresentadas no Congresso e, entre elas, figura a da sagração do Monumento ao Pai Prêto, erigido em Campo Grande e que lá se encontra desde 1953. Esse monumento, criado pelo escultor gaúcho Miguel Pastor, deve-se a uma série de pesquisas sobre a época da escravidão, naquele ano completava 70 anos, com todos os costumes originários da África.

É o próprio escultor, que está completando uma série de três obras diferentes, sob o tema abolição, quem fala do Monumento ao Pai Prêto, dizendo ter enveredado por este lado, em razão do folclore e firmado na influência do negro na cultura brasileira, não só relativo em sua formação como no seu próprio desenvolvimento.

O monumento tem características definitivas de templo, ou abassá, na linguagem de umbanda, se apresenta com um obelisco de 7 metros de altura, um painel de 5 por 2 metros e meio, calcamento inspirado em motivos afro-

brasileiros, sendo que parte do monumento se encontra dentro de um lago. Num mural e parte do calcamento, feito em pedra portuguesa preta-e-branca, são vistos "pontos" do Pai Prêto e existe um espaço para "salva" e outro para "terreiro", sobrando um painel feito em cerâmica, com motivos sobre a libertação do negro, uma alegoria ao negro livre e, no lado posterior, um quadro do negro escravo.

O próprio painel apresenta figuras vistas dentro da estilização com que o africano via o homem e a figura do Pai Prêto (tamanho natural) foi modelada de um prêto velho (113 anos época) do local e figura muito conhecida em Campo Grande, como o "tio" Quincas.

Programa

A ordem máxima do africanismo no Brasil é conhecida por Cruzeiro do Sul e, quando da sagração do Monumento ao Pai Prêto, a 2 de outubro — era para ser dia 8 de julho — serão convidados diversos embaixadores de países amigos que assistirão a todas as solenidades, com início previsto para as 18 horas e encerrando-se às 6 horas do outro dia.

No mês de outubro serão dedicados quatro sábados a todos os ritos, dentro de cada nação africana (Angola, Guiné, Cambinda, Mussurumi, Keto e outras), quando será homenageada a memória dos oguns.

Africanismo

Para que o leitor faça uma idéia do que representa e representou a umbanda no Brasil, basta dizer que, quando o tráfico de escravos se tornou mais intenso, o governo no tempo colonial se viu envolvido no grave problema de ter que misturar as diversas nações (que tinham suas pequenas divergências de ordem religiosa) de negros aqui chegados, a fim de que eles não pudessem ser a força que re-

presentavam na África, onde a unidade de cada nação é a sua equivalente ao seu poder estatal.

Mandou uns para um lado e outros para outro, surgindo então (a fim de que pudessem entender-se) o "nangô", de Youruba e o "gêge", de Daohney, como o "esperanto" deles, e que acabou lhes valendo a força que representam nos diversos estados da Federação, unindo o batuque (Rio Grande do Sul) ao candomblé (Bahia), ao xangô (norte), a macumba e umbanda (Rio) e outras variantes.

II Congresso de Umbanda Quer Codificar Doutrina

Sob os auspícios do Colegiado Espiritualista Cruzeiro do Sul, as agremiações integradas no movimento Umbandista do Brasil, instalaram, ontem à tarde, no Maracanãzinho, o II Congresso Brasileiro de Umbanda que deverá ser encerrado a 23 de julho. Delegações de todos os Estados compareceram à inauguração do conclave, em que se cuidará, principalmente, da elaboração da Carta Sinódica, isto é, do Código Orientador, resultando daí, através do conjunto de leis que definirão deveres e responsabilidades, a codificação da doutrina.

Os congressistas fizeram questão de consignar que os cultos afro-aborígenes são de fundo panteísta, mas, em virtude da formação de nosso povo, houve, por motivos históricos, um sincretismo dominante que poderá ser aceito ou refutado com absoluta liberdade de exposição.

Temário

A Comissão Organizadora dos trabalhos, integrada pelo jornalista João de Freitas, pelos senhores Carlos Eduardo Peçanha, Custódio Pereira de Carvalho, Jair Tostes, Conceição Costa e Marcos Vinicius Estrela ficou incumbida de elaborar o temário do certame assim distribuído:

Interpretação histórica e etimológica do vocábulo umbanda — Teogonia aborígene e teogonias africanas — Mitologia aborígene e mitologia africana — liturgia aborígene e liturgia africana — ritual aborígene — rituais africanos — analogias teogônicas — similitudes afro-aborígenes — similitudes afro-indo-católico — sincretismo africano — Comidas e bebidas rito-litúrgicas — pontos cantados — Guias e amuletos — feitiço, sortilégios, encantamento, cabala e magia e outros temas ligados ao credo.

Instalação Solene

Os trabalhos foram instalados sob a presidência do Sr. Henrique Landi Júnior, assessorado pelos senhores Floriano Fonseca, Fernando Torres, Antônio Pedro Leão, Rodolfo Gonçalves, João de Freitas, Armando Moreira, Jerônimo de Sousa, Dionísio de Mello e Silvino José Gonçalves, e tiveram início exatamente às 14,30 hs., com a execução do Hino Nacional brasileiro, dando-se após a apresentação dos congressistas, ocasião em que foram tirados pontos de saudação aos orixás pelo corpo coral.

Foi procedida em seguida a saudação ao presidente da República, ao governador do Estado, à imprensa e aos demais convidados pelo Sr. Jurandir dos Santos Lima.

Deputados Espíritos

Além das autoridades que compareceram em caráter oficial as solenidades de instalação do Congresso Umbandista, estiveram presentes também aquelas filiadas ao credo espírita, destacando-se a presença dos deputados estaduais Átila Nunes (GB) e Moab Caldas (RG), que ocupou a tribuna para saudar os congressistas, proclamando-os a se unirem num grande movimento de fé em defesa de Umbanda, que só no seu Estado congrega cerca de 1 milhão e quinhentos mil crentes.

Seguiram-se pela ordem de inscrição diversos oradores procedentes de todas as regiões do país. Após os discursos foram procedidas homenagens póstumas aos membros falecidos da Comissão Organizadora do II Congresso Brasileiro de Umbanda, almirante Diógenes de Oliveira Dias e o Sr. Narciso Cavalcânti.

Não decorreu da semana que hoje se inicia as diversas comissões do Congresso estarão reunidas na ABI para tratarem dos assuntos em pauta.

Vamos ao pensamento de quem esteve nos Congressos de 1941 e 1961. Observem quão atuais são as questões e que, infelizmente, nada foi concluído pelos umbandistas, prevalecendo às práticas contrárias às normatizações do Instituidor da Umbanda:

Bispo Estêve Presente ao Encerramento do II Congresso de Umbanda

Com a presença de delegações de todos os Estados, encerrou-se, ontem, no Maracanãzinho, o II Congresso de Umbanda, notando-se enorme afluência dos crentes desse culto e representações de todas as Tendas Espiritas do Estado da Guanabara. O local apresentava um aspecto diferente, já que os presentes vestiam seus uniformes de trabalho nos "centros" e cada representação ostentava o seu estandarte próprio com cores e símbolos de cada instituição.

Os trabalhos tiveram início com a palavra do presidente do Congresso, Sr. Henrique Landi (Tenda Fraternidade da Luz), que, dizendo falar sob a invocação de umbanda, deu conta dos objetivos do Congresso que manteve as suas comissões em permanente reunião no auditório da A. B. L., por concessão especial do Sr. Herbert Moses.

Disse, também, o presidente do conclave, que depois de 19 meses de organização, sentia particular júbilo pelos resultados alcançados durante o Congresso e agradeceu a cooperação de todos aqueles que por qualquer forma ou título nele participaram, afirmando mais que o culto de Umbanda representa, hoje, não só em nosso país, como nos demais, um marco de evolução incontável pelos efeitos evidentes de sua prédica, terminando por concitar todos os umbandistas a não desanimarem na luta que vêm mantendo para a difusão dos seus dogmas tão de acordo com a formação religiosa de nosso povo.

Bispo Presente

Prestigiando o Congresso de Umbanda, compareceu também ao Maracanãzinho o bispo Dom José Aires, da Igreja Brasileira, que foi recebido calorosamente pelos congressistas, tendo sido convidado a sentar-se à Mesa que presidia os trabalhos.

Dom José dirigiu sua bênção aos congressistas e sua presença foi interpretada pelo Sr. Rodolfo Gonçalves, secretário do certame, como um ato de solidariedade religiosa, tendo declarado:

— Umbanda não tem fronteiras. Respeitamos todas as pontos-de-vista, isto é, fazer o bem ao próximo trabalhando formas nos respeitem também. Não somos contra nenhuma filosofia, não temos credo político, nem nos interessam as correntes de opinião internacional. Por isso, estamos à vontade para viver bem com todos aqueles que nos procurem, desde que sejam pessoas boas e imbuídas de intenções dignas. Não somos nem a favor nem contra isto ou aquilo, aquela ou essa doutrina. Queremos, entre nós os homens de boa vontade, venham de onde vierem, desde que comuniquem com o nosso ponto de vista, isto é, fazer o bem ao próximo, trabalhando para melhorar as condições de vida da humanidade, principalmente neste momento de conturbação mundial, em que os homens parecem viver dentro de um universo de trevas que poderá conduzi-los para o desastre.

A Serviço de Deus

O Sr. Rodolfo Gonçalves encerrou suas palavras dizendo que Umbanda está a serviço dos desígnios de Deus e que o trabalho dos espíritas, por isso mesmo, é um trabalho abençoado, já que é fruto de uma sincera contrição, de um devotamento à causa dos homens, ao bem-estar coletivo, sem almejar qualquer espécie de compensação, ainda mais quando este trabalho tem sido realizado sem alardes, num silêncio que o enleva e dignifica, afirmando ao concluir:

— A propagação do culto de Umbanda é um fato incontestável. Dia a dia maior número de crentes prestam seu juramento de fé e desempenham incumbências no serviço de Deus.

Deputados Espíritas

Do Congresso participaram inúmeras autoridades, jornalistas e dois parlamentares, os deputados estaduais Atila Nunes e Moab Caldas, respectivamente representantes da Guanabara e do Rio Grande do Sul, sendo que este último representava também a Assembléia de seu Estado.

Como relator de teses falou o jornalista João de Freitas, autor de inúmeros trabalhos sobre o culto umbandista, que reportou-se às conclusões adotadas nas deliberações do Congresso, dizendo de sua satisfação em constatar o rendimento do conclave e a presença dos adeptos de sua religião que compareceram ao Maracanãzinho pela ocasião do encerramento e que durante o transcurso dos trabalhos das comissões reunidas na A. B. I. mostraram sempre o maior interesse pelos assuntos em debate.

Em seguida, foi procedida pelo secretário do Congresso, Sr. Rodolfo Gonçalves, a leitura da ata dos trabalhos realizados pelo Congresso, sendo feito, na ocasião, um agradecimento às autoridades, aos congressistas, à imprensa e demais convidados de honra.

A NOITE — 25-7-1901

UMBANDA

Encerrado domingo o Segundo Congresso Brasileiro de Umbanda, o deputado Atila Nunes saudou o acontecimento, num discurso repleto de entusiasmo, no qual destacou devidamente a grandiosidade desse importante encontro dos membros de uma religião que reúne hoje milhares de adeptos em todo o país.

Anunciou o orador que o próximo Congresso dos umbandistas será realizado em São Paulo e o quarto, no Rio Grande do Sul.

No próximo e terceiro congresso, serão lançadas as bases de uma codificação do umbandismo.

A NOITE — 30-11-1961

Congresso Das Organizações Umbandistas em São Paulo

O Dr. Henrique Landi Júnior Presta Informações a
A NOITE

Nossa reportagem avistou-se ontem com uma das figuras exponenciais do movimento umbandista do Dr. Henrique Landi Júnior, que nos prestou as seguintes informações:

— «Vão-se reunir em São Paulo, de 8 a 10 de dezembro as Organizações Federativas de Umbanda a fim de realizarem o seu 1º congresso naquele Estado. Posso asseverar que teremos a presença na praia de Santos de cerca de 25.000 pessoas que lá convergirão, para a prática de tocante homenagem à Nossa Senhora da Conceição e início do aludido congresso cujos trabalhos continuarão no dia 9 e serão concluídos no estádio de Ibirapuera, na capital paulista, dia 10.

Declarou-nos, ainda, o Dr. Henrique Landi Júnior que tomarão parte nos referidos trabalhos elementos destacados de todo o país, inclusive legisladores do Estado da Guanabara, do Rio Grande do Sul, do Amazonas, do Maranhão, da Bahia e, finalmente, de todo o Brasil.

— É um trabalho preparatório — declarou por fim — para a realização em 23 de abril de 1962, em Porto Alegre, do Congresso Brasileiro Extraordinário de Umbanda, onde será lançado o anteprojeto da Carta Sinódica do Culto, obra de um grupo de idealistas surgidos no advento do 2º Congresso Brasileiro de Umbanda, realizado este ano, de 16 a 23 de julho, no estádio do Maracanãzinho.



Ao centro, de óculos, o Sr. Jayme Madruga e ao seu lado (esquerdo) o Sr. Floriano Manoel da Fonseca



Cavalcanti, o capitão

Armando Bandeira Cavalcanti, branco, médico há 32 anos, e especializado em clínica geral, capitão-de-Mar-e-Guerra do corpo de Saúde da Marinha, chefe do setor de emergência do Hospital da Lagoa, casado, baiano, de Salvador. Foi supervisor do «Jornal de Umbanda» de 61 a 63, redator da coluna «Ecos Espiritualistas» no jornal «A Noite», redator do «Vocabulário Afro-Luso-Brasileiro», redator da coluna «Umbanda» no DIÁRIO DE NOTÍCIAS. Conferencista e sociólogo que desempenhou estas funções no Instituto Superior Pastoral de Alta Liturgia e na Regional Leste da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Congressista no II Congresso Brasileiro de Umbanda, realizado no Rio, em 1961, onde apresentou dois trabalhos «Interpretação histórica e etimológica do vocabulário umbanda» e «Dogmatismo e hierarquia», que foram aprovados pelos congressistas. Organizador do III Congresso Nacional de Umbanda, realizado no Rio em julho de 1973, no qual com muito sacrifício conseguiu reunir centenas de adeptos de todo o Brasil. Acha válida a criação do Órgão Interfederativo Nacional da Umbanda, que pretende dar estruturas administrativas à religião. Foi convidado para presidir este órgão, mas diz que não aceita. Autor de vários livros de umbanda, sendo o principal «O que é a Umbanda».

O objetivo de apresentar este texto não é de codificar e sim de apresentar uma visão no mínimo interessante de alguém que muito participou, trabalhou e estudou sobre Umbanda. Também podemos observar que esta preocupação é antiga dentro da Religião, formalmente se pensa em “codificação” desde 1941 no primeiro Congresso de Umbanda.

No longo caminho apontando aos crentes, a Umbanda marcha num sentido evolutivo para a realidade espiritual, porém necessita ter certa igualdade que possa servir de unidade doutrinária e permitir a prática semelhante em todos os Terreiros. Todavia, não deve incorrer no perigo de fixação em dogmas, tabus ou práticas ultrapassadas sem explicações lógicas ou aceitação de sua maioria.

O futuro exige a codificação do culto de Umbanda para não serem perdidos os trabalhos dos Pretos-Velhos e dos Caboclos, que tanto procuram ensinar aos crentes e dar uma orientação segura, capaz de evitar as mistificações e deturpações desses que procuram viver à custa dos Terreiros ou dos que lá vão buscar um alívio ou um conselho espiritual. Há ainda aqueles que teimam em ser diferentes e únicos. Realmente é difícil estabelecer normas básicas que possam servir de denominador comum aos cultos, como as práticas orientadas pelos ensinamentos transmitidos pela tradição oral.

Necessita a Umbanda de ter uma liturgia por todos aceita e seguida, senão, sofrerá as alterações naturais decorrentes dessa transformação oral do ensinamento, em função daquele que transmite e do que ouve.

Participando do II Congresso Brasileiro de Umbanda, reunido no Rio de Janeiro, em julho de 1961, concorreremos com dois trabalhos; um com o título: “INTERPRETAÇÃO HISTÓRICA E ETIMOLÓGICA DO VOCÁBULO UMBANDA”, o outro: “DOGMATISMO E HIERARQUIA”, que levados a plenário, foram amplamente discutidos e aprovados pelos Congressistas reunidos nesse conclave.

Apresentamos o trabalho sobre a palavra Umbanda, porque não era possível que se praticasse um culto, sem definir a origem etimológica e o significado original da palavra, em virtude de ser ponto básico definindo o sentido religioso.

Nesse Congresso, fomos indicados para integrar a “Comissão Nacional de Codificação ao Culto de Umbanda”, e realizando-se a primeira reunião da Comissão em São Paulo, fomos escolhidos para o cargo de Relator de Religião que, se foi uma confiança depositada pelos codificadores, acarretou maiores encargos e responsabilidades pela extrema seriedade e profundidade do assunto. Tivemos grande empenho para realizar as tarefas, que não foram complementadas no tempo previsto, de modo que proposto o III Congresso Brasileiro de Umbanda, para o ano de 1973, no Rio de Janeiro, fomos designados para presidir a Comissão Organizadora de tão importante conclave, que, no mesmo sentido, é mais uma busca de codificação dos cultos e união dos umbandistas.

Face às divergências encontradas e das dúvidas quanto às origens e fontes de onde surgiu o culto, que alguns pretendiam fosse hindu – sem justificar com dados concretos e seguros –, elaboramos um ensaio histórico, no qual condensamos nosso pensamento pessoal, porque sem a real raiz histórica não seria possível desenvolver o tema dentro dos fatos comprovados, evidenciando as fontes demonstráveis em trabalhos sérios e de outros autores insuspeitos e imparciais.

Demonstrando a antiguidade do homem e do conhecimento africano; a prática milenar de sua religiosidade e de suas iniciações; não quisemos e não queremos, absolutamente, levar a Umbanda para o africanismo, porque seria uma volta. Mas evidenciar sua origem em cultos que já de há muito tinham delimitadas a liturgia e a teogonia de modo preciso, servindo como base histórica, porque não foram inventadas e nem apareceram de uma noite para o dia, e sim, subindo a escada evolutiva que lhe permitiu a sucessividade continuada das épocas.

O roteiro histórico é necessário para compreender a realidade panorâmica dos múltiplos rituais e feitos da Umbanda, como hoje é vista. As contribuições marcantes de cada origem e a evolução principal processada precisam ser apontadas, pois, seria embaraçosa a tentativa de entendimento dos fundamentos iniciais e dos que se queiram imprimir aos rumos de uma codificação, ainda mais quando pretendem dar força a lendas não apoiadas pela tradição secular.

A realização do presente estudo exigiu a leitura da maioria dos livros Umbandistas, entrevistas com vários seguidores de diversas religiões e pesquisas em alguns estados do Brasil, inclusive pedidos de informações a conceituadas organizações culturais, notadamente de Angola, na África, e a pessoas de renome nesse campo. Como também a busca em livros sérios de pesquisadores e de outros que combatem a Umbanda, pois nada afirmamos sem uma base real; e não aceitamos certas invencionices e artifícios, fatos comuns quando um assunto repousa em parcelas dispersas de ensinamentos ensombrados por lendas de múltiplas origens.

Julgamos isso importante para o conhecimento, porque, dá o sentido da realidade sedimentada através do tempo, embora as modificações decorrentes da evolução, do sincretismo e da diluição no passar dos anos, com a assimilação de outras ideias e conceitos dos grupos raciais em contatos que, por si sós, são suficiente para escurecer as origens, se vistas superficialmente.

Como afirma o Dr. Oswaldo Santos Ribas, médico em Curitiba: *“Ao tratarmos de uma religião como a Umbanda, sincretizada das grandes seitas que têm surgido e cujas origens se perdem nos albores da civilização, nem sempre poderemos, quer pela sociologia, antropologia, etnografia, história, etc., basear-nos nos fundamentos ditos cientificamente aceitos. A verdade é uma só: as leis divinas são as únicas imutáveis e a evolução é um dos seus máximos preceitos. Nada se perde e tudo se transforma, diz a física. Igualmente, assim também é na espiritualidade e nos estudos que nos propomos. Teremos de acompanhar as transformações sucessivas, ocorridas quanto o próprio modo de religar”*.

Debatemos assunto com vários chefes de culto e realizamos diversas conferências; agradecemos, pois, o auxílio dado e a ajuda recebida, especialmente aos que contribuíram com seus conhecimentos iluminados pelas iniciações, esclarecendo temas tão controvertidos e ainda não definidos em vários pontos básicos. Falta uma unidade doutrinária, filosófica e científica do que a surgida em nossa literatura, que ressalta apenas o lado folclórico, executando-se alguns livros doutrinários de escritores umbandistas, e de estudiosos que procuram, com isenção de ânimos, encontrarem a essência que se esconde em meio a problemática das apresentações.

Os diversos caminhos percorridos pelos umbandistas convergem para uma junção nos cultos praticados, concorrendo, para isso, os livros e as confraternizações religiosas, como meios de uma aproximação efetiva e unificadora.

Muito livro há surgido sobre a Umbanda, cada qual tem o direito de apresentar o lado dessa problemática, pois convenhamos, cada um lança um facho de luz ao alcance e gosto de determinado grupo, assim, também, desmancham trevas permitindo uma claridade em sentido unificador.

Tudo tem uma razão de ser, e cada um segue o caminho que se ajusta ao seu modo particular de ver e sentir, e através da palavra é que estabelece essa comunicação que une e congrega.

A Umbanda é uma vasta porta aberta pelos seus rituais, cânticos, sentidos de popularização e de que o homem participa e sente diretamente o atendimento ao seu caso; assim a individualização concorre para uma diversidade de práticas, abrangendo todas as cultuações.

Nota-se, porém, que há uma linha de continuidade canalizando os vários afluentes de todas as origens para uma integração e uma uniformidade de destino num futuro próximo, sendo bem oportuna a comunicação de Ramatís, através de Hercílio Maes no livro “Mediunismo”, quando diz:

“A Umbanda que ainda não cimentou sua unidade doutrinária definitiva, nem afirmou o seu sistema único de trabalho em todas as latitudes do orbe, através do seu sincretismo afro-católico, transforma-se num trampolim favorável aos católicos, protestantes e outros religiosos dogmáticos para se familiarizarem com os ensinamentos da Reencarnação e a disciplina da Lei do Carma.

As imagens, os cânticos, o incenso, as velas e as oferendas dos rituais de Umbanda, algo parecido aos usos da Igreja Católica, atenuam o medo provinciano dos católicos pelas manifestações mediúnicas; e pouco a pouco incutem-lhes o gosto pelo conhecimento da imortalidade do espírito pregada por todas as filosofias reencarnacionistas.

Os chefes, as falanges e as linhas de Umbanda, com seus caboclos, pretos-velhos e silvícolas apesar da multiplicidade de costumes, temperamentos e propósitos diferentes do serviço que executam junto à matéria entrelaçam-se por severos compromisso, deveres hierárquicos e obrigações espirituais, que ainda não puderam ser compreendidas satisfatoriamente pelos seus próprios profíctes. No vasto panorama de relações entre o plano material e o mundo oculto, alicerçados pelo processo da magia, no âmbito da Umbanda, ainda repontam combinações confusas e tolices condenáveis, à conta de elevado comedimento espiritual. Ainda lutam os umbandistas para alcançar a sua constituição doutrinária e escoimarem-na das excrecências ridículas que de-formam a sua base esotérica.

Nesse terreno foi mais feliz o Espiritismo, que partiu de uma unidade concreta e alicerçada por investigações incessantes, com “testes” mediúnicos que exauriram Kardec mas o ajudaram a extirpar com êxito as contradições. Os exotismos e as encenações ridículas da prática mediúnica desorientada. A Umbanda, portanto, ainda é o vasilhame fervente em que todos mexem, mas raros conhecem o seu verdadeiro tempero”.

Nós mesmos sabemos de tanta coisa que se propala como Umbanda ou em nome da Umbanda; e outras práticas que todos nós condenamos, porque é preciso realmente sentir a Umbanda. Ressalta-se, assim, a necessidade de ter “a sua constituição doutrinária”, a sua codificação básica, porém elástica em certos aspectos, tendo em vista a diversidade encontrada em certos aspectos, tendo em vista a diversidade encontrada que não permite, no momento, a rigidez regular de normas, especialmente, no tocante a certas alterações de ritual embora, este deva ter uma linha ajustável e sóbria, sem os exageros dispensáveis, que mais dificultam a fé do crente do que favorece o seu aprendizado, ou a difusão para obter adeptos.

Tem de ser o denominador comum, uma orientação ritualística aproximativa, porém dentro da firmeza filosófica-religiosa, de modo a evitar desuniões e interpretações errôneas, fazendo permanente esse pensamento codificador do Dr. Leopoldo Betiol médico e engenheiro em Porto Alegre: *“Queremos agora o que quisemos sempre: União, progresso, entendimento, harmonia, concórdia, paz; cooperação que sirva para erguer o nível mental da Umbanda, levando-a ao mais alto ponto de significação moral e doutrinária; isto que fizemos nossa causa, que nunca foi uma questão de pessoas que na altura do mérito sempre soubéramos louvar, acatar e respeitar. Aos que já revelaram sadia compreensão o nosso cordial muito obrigado. Sei que não faltam trabalhadores de boa vontade e muita fé, por isso mesmo, por causa da muita fé, a Umbanda gasta 60 anos para operar uma mudança do seu nível rasteiro suportando a crítica ferina dos impostores. É este vexame que nós queremos terminar se o irmão umbandista quiser cooperar”.*

Não é coisa que se possa fazer de afogadilho, nem em prazo determinado. Prevendo a complexidade da matéria e vastidão do problema, apresentamos para o regimento interno da Comissão Nacional de Codificação do Culto de Umbanda, em 1961, a seguinte emenda: O trabalho a ser apresentado pela Comissão será matéria para discussão e aprovação do Congresso Extraordinário, como anteprojeto de um código capaz de acompanhar a evolução e o aperfeiçoamento no decorrer do tempo”.

A preocupação constante de haver de uma orientação firme para a Umbanda se faz sentir há muito tempo. Já em 1939, João Freitas dá como diálogo, as suas ideias cometendo o fanatismo e o homem supersticiosos, que entravam o desenvolvimento do culto.

Afirma que o seu interlocutor refere: *“A necessidade de se observar com precisão o ritual; e de haver livros e organizações federativas capazes de evitar as “literatices” prolixas e decepcionantes que se escondem em oratória e formas vocabulares em verdadeira oscilação intelectual. Em suma, acabar-se-ão os charlatães, porque ninguém se arvorará em chefe de Terreiro sem estar devidamente munido de credenciais”.*

Confirmando essa preocupação dominante, os umbandistas reuniram-se no Rio de Janeiro, em 1941, no I Congresso Brasileiro, quando iniciaram uma sistemática de codificação, ampliada com a realização II Congresso em 1961, a qual foi uma constante do temário do III Congresso Brasileiro de Umbanda, em 1973, pela preocupação máxima das Federações em obter uma estruturação administrativa e religiosa como se evidencia no lema adotado: “Organizar para Unir”. Em 1953, o livro de Emanuel Zespo, intitulado “Codificação da Lei de Umbanda” que, apesar de insuficiente, demonstra a preocupação permanente dos sinceros, em querer estruturar os cultos existentes, dentro de uma base coordenada evitando, assim, abusos e excessos.

Nessa mesma época, Lourenço Braga afirmava o seguinte: *“Se a Umbanda fosse unificada, isto se todos trabalhassem nos mesmos dias, nas mesmas horas, da mesma forma, com o mesmo rituais, com os mesmo pontos riscados e os mesmo pontos cantados, (letras e músicas), etc., seriam os resultados de efeitos maravilhosos, seria uma sinfonia perfeita de vibrações harmoniosas, cujas consequências, para os filhos da Terra, seriam surpreendentes e repletas de benefícios; devemos trabalhar para o progresso da Umbanda, mas de uma Umbanda como deve ser: isenta de materialidade, de ignorância, de atraso, de práticas condenadas pelo bom senso. Deve ser pura, elevada e evolucionista. Quando se atinge um certo grau de progresso espiritual, não é admissível se retroagir”.*

O futuro exige a codificação para a Umbanda como culto organizado e não se tumultuarem os seguidores pelas contradições de ensinamentos desordenados; nessa época com conhecimentos científicos em que tudo deve ser explicado à luz da razão. Com a realização do III Congresso Brasileiro de Umbanda, em Julho de 1973, foram adotadas resoluções importantes nesse sentido, especialmente em relação ao temário do referido conclave, que estava dividido em dois itens principais: Aspectos doutrinários e filosóficos e aspectos administrativos e legais.

Foi, assim fundado um Órgão Nacional Interfederativo agrupando os Estados e Federações respectivas, visando uma estrutura administrativa metódica e uniforme para todo o Brasil, bem como foi adotado um só hino, e declarada a data de 13 de Maio como o Dia Nacional da Umbanda.

A codificação se impõe, especialmente visando aos que abusam da credulidade alheia para a satisfação egoística e deturpada de interesses próprios, por vezes, menos confessáveis, colaborando para o mal maior. Porque sem amor ao interior que eleva e santifica, surge a hipocrisia de princípios para o uso externo, apenas convencionais, quando em seu interior procedem em desacordo com os ensinamentos da sã moral em seu verdadeiro sentido, pois só vale o sentir; e esse interno baseado na intenção do ato e, assim, as contas serão apreciadas apenas pela Justiça Divina, conforme as dívidas contraídas.

Os bons frutos só podem ser dados pelas boas árvores, de modo que se faz sentir a sintonia do médium em relação ao trabalho executado ou desejado como nos ensina Ramatís: *“Cultive cada trabalhador o seu campo da meditação educando a mente indisciplinada e enriquecendo os seus próprios valores no domínio do conhecimento, multiplicando as afinidades com a esfera Superior, e observará a extensão dos tesouros de serviço que poderá movimentar em benefício dos seus irmãos e de si mesmo. Sobretudo, ninguém me engane relativamente ao mecanismo absoluto em matéria de mediunidade”.*

Esclarecendo que o valor real está na qualidade do médium, que deve ser tolerante e orientador, e não deve macular a sua vida com os interesses e caprichos de vaidade pessoal.

Não devemos esquecer um fato importante: Estamos vivendo uma religião para o futuro e não para o momento presente, sendo assim, precisamos sentir o pensamento geral e a orientação seguida; pelo menos o conteúdo doutrinário e a orientação filosófica devem ser estudados e apreciados de modo seguro e preciso, porque a promoção é o meio visado para propagar as ideias e essas devem estar desenvolvidas, permitindo raciocínio em função da época científica em que vivemos e que possa, por todos ser compreendida, mesmo que não concordem com o explicado.

Dando uma apreciação de síntese, visamos principalmente a Codificação do Culto de Umbanda, mas a certeza de que o pensamento codificador se processará lentamente através dos anos, numa sedimentação que depende exclusivamente dos verdadeiros chefes de culto, aos quais cabe essa grande tarefa e responsabilidade, perante os crentes e a Lei Divina.

Julgamos ter cumprido a missão que, se melhor não o seja, vale pela intenção e o desejo de vencer a Causa. Procuramos transmitir a ideia de modo positivo e correto, sem quaisquer interesses pessoais, ou desejos subalternos de evidências passageiras, pois estas se perdem no passar dos dias e se confundem no pó da estrada da vida, porque lampejam por instantes, sem a força esclarecedora que se proteja no tempo e no espaço.

(Texto extraído do livro “O que é a Umbanda” de Cavalcanti Bandeira – Editora Eco 1973)

O 3º Congresso de Umbanda, realizado no Maracanãzinho de 15 a 21 de julho de 1973, instituiu o dia 15 de novembro como o “dia Nacional da Umbanda”, legitimando assim a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas como fundador da religião e Zélio Fernandino de Moraes como seu pioneiro, dois anos antes do seu desencarne.

É de suma importância a leitura do livro: “PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DO ESPIRITISMO DE UMBANDA” – Trabalhos apresentados ao 1º Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, reunido no Rio de Janeiro, de 19 a 26 de Outubro de 1941; a fim de avaliar a luta dos primeiros umbandistas pela pureza da nossa Umbanda. Existem alguns conceitos doutrinários obscuros, mas, a maior parte do livro é excelente. Este livro estará sendo disponibilizado gratuitamente junto com esta obra em nosso site.

Desde a sua fundação, a Tenda Espírita São Jerônimo, assim como outras, sofreram tenazes perseguições por parte da polícia. Das tantas, disponibilizaremos uma reportagem sobre uma das perseguições a essa Tenda, e, com o passar dos anos, o Capitão Pessoa, perseverantemente, juntamente com outros umbandistas, conseguiu legalizar a Umbanda perante a lei, como já explicitado acima. Vamos à reportagem:

DIARIO DA NOITE

ANNO VIII ————— Sabbado, 7 de Novembro de 1936 ————— N. 2.773

A policia varejou a "Tenda Espirita São Jeronymo"

Detidas varias pessoas que assistiam á sessão

As autoridades da Secção de Toxicos e Mystificações da 1ª delegacia auxiliar, hontem, á noite, varejaram a "Tenda Espirita São Jeronymo", á rua General Camara numero 26, 2º andar, detendo varias pessoas que assistiam á sessão.

Effectuaram a diligencia, motivada por uma denuncia, o sub-chefe Carlos Lopes e os investigadores Batalha, Cavalcanti e Bezerra.

EM PLENA SESSÃO

Os policiaes irromperam no salão, quando a sessão ia em meio, detendo o presidente da "Tenda", sr. **José Alvares Pessoa**, que na ocasião attendia a senhora Yolanda Porto, e as seguintes pessoas: Elza de Souza, Etelvina Souza, Edgard Fraga, Manoel Rodrigues, Alfredo Laranja, Cecy Silva, Florinda Silva, Antonio Souza, Judith Silva, Amelia de Oliveira, Carmen dos Santos, Rosalina Fonseca, José Gali, Joana da Silva, Constantino José Janise, Francisco Guimarães, Zelio Teixeira, Aurea Ferreira, Regia do Valle e Mauro Silveira.

Levaram os policiaes para a delegacia os seguintes objectos, apprehendidos na "Tenda": pombas, charutos, buzos, guias, embrulhos contendo defumadores e varias chapinhas numeradas.

Não poderíamos deixar de disponibilizar, uma Carta-Aberta corajosamente escrita pelo Capitão Pessoa, dirigida ao Presidente da República, defendendo a Umbanda das perseguições policiais, cobrando providências:

PERSEGUIÇÃO ÀS TENDAS ESPÍRITAS PELA POLÍCIA DO ESTADO DA GUANABARA

Protesto d'O Semanário – Carta-aberta ao Presidente da República, pelo presidente da Tenda Espírita São Jerônimo, José Álvares Pessoa

A “imprensa sadia” tem registrado nestas últimas semanas, sem, aliás, protestar contra elas, como seria de seu dever, antes estimulando-as com seu sensacionalismo, inauditas violências praticadas por um comissário de polícia do Estado da Guanabara contra Tendras Espíritas, principalmente umbandistas, a pretexto de “combater o baixo espiritismo”.

Trata-se de uma violação flagrante do dispositivo constitucional que garante a plena liberdade de cultos em nosso país, bem como de um retrocesso aos tempos medievais, quando assuntos de foro íntimo, como a religião, eram objeto da interferência indébita das autoridades eclesiásticas e civis.

A polícia não tem o direito de perseguir quem quer que seja por ser adepto deste ou daquele credo ou praticar este ou aquele rito. Muito menos o direito de invadir domicílios ou lugares onde se professam esses credos e se praticam esses ritos, a pretexto de considerá-los “condenáveis” ou de estarem sendo desvirtuados de seus fins por maus elementos. Se esses elementos incidirem em sanções penais, que estas recaiam sobre eles pelas formas e meios legais, cujo exame e aplicação cabe a justiça. Nunca através de “comandos policiais” puramente sensacionalistas e que não têm outro fim senão o de servirem de pasto à “imprensa sadia” sempre em busca de escândalos ou de instrumento de perseguições e vinditas que não se compadecem com o espírito de tolerância, de compreensão humana e de liberalismo do povo brasileiro.

Por isso, protestamos, com todo vigor essas manifestações truculentas de um reacionarismo ultramontano que as nossas as tradições de cultura e os nossos sentimentos democráticos repelem, fazendo nossas as corajosas palavras com que o Sr. José Álvares Pessoa, presidente da Tenda Espírita São Jerônimo, desta capital, se dirigiu ao Sr. Juscelino Kubitschek, na Carta-Aberta que a seguir reproduziremos, e esperando que o chefe da Nação e o chefe do Executivo do Estado da Guanabara tomem no caso, as providências imediatas e enérgicas que ele está exigindo, a bem da própria autoridade mora do governo.

Às vítimas dessa perseguição inquisitorial, que mais parece obra de insano que outra coisa qualquer, franqueamos as nossas colunas, para a divulgação de seus protestos e a defesa de seus direitos constitucionais violados pela polícia carioca, que não tem tempo para “limpar” a cidade dos profissionais do crime que perturbam o sossego de sua população, mas tem tempo de sobra para perseguir as Tendras Espíritas.

(Texto de Oswaldo Costa)

A CONSTITUIÇÃO ASSEGURA O FUNCIONAMENTO DOS CENTROS ESPÍRITAS

O artigo 141 da Constituição, parágrafo 7, é claro como água:- *“É inviolável a liberdade de consciência e de crença e assegurado o livre exercício dos cultos religiosos”.*

O parágrafo 12 é taxativo: - *“É garantida a liberdade de associação para fins lícitos. Nenhuma associação poderá ser compulsoriamente dissolvida senão em virtude de sentença judiciária”.*

O fato da Igreja estar separada do Estado, um dos principais fundamentos do regime democrático, não impede que o mesmo Estado, através da Câmara dos Deputados, das Assembléias Legislativas e Câmara Municipais, conceda auxílio a subvenção à Igreja Católica e outros cultos, principalmente, o Espiritismo, cujo número de adeptos no Brasil, é superior a 3 milhões de pessoas.

o antigo policial Deraldo Padilha, famoso pela sua caça aos malandros e prostitutas, recém chegado da Itália, onde levou vida folgada, ganhando em dólar como membro de uma comissão de seleção de imigrantes para o Brasil, resolveu investir contra as organizações espíritas, fechando-as sumariamente, quando não leva o pânico aos crentes, com a sua presença, geralmente, precedida de verdadeiro aparato bélico. Antes de mais nada é um atentado à Constituição de 1946, em pleno vigor.

Quem abrir o orçamento da União e, principalmente, o Diário Oficial do Estado da Guanabara, encontrará mais de 800 instituições religiosas, recebendo auxílios do Governo, para que as mencionadas organizações possam realizar uma obra social e humanitária, socorrendo os desvalidos, prestando assistência médica dentária e alimentar.

O próprio Estado, separado da Igreja, reconhece a necessidade de ampará-la, através de subvenções que são dadas indistintamente. Não há preocupação de servir a uma religião, e sim, a todos os credos que praticam, realmente, o bem.

Nenhuma instituição, seja católica, protestante, espírita, etc., pode receber um só centavo do Estado sem que esteja devidamente registrada e com a sua diretoria em pleno exercício, eleita em pleitos disputados.

E o que faz o policial Deraldo Padilha, lotado no 22º D. P., no subúrbio?

Na sua volúpia de publicidade barata, na ânsia de querer permanecer sempre no cartaz, na impossibilidade de rasgar as calças dos malandros à navalha, de raspar a cabeça de infelizes que fazem “trottoir” (nota do autor: É o caminhar que as prostitutas fazem quando ficam a espera de seus clientes), resolveu levar o pavor às associações espíritas, cujo funcionamento é permitido pela Carta Magna.

O último censo revelou que existem, no Brasil, milhares de templos doutrinando as principais religiões espalhadas pelo mundo, como sejam o catolicismo, protestantismo, espiritismo, esoterismo, budismo, etc. A fé não pode ser padronizada, como deseja o delegado Deraldo Padilha. O ser humano escolhe a sua religião por um ato de consciência. Os caminhos de Cristo, de Lutero, Allan Kardec, Krisnamurti, Elifas Levi, são estradas que levam o homem ao mesmo Deus.

E o Brasil, país com cerca de 60 milhões de habitantes, jamais conheceu o espírito de intolerância religiosa. Aqui crescem todas as religiões, num respeito mútuo. Todas prestam inestimáveis serviços à pobreza. O próprio Estado reconhece o papel relevante das mencionadas instituições, contemplando-as com auxílios e subvenções que são dados por todas as Casas Legislativas.

É por tudo isso que a opinião pública está profundamente chocada com a atitude arbitrária do policial Deraldo Padilha, useiro e vezeiro na prática de violências contra pessoas indefesas. A sua vítima, agora, é o Centro Espírita, geralmente com um quadro social que abriga milhares de pessoas humildes.

A tudo isto assiste impassível o coronel Luiz Jacques, chefe de Polícia do Estado da Guanabara, uma cidade com 3 milhões de habitantes, considerada uma das mais cultas do mundo, e que não pode ser teatro de cenas de vandalismo praticadas por um arbitrário policial.

CARTA ABERTA AO CHEFE DA NAÇÃO

Por José Álvares Pessoa

Exmo. Sr. Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira:

Em meados de 1955, tive a honra de ser levado à presença de V. Ex^a. por um amigo comum. Era então V. Ex^a candidato da oposição à Presidência da República e a sua campanha se processava num clima de inseguranças e de incertezas, com mil boatos a correr, como é de praxe nesta terra carioca.

V. Ex^a. acolheu-me com a sua natural simplicidade, que põe à vontade até mesmo a mais tímida criatura, e tivemos oportunidade de conversar uns bons quinze minutos sobre o que era de vital interesse, para V, Ex^a como candidato, para mim como seu eleitor.

Espiritualista que sou, presidente de uma Tenda Espírita, a de São Jerônimo, como sede na Rua Visconde de Itaboraí, bem no centro da cidade, com uma frequência de mais de trinta mil pessoas mensalmente, eu desejava, naquele momento, sabendo-o católico praticante, obter da própria boca de V. Ex^a. a declaração de que, se eleito, V. Ex^a. não permitira jamais, como relação à questão religiosa, que a nossa Constituição fosse ferida.

V. Ex^a. com a ombridade e sinceridade que tão bem o caracterizam, fez a declaração, que me foi gratíssimo ouvir, de que jamais no seu governo poderia haver perseguição a este ou aquele credo.

É para lembrar a V. Ex^a. as suas próprias palavras, e pedir-lhe que não as renegue no momento em que se acha prestes a deixar o Poder, que volto hoje à sua presença. E volto convicto de que V. Ex^a., até o presente momento, se acha absolutamente isento de culpa quanto a perseguição que o Departamento Federal de Segurança Pública está realizando contra as Tendências Espíritas, que se contam aos milhares no Estado da Guanabara, sob o ridículo pretexto de combater os maus espíritas e a macumba.

Presidente, a Polícia nunca se lembrou de que no seio de todas as classes, de todos os credos, quer religiosos, quer políticos, há bons e maus.

A Polícia, ao pretender expurgar os meios espíritas cariocas dos seus maus elementos, não se lembra de que também deveria usar dos mesmos meios de repressão contra os maus elementos de outras confissões religiosas.

É contra esta atitude de dois pesos e duas medidas que, neste momento, me dirijo a V. Ex^a.

Nós espíritas, nesses atribulados quarenta anos em que nos firmamos em todo o país, temos sido as vítimas prediletas da prepotência policial, que, nós o sabemos, é bem dirigida pela mão oculta do clero romano. Mas, mesmo quando este pobre país viveu dias de terror durante a época da ditadura, nós conseguimos sobreviver e nenhum poder prevaleceu contra nós. Não há de ser agora, quando vivemos num período constitucional de calma e tranquilidade, governado por V. Ex^a, o mais generoso dos homens, dotado de sentimentos da mais alta nobreza e de um espírito de justiça de escol, que nós espíritas vamos temer a ação da Polícia, que, de abuso em abuso, vem fechando Centros Espíritas, perseguindo criaturas indefesas, na persuasão de que o mais alto Poder ficará surdo ao clamor que se levanta contra esses atos de prepotência.

Venho hoje, pois, a presença de V. Ex^a. reclamar o cumprimento de sua promessa de candidato, de que jamais permitiria a perseguição religiosa no país. Chegou o tempo de agir, por isso mesmo, estou agora pedindo as providências enérgicas de V. Ex^a. junto ao Sr. Chefe de Polícia, a fim de que seja posto termo, imediatamente, às medidas que foram e continuam a ser postas em prática contra os adeptos do espiritismo, que, como todos os adeptos de outros credos, têm o direito de amar a Deus do modo que melhor lhes parecer.

Certo de que V. Ex^a., que tem uma memória privilegiada, não esqueceu a promessa feita a um patrício que foi seu cabo eleitoral junto aos espíritas ora perseguidos, e de que agirá para que cesse a perseguição policial, antecipo a V. Ex^a. os meus melhores agradecimentos, que representam também os agradecimentos de alguns milhões de espíritas brasileiros.

(O Semanário – ano V – número 225 – 09 de Setembro de 1960)

Esclarecendo um pouco mais sobre as perseguições policiais, e, em particular, o delegado Deraldo Padilha, acossador das práticas espíritas, principalmente a Umbanda, achamos a seguinte e interessante reportagem:

O SEMANÁRIO ★ ANO V ★ NÚMERO 227

Semana de 17 a 23 de Setembro de 1960

Perseguição Religiosa Com Objetivo Político-Eleitoral

A “Tenda Espírita Irmã Elza” e o Caso Padilha

NÉLSON MESQUITA CAVALCANTI

A TENDA ESPÍRITA IRMÃ ELZA vem, através desta coluna, trazer irrestrita solidariedade às organizações Umbandistas, desta Capital, vítimas da truculenta atitude do policial Deraldo Padilha, tristemente conhecido pelas arbitrariedades de que é uselro e vezelro.

Nosso apoio amplo e fraternal a essas co-irmãs não encampa, todavia, a onda explosiva de ódio manifestada pelos Irmãos dirigentes dessas e de outras organizações ainda não atingidas e, muito menos, as promessas de revide pelas armas ou através de aplicação de outras quaisquer formas punitivas.

Entendemos que o ódio nada cria e que só o Amor constrói, de sorte que se o Umbandista se iguala, nesse transe, ao arbitrário e ao mau, deixa de ser Umbandista, não tendo, por esse motivo, razão alguma para defender o funcionamento de um Terreiro, onde só deve ser assinado e praticado o Amor, o Perdão, a Bondade e a Caridade.

O pensamento da TENDA ESPÍRITA IRMA ELZA sobre esses lamentáveis acontecimentos que a imprensa sensacionalista está desvirtuando e comprometendo a UMBRANDA, é o seguinte :

1.º — O Sr. Padilha é um policial subordinado a um órgão governamental, sendo obrigado, por força de suas atribuições, a conhecer, respeitar e praticar os dispositivos da CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA;

2.º — Assim não podia e nem pode, impunemente, desrespeitar a CARTA MAGNA da NAÇÃO, de forma abusiva e ostensiva sem imediato castigo a menos que o faça com o conhecimento e aquiescência dos seus superiores, ou o que é mais grave, por ordem deles;

3.º — Neste momento de intensa preparação eleitoral a ação de Padilha parece pretender beneficiar, politicamente, determinado candidato; — Invertendo contra espíritas e Umbandistas que não podem e não devem votar no clericalista, reacionário, entregulista e inimigo da Umbanda e do Povo, Sr Carlos Lacerda, Padilha quer levar essa massa contra o Governo do qual ele faz parte e, assim, par tabela, contra os candidatos filiados às correntes participantes do Governo Srs. Sérgio Magalhães e Mendes de Moraes e, ainda, por intimidação, contra os partidários do Sr. Tenório Cavalcanti, candidato com alguma penetração nos meios Umbandistas. (Este Item é de número 4 não de responsabilidade pessoal do signatário).

4.º — Sabendo-se que Padilha é um funcionário de categoria inferior, que não prima pela inteligência nem pelo equilíbrio mental e muito menos pelo sadio cumprimento de suas atividades funcionais, parece evidente que a culpa das suas arbitrariedades deve ser, logicamente, transferida para o Governador da Cidade, não só pela permanência no cargo como pela atuação criminosa desse funcionário;

5.º — A alegação de Padilha para ferir a CONSTITUIÇÃO é que os Terreiros cometem os seguintes delitos:—

- a) — recebem dinheiro em paga de serviços religiosos,
- b) — usam bebidas alcoólicas no ritual,
- c) — utilizam instrumentos musicais, perturbando o silêncio,
- d) — presença de menores nas cerimônias depois das 22 horas,
- e) — falta de Registro na Repartição competente.

Os fatos incontestes, públicos e notórios, respondem a Padilha: —

[a) — não existe ninguém que consiga batizar ou casar, de graça, na Religião Católica, ou que obtenha qualquer outro sacramento gracioso, como Missa, recomendação de defunto, etc. Tudo é cobrado mediante tabela. Todas as religiões vivem à base de vender o nome do PAI SUPREMO, em grosso e

a varejo, para o que despendem grandes somas em promoções e propaganda, como qualquer casa comercial. O Governo não interfere, não discute, não tabela os preços nem impede a cobrança. Só a LEI DE UMBANDA é fundamentalmente contrária a qualquer pagamento direto ou indireto. O nosso lema é dar de graça o que de graça recebemos. Pode acontecer, e infelizmente acontece, que algum Terreiro cobre serviços religiosos, mas esses não transgridem a Lei dos homens, nem são tão originais; se igualam, apenas, às outras religiões. Transgridem, isso sim a LEI sagrada do PAI;

b — O Catolicismo Romano, na prática de sua liturgia, usa bebida alcoólica, ingerida publicamente, sem que dêse ato resulte um convite ao vício da embriaguez. Sabemos que esse ato de beber, dos sacerdotes católicos, é um ato sagrado, digno do nosso respeito. O que os Umbandistas reclamam é o mesmo respeito a um ato análogo. Se uma prática religiosa não constitui delito para uma religião não será delito, necessariamente, para a LEI DE UMBANDA.

c) — nada faz mais barulho que os sinos repicando, cujas ondas atingem grandes áreas, todavia, nós Umbandistas, justificamos sua utilização; os órgãos, nas Igrejas, os cânticos, os foguetes, os cânticos nas ruas e procissões, as pregações evangélicas nas praças produzem barulho que incomoda os não participantes dessas correntes religiosas, não a ponto de merecer reprimenda ou punição policial porque se trata de manifestações espirituais com que pensamos e pretendemos agradar ao PAI SUPREMO, e sobretudo, por que a CONSTITUIÇÃO garante o livre pensamento e ação religiosa. A LEI DE UMBANDA, através dos seus organismos religiosos não pretende superar o barulho dos sinos com seus instrumentos de percussão, quer apenas o direito incontestado de usá-los.

d) — a presença de menores, depois das 22 horas, nos templos religiosos não pode resultar em nenhum perigo espiritual, embora reconheçamos que materialmente possa prejudicar seus afazeres escolares ou remotamente a saúde com a perda de sono, etc. Todavia há a proteção espiritual que é uma compensação vantajosa. O zelo de Padilha é assim, manifestamente hipócrita, tanto mais quanto ele sabe mais do que ninguém, que a Polícia é impotente para evitar roubos, colibir contravenções, impedir a delinquência infantil que vai desde a traficância de tóxicos ao roubo de automóveis, além de delitos de natureza sexual feitos a sua vista a despeito das poupadinhas verbais que consome. Essa juventude criminosa não sai dos meios Umbandistas. Lemos, escrito pela pena brilhante de um dos mais lúcidos cronistas brasileiros, ANTONIO MARIA, um trabalho sobre a permanência e afluência cada vez mais crescente de menores nas bolitas e "Inferninhos". O magnífico cronista, homem da noite, mas homem de coração bem formado, sente a tristeza que o fato lhe causou porque, autor de reportagens sobre menores ladrões de automóveis, filhos de famílias respeitáveis, sabe que o mal social da juventude é precisamente a falta de apoio em seus próprios lares, desajustados, dizemos nós, sob o impacto de causas econômicas, sociais e, sobretudo sexuais onde a consciência religiosa incipiente há muito desapareceu.

e) — o registro seria aceitável se todas as religiões se vissem compelidas a cumprir essa exigência descabida, registrando seus templos na Delegacia de Mistificações, o que seria um desrespeito frontal à CONSTITUIÇÃO.

Se não é exigível para o Catolicismo Romano, nem para o Evangelismo, nem para os filhos de Israel, nem para Ortodoxos, etc., porque seria para os UMBANDISTAS e para os espíritas em geral, notadamente quando a CONSTITUIÇÃO não só dispensa essa formalidade como assegura clara e plenamente a liberdade de culto?

Em consequência desta análise, a TENDA ESPÍRITA IRMA ELZA formula seu ponto-de-vista a respeito do caso Padilha.

1.º não devemos revidar qualquer agressão desse irmão nem praticar qualquer ato de magia que venha imediata ou remotamente atingir sua integridade física ou espiritual, porque :

a) — Deraldo Padilha, ACIMA DE TUDO E' NOSSO IRMAO e não pode nem deve sofrer por nossas mãos;

b) — Padilha PODE SER UM INSTRUMENTO DA LEI para testar nossa firmeza nos preceitos da UMBANDA. Atentemos na verdade que diz que só a dor eleva o homem, isto é, através das lutas espirituais é que podemos liberar o nosso EU das tentações terrenas pondo-o em contato com o PAI SUPREMO. E luta espiritual é amor ao próximo;

c) Padilha PODE SER UM FATOR DE UNIFICAÇÃO DA LEI DE UMBANDA. Sabemos que a unificação de um credo só pode ser obtida mercê de duas forças — uma que vem de dentro para fora, quando o credo cria e revela mestres que polarizam grandes massas, como BUDDHA, MAOME, etc.; outra que vem de fora para dentro quando a perseguição e o extermínio à vista obrigam os crentes a se unirem, desprezando picuinhas interpretativas, em torno da idéia central do credo, como o próprio Catolicismo Romano. Talvez a perseguição à LEI DE UMBANDA possa ter a benéfica função de abrir os olhos de muitos filhos de fé que esperam, com a riqueza material fazer uma escada para chegar ao Reino da Luz de ZAMBI.

d) Padilha não pode na sua imensa pequenez e ignorância destruir um edifício que está sendo construído por ordem do PAI, através de grandes filhos SEUS, grandes Mestres que ocultam humildemente seus gloriosos nomes sob o disfarce de designações bizarras, para uns e ridículas para outros.

Destacamos, com veneração o nome do excelso Mestre **CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS** — Pastor da UMBANDA, como sablamente denominou o insígne batalhador umbandista JOSÉ ALVARES PESSOA; depois o amado, o sábio, o humilde PAI ANTÔNIO DE LUANDA, responsável pela "gira" dos Pretos Velhos; — Caboclos do SOL e da LUA e Cabocla YARA, os primeiros grandes Instrutores do Oriente, portadores da milenar sabedoria daquela região e a segunda, a Grande Força Incumbida da elevação da Mulher e que orienta a luta de fusão entre o Patriarcado e o Matriarcado, para a eclosão da grande aurora da Fraternidade.

2.º — Por fim um pedido da TENDA ESPÍRITA IRMA ELZA; — Oremos por Padilha e sua família. Peçamos ao PAI para que Padilha se estiver enfermo que um Sanatório o devolva são ao seio da comunidade; se for irre recuperável que o governo o aposente assegurando-lhe o sustento. E que ele seja feliz porque Deraldo Padilha é nosso irmão e só devemos desejar-lhe o que sinceramente desejamos a nós.

Lott: Respeito à Liberdade de Cultos

“Pedem-me que exponha o meu ponto-de-vista sobre a liberdade dos cultos religiosos no país. Certamente tal solicitação é motivada pelo fato de serem bem conhecidas as minhas convicções religiosas.

Praticante de Religião Católica Apostólica Romana, por convicção íntima incoercível — que a idade, os conhecimentos ou a cultura adquirida não conseguiram modificar ou esmorecer — mantenho relações com indivíduos das variadas crenças e respeito os seus pontos-de-vista e

práticas religiosas; dêles espero, da mesma forma, idêntica compreensão, já que o assunto, no meu entender, não comporta imposições, porque se trata de sentimento, de fé, de honestidade de crença dos quais podemos discordar mas, de modo algum, atacar, se forem baseados em princípios morais elevados e em alto sentimento de humanidade e justiça.

A índole pacífica, afável e cordial do nosso povo, bem refletida nos preceitos constitucionais e legais que regem

o assunto, possibilita a liberdade de que gozam os cultos e denominações religiosas no Brasil, desde que não tenham caráter subversivo ou imoral.

Dessa forma, se chegar ao Governo do meu país, situar-me-ei rigorosamente dentro da área permissiva e proibitiva da Constituição Federal que, nos seus artigos 31 e 141, define claramente as relações entre a União e os cultos religiosos e especifica os direitos e garantias destes ou de seus adeptos. Isso, será cumprido sem discriminações. (a) HENRIQUE LOTT.”

(O Semanário — número 227 — ano V — semana de 17 a 23 de Setembro de 1960)



Deraldo Padilha — Comissário de Polícia no Rio de Janeiro — 1952

Temos aqui um dos vários personagens controversos que fazem parte da história do Rio de Janeiro. O Comissário de polícia Deraldo Padilha. Começou na polícia nos anos 40 sendo um policial comum passando por vários distritos. Na década de 50, mais precisamente em 1951 ele foi nomeado para combater a prostituição da cidade. Padilha era truculento, severo e intransigente. Com ele não funcionava a conversa; era adepto da cadeia, tapa, borrachada e pescoção. Ele percorria a cidade de norte a sul com sua equipe sendo o terror das prostitutas e também dos casais de namorados. Padilha confundia namoro com prostituição, casal abraçado e namorando na rua era imoral. Resultado: cadeia. Invadia Terreiros de Umbanda, espancando os médiuns, arrastando os dirigentes para a rua, quebrando atabaques, destruindo imagens, numa época em que para se abrir um Terreiro era necessário um alvará e ir a uma delegacia policial. Padilha era tão intransigente que foi deposto desse cargo por interferência do Presidente da República, pois a imprensa carioca pressionava para isso.

CRONOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DO MOVIMENTO UMBANDISTA NO BRASIL

- **1889** – Entre 1888 e 1889 já haviam manifestações de Caboclos e Pretos-Velhos, sob o comando do Caboclo Curugussú, segundo o relato do escritor Wilson Woodrow da Matta e Silva, baseado nas informações de Leal de Souza.
- **1908** – Primeira reunião de Umbanda (registrada oficialmente), com a participação do Sr. Caboclo das Sete Encruzilhadas e Pai Antônio, na mediunidade de Zélio Fernandino de Moraes. Nesse ano histórico, foi anunciada e formalizada a Umbanda como religião.
- **1917** – Zélio Fernandino de Moraes recebe ordens da espiritualidade para fundar Sete Tendas de Umbanda: Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição – Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia – Tenda Espírita São Jorge – Tenda Espírita São Jerônimo – Tenda Espírita São Pedro, Tenda Espírita Santa Bárbara e Tenda Espírita Oxalá.
- **1918** – Fundação oficial (com registro em cartório), do 1º Templo Umbandista do Brasil: “Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade”.
- **1920** – A Umbanda espalha-se pelos Estados de São Paulo, Pará e Minas Gerais. Em 1926 chega ao Rio Grande do Sul e em 1932 em Porto Alegre.
- **1925** – Normatização das 7 (sete) Linhas de Umbanda pelo escritor e umbandista Elieser Leal de Souza.
- **1932** – É editado o livro “O Espiritismo – a Magia e as Sete Linhas de Umbanda” (o primeiro livro de Umbanda editado no Brasil), com relatos da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.
- **1935** – Fundação da sétima Tenda Espírita de Umbanda ordenada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas – “Tenda Espírita São Jerônimo”.
- **1939** – O Caboclo das Sete Encruzilhadas determina a fundação da 1ª Federação Umbandista do Brasil – “Federação Espírita de Umbanda”.

A NOITE — Terça-feira, 29 de setembro de 1942

A instalação da sede da Federação Espírita de Umbanda

A “Federação Espírita de Umbanda”, inaugurou sua sede à Praça Tiradentes n. 60, 5.º andar, sábado.

As solenidades obedecerão ao seguinte programa:

As 15 horas — Inauguração da sede. Sua abertura e franqueamento à Imprensa, sendo nessa ocasião oferecido uma taça de champagne aos seus representantes.

As 19 horas — Reunião Confraternizadora — Prece de abertura — Concessão da palavra aos presentes; e

As 21 horas — Prece de Caritas para o encerramento.

A REGULARIZAÇÃO DOS CENTROS ESPÍRITAS

Expirou o período de prorrogação do prazo concedido pelo chefe de Polícia -- Entretanto, de um total de setecentas sociedades espíritas apenas cerca de trinta deram entrada nos seus papéis na chefatura — Alegam os interessados que era impossível, dentro do referido prazo, preencher todas as exigências, e pleiteiam nova prorrogação até o fim do ano — Falam ao DIÁRIO DE NOTÍCIAS varios diretores da Federação Espírita Umbanda



Flagrante feito quando o nosso representante ouvia o presidente da F. E. U.

Terminou, ante-ontem, o período de prorrogação do prazo concedido pelo chefe de Polícia para que os centros espíritas existentes no Distrito Federal regularissem a sua situação de acordo com a portaria n. 8.363, publicada no Boletim de Serviço n. 218, de 23 de setembro último.

Todavia, apesar de decorridos dois meses, porque o prazo de trinta dias para o ingresso dos papéis na Polícia, fora prorrogado por mais um mês, apenas se apresentaram ao Protocolo Geral cerca de trinta centros espíritas.

Nossa reportagem, visitando, ontem, a Federação Espírita de Umbanda, que congrega trinta associações, apurou que ainda há centenas de centros que não conseguiram, até o momento, obter os necessários documentos para a sua regulamentação, e isso devido à falta de tempo.

INDEFERIDO UM MEMORIAL DA FEDERAÇÃO

— "Em outubro último — disse-nos o sr. Josué Mendes, presidente da F. E. U. — enviamos um memorial ao Chefe de Polícia solicitando a prorrogação do prazo por três meses. O nosso memorial foi indeferido. Dias depois, entretanto, o Chefe de Polícia resolveu optar pela prorrogação, mas só por um mês. Ora, ante-ontem, foi o último dia que tivemos para dar entrada em nossos papéis. Como nos fosse humanamente impossível satisfazer a todas as exigências da portaria

em questão, resultou que nenhum dos centros de Umbanda conseguisse se habilitar, na Polícia. No Distrito Federal há mais ou menos 700 centros espíritas e, segundo estou informado, apenas algumas dezenas deles conseguiram vencer os obstáculos, até ante-ontem".

POR QUE NÃO FOI POSSÍVEL A INSCRIÇÃO

— “Para cumprir a portaria 8.363 — prosseguiu o nosso entrevistado — é necessário que as sociedades espíritas tomem uma feição de diretriz de ordem especial, o que não poderia ser efetuado abruptamente, e sim, com os cuidados e escrúpulos que o caso exige. Entre outros documentos, exigem-se atestados comprovantes das boas condições dos prédios que interessam ou possam vir a interessar às sociedades em causa, e ainda em relação à residência e identidade dos seus dirigentes e responsáveis, à residência dos diretores nestes últimos cinco anos, etc. São também indispensáveis os atestados fornecidos pela Delegacia Especial de Segurança Política e Social e pela D. G. I. quanto à vida progressiva dos diretores. Difícil de se conseguir, ainda, é a prova de personalidade jurídica. Além de tudo, temos que demonstrar as eleições de diretorias, com a menção dos prazos dos respectivos cargos, o qual somente poderá ser obtido em

cartório. A portaria exige também a prova das condições legais para assistência médica, dentária ou farmacêutica, quando a tais finalidades se proponham as so-

ciedades. Como se vê, não era possível, aos centros em tão pouco tempo, cumprir todas essas exigências”.

ATE' O FIM DO ANO, TODOS OS CENTROS ESTARIAM DENTRO DA LEI

Na ocasião em que estivemos na F. E. U., lá estavam os presidentes das Tendas de São Jorge, Nossa Senhora da Gula e Africana São Sebastião, respectivamente, dr. Antonio Pedro Barbosa e srs. Durval Vaz e Américo Ferrelra Guimarães, todos pertencentes à diretoria da Federação, que nos falaram das dificuldades que estão encontrando para regularizar seus centros, fornecendo os necessários documentos à Assistência Jurídica da Federação, a cargo do dr. Armando Pereira Nunes.

O sr. Mario Ferreira, bibliotecário da F. E. U., também estava presente e secundou as considerações feitas por seus companheiros de diretoria.

Todos, entretanto, achavam que, à vista do andamento dos papéis, os centros espíritas poderiam satisfazer às exigências da portaria n. 8.363, caso o prazo concedido fosse prorrogado mais uma vez, até o fim do ano.

- **1940** – Registro em Cartório do Estatuto da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.
- **1941** – Reúne-se, na cidade do Rio de Janeiro, o Primeiro Congresso de Espiritismo de Umbanda. Outros Congressos havidos posteriormente retiraram acertadamente o nome espiritismo que, de fato, pertence aos espíritas brasileiros, os quais seguem a respeitável doutrina codificada por Alan Kardec. Em suma, o espírita pratica o espiritismo e o umbandista pratica umbandismo. Neste Congresso foi também apresentada tese pela Tenda Espírita São Jerônimo, propondo a descriminalização da prática dos rituais de Umbanda. O autor, Dr. Jayme Madruga, a par de um minucioso estudo de todas as constituições já colocadas em vigência no Brasil, busca também em projetos como o da Constituição Farroupilha e nos códigos penais até então vigentes e no que haveria de vigorar após 01 de janeiro de 1942. Os argumentos mostravam que o caminho da Umbanda começava a ser aberto e que caberia aos Umbandistas buscarem acelerar o processo com declarações e resoluções, partindo daquele congresso, em prol da descriminalização da prática da Umbanda.
(<http://estudodaumbanda.wordpress.com/page/2/>)
- **1944** – O Capitão José Álvares Pessoa, juntamente com inúmeros umbandistas ilustres, entre eles vários militares, políticos, intelectuais e jornalistas, apresentam ao então Presidente Getúlio Vargas um documento intitulado “O Culto da Umbanda em Face da Lei” e consegue daquela autoridade a descriminalização da Umbanda. Este fato, apesar de ter sido extremamente positivo, trouxe como subproduto uma perda de identidade muito grande por parte de nossa religião, uma vez que todos terreiros, das mais variadas seitas, incluíram em seus nomes a palavra Umbanda como forma de fugir à repressão policial. Como nossa religião não tinha um rito claramente definido e nem a formação de sacerdotes, o que gera uma hierarquia, ela acabou ficando à mercê dessa deturpação; outro fato que fortaleceu essa descaracterização foi que, sendo um período de crescimento, não se buscava a qualidade dos Terreiros que se filiavam à Federação, ou à União que lhe sucedeu.
(<http://estudodaumbanda.wordpress.com/page/2/>, com adaptações do autor)

- **1947** – É editado o primeiro jornal de Umbanda. Segundo o jornal “Semanário”, número 128, Ano III, de 25 de Setembro de 1958, o jornal de Umbanda foi fundado por Olívio Novaes, Floriano Manoel da Fonseca, Zélio Fernandino de Moraes, e, Alfredo Rego Filho.
- **1950** – A Umbanda no Rio Grande do Sul elege Moab Caldas deputado federal.
- **1953** – É inaugurada a 1ª Federação Umbandista em São Paulo – “Federação de Umbanda do Estado de São Paulo”, fundada pelo Senhor Alfredo da Costa Moura.
- **1956** – A Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade lançou seu boletim mensal “A Caridade”. Reproduzo, a seguir, a primeira página do primeiro e segundo números desse periódico:

BOLETIM MENSAL DA TENDA N. S. DA PIEDADE

A CARIDADE

ANO I | D. F. — JUNHO DE 1956 — | NÚM. 1

O QUE É A FRATERNIDADE SOCIAL TIANA E O QUE SE PROPÕE REALIZAR

Caros Irmãos

A idéia de cooperação que resultou da criação da FRATERNIDADE SOCIAL TIANA, em tão boa hora lembrada por um grupo de amigos e filhos do CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS, tem por finalidade precípua continuar no terreno material, a caridade espiritual, que a TENDA N. S. DA PIEDADE vem prestando ininterruptamente nesta cidade, a milhares de pessoas, durante 48 anos de sacrifícios e renúncias, por intermédio do nosso boníssimo e incansável amigo, sr. ZÉLIO e sua Exma. Família.

Esta cooperação a que já nos referimos, será realizada através de campanhas, financeiras e de tudo aquilo que possamos conseguir com a colaboração indispensável dos associados, frequentadores desta Tenda e demais pessoas, cujo espírito caritativo permita compreender, como esperamos, a finalidade humanitária desta idéia.

Vencida esta primeira etapa, de cujo êxito não temos dúvidas, visto o alto espírito de boa vontade que caracteriza o nosso povo, que é de boa índole, nos propomos dar gratuitamente, a todos aqueles que nos solicitarem e que reconhecidamente necessitarem: assistência médica, dentária e jurídica; medicamentos; víveres; objetos de uso pessoal; internamentos de enfermos nos hospitais; colocação de pessoas; brinquedos às crianças nas épocas próprias; internamentos de menores nos colégios; etc. Enfim, toda e qualquer ajuda que nos forem solicitadas.

Outrossim, devo informar aos caros irmãos, que formam a grande e harmoniosa família da casa do CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS, que a FRATERNIDADE SOCIAL TIANA, foi criada para cooperar em todos os sentidos, nas realizações da TENDA N. S. DA PIEDADE, sempre de comum acôrdo com a diretoria, nos grandes encargos que a ela estão afetos, conforme aprovação do nosso querido Chefe, CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS.

Finalmente, peço-vos, caros irmãos, permissão para vos fazer esta advertência: **PENSEMOS UM POUCO MENOS EM NÓS E UM POUCO MAIS EM NOSSOS SEMELHANTES**, e teremos, assim, realizado a vontade da nossa inspiradora: TIANA.

Umbanda é a montanha
Que todos terão que galgar.
Muitos serão os chamados
Poucos conseguirão chegar!

Saravá TIANA e sua Bendita Falange de Amor e Caridade

A CARIDADE

ANO I

D. F.

— JULHO DE 1956 —

NUM. 2

A Umbanda em Festa

Foi coroada do mais autêntico sucesso espiritual, a festa que em nossa Tenda, se comemorou mais um evento de São Pedro, o Apóstolo do Senhor, o humilde pescador da Galiléia. Nesse dia, de grande vibração de amor, Tiana, Essa Luminar da Umbanda, também festejou o seu grande dia. A Preta Velha, tal como se nos apresenta, estava radiante de alegria, pelas homenagens que seus dedicados filhos lhe prestaram com tanto carinho.

O sr. Zélio, o iniciador da Umbanda, em nossa Terra; e também, o mais humilde, iniciou as solenidades com belíssima saudação a São Pedro, o Santo do dia, falando-nos dos seus exemplos de humildade, que o tornou o Chefe de grande falanges de trabalhadores, da Seára do Senhor, lembrou-nos ainda, o sr. Zélio, que Pedro é o dirigente espiritual da Tenda que tem o seu nome e por ele fundada, em Niterói.

A seguir, o sr. Zélio saudou Tiana pelo grande acontecimento, falou do seu amor pelos filhos, da dedicação do seu médium, D. Zilméia, pela causa da caridade e finalmente, saudou o querido Chefe desta casa, Caboclo das 7 Encruzilhadas e demais Chefes: Orixá Malê, Pai Antônio, São Benedito, e todos os Luminares da Umbanda, que trabalham dia e noite, pela bem da humanidade.

Após a primeira parte das solenidades, Tiana veio até nós e foi calorosamente recebida por mãos cheias de pétalas de rosas, palmas e saravás

por todos o médiuns e a numerosa assistência que lotavam todo o terreiro, numa vibração de amor tão intensa, que encheu os nossos corações de alegria, sendo que, nesta oportunidade, foi entoado, a corimba de saudação a Tiana, que humilde e satisfeita deu início ao ritual com os presentes dos filhos de fé, que a Ela, foram levar seus tributos de gratidão, simples mas sinceros, pelo muito que têm feito por eles, Tiana, sempre solícita e humilde, pois lia no coração de cada filho, a bondade, agradecia a todos, rogando ao Pai Oxalá pela paz e saúde, dos mesmos. Prosseguindo com a segunda parte, do cerimonial o nosso bom amigo, sr. Ruiz, dedicado médium desta Tenda, prestou o seu preito de gratidão a Tiana, com 7 "bóuquets" de rosas brancas, enlaçados com uma fita de cada cor diferente, entregues por 7 médiuns, que Tiana agradecia com tanto amor e humildade, que beijava a mão de cada um dos médiuns componentes da comissão incumbida do ritual da entrega. Este ato, de muita significação mágica, deixou os presentes sensibilizados, principalmente, pela demonstração de grande humildade, de que tanto precisamos aprender, para abater a nossa arrogância, que nos desvia do caminho da espiritualização. Os filhos de fé de Tiana, lhe ofereceram farta e variada mesa de doces que foram fluidificados e a seguir, distribuídos com todos os presentes a grande noite.

Conclui na 2a. página

AMIGO: Tu sabes que ajudando esta casa, estais ajudando a ti mesmo?

- 1957 – Grande penetração política da Umbanda.
- 1958 – A Umbanda no Rio de Janeiro elege Átila Nunes para deputado federal.
- 1961 – Realização do 2º Congresso Nacional de Umbanda.
- 1967 – Foi criado na cidade do Rio de Janeiro, o Conselho Nacional Deliberativo de Umbanda (CONDU), que congrega as Federações de Umbanda existentes ao longo do país, atualmente, contando com mais de 46 Federações, de norte a sul do país, reunindo representantes de mais de 40.000 Terreiros de Umbanda;

- **1970** – A jornalista Lília Ribeiro, diretora da Tenda de Umbanda Luz, Esperança, Fraternidade – RJ, gravou a primeira mensagem do Caboclo das Sete Encruzilhadas na Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, contando como tudo começou. Lília Ribeiro foi a primeira pessoa a difundir amplamente a fundação da Umbanda.
- **1972** – Pai Ronaldo Linares encontra-se com Zélio Fernandino de Moraes e dá o início a divulgação da sua existência e da sua obra, em São Paulo.
- **1973** – Realização do 3º Congresso Nacional de Umbanda. Dia 15 de Novembro é oficializado como o Dia Nacional da Umbanda.
- **1975** – Após 66 anos de dedicação à Umbanda, no dia 03 de Outubro de 1975, Zélio Fernandino de Moraes retorna ao Plano Espiritual.
- **2003** – O MEC oficializa a FTU – Faculdade de Teologia Umbandista – primeira instituição do gênero.

DIA NACIONAL DA UMBANDA

Segue um texto muito pertinente com o mês corrente extraído de "A Umbanda Brasileira", livro de José Fonseca publicado em 1978, depois de passar pelo Jornal "Gira de Umbanda" em 1976. É uma carta de esclarecimento do C.O.N.D.U. sobre a escolha do 15 de Novembro como dia nacional da Umbanda, bem como o seu significado para a religião e o movimento umbandista. O Conselho Nacional Deliberativo da Umbanda foi criado em 12 de Setembro de 1971 sendo o primeiro órgão umbandista de caráter nacional, que conseguiu agregar em sua reunião de 1976, 25 federações de Umbanda de todo o país, totalizando mais de 40.000 terreiros e tendas representadas no evento, que teve entre as suas pautas, a escolha do dia nacional da Umbanda. É interessante observar no texto o desconhecimento existente na década de 70 de grande parte do movimento umbandista da história ocorrida em 1908 – bem como do próprio rito original, cujo estudo e análise ainda hoje é renegado pela grande maioria dos umbandistas – os motivos da escolha do 15 de novembro pelo próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas para a sua manifestação e a anunciação da nova religião, as considerações feitas sobre o 13 de maio, como sendo a data mais apropriada para representar a Umbanda, o que representa a existência de uma grande associação na época, da origem da Umbanda, o seu surgimento, com as religiões e a cultura afro-brasileira. Posição ainda sustentada por grande parte das vertentes africanistas de Umbanda, que relutam em reconhecer fatos históricos; a Umbanda como religião puramente brasileira, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, Zélio e o Caboclo das Sete Encruzilhadas como os fundadores e precursores da Umbanda.

PORQUE MILHÕES DE BRASILEIROS ESCOLHERAM 15 DE NOVEMBRO COMO O DIA NACIONAL DA UMBANDA

O CONSELHO NACIONAL DELIBERATIVO DA UMBANDA (C.O.N.D.U.) – por intermédio de sua representante no Estado do Amazonas, a Cruzada Federativa Espírita de Umbanda, tomou conhecimento do comentário da sessão "Umbanda – Quimbanda" do jornal "A Notícia", de Manaus, em 11 do corrente mês, sob o título "Escolha Justa", no qual se lê que "a suposta escolha de 15 de novembro para ser considerado o Dia da Umbanda, sugerida num encontro umbandista, no Rio de Janeiro, vinha decepcionando"... e que "a data diz respeito à Proclamação da República, nada tendo a ver com a Umbanda, o que significa que foi sugerida por profanos, por quem desejava apenas homenagear um centro"... "Os umbandistas amazonenses disseram que o 13 de Maio, data da libertação dos escravos é realmente a mais indicada".

O C.O.N.D.U. esclarece que:

1. A data de 15 de Novembro foi proposta pelas entidades federativas do Rio de Janeiro, na I Convenção Anual deste Conselho, da qual participaram 25 federações, representando a maioria absoluta dos Estados; e que não opuseram qualquer objeção à escolha.
2. Entre as datas sugeridas – 13 de Maio, consagrada aos Pretos Velhos – e 22 de Novembro – dia de Araribóia – venceu por unanimidade 15 de Novembro. Nessa data, em 1908, manifestou-se pela primeira vez, numa sessão da Federação Espírita, em Niterói, uma entidade que declarou trazer a missão de estabelecer um culto, no qual os espíritos de índios e de escravos poderiam desenvolver seu trabalho espiritual, organizado no plano astral do Brasil. Na época, esses espíritos aproximavam-se das reuniões espíritas, mas as suas mensagens eram recusadas, por serem eles considerados atrasados, tendo em vista a condição de humildade com que se identificavam.

A entidade, que se apresentou aos videntes como um mentor espiritual, deu o nome de CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS.

No dia seguinte, verdadeira multidão compareceu à residência do médium – um jovem de 17 anos, Zélio Fernandino de Moraes, de tradicional família fluminense. A entidade manifestou-se e determinou as normas do novo culto, que teria o nome de UMBANDA, declarando fundado o primeiro templo de Umbanda, cuja prática seria exclusivamente a caridade espiritual, através de passes, desobsessões e curas de enfermos. O templo, que tomou o nome de Tenda Nossa Senhora da Piedade, funciona ainda hoje, no centro do Rio de Janeiro (Rua D. Gerardo, 51) com uma filial (Cabana de pai Antônio) num sítio em Boca do Mato, Cachoeiras de Macacú, completando, em Novembro próximo, 69 anos de atividade.

Prosseguindo a sua missão, o Caboclo das 7 Encruzilhadas fundou mais 7 templos, cujos dirigentes foram escolhidos entre os grupos de médiuns preparados nas sessões doutrinárias que a entidade estabelecera, às quintas-feiras à noite, para esclarecimentos sobre a doutrina espírita, o Evangelho e as normas ritualísticas da Umbanda. Estas normas determinavam: médiuns uniformizados de branco, cânticos sem acompanhamento de atabaques nem palmas ritmadas; preceitos baseados apenas em água, Amaci de ervas, flores e pomba, atendimento totalmente gratuito, não sendo admitido estabelecer nem aceitar retribuição financeira de espécie alguma. Os templos, organizados administrativamente, mantinham-se pelas contribuições dos associados.

3. Milhares de templos, em quase todos os Estados, descendem desse grupo inicial, conservando, em sua maioria, a pureza da doutrina e da ritualística. Formou-se assim a religião de Umbanda – denominada, de início, Lei de Umbanda, ou Linha Branca de Umbanda – cujos mentores são os Caboclos e os Pretos-Velhos.
4. Justifica-se, portanto, a escolha da data de 15 de Novembro, por não se prender apenas a uma das falanges principais da Umbanda e sim a ambas: Caboclos e Pretos Velhos.
5. A referência feita à Proclamação da República deve-se ao fato de ter sido ela determinante da igualdade religiosa estabelecida pela primeira vez na Constituição da República, em 1889, o Estado deixou de ter uma religião oficial, permitindo assim que todos os credos, inclusive a nossa doutrina, se difundissem livremente.

(Jornal “Gira de Umbanda” 1976)

(Pedro Kritski)

Disponibilizaremos agora, uma cópia original do artigo supracitado, do Jornal “Gira de Umbanda” – 1976:

Porque milhões de brasileiros escolheram 15 de novembro como o DIA NACIONAL DA UMBANDA.

O CONSELHO NACIONAL DE-LIBERATIVO DA UMBANDA – C.O.N.D.U. – por intermédio de sua representante no Estado do Amazonas, a Cruzada Federativa Espírita de Umbanda, tomou conhecimento do comentário da sessão “Umbanda – Quimbanda” do jornal “A Notícia”, de Manaus, em 11 do corrente mês, sob o título “Escolha Justa”, no qual se lê que “a suposta escolha de 15 de novembro para ser considerado o Dia da Umbanda, sugerida num encontro umbandista, no Rio de Janeiro, vinha decepcionando” ... e que “a data diz respeito à Proclamação da República, nada tendo a ver com a Umbanda, o que significa que foi sugerida por profanos, por quem desejava apenas homenagear um centro” ... “Os umbandistas amazonenses disseram que o 13 de maio, data da libertação dos escravos é realmente a mais indicada”.

O C.O.N.D.U. esclarece que:

1. A data de 15 de novembro foi proposta pelas entidades federativas do Rio de Janeiro, na I Convenção Anual deste Conselho, da qual participaram 25 federações, representando a maioria absoluta dos Estados; e que não opuseram qualquer objeção à escolha.
2. Entre as datas sugeridas – 13 de maio, consagrada aos Pretos Velhos – e 22 de novembro – dia de Araribóia – venceu por unanimidade 15 de novembro. Nessa data, em 1908, manifestou-se pela primeira vez, numa sessão da Federação Espírita, em Niterói, uma entidade que declarou trazer a missão de estabelecer um culto, no qual os espíritos de índios e de escravos poderiam desenvolver seu trabalho espiritual, organizado no plano astral do Brasil. Na época, esses espíritos aproximavam-se das reuniões espíritas, mas as suas mensagens eram recusadas, por serem eles considerados atrasados, tendo em vista a condição de humildade com que se identificavam.
3. A entidade, que se apresentou aos videntes como um mentor espiritual, deu o nome de CABOCLO DAS 7 ENCruzilhadas.
4. No dia seguinte, verdadeira multidão compareceu à residência do médium – um jovem de 17 anos, Zélio de Moraes, de tradicional família fluminense. A entidade manifestou-se e determinou as normas do novo culto, que teria o nome de UMBANDA, declarando fundado o primeiro templo de Umbanda, cuja prática seria exclusivamente a caridade espiritual, através de passes, desobsessões e curas de enfermos.
5. O templo, que tomou o nome de Tenda Nossa Senhora da Piedade, funciona ainda hoje, no centro do Rio de Janeiro (Rua D. Gerardo, 51) e com uma filial (Cabana Pai Antonio) num sítio em Boca do Mato, Cachoeiras de Macacu, completando, em novembro próximo, 69 anos de atividade.
6. Prossequindo em sua missão, o Caboclo das 7 Encruzilhadas fundou mais 7 templos, cujos dirigentes foram escolhidos entre os grupos de médiuns preparados nas sessões doutrinárias que a entidade estabeleceu, às 5.^{as} feiras à noite, para esclarecimentos sobre a doutrina espírita, o Evangelho e as normas ritualísticas da Umbanda. Estas normas determinavam: médiuns uniformizados de branco, cânticos sem acompanhamento de atabaques nem palmas ritmadas; preceitos baseados apenas em água, amaci de ervas, flores e pomba, atendimento totalmente gratuito, não sendo admitido estabelecer nem aceitar retribuição financeira de espécie alguma. Os templos, organizados administrativamente, mantinham-se pelas contribuições dos associados.
7. Milhares de templos, em quase todos os Estados, descendem desse grupo inicial, conservando, em sua maioria, a pureza da doutrina e da ritualística. Formou-se assim a religião de Umbanda – denominada, de início, Lei de Umbanda, ou Linha Branca de Umbanda – cujos mentores são os Caboclos e os Pretos Velhos.
8. Justifica-se, portanto, a escolha da data de 15 de novembro, por não se prender apenas a uma das falanges principais da Umbanda e sim a ambas: Caboclos e Pretos Velhos.
9. A referência feita à Proclamação da República deve-se ao fato de ter sido ela determinante da igualdade religiosa estabelecida pela primeira vez na Constituição da República, em 1889, o Estado deixou de ter uma religião oficial, permitindo assim que todos os credos, inclusive a nossa doutrina, se difundissem livremente.

INSTITUIÇÃO DO DIA NACIONAL DA UMBANDA



Dia Nacional da Umbanda

Presidência da República

Casa Civil

Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 12.644, DE 16 DE MAIO DE 2012

Institui o Dia Nacional da Umbanda.

A PRESIDENTA DA REPÚBLICA

Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

- **Art. 1º Fica instituído o Dia Nacional da Umbanda, que será comemorado, anualmente, em 15 de Novembro.**
- **Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.**

Brasília, 16 de maio de 2012. 191º da Independência e 124º da República.

DILMA ROUSSEFF

Anna Maria Buarque de Hollanda

Luiza Helena de Bairros

Este texto não substitui o publicado no DOU de 17.5.2012

*****//*****

Portanto, a partir desta data, oficialmente a Umbanda é reconhecida pelo Estado Maior como religião.

Também tem um fato curioso: Muitos religiosos brigam com ardor para que o Estado Maior retire do calendário anual os feriados ditos religiosos, pois conota preferências, e todos também querem que suas religiões tenham igualmente um feriado nacional. Com isso não teremos que nos preocupar, pois o Dia da Umbanda sempre será feriado, devido a ser comemorado no mesmo dia da proclamação da República. Coincidência né???

LINHA BRANCA DE UMBANDA E DEMANDA NA VISÃO DE UM APRENDIZ

Iremos disponibilizar alguns textos sobre a Linha Branca de Umbanda, escritos entre 1932 e 1935, por um estudioso da Doutrina Espírita, e frequentador das Tendas Espíritas seguidoras da “Linha Branca de Umbanda e Demanda” do Sr. Caboclo das Sete Encruzilhadas, formulados pelo comerciante (sócio proprietário da Sociedade Laticínio Via Láctea Nevada Ltda.) e vice-presidente do Sindicato dos Representantes Comerciais do Rio de Janeiro, o Sr. José Rodrigues Lopes de Barros, de origem portuguesa, que se apresenta com o pseudônimo de: “Aprendiz”, desde 1908 como o mesmo diz em um dos seus textos: *“Devo confessar com toda a lealdade que, os meus vinte e cinco anos de crença, dedicação e observação das práticas espíritas em suas várias modalidades, a frequência com regular assiduidade nas Tendas Espíritas onde se praticam e exercem atividades caritativas, rigorosamente cristãs, por entidades do espaço, componentes da denominada “Linha Branca de Umbanda”...* (Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Quinta-Feira, 16 de Fevereiro de 1933 – página 09);



**Sr. José Rodrigues Lopes
de Barros (Aprendiz)**

Até então, tínhamos conhecimento que o único divulgador da doutrina apregoada pela Linha Branca de Umbanda e Demanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas era o Sr. Leal de Souza. Por influência da Espiritualidade, conseguimos resgatar os textos abaixo que contêm em suas linhas, alguns aspectos da doutrina esposada pelo instituidor da Umbanda; o Aprendiz, com certeza, consultou os Guias Espirituais das Tendas Espíritas seguidoras do Caboclo das Sete Encruzilhadas, para angariar conhecimentos, e raciocinando com a razão, expô-los como o fez, com maestria. Observem que na maioria dos escritos, o “Aprendiz” também está defendendo a Linha Branca de Umbanda dos ataques de alguns ditos kardecistas ignorantes, intransigentes, preconceituosos, puritanos e conservadores de então, pois estes já, em época, queriam a todo custo, por pura ignorância dos ditames doutrinários da Linha Branca de Umbanda, de expurgá-la da doutrina Espírita, pois a tachavam de baixo espiritismo, e seus seguidores de ignorantes, mistificadores e exploradores.

O “Aprendiz” em seus textos mostra que a doutrina da Linha Branca de Umbanda do Senhor Caboclo das Sete Encruzilhadas está totalmente integrada à doutrina dos Espíritos Superiores, organizadas por Allan Kardec, e por isso, em época, era amplamente conhecida como uma modalidade de espiritismo, chamada de: “Espiritismo de Umbanda”. Aliás, desconhecemos quem está autorizado a dar um diploma e carteirinha de espírita para alguém.

Observamos nas entrelinhas, que o “Aprendiz” fala em nome da “Linha Branca da Umbanda e Demanda”, e embora o surgimento de outros Terreiros em desacordo com as “Linhas Mestras” do Caboclo das Sete Encruzilhadas, magistralmente, em seus textos, o Aprendiz nos ensina a respeitar todas as modalidades, desde que sejam voltadas a pratica do amor, da fé, da simplicidade, da humildade e da Caridade desmedida.

O “Aprendiz”, em nome da Linha Branca de Umbanda e Demanda também faz diversos alertas, a muitos falsos umbandistas da época, pelas práticas espúrias e feitiçarias efetuadas a bel prazer, todas com fins pecuniários.

Em algumas observações sobre rituais, apetrechos, defumadores, cerimônias, o Aprendiz tece comentários calcados em sua visão pessoal, que vimos ser limitada pela falta de informações científicas mágicas, o que não desmerece em nada todo o conteúdo. Hoje, já temos explicações plausíveis calcadas na razão, de todo o arsenal natural utilizados pelos Guias Espirituais, em auxílio ao próximo.

Em dias atuais, observamos umbandistas preocupados somente em cultuarem Orixás, realizarem festejos um após o outro, homenagear Exus e Pombas-Gira, dançarem efusivamente com roupagens coloridas e vistosas, dando ênfase a magias, oferendas e despachos disparatados, ostentando-se travestidos com indumentárias regionais, bebericando, aliando-se a Espíritos de má formação moral, defendendo-os e exaltando-os como Guias Espirituais, e ai por fora.

Pelos relatos do Aprendiz, vislumbraremos os reais Guias da Umbanda, humildes, amorosos, compassivos, evangelizadores, rezadores, intercessores, preocupados com a libertação das pessoas, enternecendo corações, e não somente Guias preocupados em travestirem-se coloridamente, dançarinos, alcoólicos, fumistas, galhofeiros; vamos ver Guias Espirituais que não estão preocupados com homenagens e exaltações; vamos ver Guias Espirituais que quando manifestados, sua preocupação é tão somente para ensinar ou trabalhar; vamos ver Guias Espirituais que nos orientam que: Festa em Terreiro é Caridade.

Podem igualmente observar, que em todos os relatos, em nenhum momento foi dado ênfase ao uso de atabaques, roupas coloridas e adereços. Em nenhum momento foi relatado Sessões específicas e nem atendimentos fraternos com Exus e Pombas-Gira. Também não encontramos referência a feitura de cabeças, camarinhas, corações, cultos e festejos para Orixás, festas regadas a comes e bebes e nem dançarias extasiadas. Somente encontramos as presenças marcantes de Espíritos Guias Espirituais em atendimentos fraternos, realizando desobsessões, preocupados em evangelizar e bem orientar e quem os procurassem, todos, obreiros humildes, sem vaidades, sem cultos individuais, somente querendo servir e nada mais. Assim foi e são os trabalhos mediúnicos dos que se pautam pelas normatizações do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Hoje, raros são os Terreiros que seguem, a totalidade das “Linhas Mestras” da “Linha Branca de Umbanda e Demanda” ditadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

O Caboclo das Sete Encruzilhadas tentou iniciar seus trabalhos juntamente com uma plêiade de Espíritos dispostos as práticas caritativas nas religiões já existentes, mas não foi aceito. Na época da implantação da Umbanda no Brasil, o catolicismo, religião de predominância absoluta, repudiava a comunicação com os mortos. O Espírita kardecista estava preocupado com a pureza doutrinária e apenas reverenciava e aceitava como nobres as comunicações rebuscadas de Espíritos considerados ilustres, catedráticos, com formação européia, trajados com fraques e cartolas. O Candomblé como religião estruturada somente surgiria no Rio de Janeiro na década de 1930 (segundo o antropólogo Reginaldo Prandi), não aceitava a incorporação de Eguns (Espíritos que tiveram vida na Terra). O Caboclo só teve uma saída: resolveu então, fundar uma nova religião, e seguir com o proposto perante a Espiritualidade Maior.

Temos certeza que muitos irmãos kardecistas, hoje, respeitam e entendem o trabalho grandioso da Umbanda perante a espiritualidade. Mas, infelizmente, como em outrora, muitos outros irmãos kardecistas ainda encontram-se petrificados em elucubrações filosóficas idiossincrásicas, presos no ostracismo da ignorância.

Muitos podem nos perguntar: Mas porque dar tanta atenção e ênfase, tentando se explicar para os ditos kardecistas? A resposta é simples. Todos vão observar, na realidade, que a Linha Branca de Umbanda e Demanda instituída pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas é considerada pelos Guias Espirituais como uma modalidade de Espiritismo, portanto, seguindo também a risca, o preconizado pelos Espíritos na codificação kardequiana, somente com algumas peculiaridades que em nada ferem o codificado. Não caberia, portanto, tantas ofensas e preconceitos, mas sim, entendimento e auxílio mútuo para melhor aperfeiçoamento doutrinário e mediúnico. Com os pensamentos contrários de muitos irmãos kardecistas de renome, acabou-se criando um fosso imenso entre as duas religiões. Observem que não nos interessa o julgamento e o que pensa o Católico, o protestante as seitas pentecostais e as neopentecostais, pois não fazemos parte da mesma linha doutrinária, e só temos em comum os ensinamentos de Jesus que são indiscutíveis.

Os Espíritos da Umbanda, em tempo algum, jamais se pronunciaram negativamente ou pejorativamente contra quem os ofende. Somente nos orientam a ignorar tudo isso, pois o trabalho é grande e o tempo é curto.

Os textos do Aprendiz se iniciaram após uma série de artigos publicados em periódicos, onde alguns kardecistas de renome, formadores de opiniões, expuseram seus achismos e idiossincrasias acerca das manifestações de Caboclos e Pretos-Velhos, e das práticas da Umbanda.

Conseguimos uns poucos destas reportagens com pérolas agressivas e medíocres, que disponibilizaremos abaixo (O BOM SENSO, REAJUSTAMENTO DE OPINIÕES, NO SEIO DO ESPIRITISMO, O QUE É ESPIRITISMO).

Observem bem, como se referem aos Guias da Umbanda de forma jocosa, pedante e desrespeitosa, dando-nos a impressão que o Centro Espírita seria a “Casa Grande” e a Umbanda, a “Senzala”. A Umbanda nasceu em um racismo e preconceito espírico, continuou através das décadas e, infelizmente, após mais de 100 anos de existência, persiste até hoje. Mas, bem diz Ramatis: *“A Umbanda tem fundamento e, quando for conhecido todo seu programa esquematizado no Espaço, seus próprios críticos verificarão a comprovação do velho aforismo de que Deus escreveu certo por linhas tortas!”*

O BOM SENSO

Pela exemplar vida, pelo muito amor e humildade, Jesus o Cristo, é o expoente máximo do bom senso.

Se se considerar com sensatez e bastante critério, o que atualmente se passa na vida terrena, vê-se que por toda a parte lavra a iniquidade e a ignorância, a ambição desmedida impera, a preocupação geral é a megalomania, a vaidade e a ostentação onde estão vitoriosos o egoísmo =, o orgulho e a presunção, o atraso moral visível, em contraste, com antagonismo, com o grande adiantamento matéria e progresso, tudo com detrimento do bom senso.

O Consolador prometido por Jesus, o Espiritismo, é indivisível; consiste no cumprimento dos dez mandamentos da Lei de Deus, na observação dos sagrados preceitos dos Evangelhos de Jesus, segundo São Marcos, S. Matheus. S. Lucas e São João, e em procurar a doutrinação dos Espíritos atrasados, sofrendores, que são muitos milhões e que estão no espaço.

O Espiritismo não pode subdividir-se; é um só e único.

Estas credences com o falso nome de espiritismo, patenteiam o grande atraso moral, muita ignorância e falta de “bom senso”, como: baixos espiritismos, magias, ocultismos, exoterismos, obras de pais de santos, tirar e botar pontos, Candomblés, cangerês, trabalhos de Terreiros e tantas outras feitiçarias, fetichismos de Africanos e Caboclos, etc. Os praticantes destas crenças são dignos de comiseração e de compaixão pelo atraso moral e ignorância em que se acham. Precisam, esses infelizes, de bons conselhos e de que se deva implorar fervorosamente ao bom Deus que tenha misericórdia deles, que tudo isso fazem pela falta de “bom senso”.

A todo verdadeiro espírita repugnam estes desvarios e deve ter-se muita força de vontade para vencer, libertando-se deste meio, os que ali se encontram; implorar ao Altíssimo, que em sua bondade infinita tenha piedade de criaturas tão atrasadas, esses que estão passando por tais provas.

Todo o homem que tiver a alta virtude do “bom senso”, saberá seguir as pegadas de Jesus, o Rabi da Galileia, será bastante cordato e circunspecto, terá bastante seriedade e gravidade nas ações e nas palavras, e o discernimento preciso para distinguir o que é bom do que é mau.

Com toda a atenção lendo-se as monumentais obras de Allan Kardec, manancial de belos conhecimentos da doutrina espírita, neles encontrarão a sabedoria e todos obrarão judiciosamente e com “bom senso”.

Sendo o Espiritismo um só, estes erros provam, evidentemente, o grande atraso moral e a ignorância as doutrina; por esta infelicidade, frutos da irreflexão tornam-se esses tais, dignos do perdão de Deus.

Os bons espíritos compadecidos devem orar e implorar ao bom Deus e a Jesus que os ilumine e liberte desse estado de atraso.

(Texto de Américo Santos – Gazeta de Notícias – Terça-Feira, 29 de Maio de 1928)

REAJUSTAMENTO DE OPINIÕES

A propósito do estudo do ponto “Método” da ordem do dia dos trabalhos da semanal última da Liga Espírita do Brasil, intercorrentemente surgindo discussão acerca das manifestações dos Espíritos de “Caboclos” e “Africanos”, o Sr. Estevam Ferreira de Magalhães, vice-presidente da Liga Espírita do Brasil, fez o seguinte reajustamento de opiniões:

Venho, como dizemos, em nossa linguagem familiar, por em pratos limpos a questão dos “Caboclos” e “Africanos”, nos nossos Centros Espíritos; e isso sem me preocupar em agradar ou aborrecer os nossos estudiosos companheiros, mas sim, firmando-me na minha razão, na minha consciência e nos Evangelhos.

No fundo, a questão resume-se nisto: Nós temos vergonha da visita aos nossos Centros, desses irmãos ainda atrasados em suas trajetórias para o infinito; da mesma forma que nos envergonhamos quando em nossos salões de recepções, se apresentam seres maltrapilhos, nos estendendo familiarmente a mão.

Suas presenças perturbam o bom tom do meio. É a nossa vaidade que, na eminência de ser atingida pela crítica impiedosa e ferina dos que se consideram pairando em planos superiores, reclama contra a presença do intruso. É o nosso orgulho que reage, quando a harmonia na ordem social se altera com a presença desses seres ainda incultos. Mas, analisemos com serenidade o assunto, porquanto ele é de importância capital para o espírita cristão.

Se devemos tomar para modelo dos nossos Espíritos em evolução, aquele reformador incomparável que se chamou Jesus Nazareth, quando movimentava um corpo de carne sobre a Terra; se devemos ver nos seus ensinamentos, a regra certa, invariável, capaz de alcandorar os nossos Espíritos aos planos superiores da criação. Se nos considerarmos os continuadores de sua obra genial de aperfeiçoamento, e por consequência de redenção humana, teremos forçosamente de seguir os Seus exemplos, se quisermos possuir o seu imenso poder moral entre os homens e Espíritos.

E quais foram os exemplos deixados por Ele aos seus irmãos da Terra?

Sabeis todos, meus caros companheiros, destaca-se entre eles, a profunda piedade pelas criaturas simples, e as desviadas de suas rotas naturais, traçadas no plano divino.

Ele, o Cristo de Deus, estendia a mão a adúltera, comia com publicanos e não se sentia diminuído quando em companhia desses indivíduos de má vida.

Quão longe estamos Dele!

Todavia, se Jesus é o nosso modelo; se Jesus é o nosso Mestre, devemos imitá-lo em tudo o que for suscetível de ser imitado pelos nossos pobres Espíritos.

Deus espalhou a mediunidade por sobre todas as criaturas, cultas e incultas. Por quê? Não está isso indicando a grandiosa solidariedade que de existir entre todos os seus filhos? Não está isso indicando que devemos estudar essas faculdades em todas as suas manifestações, desde as de ordem inferior às mais elevadas? Como poderemos estudá-las e ajudar os nossos irmãos que ainda se encontram no princípio da sua evolução, nos primeiros degraus da lendária escada de Jacob; será afastando-os de nós?

Não! Nisto como em tudo mais, deveremos seguir os exemplos do Mestre, ajudando-os, instruindo-os e aprendendo com eles o que eles poderem dar. Vou tocar em um ponto melindroso da questão:

Sabemos que os Espíritos criados simples e ignorantes se encontram em uma infinidade de estados ou graus de evolução, no espaço como na Terra; assim, o “Caboclo” ou o “Africano” – eu me refiro àqueles que realmente o são – não poderão apresentar-se com as mesmas características de um Espírito evoluído; enquanto este disserta sobre assuntos elevados, aquele pedia “marafo” (*nota do autor: cachaça*) e nos responderá mais facilmente satisfazendo a nossa curiosidade ou nos ajudará a realizar alguma pretensão mais ou menos inconfessável.

Enquanto o Espírito de ordem elevada, consciente de suas responsabilidades nos afasta o mais possível dos nossos erros, o de ordem inferior, inconscientemente, alimentará esses vícios, e estaremos então dentro da figura evangélica; se um cego conduz outro cego, ambos cairão no fosso.

Enquanto o Espírito de ordem elevada se comunica irradiando em torno de si uma serenidade, por vezes impressionante o de ordem inferior o faz por meio de gestos desordenados, danças bizarras, canções inexpressivas, etc.

Estará certo tudo isso? Sim; porque representa um estado natural do indivíduo.

Mas, esse estado se perpetuará nesse indivíduo? Não; porque a ação do progresso o fará evoluir, e veremos o “Caboclo” e o “Africano” de hoje, transformado em um ser elevado amanhã.

Assim, entre dois grupos de espíritas, por exemplo, José de Abreu e João de Deus, de um lado, e Riachão e Pena Verde do outro; não são os primeiros que se deverão adaptar aos métodos de trabalhos dos segundos, mas sim, Riachão e Pena Verde que deverão esforçar-se para imitar os métodos de José de Abreu e João de Deus.

Resumindo, direi: Recebamos nos nossos Centros todos os Espíritos que tiverem permissão para o fazer; ouçamo-los, aproveitamos deles o que for bom, e recusemos o que for frívolo e não nos interessar; e quando algum nos pedir paraty, charutos, etc., digamos: *“meu amigo, não te daremos isso; esses vícios, como todos os mais, devem desaparecer de entre os homens; como queres que os perpetuemos no espaço entre os Espíritos”?*

Quando um Espírito se apresentar às nossas reuniões de uma forma bizarra, com gestos esquisitos, danças macabras, peçamos aos mesmo que na singeleza de seu pensamento diga o que quer, sem o ritual de que se cerca, porquanto o Espírito deverá despir-se sempre e o mais possível da forma grosseira da matéria, esforçando-se para atingir os planos superiores da criação.

Assim procedendo cumpriremos os nossos deveres de espíritas e de cristãos; façamos subir o nível coletivo de conhecimento espiritual e com inteligência impulsionaremos esse progresso, porém, lembremo-nos de que Deus sabe esperar pela boa vontade de seus filhos, e só os forçará a avançar quando, por demais indolentes, por si mesmos não o podem fazer.

Tenhamos paciência em esperar o desenvolvimento da sementeira que fizemos no campo da vida; o mau de hoje será o bom de amanhã; o ignorante atual, o sábio do futuro.

(Texto de: Estevam Ferreira de Magalhães “Gazeta de Notícias – Domingo, 6 de Outubro de 1929 – página 08)

NO SEIO DO ESPIRITISMO

Infelizmente o espiritismo ainda não está sendo praticado de uma maneira uniforme como deveria sê-lo, de acordo com os ensinamentos exarados no Código legado por Allan Kardec, à humanidade.

Há de tudo no espiritismo pregado no Brasil, e, principalmente no Rio de Janeiro, onde impera o chamado – “Espiritismo de Terreiro”, tão do agrado de muita gente civilizada e mesmo de jornalistas de destaque no nosso meio. O “Espiritismo de Terreiro” é uma prática esquisita e exótica, que, pelo maravilhoso que nele se observa, pela cantarias plangentes e curiosas, pelas manifestações de entidades que se dizem Caboclos ou Africanos, falando uma linguagem rebarbativa e incompreensível, que represente a sua linguagem verdadeira falta da caridade para com os presentes que não nos entendem, atraem uma assistência heterogênea de curiosos e basbaques.

E esta epidemia está proliferando em todo o Distrito Federal e adjacência, constituindo verdadeira calamidade para os incautos, que, desprevenidos, ali se aglomeram diariamente, absorvidos nos salamaleques ridículos dos pseudo “médiuns”, os quais não passam se simples anímicos.

O que mais admira, é ver homens de letras e senhoras ilustradas, e, principalmente, jornalistas, e estes com espiritualidade, que têm a obrigação de perscrutar pelo dever de ofício, fanatizados nesses ambientes grosseiros de espiritismo de fancaria.

A “cachaça”, que constitui para grande maioria de crentes do espiritismo (não digo espírita, porque ser espírita é matéria difícil), as manifestações Caboclas ou Africanas, dissemina-se cada vez mais, o que é para lamentar.

O espiritismo não transmite palavras; transmite pensamento, e por que razão o médium recebe pensamento e transmite aos assistentes palavras em patuá ou dialetos, principalmente se a maioria dos médiuns receptores são conscientes?

Está no dever do presidente de mesa, sempre que os pseudo médiuns começarem sua “arenga” em língua incompreensível, dirigirem a palavra ao suposto Espírito, observando-lhe, que ele está faltando com a caridade para com os seus semelhantes ali presentes, por estar falando língua diferente da que é usado no país; aconselhá-lo a voltar ao mundo espiritual, a fim de lá aprender a linguagem corrente, para depois, então, voltar e se manifestar.

Se todos os presidentes de mesa assim procedessem, cessariam por completo estas cenas ridículas que se observam em numerosos centros, onde os médiuns são submetidos aos caprichos dos tais Caboclos e Africanos, que, ainda terra a terra, fumam, bebem e praticam toda série de atentados a higiene e a moral.

Há tempos assistimos uma Sessão prática de espiritismo, na sede da União Espírita Trabalhadores de Jesus, num Centro bem organizado pelo nosso confrade Luiz Moraes, e tivemos ocasião de observar que esse nosso confrade, sempre que qualquer médium começava a engrolar qualquer patuá Caboclo ou Africano, ele dizia imediatamente ao Espírito julgado presente: *“meu irmão, vós estais faltando com a caridade para conosco; ide ao espaço e aprendei a língua que falamos e depois podeis voltar”.*

Quando se tratava efetivamente de um Espírito, ele se afastava e breve voltava para dar uma manifestação em ordem e em linguagem corrente. Quando se tratava de um médium viciado, anímico, este revoltava-se e não voltava habituado a iludir ao público, e, o que era mais clamoroso, iludir-se a si próprio.

Combatamos, pois, os patuás Caboclos e Africanos, para honra e glória do espiritismo são e verdadeiro, tal como nos legou Kardec.

(Texto de João da Luz – Diário Carioca – Terça-Feira, 15 de Julho de 1930 – página 11)

O QUE É ESPIRITISMO

Dizem alguns que é bruxaria, outros que é negócio com o diabo, outros que é religião nova inventada pelos dissidentes. Nada disso.

O Espiritismo é uma ciência finíssima, especialíssima, destinada às pessoas que se interessam pelo bem estar futuro, e não aos que tudo esperam alcançar nesta vida de trabalho e de mestria, que é terrena.

O Espiritismo não é nenhuma religião. Explica sem a nossa posição no além, nossas relações com os humanos, nossas predileções, mas ensina como devemos desvencilhar-nos dos empecilhos que tolhem a nossa marcha para o infinito.

O organizador da doutrina afirmou que o Espiritismo não é religião.

Os corifeus modernos querem por força encaixá-la na religiosidade, resultando disso a formação das macumbas, onde se vê um misto, um “imbróglio” de Catolicismo e de Espiritismo, um bruxedo afinal, uma feitiçaria que se torna perigosa às almas fracas.

De um dia para outro se formam Centros Espíritas sem o necessário conhecimento do mundo oculto, o que é perigoso.

O Espiritismo deve adotar o mesmo critério adotado pela medicina e pela farmácia, que não admitem pessoas que não possuam os conhecimentos necessários para as manejarem.

Quanta coisa há por aí com o rótulo de Espiritismo e que não passa de baixa feitiçaria inconsciente. Quantos males têm produzido semelhantes Centros.

É preciso, pois, que se acautelem os incautos e que primeiramente se instruam no perfeito conhecimento das obras de Allan Kardec, afim de que possam ingressar na sublime doutrina. Nada de obras de Roustaing, nem de outros incompreensíveis, baseadas nas falsas informações dos capciosos evangelhos, organizados pela igreja romana.

(Texto de Hélio Baptista – Diário Carioca – Sábado, 06 de Maio de 1933 – página 02)

Após estas e outras reportagens que não tivemos acesso, denegrindo os Caboclo, Pretos-Velhos e a Umbanda, deflagrou uma série de outras, onde alguns irmãos trabalhadores e simpatizantes umbandistas, deixaram suas impressões (“NA CASA DE MEU PAI HÁ MUITAS MORADAS”, A VOZ DE UM ESPÍRITO, “HUMILHA-SE, SERÁ EXALTADO; EXALTA-SE, SERÁ HUMILHADO”, e, LUTA INTERNA NO ESPIRITISMO):

“NA CASA DE MEU PAI HÁ MUITAS MORADAS”

Pobre de nós mortais que, longe de nos abrigarmos nas leis santas do Nosso Divino Mestre que nos ensina a amar o próximo, procuramos em discussões inúteis acirrar os ânimos, resultando disso não a união e sim a desunião daqueles que se julgam sob os efeitos e sob a compreensão das vidas futuras e passadas. Não existe no Espiritismo linhas demarcadoras. O Espiritismo, na sua essência pura não admite competições.

Assim nos ensina Jesus, dizendo: “*Todos são filhos de Deus, e para Deus tem que voltar um dia*”. “*Na casa de meu Pai, há muitas moradas*”. Para o crente nas verdades espíritas, a principal morada que se deve procurar é aquela onde se abriga o sentimento da Caridade espontânea e desinteressada.

E aquela é que a nossa alma se confraterniza num consolo com os humildes e com os desgraçados. É aquela que reprimindo o egoísmo e as susceptibilidades mundanas, esquecemos as ofensas e perdoamos sinceramente os ofensores. É o anseio constante de nos aperfeiçoar, corrigindo os nossos erros, sentindo as nossas faltas e evitando molestar o nosso próximo.

Deixemos, pois, as práticas. Esqueçamos a vaidade da nossa intelectualidade trabalhada pelos estudos e pelo desejo de nos exibir. Abandonemos toda a veleidade de sermos os mais esclarecidos na doutrina. Releguemos para os orgulhosos os preconceitos de cor e de casta, e num requinte de amor ao Nosso Pai Supremo, devemos lembrar que o lema de Revelação é somente: Fé, Humildade e Caridade, ou por outra: “Sem a Caridade não pode haver salvação”.

Tenhamos, pois, fé em Deus Onipotente, humildade perante nossos irmãos, e Caridade na acepção da palavra, e em toda a sua complexidade.

E que Deus me perdoe, sempre.

(Texto de Peregrino – Diário Carioca – Sábado, 21 de Janeiro de 1933 – página 10)

A VOZ DE UM ESPÍRITO

Chegam ao espaço os ecos das vossas tristes divergências. Alguns de vós, meus irmãos, achais que deveis vir a público acusar Espíritos. Alguns de vós, meus irmãos, achais que deveis sair de vossas casas onde realizais as vossas Sessões, para lançar o descrédito sobre Espíritos.

Não simpatizeis meus irmãos, com os Espíritos que se apresentam como Caboclos ou como Pretos, e por conta da vossa antipatia os indicais ao desprezo dos que não pertencem a vossa doutrina.

Considerai, meus irmãos, que assim como vós não sois senhores de vossa atividade, não fazeis livremente o que pretendei, e sois obrigados a ir a determinados lugares ou fazer certas coisas, por força de vossas funções no mundo material, os Espíritos também não fazem o que lhes apraz.

Pensai, caríssimos irmãos, que os Espíritos também possuem sensibilidade e que bastaria a vossa aversão, para que esses Pretos e Caboclos perdessem o desejo de baixar ao plano em que os injuriais. E se a esse plano descem, é porque Deus assim o quer.

Antes de voltardes a público, a atacar entidades do espaço, fazei um confronto entre a vossa conduta e a deles. Tivestes conhecimento de que em algum Centro, algum Espírito de Preto, algum Espírito de Caboclo tivesse respondido às agressões com que os invectivais?

Tratai de verificar, meus irmãos, se algum Espírito de Preto ou de Caboclo fez algum benefício, embora insignificante, a alguém, e depois verificaí se os ataques que lhes fazeis causaram algum bem a qualquer criatura.

O mais triste, meus irmãos, é que andais agredindo a Espíritos, para desacreditar a irmãos vossos do mundo material. Andais perturbados pelo ódio, e o ódio não deve existir no coração de quem profere o nome de Deus.

Vi, há dois ou três dias, uma instituição espírita anunciar aulas por sessões práticas destinadas a esclarecer o público sobre processos que muitos indivíduos praticam para proveito próprio.

Que tristeza, meus irmãos! Sois espíritas, sois membros de uma instituição espírita e para ferirdes um só homem lançais o descrédito sobre inúmeros trabalhadores, que se no vosso conceito estão em erro, também, no vosso conceito, são honestos, são honrados, são crentes.

Se os que aquele anuncio lançaram e que, como membros de uma instituição espírita, pretendem aceitar o espiritismo, assim se deixam arrastar pelos ressentimentos pessoais, é natural que nós, os espíritas, lhes perguntemos, em prato: - para onde levais o vosso rebanho?

Há duas instituições espíritas no Brasil, duas grandes instituições – a Federação e a Liga. A Federação Espírita Brasileira, colocando-se sob o critério mais elevado, reconheceu a legitimidade das manifestações de Caboclos e Pretos, pois a descida deles a Terra não depende da vontade dos homens, A Liga Espírita resolveu, ao contrário, condenar essas manifestações e desmoralizam esses Espíritos.

As palavras da Liga Espírita são públicas. Permitam os irmãos que me pediram para ser dada a público esta comunicação, que eu assim termine:

Meus irmãos da Liga Espírita do Brasil; não usurpeis a Deus o direito e a faculdade de julgar os Espíritos, e não pretendais governar o espaço, pois não governais o mundo material em que viveis.

(Texto de: “Um Médium” – Diário de Notícias – Sexta-feira, 03 de Fevereiro de 1933 – 2ª seção – página 06)

“HUMILHA-SE, SERÁ EXALTADO; EXALTA-SE, SERÁ HUMILHADO”

Quão contristador é para nós que somos crentes nas verdades do Espiritismo, vermos a porfia de confrades, uns procurando com boa fé e com superior humildade esclarecer um pouco as causas e os fenômenos espíritas; outros intransigentes, cheios de orgulho, a fulminar, no alto de sua sabedoria, num quase, tudo aquilo que acham que não vem da codificação de Kardec.

Ainda ontem, “Vanguarda” trazia um artigo de um astro do espiritismo carioca que, irritado, pedia aos seus confrades que não lhe importunassem com perguntas sobre Espíritos de Caboclos e Africanos. Tem razão no seu modo de ver o ilustre propagandista do Espiritismo.

Como em muitos Centros Espíritas que existem nesta capital, o infeliz que não possui uma indumentária mais cuidada, não pode ouvir as palavras dos pregadores, dos inspirados, dos cultos, porque estes Centros não recebem os maltrapilhos, embora eles sejam os mais carecedores da palavra de conforto e de instrução da doutrina. É muito justo que os Espíritos de selvagens e dos africanos também não possam afluir a essas sessões, porque a sua inferioridade (no parecer dos estudiosos), irá deslustrar o cenáculo dos sábios e dos luminosos, embora a essas qualidades sejam elevados pela vaidade e pela imaginação de vários diretores e líderes da doutrina de Kardec.

Doutrina de amor, de igualdade, de justiça, que condena o orgulho, a vaidade, essa doutrina devia ser interpretada com a tolerância e a benevolência, provando assim que o espírita amando a Deus, ama o próximo, o seu irmão.

No espaço não existe castas, e na própria codificação de Kardec os estudiosos encontram a razão de ser de todas as entidades que os orgulhosos combatem porque se julgam diminuídos em travar relações com um Espírito que quando encarnado teve na sua matéria a cor de azeviche ou bronzeadas.

Volvemos à razão e como nos ensinou Jesus, separemos o joio do trigo, e de coração aberto, estendamos a mão a todos numa confraternização de amor e de compreensão da grandeza, sem ostentação da doutrina espírita.

Lembre-se bem da passagem do Evangelho: “Humilha-se, será exaltado; exalta-se, será humilhado”.

(Texto de Peregrino – Diário Carioca, 23 de Fevereiro de 1933 – página 11)

LUTA INTERNA NO ESPIRITISMO

Os kardecistas e os umbandistas com razão combatem os quimbandeiros; e por seu turno os umbandistas, injustamente, são combatidos pelos kardecistas. Que sejam combatidos os médiuns quimbandeiros, é razoável, porque eles representam um mal à sociedade; porém, combater os médiuns que se dedicam a magia branca, é um erro dos confrades kardecistas.

Qual a razão dos kardecistas criticarem a magia branca e seus adeptos? Eu mesmo respondo: julgam os kardecistas que os umbandistas elaboram em erro, aceitando Espíritos de Caboclos e Africanos, etc., como Guias e Protetores e alegam que esses Espíritos são inferiores ou atrasados e por esse motivo não estão na altura de serem Guias de Centros ou Tendas, nem tampouco protetores de médiuns. Porém afirmo com absoluta segurança, que eles estão enganados, e provo, argumentando com a lógica.

Pergunto; qual a condição necessária para um Espírito ser considerado um Guia ou Protetor? Todos responderão: ter luz. Pergunto; qual a condição para um Espírito ter luz? Todos responderão: ser virtuosos. Pergunto, ainda; ter virtudes é privilégio de alguma raça? Se é privilégio, estaremos então diante do absurdo de termos de aceitar Deus como injusto; porém, como Deus é justíssimo, não poderá, portanto, haver raças privilegiadas; logo, os Caboclos, os Africanos e outros, poderão ser Guias, porque podem também, com os da raça branca, ter evoluído moralmente, através de sofrimentos e assim tornarem-se virtuosos.

Assim sendo, podem, por afinidades, se agruparem em falanges para praticar a Caridade em volta deste Planeta.

(Texto de: Lourenço Braga – Diário da Noite, 01 de Setembro de 1939 – página 05)

Vamos, a partir de agora, disponibilizar todos os textos que encontramos do Aprendiz, que magistralmente expõe a candura, a singeleza e a compassividade dos trabalhadores espirituais da Umbanda.

Em algumas reportagens, o Aprendiz cita o termo “ignorância ou ignorante” definindo alguns Espíritos trabalhadores da Umbanda, não em termos pejorativos como muitos podem entender, mas tão somente para definir um estado de quem ignora ou desconhece alguma coisa, não tendo o conhecimento de um objeto determinado.

PRÁTICAS ESPÍRITAS – COMENTÁRIOS DE UM APRENDIZ

Há inúmeras criaturas que por estranharem a diversidade de métodos usados nas práticas espíritas, nalguns desses métodos encontram apenas motivos para fazer classificações desairosas, humilhantes, ridículas, e o que é mais lastimável ainda, vejam razões para fazer acusações precipitadas, qualificando os praticantes de cujos métodos discordam desonestos e exploradores da credulidade pública.

Esta forma de ajuizar só pode ser oriunda de um ponto de vista nascido de uma falta de critério, de tolerância, e de uma intransigência, contrárias aos mais sagrados princípios espíritas, impróprios portanto de todos os que se intitulam crentes e adeptos de suas doutrinas.

Um ponderado raciocínio levaria por força esses juízes precipitados a conclusões mais razoáveis e menos injustas, mais lógicas e menos falhas, não tendo por base as simples aparências despidas da análise dos atos e das intenções que os animam.

Se aqueles que se consideram possuidores de um grau de cultura que reputam assas elevado, estão ainda tão longe de poder compreender idealizando o Supremo Arquiteto do Universo, O Criador da Natureza, não podem certamente exigir que os menos cultos possuam uma mais perfeita compreensão d’Essa Entidade Divina, compreensão essa que ultrapassaria a todos os limites da inteligência humana.

Se no exercício de um culto religioso, criaturas há que revestem suas práticas de formalidades ou rituais em perfeita harmonia com a sinceridade de suas convicções, ou não sei onde possam ser encontradas razões para que se vejam nessas práticas um crime, e nos praticantes uns criminosos, se as finalidades são as mais nobres e dignas.

Se os silvícolas no seu grau de incultura rendendo sincera homenagem a seus deuses, os de suas crenças religiosas procuram simbolizá-los em qualquer coisa material; se agindo dessa forma, estão convictos de dar sincera expansão a seus sentimentos religiosos, para nós que possuímos um grau de cultura mais elevado, estarão em erro, necessitando de luzes, mas não se tornam pelas suas sinceras convicções, merecedores de humilhações e atos de perseguição, que colocam por certo em plano muito mais inferior os seus inadvertidos autores.

O ritual usado nas práticas de culto religioso não afeta absolutamente a sinceridade de seus autores, e por mais extravagantes que pareça ser, ou seja, não implica na falta de sinceridade, a ninguém podendo ser dada razão para por tais motivos a sujeitar ao ridículo, ao repúdio geral.

Nada de precipitações; convenhamos que as aparências nem sempre são o reflexo das intenções que tanto podem ser sinceras ou deixar de o ser, por mais belas ou mais desagradáveis que se mostrem; e as finalidades desonestas, podem ser disfarçadas por todas as formas feias ou bonitas.

Raciocinemos... se Deus em Sua Alta Sabedoria permite por julgar do certo necessário que sobre a Terra habitem ainda irmãos nossos de condição primitiva, nada mais lógico que usem hábitos e linguagem que lhes é peculiar; e se na Terra entre nós, isso se constata, pelas mesmas razões se deve constatar a existência espiritual em idênticas condições, hábitos costumes e linguagens.

Dentro dessa racional conclusão, se necessário se torna o contato com esses nossos irmãos, tanto na Terra como no espaço; se preciso se tornar o fazermos compreendidos por eles, se queremos captar as suas simpatias e o seu concurso para que colaborem em finalidades que nos interessa, é claro que teremos que nos adaptarmos a eles, aos seus hábitos e costumes, até que pela ordem natural de todas as coisas eles tenham conseguido se adaptar aos nossos, não nos cabendo direito nem capacidade para impor outras normas e diretrizes contrárias a essa ordem natural.

Não ignoramos que pelas leis da evolução, esses nossos irmãos terão que percorrer a escala do progresso chegando um dia ao grau em que nos encontramos; não seremos decerto nós quem teremos de retroceder até onde eles se acham; mas certo é que, enquanto nos separar essa distância verificada nessa escala do progresso humano, a desigualdade de condições, de hábitos e de costumes, há de fazer-nos sentir e notar.

Nem a distância nem a desigualdade, porém, constituem empecilhos ao fato de, em troca das luzes que podemos levar a esses nossos irmãos, nos emprestem eles os seus melhores esforços e boa vontade, para bom êxito do nosso desideratum, ou seja, o exercício da prática da Caridade; e para finalidade tão nobre nós tenhamos de nos solidarizarmos com seus hábitos, seus costumes e sua linguagem, os quais são de seu agrado e conveniência, e que para muitos pode parecer um ritual que adotamos.

Se os mesmos tolerantes acham que deve predominar a preocupação de proporcionar aos assistentes um espetáculo agradável, sem dúvida que propícias não são as práticas de Caridade, menos ainda, quando os elementos ativos, são irmãos nossos muito dignos, porém de origem primitiva, sejam africanos, Caboclos ou de outras raças, como ex-habitantes de regiões selvagens, os quais pela sua condição social têm que usar hábitos e costumes que estão em perfeita harmonia com sua condição.

Necessário e útil deve ser sem dúvida, que os que se dedicam com sinceridade a essas práticas de Caridade com esses elementos, também a verdadeira compreensão das mesmas e sua razão de ser, podendo explicá-las aos assistentes para que deles seja afastada toda a ideia supersticiosa que possa trazer como consequência a obsessão e o fanatismo por tais práticas, que nada têm de sobrenatural ou hipotética.

É preciso que fique patenteado que por mais extravagantes que pareçam os métodos dessas práticas ou outras, não podem elas absolutamente modificar ou contrariar as leis naturais; a sua ação é proporcional e limitada dentro do merecimento e da permissão Divina.

Se os métodos usos ou costumes diferem ou destoam de nosso meio civilizado, não diferem na ação que está em relação com o merecimento e as intenções.

Se nas práticas de Caridade especialmente, presidir a preocupação de vaidades exibicionistas, elas serão fatalmente prejudicadas nas suas finalidades, e cedo ou tarde sentirão as consequências os que alimentarem essa vaidade.

A tendência pela ordem natural do progresso é para futura abolição de rituais e símbolos, que acabarão por se tornarem desnecessários; mas até lá há que tolerá-los admitindo-os e compreender-se a sua razão de ser, diante das finalidades.

Embora não seja eu um fervoroso adepto praticante ou mesmo assistente constante a essas práticas nesse meio, só motivos posso encontrar nos praticantes sinceros, para louvores pela sua abnegação, pelo seu desprendimento pessoal, pela honestidade de suas intenções, pela sinceridade de sua fé, suportando com todo o heroísmo e galhardia as consequências resultantes de sua nobre e elevada missão, num meio onde imperando elementos incultos mais vasto é o campo do sofrimento e da dor, demandando a anulação de seus efeitos, um esforço considerável, sujeito a consequências inevitáveis.

Se é verdade que a missão desses abnegados obreiros consiste em proporcionar a educação moral aos nossos irmãos que dela mais necessitam, se essa missão consiste em encaminhá-los para a estrada do Bem, se consiste em proporcionar-lhes o alívio aos seus sofrimentos, se consiste em nos precaver contra as suas más influências conscientes ou não, se crime existe é decerto no ato de persegui-los, repudiá-los humilhá-los sob o fútil pretexto de que seja baixo espiritismo, falso espiritismo ou idêntica classificação, esquecendo o quanto tem de nobre e digna tal missão.

Inúmeros são sem dúvida os exploradores, os perversos e malvados que exploram os sentimentos e a dor, alheios, mas é prudente que se aprenda a distingui-los, vendo-os onde eles se encontram e não onde não podem nem devem estar.

Concordemos em que, existe sim essa infame espécie de criaturas para as quais os interesses próprios estão acima de tudo, mas daí, não se queira concluir que estejam apenas onde a ignorância não é refratária a bondade, onde a humildade não é antídoto da Caridade, onde a pobreza dos meios não é empecilho da riqueza de dotes de nobreza, e as condenações resultem da vaidade dos juízes.

As finalidades deveriam ser para a consciência dos apressados em julgar suficiente justificativa para que os meios se tolerem e expliquem, e estes não podem deixar de estar em harmonia com a ação precisa, com as circunstâncias do meio e do momento, com as intenções e muito outros fatores que se não são de todos conhecidos, nem por isso deixam de existir.

O argumento de que muitos se servem para condenar as manifestações desses nossos irmãos, na sua condição de atraso, emprestando aos Espíritos a faculdade de se manifestarem em linguagem coerente e hábitos civilizados, não pode prevalecer diante das leis que limitam a sua ação proporcional a condição e suponho que é querer avançar em demasia, pretendendo violar essas leis, ou colocá-las ao sabor de quem quer que seja.

Que avance quem quiser sentir os passos embargados; eu me contentarei em obedecer e não determinar, embora meu desejo fosse de dar passadas de légua e meia para chegar à perfeição que todos devem ambicionar e para onde todos se encaminham, e nessa estrada distinguindo uns em nossa dianteira, outros ainda na retaguarda.

Se nós não podemos ou queremos auxiliar mutuamente como seria o nosso dever, não semeemos o caminho de empecilhos para dificultá-lo aos que vêm na retaguarda ainda trôpegos, e com a vista curta na penumbra.

Que ninguém se esqueça de que na humildade tem sido e serão eternamente colhidos os mais sublimes exemplos de moral e puros sentimentos, cujo maior e mais digno símbolo se acha personificado em Jesus Cristo.

Que a Caridade se exerça por todas as formas ou métodos; que as palavras de conforto, de coragem, de fé e de amor fraterno, sejam apregoadas em qualquer idioma repelida a preocupação de diversidade; este deve ser o lema de todos aqueles que se dizem ou consideram sinceros e verdadeiros cristãos.

Que Deus na Sua Infinita Bondade e Misericórdia se apiede da humanidade ainda tão cheia de vaidades e orgulho, tão impregnada de egoísmo, afastando para bem longe das criaturas as trevas que as envolvem.

Que a paz de Deus fique convosco.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Terça-Feira, 5 de Julho de 1932 – página 06)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Prosseguindo nas considerações que deram motivo à publicação feita sob o título acima, cujo artigo infelizmente estava bastante truncado, não tanto que não pudessem ser compreendidas as intenções, seja-me permitido voltar ainda a tratar do assunto, que a meu ver carece de toda a atenção por parte dos Espíritas.

Quando me refiro a práticas Espíritas não entram em minhas cogitações, as que são exercidas por profissionais ou exploradores, e sim as praticadas por todos aqueles que se sentem animados das nobres intenções da Caridade.

A ignorância nunca foi nem poderá ser empecilho – a prática da Caridade.

Se a prática da Caridade é condição essencial ao progresso espiritual, não se podem nem se deve absolutamente impedir essa prática aos que desse progresso mais necessitam, e que são sem dúvida os que se encontram em nível inferior, condição de atraso primitiva, e o número desses irmãos é incalculável pelo seu elevado número, tanto na Terra como no espaço.

A nenhum de nós encarnados me parece seja dado o direito de criar empecilhos, levantar obstáculos, ridicularizar ou repudiar esses nossos irmãos, pelo fato de praticarem a Caridade, por processos que se harmonizam com a sua condição de atraso, com o seu grau de desenvolvimento espiritual, muito embora em desarmonia com o nosso grau de civilização.

Em que princípio se poderão firmar os Espíritas para negar aos criminosos o direito de regeneração, resgatando os seus crimes, com o exercício da prática de atos dignos e meritórios?

A regeneração efetuada pelo resgate consiste em atos de Caridade, ou em demonstrações de cultura?

Sejamos mais ponderados em nossos raciocínios e julgamentos mais tolerantes e menos vaidosos, menos orgulhosos de um saber que desaparece diante da Sabedoria Divina.

Os indígenas, habitantes ainda do nosso Planeta, usam como sabemos, hábitos, costumes e linguagem inteiramente diversos dos nossos, sem que isso constitua razão para considerá-los indignos de confabularem conosco em seu ou nosso benefício na satisfação de interesses mútuos e de toda a humanidade.

Ninguém se atreverá decerto, a acusar esses abnegados missionários que, embrenhando-se pelas matas virgens, levam a essas tribos de silvícolas a palavra da fé Cristã, as luzes da civilização que desconhecem.

Quem poderá divisar nessas confabulações de finalidade tão nobre, ato digno de censura ou repúdio?

Respondeu-me um prezado irmão de crença as minhas considerações, que não devemos retroceder, solidarizando-nos com esses nossos irmãos, mas ao contrário, cabe-nos fazê-los avançar até nós.

Parece-me haver em tal observação, uma leve dose de vaidade, que deve ser inteiramente repelida, porque nos falta capacidade autorizada para impor tal avanço, o qual se fará como determinarem as Leis Divinas, e não como muito erradamente cremos entender deve ser.

Há, sem dúvida, erro de apreciação, porque não se retrocede absolutamente, pelo fato de confabular com esses irmãos, sejam eles Caboclos ou Negros, tanto mais quando as finalidades são nobres e dignas.

Descer a uma posição de humilde não diminui ninguém; antes, eleva, e não se chama a isso retroceder, pois nada se perderá pelo que merecidamente se houver adquirido.

O malvado ou o benfeitor não perde a sua qualidade, seja qual for a origem ou nacionalidade, e clamorosa injustiça é por certo emprestar a esses pobres silvícolas, pela sua condição social, privilégio de incapacidade moral.

Se da confabulação, do contato provocado ou não resultarem benefícios mútuos, não sei como se possam negar esses benefícios, alegando como irrisório pretexto serem conseguidos com práticas de “baixo espiritismo”.

Ídolos, símbolos, dogmas e rituais, só servem certamente para os que deles sinceramente julgam necessitar ainda, e essa sinceridade não pode ser posta em dúvida, quando nenhuma razão existe para isso, senão quando se cerram os olhos – para não ver as finalidades, e se arregalar para ver os meios.

Já disse e repito, sou o mais insuspeito para emitir estas considerações, por não ser frequentador ou praticante dos métodos a que me refiro. Faço, entretanto, a justiça, não de vir defendê-los porque não necessitam da minha defesa, mas de explicá-los como melhor me parece; se acertar dou-me por satisfeito de ter concorrido para desfazer dúvidas e divergências existentes; se errar, dou-me ainda por muito satisfeito, certo de que serei corrigido por quem possuir melhores luzes, permanecendo na minha muito humilde condição de aprendiz.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Sábado, 09 de Julho de 1932 – página 07)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Raciocinemos... Existem no espaço, inúmeros irmãos desencanados em estágio, digamos, conservando ainda sua primitiva condição de atraso espiritual, sejam, Caboclos, Negros, etc., e sobre isso não creio haver menor dúvida.

Para conduzir esses irmãos encaminhando-os na senda do progresso espiritual, há irmãos de luz, investidos da personalidade de chefes de tribos, e no fiel cumprimento de sua sublime missão, como tal se nos apresentam.

Não vemos absolutamente razões para que esses irmãos se sintam na obrigação de trair sua missão, revelando sua verdadeira identidade, por simples satisfação dos caprichos de quem quer que seja, que se julgue com o direito de duvidar dessa sua personalidade.

Ponho de parte as mistificações prováveis e admissíveis em determinados casos, cuja explicação o momento não comporta pela sua extensão.

Muito maior e mais elevada é sem dúvida a responsabilidade desses irmãos no cumprimento de sua missão perante os habitantes do espaço, que perante nós encarnados, para que desçam a satisfazer nossa curiosidade e dúvidas injustificadas quando nos negamos a ver suas finalidades, para somente condenar e reprovar os meios de que se utilizam para satisfação de seus nobres desígnios.

A personalidade de que se encontram investidos esses obreiros da Caridade, está suficientemente explicada pelo meio em que é exercida sua missão, sendo obedecidos e respeitados, reconhecidos como chefes, numa personalidade que poderá ter sido real em anteriores encarnações.

A sua ação se exerce onde o meio lhes é propício e simpático, despreocupados por completo do juízo que sobre eles queiram fazer os ignorantes, certos de que esse juízo em nada afetará a sublimidade da missão que lhes foi determinada, por quem está em plano muito além das mesquinharias humanas.

Entre os elementos que os rodeiam, que lhes prestam auxílio no exercício da Caridade, há os que têm plena consciência do seu estado, e os que ainda a não possuem; mas tanto uns como outros, têm a convicção da autoridade exercida pelos referidos chefes, obedecendo-lhes cegamente na repressão do mal, ou seja, encaminhando-os por bem ou a força, a abandonar suas vítimas sobre as quais atuam (atuação fluidica), isso quando essa atuação não constitua em merecido castigo ao que chamamos provação.

Convenhamos, que o bem e o mal existem, sendo sua ação exercida e permitida por Deus, na razão direta do merecimento de cada um.

Arrebatando no espaço ovelhas desgarradas, perniciosas pela sua grande ignorância e maldade, não só são encaminhadas para o aprisco, como ainda nos acautelam a sementeira para que ao seja devorada, anulando todos os nossos esforços.

Lastimável é sem dúvida que esses humildes pastores da Santa Seara de Jesus, se vejam alvo pela sua condição humilde, do repúdio por parte de irmãos nossos inadvertidos e apressados no julgá-los e acusá-los.

Haverá porventura ainda quem ignore que alva pode ser a alma de um Negro, como negra a de um branco?

Cor não significa qualidade, nem ignorância e humildade significam maldade.

Aprendamos a divisar o bem e o mal onde eles estiverem, mais meticolosos nas nossas observações, para não fazermos juízos precipitados e errôneos.

Os métodos emprestados, como uso de ingredientes, utensílios, ídolos, símbolos, cânticos, pontos e outras coisas mais, que tanto horror causam a muitos, que tanta estranheza e repugnância lhes ocasionam, estão em harmonia com os elementos que deles se servem, pela sua condição de atraso, convictos porém, da necessidade de seu uso, em razão de seu próprio conhecimento, sem que daí nos possa advir prejuízo algum.

Não poderá, de certo, alguém transportar da mata virgem um silvícola, exigindo-lhe que se apresente numa capital civilizada com nossos hábitos e linguagem que desconhece inteiramente, entretanto, a despeito de desconhecer esses nossos hábitos e civilização, nada o impede de alimentar nobres sentimentos, e ser capaz de praticar dignos atos.

Classificar-se como Magia Negra, a prática espírita que pelos seus métodos destoem de nosso meio civilizado, é erro de apreciação grave porque a meu ver, só se pode entender por Magia Negra a prática exclusiva do mal, e Branca quando seja para o bem, sejam quais forem os processos empregados.

A prática do mal pode perfeitamente ser exercida, sem que se desviem os praticantes do mais intransigente Kardecismo digamos para distinguir as práticas.

Os meios não traduzem os fins, mas os fins justificam os meios, assim como nem tudo que é belo é bom, nem tudo que é feio é mal.

Prosseguirei em minhas considerações, se isso me é ou for permitido sem que afasta de minhas simples condição de aprendiz.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Terça-Feira, 12 de Julho de 1932 – página 05)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

O muito digno, prezado e ilustre confrade, Dr. João Torres, dd. Presidente da Liga Espírita do Brasil, pelas colunas do jornal “A Vanguarda”, de 11 do corrente, concedeu-me a subida honra de contestar minhas considerações sobre as práticas espíritas, traduzidas em artigo publicado no DIÁRIO CARIOCA.

Com o devido respeito que merece o prezado confrade, reconhecendo-lhe a autoridade na matéria, eu peço-lhe que me perdoe se tenho de vir novamente a público, discordando de suas contestações, refutá-las, pelos motivos que exponho.

Sou um fervoroso admirador de Kardec, muito longe de pretender na minha insignificante qualidade de aprendiz, abalar os alicerces fundamentais e superiores das suas doutrinas, se é verdade essas doutrinas nos não autorizam a práticas empíricas, também nos não desautorizam a tolerá-las.

Eu não tive a pretensão de justificar métodos, mas sim, explicá-los, mostrando a sem razão daqueles que acreditam seus autores, dignos das perseguições policiais, quando os move exclusivamente a ação da Caridade, sem proveitos pessoais.

Não podia aconselhar ninguém a subordinar-se à ignorância de Espíritos encarnados ou desencarnados, mas sim, às suas boas intenções caritativas, deixando de considerar essa ignorância que não desconheço nem neguei, mas que coloco em plano secundário, a qual poderá ocasionar erros, sem prejudicar absolutamente às finalidades nobres e dignas.

O exemplo do paralelo não me parece ter cabimento no caso, pois se é verdade que existe submissão como se pensa, repito, é simplesmente as finalidades, constatadas a nobreza e a dignidade dos fins, sem que me preocupassem a diversidade dos métodos, não rendendo culto senão à sublimidade da missão.

Considero digno de perdão e tolerância, o ignorante animado por intuítos nobres, e esta é a situação daqueles que no exercício da Caridade, se não podem divisar neles, interesses pessoais ou materiais, embora haja quem os acredite dignos de repúdio e o que é mais triste ainda, confrades que os apontam à perseguição das autoridades policiais.

Os mestres não se devem realmente subordinar aos discípulos senão quando reconheçam neles cultura inferior, mas qualidades morais superiores, sendo necessário que se não confunda, cultura com moral.

Por mim confesso, que prefiro viver entre incultos com moral, do que com intelectuais sem ela.

Não tivesse o progresso intelectual maior desenvolvimento que a moral, e a humanidade não seria vítima de tantos sofrimentos e desgraças, como consequência desse desequilíbrio.

Nós não ignoramos, de certo, que a intransigência de grande número de nossos confrades vai ao ponto de não consentir nas manifestações de Espíritos de Caboclos e Africanos, considerando essas personalidades como sinônimos de indignidade ou perversidade.

Louvores merece, de certo, a Liga Espírita do Brasil, pela acolhida que em suas reuniões encontram esses nossos humildes irmãos, sendo muito provável, que quando encaminhados sejam para as suas reuniões, já o sejam em estado de se converterem – por simples conselhos, e não em tal estado de atraso, que os impeça de poderem receber as luzes que os ofuscarão, na densidade das trevas que os envolvem ainda.

A mim não me preocupam os meios, repito, cuja explicação está com disse, no grau de atraso dos elementos que emprestam seu concurso à ação da Caridade, progredindo por essa forma o que é sem dúvida, a mais digna.

A convivência passiva eu nunca a considerarei desonrosa – quando tiver como coniventes irmãos nossos, cuja infelicidade consista em sua ignorância de nossos hábitos civilizados, porém passivos na prática da Caridade.

O fato, porém é que se a ação for Caritativa, se não existir a mais leve intenção de exploração, eu gostaria que me dissessem onde poderá ser encontrada razão justa para aconselhar a repressão policial.

Será que dentro da Caridade a salvação esteja entre as grades das prisões?

Apesar de, como já declarei, não ser um praticante ou frequentador constante das referidas práticas em questão, eu serei conduzido com toda a resignação para a prisão, pela mão de meus humildes confrades, solidário inteiramente com as finalidades nobres e dignas dos que exercem a ação da Caridade.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Quarta-Feira, 13 de Julho de 1932 – página 06)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Respondendo ainda ao muito ilustre e prezado confrade Dr. João Torres, seja permitido esclarecer melhor minhas considerações para que possam ser compreendidas, bem como o meu ponto de vista.

Quando digo que não sou praticante ou mesmo um frequentador assíduo das práticas a que me refiro, quero apenas demonstrar a minha insuspeição para assumir a atitude que tenho mantido, na intenção exclusiva de desfazer as divergências que separam os verdadeiros e sinceros praticantes Espíritas, havendo, porém, irmãos confrades que discordem das minhas intenções; tenho apenas a lastimar não me secundem.

Quem como eu, com o meu espírito de observador, teve oportunidade de encontrar em vários Centros Espíritas onde as práticas são as citadas, muita sinceridade, muito sacrifício pessoal, exclusiva intenção e ação caritativa, tendo sempre a presidi-la a palavra de Deus, evocada a todos os momentos, sua proteção mesmo pelas entidades de aparência ou realidade inculta e silvícola, notando entre os assistentes e praticantes materiais criaturas de todos os variados graus de cultura, de posições sociais definidas, inclusive bacharéis em letras. Constatando ainda mais, que a Caridade nos casos em que por Deus foi permitida, era uma realidade fartamente testemunhada, e não uma farsa, diante um tal resultado de minhas observações não poderia nunca em consciência, acusar esses dignos obreiros de impostores, farsantes ou exploradores, capazes pela sua ação de desmerecerem da consideração e respeito de todos os seus confrades.

Não poderia eu também permitir que sejam eles vítimas de acusações injustas, ou conservar-me indiferente ante essas acusações, com declarada intenção de os atirar ao desprezo, ao repúdio, ou ao ridículo geral.

Faltariam aos mais sagrados princípios Cristãos, se me solidariza-se com os que demonstram uma intolerância e uma intransigência, que Kardec não aconselhou em suas doutrinas.

O que eu fiz, todas as criaturas de bom senso farão decerto, foi procurar a explicação mais racional, para a razão de ser dessas práticas, partindo do princípio que, *“nada existe no Universo, que não tenha razão de existir”*.

Se eu fosse transportado para um país inteiramente desconhecido por mim, onde os hábitos, o idioma e os costumes fossem completamente diversos dos meus, necessitando eu de me fazer compreendido e atendido, não querendo cair no desagrado de seus habitantes, por mais ridículos que fossem ou parecessem ser esses hábitos e costumes, era em dúvida a mim que me cabia adaptar-me a eles e não eles adaptarem-se aos meus, isso pelos, até que lhes fosse possível e permitido compreenderem, que os meus estavam mais em harmonia com o progresso da humanidade, com os dos povos mais civilizados.

Mais ainda se explicará essa forma de proceder e de agir, se o interesse fosse todo meu em captar as simpatias desses habitantes para finalidades que o meu grau de progresso reputa como nobres porque são Cristãos, e que se traduzem na ação de encaminhá-los para o progresso moral especialmente, evitando suas más influências naturais de seu atraso, das quais são vítimas nossos irmãos, entre eles talvez acusadores.

O ridículo dos hábitos, costumes e idiomas, se assim os querem ver, não parece possam ser obstáculo às finalidades, tanto mais se fora desse meio e dessa ação, não se perde nem a personalidade, nem o grau de progresso adquirido, antes adquirida a certeza de haver cumprido um dever Cristão.

Não se crimina decerto senão pelas intenções, por mais belos que sejam os meios, e não procedam aos receios dos que imaginam verem transportados para fora das salas de sessões, os hábitos e costumes peculiares dos silvícolas, sendo a passividade suficientemente explicada dentro da ação do meio espiritual e das finalidades.

Os símbolos, os ídolos e o ritual, impressionam apenas os elementos cujo grau de atraso não permite ainda compreender a verdade, não nos cabendo cegá-los com o seu brilho.

Fazendo-os progredir moralmente muito mais teremos lucrado nós e eles, do que procurando apenas ou de preferência torná-los mais cultos.

Façamos que sejam bons, antes que sejam inteligentes.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Quinta-Feira, 21 de Julho de 1932 – página 05)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Prosseguindo nas minhas considerações e intenções, tenho a acrescentar mais alguns comentários, os quais julgo precisos para melhor esclarecimento.

Eu não desejo entrar na apreciação de práticas da Magia Negra, cuja ação é exercida por criaturas indignas, demonstrando um grau de perversidade e covardia repugnantes, muito embora sabedor que os métodos se assemelham comumente, por se tratar com entidades ativas do espaço, de condições de atraso idêntico.

A diferença que existe, entretanto, é bastante grande, sendo que uns são mal encaminhados por dirigentes piores, outros bem encaminhados por melhores dirigentes.

Denominaremos, portanto, os primeiros como praticantes de Magia Negra e os segundo de Magia Branca, não se devendo confundi-los sem que se verifiquem as suas finalidades.

Assim, pois, uns cercam-se de maus elementos, utilizando-os para a satisfação de suas maldades e interesses pessoais; outros se rodeiam de elementos desejosos de fazer o bem para o exercerem em nome de um Deus que outro não é senão o nosso.

Sendo todos esses elementos da mesma origem, ex-habitantes das mesmas regiões, conhecedores dos processos usados por seus irmãos de raças para a prática do mal, mais fácil lhes é evitá-los ou anulá-los.

A ação dos bem intencionados, esses que se contam no número de nossos amigos, consiste no combate a maldade, obrigando os malfetores a desfazer ou deixar de exercer sua ação maldosa, convertendo-os a trazendo-os para as fileiras dos repressores desse mal.

Fazer ou desfazer o mal de que são vítimas as criaturas humanas que habitam entre nós na Terra, é atuar fluidicamente sobre elas, ou livrá-las das cargas de maus fluidos e seus autores.

O cerimonial observado, os objetos, ingredientes, símbolos, ídolos, defumadores, etc., são a reprodução dos hábitos desses nossos irmãos os quais pela sua ignorância, se encontram sujeitos a grandes influências supersticiosas, sendo dominados e vencidos em seus baixos instintos, mais pela superstição, do que pela palavra ou pela força bruta.

A necessidade de ser exercido o domínio sobre eles, para bom êxito das nobres finalidades, explica o fato porque são amedrontados e alimentada a sua superstição.

Isto não nos deve causar espanto, pois para demonstrar até onde pode ir o poder da superstição, basta citar que entre nós, a uma hora desta capital, vivem sertanejos, os quais não cochilam em tirar as tripas de um seu semelhante por um simples cálice de cachaça; entretanto, preferem deixar-se matar a ter que se locomover em durante à noite na estadas, apavorados pelas aparições de almas e outras tolices.

A vida espiritual de irmãos de tal condição de atraso, em nada se diferencia da vida que tiveram na Terra, se acreditarmos que inúmeros deles desencarnaram a talvez séculos passados, tendo habitado em regiões selvagens onde a civilização jamais penetrou; pode-se calcular qual seja o grau de atraso, predominando decerto neles, mais o instinto que o raciocínio que mal desponta ainda.

Em alguns artigos publicados recentemente sobre assuntos espíritas, tenho observado comentários que me parecem com referência indireta à matéria que tenho abordado, notando que só por maldade ou por ignorância, se pretende estabelecer a confusão, demonstrando uma clara intransigência e radicalismo que se teima em negar.

Eu não estou absolutamente advogando exploradores de práticas espíritas ou práticas de exploradores; tenho procurado ser o mais claro possível, ressaltando por várias vezes os que agem exclusivamente dentro do terreno da Caridade.

Desses é que tenho ocupado, não os desejando ver como se teima em vê-los misturados com os praticantes da Magia Negra, demonstrando essa teimosia, flagrante intransigência e intolerância imprópria de espíritas, contra o que venho protestando.

Não me movem absolutamente interesses subalternos; o que não posso, é concordar em que se maldiga a mão que deposita a esmola, ou que se lhe empresta menos valor porque a mão que a dá seja mais ou menos escura, mais ou menos calejada.

Prosseguirei se me for permitido.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 24 de Julho de 1932 – página 05)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Há, como sabemos, variadas modalidades nas práticas espíritas; essas variedades encontram, porém, sua explicação no grau de desenvolvimento moral e intelectual, dos elementos ativos dessas práticas.

Nota do autor: Em várias reportagens observaremos o Aprendiz insistir em dizer que a Linha Branca de Umbanda é uma modalidade de espiritismo, bem como ressaltando sempre, que os Caboclos e Pretos-Velhos são Espírito de grandíssima moral. Vamos analisar tudo isso, num pensamento kardequiano:

"(...) Para que possa existir um laço forte que prenda entre si os adeptos do Espiritismo e suas Associações ou Sociedades, numa convivência harmônica, produtiva e tranquila, faz-se mister que todos lhe percebam o objetivo moral, o compreendam e o apliquem a si mesmos..."

Kardec frisou bem a questão do "objetivo moral, o qual, os Caboclos e Pretos-Velhos são diplomados, Kardec ainda nos falou sobre as Associações ou Sociedades do Espiritismo. Não esta ai integrada a Umbanda como modalidade???

O que deve distingui-las, segundo a minha maneira de ver, não são as modalidades, mas sim os fins, e só pelas finalidades se devem as mesmas definir e julgar os seus autores. Para sua classificação, deve imperar uma superioridade e independência de análise, livre de todos os preconceitos sociais, da intolerância e intransigência que só poderão dar margem a julgamentos precipitados, injustos e reprováveis.

Se fosse possível admitir que a boa ação, a nobreza dos fins pudessem ser perturbados ou ofuscados pela falta de cultura, nem assim explicaríamos dentro dos ensinamentos espíritas, como achar, que só entra as grades das prisões houvesse lugar para todos aqueles que se arrogam a praticar a Caridade, sem possuir a cultura. Cristo pregou o bem, o Amor e a Caridade, sem reprovar modalidades de seu exercício, e essas virtudes cada qual as pode e deve praticar de acordo com a sua capacidade moral e intelectual.

A permissão para a invocação de irmãos desencarnados, confabulação, doutrina e encaminhamento, o auxílio mútuo, esse intercâmbio estabelecido entre o mundo material e espiritual, nós a devemos encarar mais como de nosso interesse do que dos desencarnados, sem alimentar a pretensão de acreditar esse intercâmbio, apenas como indispensável ao progresso desses nossos irmãos habitantes do mundo espiritual.

Não; esse progresso não ofereceria absolutamente solução de continuidade, pelo fato de lhe faltar a nossa interferência, a qual se explica mais pela necessidade que temos dos exemplos que nos são precisos ao nosso aperfeiçoamento, o que não quer dizer que desse intercâmbio não resulte uma harmonia de interesses.

Dividimos as luzes que já possuímos com aqueles que das mesmas carecem, e recebemos as que carecemos dos que, se encontrando em plano superior, estão aparelhados a dividirem conosco as que já possuem; mas é necessário que compreendamos que essas luzes não são exclusivamente representadas pelo desenvolvimento intelectual, mas muito principalmente pela moral, e ambos quando puderem ser ministrados mutuamente.

O que distingue, enobrece e enaltece as criaturas perante o Criador, é o seu desenvolvimento moral, a elevação de sentimentos e atos, e não a intelectualidade sem aqueles predicados, e isto é princípio rudimentar cristão.

Espiritismo sim, para aqueles que têm a felicidade de possuir um grau de raciocínio suficiente, para compreendê-lo nas suas teorias, na ciência e nos fatos que o comprovam; fetichismo para aqueles que não tendo a ventura de possuir um raciocínio senão imberbe, têm apenas como base da sua ação a simples experiência e os hábitos tradicionais.

Deixarão, de certo, de serem fetichistas um dia, quando lhes for permitido deixar de o ser, mas não nos cabe o direito ou a capacidade de revogar leis naturais que determinam que a evolução se faça gradativamente, e não em saltos como querem os visionários.

Repito mais uma vez: é minha intenção demonstrar dentro de minha limitada capacidade, a razão de ser de atos e fatos, que uns estranham e outros não querem nem ao menos admitir, firmados dentro de um ponto de vista que acabará por levá-los a protestar contra a existência de irmãos de raças primitivas habitando ainda em nosso Planeta, exigindo a sua transferência para outro.

Só por maldade ou ingenuidade se poderá teimar em ver nas minhas atitudes intenções duvidosas; reconheço, desejando o progresso humano tão rapidamente quanto seja possível, mas não posso reconhecer em quem quer que seja motivos para impor ou forçar sua marcha, pretendendo com isso sobrepor-se às leis da Natureza.

O que tenho dito é bem claro; não reprovos absolutamente a ação da Caridade por questões de modalidades, não concordando em que se humilhe, se ridicularize, se repudie, se escorrace, se aponte a perseguição das autoridades policiais, irmãos nossos muito dignos, muito honestos, muito desinteressados e bem intencionados, pelo fato de adotarem modalidades que estão em desacordo com a nossa maneira de agir e pensar.

Ao invés de ver contestadas estas considerações que me parecem traduzir verdades incontestáveis, vejo torcidas as minhas intenções, confundindo-as para que fique a impressão de que, advogo exploradores e praticantes de Magia Negra, e como o pior cego é aquele que não quer ver, fica a cada um o direito de me julgar como lhe pareça.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Terça-Feira, 26 de Julho de 1932 – página 05)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Prosseguindo nas considerações que têm motivado as mesmas, ou seja, sobre as diferentes modalidades de práticas espíritas, seja-me permitido continuar a tratar do assunto, no sentido de melhor esclarecê-lo.

Persistem os críticos e juízes apressados, em emitir opiniões e julgamentos tendo apenas por base meras e simples aparências puramente materiais, negando-se a ver nos fins a justificativa dos meios, não permitindo que os curtos de raciocínio e inteligência, o direito de praticar o bem, como se tal prática pudesse ser privilégio dos inteligentes.

Não se quer admitir, considerando-se até impossível, que dentro de um corpo negro ou bronzado possa aninhar-se uma alma tão alva como a dos mais brancos. Não se quer admitir que um silvícola, seja na aparência ou na realidade, mesmo que se encontre animado dos mais elevados sentimentos, possa ser mais que um mistificador, um embusteiro, e não se quer chamar a isso intransigência e intolerância.

Por semelhante prisma, todos aqueles que se atreverem a praticar a Caridade, não se encontrando revestidos de hábitos e costumes compatíveis com os da moderna civilização, não tendo uma casaca e chapéu alto, são mistificadores, são exploradores, macumbeiros praticantes da Magia Negra.

Se praticam o bem, se espalham a Caridade, mas, não possuem inteligência, cadeia com eles; esta é a mentalidade de alguns confrades, que supondo-se com a razão, negam a ignorância o perdão pelo crime de serem ignorantes.

Consideram-se humilhados com a convivência entre silvícolas, mesmo quando seja no exclusivo exercício da mais sublime de todas as misérias, a da Caridade, pelo único fato de se consentir que continuem a usar os únicos hábitos que conhecem, pelos quais se identificam conosco.

Que não haja confusões; identificação de hábitos não é identificação de maldade; não é personificação de perversidade, de indignas intenções, quando muito identificam uma condição de atraso pela qual ninguém pode ser considerado merecedor da condenação de quem quer que seja, e muito menos ainda por quem se considera espírita.

Há uma linguagem sublime e incomparável, linguagem universal, que não é exclusividade de castas, de raças ou de condições sociais; é a do coração, que se traduz pelos atos dignos e elevados, nunca por simples palavras mais ou menos buriladas, ou pela beleza do porte e dos lábios que as pronunciam.

Incomparavelmente bela e sedutora é essa linguagem entre a humildade entre aqueles que tiveram apenas como berço as relvas da mata virgem, por escola a Natureza, desconhecendo ainda os vícios das modernas civilizações que ofuscam, envaidecem, orgulham e cegam.

Acusam-se os praticantes sinceros da passividade dada a essas referidas práticas, silenciando-se sobre as finalidades que a explicam sobejamente, esquece-se que, mais fácil é um inteligente passar-se por tolo, que um tolo por inteligente, evidenciando-se por esta razão, que a mistificação tem o seu melhor campo nos meios mais cultos e habilidosos.

Os Espíritos que se nos apresentam tal como se encontram, no seu grau de atraso, que se identificam pelos hábitos que os revestem; não podem por isso ser classificados como mistificadores, nem por tal motivo se deve por em dúvida a sinceridade de suas intenções, de sua cooperação em prol da Caridade, desde que razões mais fortes se nos apresentem para tanto.

Ato de desumanidade, parece-me deve ser o de se pretender recusar a esses pobres irmãos do espaço a consideração que aos próprios animais que nos são úteis não recusamos, colocando-os dessa forma em escala inferior a esses animais.

Se a ação e a passividade se acham restritas ao momento e ao recinto, limitadas ao fim caritativo, não vejo porque tanto pavor, tanta repulsa, tanta perseguição e combate.

Desse já explicado convívio para fins tão úteis aos conviventes, nada se perderá decerto do que se tenha adquirido; antes se concorrerá para que progridam no terreno da moral, os nossos infelizes irmãos do espaço, que tanto carecem desse progresso.

Se não é aconselhável a propagação de tais métodos ou modalidades, também não é aconselhável que se condene os que as praticam com sinceridade e bem intencionados. É preciso que exista quem se disponha a arriscar a vida para que o naufrago se salve e os que a arriscam em tais circunstâncias não merecem por isso a censura de quem quer que seja; antes são glorificados pelo seu altruísmo.

Não é propriamente este o caso, porque do benefício praticado os resultados auferidos são mútuos, livrando uns das responsabilidades infalíveis que lhes acarreta a prática do mal, e outros da ação desse mal como vítimas diretas ou indiretas.

Se a ação é boa, é útil a humanidade, é caritativa, deixará de o ser porque lhe chamam fetichismo ou espiritismo?

Antes fetichismo sincero que espiritismo mentido, e ninguém dirá que se não possa ser perverso dentro das práticas que não sejam fetichistas.

Continuarei a aconselhar aos meus prezados confrades e amigos, e que sejam menos intransigentes, mais complacentes nos seus juízos, e o faço revestido da minha simples e humilde condição de aprendiz.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Quinta-Feira, 28 de Julho de 1932 – página 05)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Continuando nos comentários sobre práticas espíritas, tenho-me limitado a procurar explicá-las segundo meu modo de entender, no intuito de desfazer a prevenção com que são encaradas, quando delas se diverge por incompatíveis com os nossos hábitos, criticadas por tal sem a devida justiça e critério.

Elas se identificam com o meio, sem afetar os fins, e deixariam de ser sinceras se assim não fossem, demonstrando por uma análise criteriosa, como as Leis Naturais absolutas.

Nas manifestações por incorporação, as contrações e deformações psíquicas nos médiuns, quando se tratem de Espíritos de condição muito inferior, demonstram apenas a falta de afinidade fluídica, ou antes, uma reação de fluídos cujas vibrações divergem e se repelem pela diversidade, sendo que por esta razão as incorporações se operam violentamente, evitadas piores consequências pelos Guias Espirituais que cooperam no exercício das finalidades dignas e caritativas.

Sabe-se que a matéria fluídica seja de Espíritos encarnados ou desencarnados está no seu grau de densidade vibratória, em perfeita relação com o grau de progresso dos mesmos, daí a repulsa e atração da boa ou má ação fluídica.

Mais claramente: o bem atrai o bem repelindo mal; assim como mal atraindo o mal repele o bem. Assim, possuindo o médium fluídos de densidade superior aos do Espírito que se pretende incorporar, só com grande esforço se consegue essa incorporação pelo choque resultante, a despeito de toda a passividade do médium.

Para que uma incorporação se torne mais ou menos perfeita, será preciso que haja afinidade fluídica entre o médium e o Espírito, sem o que se torna difícil ou impossível mesmo, tal seja a violência da repulsa, atenuada por vezes pelos Guias, quando como disse, as finalidades são úteis.

Pelas mesmas razões, um Espírito de grande elevação moral, sentirá as mesmas dificuldades ou mesmo impossibilidade de incorporação nos nossos médiuns, limitando sua ação nas intuições dadas, ou transmitindo-se conosco por meio de enviados seus, de condição mais ou menos idêntica à nossa e dos médiuns.

Por tais motivos se explicam as preferências entre Espíritos e médiuns, dadas as facilidades como se operam as manifestações já habituais.

O médium que se presta a receber a incorporação de um Espírito de condição muito inferior a sua, sujeitar-se-ia as consequências resultantes dessa diferença, se após a incorporação assistida pelos nossos Guias, não tivessem seus fluídos densidade bastante para reagir e repelir as cargas fluídicas do Espírito em questão, ao qual deu incorporação.

Concluem-se logicamente, que se o médium se achar revestido de fluídos elevados, o Espírito por mais rebelde e inferior que seja, será vencido e dominado na sua maldade pela repulsa fluídica.

A reação se opera independente da vontade dos Espíritos, em obediência e sujeição, porém, das Leis e energias Naturais e se assim não fossem nós seríamos a todo o momento vítimas da ação fluídica dos malvados, ação traduzida por pensamentos e atos, sendo, entretanto, permitida essa ação e seus efeitos, quando merecida pelas suas vítimas.

Exemplifiquemos para maior clareza.

Se alguém alimentar maus pensamentos, desejos ou atos, produzirá vibração fluídica relativa, estabelecendo desde logo uma atração de cargas fluídicas de densidade idêntica vibratória, cujos efeitos repercutirão diretamente não só sobre si próprio, como sobre todos quantos se encontrem nas mesmas condições.

Para que eliminadas sejam as más vibrações fluídicas, é necessário que deixem de existir as suas origens não só presentes como anteriores.

Só existe uma única e exclusiva forma de se neutralizar a ação do mal, é praticando o bem.

Todos aqueles que pautarem seus atos e pensamentos dentro dos verdadeiros princípios cristãos se encontrarão fora do alcance da ação do mal, cuja ação se poderá fazer sentir sim, mas somente pela responsabilidade de dívidas anteriores, a qual deixará de se fazer sentir, quando resgatadas tiverem sido essas dívidas, pagas com desconto e não com juros, graça a Magnanimidade Divina.

Pelas explicações dadas se evidencia claramente, como e porque somos os únicos responsáveis pelo que de mal nos possa suceder, e somente em nós mesmo devemos procurar e achar a razão de nossos sofrimentos, os quais procuramos sempre encontrar nos nossos vizinhos.

Já vou-me desviando do ponto em que iniciei e assim termino por hoje, aguardando a oportunidade de poder prosseguir em minhas considerações como aprendiz.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Sábado, 30 de Julho de 1932 – página 07)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Em continuação...

As manifestações por incorporações dos Espíritos de Chefes de Caboclos ou Africanos como Guias Espirituais, se revestem dos mesmos caracteres, não se podendo estranhar esse fato uma vez que se encontram esses irmãos investidos de uma personalidade real, senão no seu atual estado de uma outra encarnação primitiva, a qual não lhes é dado traírem, nem se encontrando obrigados a dele se despirem pela satisfação das dúvidas dos incrédulos. Como já me referi, essa personalidade se justifica no desempenho de uma sublime missão, a qual lhes foi designada, e pela qual respondem não perante os que deles entendem duvidar, mas de quem tem autoridade para determinar.

Se há quem se julgue no direito de por em dúvida a sua identidade e as probabilidades que apresento como racionais, deve demonstrar o contrário, não pretendendo satisfazer mantendo-se dentro do terreno da negativa simples.

Já procurei explicar como melhor entende a razão do cerimonial observado nas referidas práticas, as quais, ou antes, o qual se identifica perfeitamente com os elementos do espaço que os adotam nas referidas práticas, traduzindo por essa forma a sinceridade com que agem e se nos apresentam.

Sendo o meio propício a superstição pelo seu grande atraso de cultura, é explicável que predomine a mesma nos atos e tudo quanto os revestem, sejam objetos, etc., sem que disso resulte prejuízo para as finalidades, nem para os assistentes materiais, cuja passividade se cinge às finalidades.

Esse cerimonial ou ritual, para nós como assistentes materiais de um meio civilizado, só pode ter um caráter simbólico, uma vez que não nos é dado divisar a sua ação fluídica no mundo espiritual, onde indiscutivelmente ela se exerce, a despeito de haver quem sobre isso ponha dúvidas.

Ninguém pensou ainda de certo em transportar esses hábitos para o nosso mundo civilizado; isso seria um verdadeiro contrassenso e receio infundado; nem mesmo se aconselha a propagação das modalidades pelos demais Centros e reuniões de práticas espíritas.

Tolerá-los pelas finalidades dignas e nobres, é o que nos ordena o critério e bom senso. Pretender-se negar que essas práticas deixem de ser espíritas e que não sejam tão verdadeiras e de fim elevado como a dos mais intransigentes que as neguem por discordância; também não me parece que seja juízo acertado.

Que se classifique como baixo espiritismo todos aqueles que visem à prática do mal ou da exploração puramente material. Compreende-se e explica-se, mas, classificá-lo como falso não representa essa classificação à expressão da verdade.

Que ninguém se iluda supondo que não seja verdadeira a ação por ser maldosa, que se livre as suas vítimas a essa ação e seus efeitos evitando se tornarem dignas e merecedoras das mesmas, e que se livrem da mesma forma os seus autores praticantes, das responsabilidades assumidas com tão perversa e covarde ação, na certeza absoluta de que não ficarão impunes seus nefandos e negros crimes.

Convençam-se de que o mal só deixará de existir quando ninguém mais se torne digno dele, dependendo simplesmente do esforço próprio de cada um a conquista do merecimento ou desmerecimento do bem ou do mal.

Sobre verdades tão lógicas e incontestáveis devem assentar a felicidade de toda a humanidade, e o regime social de verdadeira e sincera fraternidade.

Tirar a vida de um semelhante, seja qual for a modalidade, é sempre um crime de gravidade idêntica; assim como a boa ação não perde seu valor ou diminui seu grau por questão de simples forma ou método.

Praticar o bem, é sempre praticar o bem, seja qual for a forma, e cada um o deve praticar como melhor saiba e possa fazer.

A palavra de conforto, de coragem e de conselho não varia de valor seja qual for o idioma com que se pronuncie, e, entretanto, uns parecem mais bonitos que outros.

Não nos devemos preocupar de certo com o que desagrada a vista, antes de ver se desagrada ao coração, ou antes, procuremos ver mais com o coração que com os olhos que muitas vezes nos enganam.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Quarta-Feira, 03 de Agosto de 1932 – página 04)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

A humanidade não estaciona nem retrocede na marcha do progresso espiritual, compelida pelo sofrimento e pela dor, para a sua perfeição moral a qual lhe é absolutamente indispensável a sua felicidade.

A conversão dos malvados e dos ignorantes só se faz pela convivência com os melhores e mais cultos, sem que nessa convivência se possa ver um mal ou um erro, senão de apreciação.

Se passividade se pode observar nas práticas espíritas a que me venho referindo, deve-se constatar que essa passividade é mútua, e de interesse e conveniência mútuas, sendo mais acentuada dos cultos e bons, para com os menos cultos e maus, tendo em vista, que dos melhores parte a iniciativa e a conveniência de um fiel e cabal desempenho da missão, que tem por finalidade exclusiva a prática da Caridade.

Consciente pelo seu grau de cultura e ensinamentos cristãos, da responsabilidade dessa missão, infantilidade seria acreditar-se que retrocedem no seu grau de desenvolvimento, pela convivência útil e precisa os que se dedicam a tais práticas, como infantilidade seria acreditar-se que da mesma em desígnios tão nobres, não sejam colhidos salutareis benefícios, pelos nossos pobres irmãos cuja infelicidade consiste no seu grande atraso espiritual. pelo qual tanto terrores causam a confrades nossos.

Se da passividade que são acusados os referidos praticantes, resultam indiscutíveis benefícios mútuos e um mais fácil e melhor êxito, razões mais fortes não podem ser vistas para que prejudicado seja esse bom êxito, por meros escrúpulos de alguém.

Se dessa passividade pudessem ser constatados interesses pessoais e materiais, explicar-se-ia o escrúpulo ou a repugnância; mas se a passividade não vai além de simples formalidades ou modalidades dos obreiros construtores da empreitada, se ela se limita apenas a consentir que ajam livremente dentro das suas possibilidades dentro de seus rudimentares conhecimentos e hábitos, não se justifica o repúdio ou a repulsa de que são alvo os seus sinceros e bem intencionados autores.

Não se pretenda ver nas modalidades em questão, um ritual de culto de religião diversa da Espírita, quando essas modalidades são a reprodução de hábitos e costumes, bem como linguagens usadas em vida por esses nossos irmãos agora no espaço como Espíritos, mas, ex-habitantes de regiões de sua última encarnação.

Compreende-se o ponto de vista de alguns confrades, os quais entendem não só dever permitir que aqueles irmãos persistem no uso dos referidos hábitos evitando a convivência com os mesmos, no sentido de forçá-los a se adaptarem ao nosso meio civilizado, mas se devem esquecer esses confrades de que essa adaptação não está a mercê de nossa vontade, e que não podemos sobrepor-nos a vontade de quem sabe melhor a que faz, do que nós o que dizemos e pensamos.

Se a conversão ou adaptação referida se pudesse fazer com a facilidade e desejo louvável dos sinceros espíritas, a lugar pelo elevado número deles, já não deveria existir no espaço nenhum irmão nosso em semelhante condição de atraso.

Com referência ainda a passividade observada nessas práticas, a qual se condenam o reprovamos, é preciso notar-se que em geral tanto os praticantes como os assistentes, desconhecem até a significação do cerimonial, cânticos, pontos, etc., despreocupados mesmo com essa significação que lhes interessa muito menos que as finalidades de suas práticas.

Interessados pelos fins caritativos, deixam-se conduzir pelos Guias nessas práticas, numa orientação que está em desarmonia com a assistência material, mas não com a espiritual de onde parte e para quem serve essa orientação.

Se fosse um profundo conhecedor daqueles hábitos e costumes indígenas, poderia entrar em maiores minúcias e detalhes, desfazendo esse aparato misterioso para muitos, mas que, entretanto, nada tem de sobrenatural ou hipotético.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Sexta-Feira, 05 de Agosto de 1932 – página 05)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Em continuação...

Já desenvolvi os comentários e considerações que me parecem suficientes para demonstrar a razão de ser das práticas espíritas em questão, denominadas como da “Linha Branca de Umbanda”.

Se não desci a maiores minúcias, detalhando a significação de todos os atos, utensílios e objetos de que se revestem essas práticas, foi não só por me parecer inútil, como porque não sendo assíduo assistente, me não foi dada a oportunidade de um mais minucioso estudo, havendo, porém, que o posso fazer satisfatoriamente e que virá a público mais tarde nesse sentido.

Resumi a explicação que podia dar interpretando o cerimonial como a reprodução de hábitos e costumes peculiares ao meio espiritual, da forma de viver que tiveram na Terra em sua derradeira encarnação, os nossos irmãos que emprestam seu valioso concurso a ação referida.

Alguns desses irmãos, tendo adquirido rudimentares luzes sobre o culto religioso católico as misturam no seu culto indígena, dando ao mesmo um aparato por vezes exótico.

Assistindo-se a uma dessas reuniões e práticas, tem-se a impressão de transporte a uma dessas regiões onde os habitantes são indígenas, negros e caboclos, e ali entre eles se opera toda a ação independente de nossa interferência direta, como meros assistentes animados do desejo de com o concurso daqueles obreiros, aliviar os sofrendores de seus padecimentos, especialmente se resultantes das influências fluídicas de Espíritos irmãos daquelas raças.

Nós não ignoramos que infelizmente há criaturas de uma perversidade e covardia tão grandes que não trepidam em atrair e evocar esses Espíritos, utilizando-os na sua ignorância e baixos instintos, para a satisfação de vinganças, caprichos ou interesses puramente pessoais e materiais, instigando-os sob falsas promessas a perseguirem suas vítimas, ou seja, irmãos encarnados convivendo em nosso meio.

Recorrendo ao mesmo meio, lançando mão dos mesmos elementos, a única intenção dos bem animados é livrar essas pobres vítimas dessas malignas influências, realizando esse desideratum por bem ou a força, resultando dessa ação e intenções, inegável e indiscutivelmente, um salutar benefício mútuo.

Sendo essa ação exercida numa região de indígenas, por elementos seus habitantes, nada mais acionais que livremente ajam de acordo com seus hábitos e costumes, não se lhes podendo exigir que tenham outros que desconhecem.

Essa liberdade de ação a qual em nada pode prejudicar a assistência, e que se quer chamar passividade com atos que se acredita fazerem retroceder os assistentes na escala do progresso intelectual.

Não devemos, porém, esquecer-nos para uma apreciação menos intransigente de quem o progresso intelectual se poderá fazer em poucos momentos, mas o progresso moral só se fará por etapas, com o resgate do passado.

Os cânticos (pontos) entoados pela assistência são adotados como meio de atração de falanges que por eles atendem, como meio de concentração, saudação de chegada ou despedida de tribos e seus chefes, atraídos ao local para desempenho eficaz da ação.

Se nos fosse possível transpor este véu que nos separa do mundo espiritual, verificaríamos como nada têm de extraordinárias as referidas práticas, exercidas num meio humilde e pobre de cultura e raciocínio.

Pelas considerações desenvolvidas, se deve concluir que é preciso ser-se mais ponderado nas apreciações para mais acertadas conclusões.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 07 de Agosto de 1932 – página 05)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Um prezado confrade que com seus artigos doutrinários ilustra as colunas desta seção, perdendo por vezes a serenidade, introduz nesses artigos referências as minhas considerações, não o fazendo com intuito de argumentar elucidando o assunto em questão, mas para ridicularizar torcendo o sentido e as intenções das referidas considerações já fartamente explicadas.

Realmente, o que eu nunca pretendi, foi dar explicações a quem não tem vontade de compreender, porque delas entenda não precisar, ou por simples prazer de contrariar.

Todo o Santo Evangelho a que se apega esse confrade, para aqueles que o conhecem, e mesmo para os que não têm a felicidade de conhecer, resume-se em muito poucas palavras, e que por pouco não deixam se significar tudo: *“Faz o bem, sem olhar a quem”*, porque, *“Fora da Caridade não há salvação”*.

Aqueles que tiveram a verdadeira compreensão destas simples verdades, não necessitam de outro Evangelho, porque nem todos o sabem ou podem ler.

Convença-se o prezado confrade de que, para fiel execução de tão sublimes princípios cristãos, não há absolutamente necessidade de modalidade que tenham por fim a satisfação de preconceitos sociais.

Convença-se o prezado confrade de que para ser espírita, preciso é que se tenham sentimentos elevados e dignos; mas que para alimentar esses sentimentos não é imprescindível que se seja espírita intransigente e intolerante.

Persiste o ilustre confrade em classificar como “falso espiritismo” ou macumba, todos aqueles que não sejam exercidos por Espíritos civilizados conhecedores de hábitos modernos negando aos pobres ignorantes o direito que lhes assiste de praticarem a Caridade, taxando-os de falsos, macumbeiros e mandingueiros.

Entender que, linhas africanas, caboclas e de brancos como as classifica segundo seu paladar, e cuja classificação eu abstenho de comentar, constituem seitas religiosas diferentes da espírita, não desejando compreender que a diferença consiste apenas nos hábitos peculiares e cada raça.

Praticar a Caridade com toda a sinceridade, desde constatada fique essa sinceridade, não me parece que seja alterar as doutrinas do Mestre; negar essa comprovada sinceridade e boas intenções, chama-se a isso simplesmente caluniar.

Pelo ponto de vista do prezado irmão e confrade quem não puder ou não souber ler o Evangelho, está impedido de praticar o bem, tem que ser atirado para o rol dos falsos, dos indignos, macumbeiros e mandingueiros, perversos e malvados.

Mas convenhamos que se hajam sofismas, não são de quem procura por as coisas em termos tão claros e simples; não são decerto de quem defende réus acusados de crimes que o cometeram, e mesmo ainda que os tivessem cometido, eu me sentiria mais digno no papel de defensor, do que no de acusador; assim é que ensina o meu evangelho, o da minha consciência, o verdadeiro cristão.

Convido muito sinceramente os inimigos e acérrimos combatentes das referidas práticas, a um exame minucioso nos atos, nas intenções e na nobreza dos sentimentos que animam os praticantes a que me refiro, e como resposta obtenho apenas a calúnia; assim costumam proceder os inimigos do espiritismo, mas nos que se dizem espíritas, confesso que estranho esse procedimento.

Só me resta aconselhar aos que não dando absolutamente direito a acusações e dúvidas sobre seu caráter e procedimento cristão, se tornam vítimas delas, que desprezem essas acusações e essas dúvidas, para prosseguir na sua missão, indiferentes ao juízo dos irrefletidos, que não querem ver pelo prazer de serem cegos.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Sexta-Feira, 12 de Agosto de 1932 – página 04)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Cada povo ou cada raça diversa tem seus hábitos, costumes e linguagem tradicionais, os quais pela ordem natural do progresso tendem a convergir para uma unificação, para um estado de civilização já atingido por alguns povos da Terra.

A condição de atraso que se encontram ainda alguns desses povos, a cor ou grau de intelectualidade, nunca poderá constituir razão bastantes para que sejam desconsiderados pelos demais, e muito menos pior aqueles que professam doutrinas, as quais não admitem outra distinção, senão a do valor moral como qualidade única imprescindível ao merecimento, perante o Criador.

Fora desta lógica, tudo mais é simples produto da vaidade, orgulho ou egoísmo humano, mais ou menos disfarçados.

O fato de se negarem qualidades morais constatadas para se divisar tão somente modalidades modernizadas, poderá ser tudo quanto queiram, menos espiritismo cristão; é querer-se sobrepor a vontade de Deus, não querendo consentir na existência daquilo que Ele entende dever existir.

Sofisma é sem dúvida embaralhar o bem com o mal, para por esse embaralhamento apenas devassar o que é mal, encobrindo e negando o bem, numa teimosia obsessão ou fanatismos inexplicáveis.

Sofisma é decerto negar que o intercâmbio com irmãos desencarnados, por serem eles de condição inferior a nossa na escala do progresso espiritual não seja Espiritismo, não sejam práticas tão espíritas como a desses ingênuos que pretendem fazer crer o contrário.

Apressados e irrefletidos são os juízos que demonstram com suas implacáveis sentenças, além de manifesto desconhecimento da ação que condenam, uma incapacidade de julgar pela intolerância que lhes veda por completo, o direito e a razão de sentenciarem acobertados por uma doutrina na qual não existe apoio para suas implacáveis sentenças, por ter essa doutrina como princípios fundamentais a tolerância e a magnanimidade.

São esses juízos que se recusam por vaidade ou capricho descabido, descer a uma análise de atos e de intenções daqueles que se movem tendo por fito em sua ação a exclusiva prática da Caridade, preferindo a esse ato de justiça e humildade, a calúnia, o repúdio, a condenação formal, apontando os autores a repressão das autoridades policiais, como dignos de ilustrarem as lajes frias das prisões.

Preferem esses juízes classificar esses abnegados obreiros da Caridade, como reles macumbeiros, praticantes do falso espiritismo, operadores da Magia Negra, mandingueiros e outras mimosidades que muito honram estes juízes.

Fingem não saber distinguir uma criatura sincera de uma criatura francamente explorada e mentirosa, e por comodidade confundem-nas pretendendo assim dar uma demonstração de sensatez, uma aparência de santidade nas sentenças que para tanto são profusamente precedidas do nome de Jesus e o Santo Evangelho, como se fossem culpados de tanta falta de critério, como se pudessem encampar estranhas atitudes de quem não soube ou não compreendeu o que leu.

Não me cansarei de repetir ainda uma vez, que nunca pensei em advogar exploradores reconhecidos ou mal disfarçados, apesar de convencido que esses mesmos são mais dignos de lástima do que da sentença de implacáveis juízes, pela tremenda responsabilidade que assumem com procedimentos indignos; mas apesar de minhas constantes ressalvas, há quem persista em ver-me “pai de santo” disfarçado, ou proprietário de alguma Tenda rendosa; daí a explicação para as investidas que sou alvo, as estocadas por tabela, dissimuladas nas entrelinhas dos artigos doutrinários, quebrando a monotonia religiosa dos mesmos para uso externo.

Não modificarei, porém, a minha diretriz dentro do ponto de vista em que me coloquei, embora desgostando com isso alguns confrades patrocinando a causa de todos aqueles que exerçam sinceramente a prática da Caridade, seja qual for a sua modalidade, mesmo que dela discorde, não me preocupando a cor da pele dos irmãos que a praticam, que por ser negra ou bronzeada se torna mais digna.

Colocarei sempre um plano secundário essas tão combatidas modalidades, deixando-as ao critério dos que as entendem, convictos da sinceridade do bom êxito de suas finalidades, numa certeza absoluta de que não são menos cristãos que os mais modernos cristãos.

Meus lábios não se mancharão, beijando agradecido a mão negra que me estende a esmola, a qual recebo com a gratidão devida e merecida, vendo nessa esmola a mais sublime demonstração senão de um ato de intelectualidade, um ato de Caridade Cristã.

Por mais que rebusque em meu fraco raciocínio, confesso que ainda não me foi possível compreender, em nome de que princípio Cristão se pode ou deve negar o direito a criaturas humanas de serem úteis entre si, auxiliarem-se mutuamente, numa permuta de benefícios, da qual resulte um avanço moral, sob o fútil pretexto de uma diversidade de raças, de costumes, de hábitos, de linguagem, ou de condições sociais.

Por tais razões tão fúteis, cava-se um insondável abismo, e proíbe-se que alguém se arrisque a descer a esse abismo, para de lá arrancar nossos caros irmãos, onde os atiram os nossos impensados confrades, esquecendo-se que de lá já viemos todos e por certo que com o auxílio daqueles que pensavam diversamente, com teorias menos modernas talvez, mas mais fraternas, menos egoístas.

Perdoai-me prezados confrades, se vos melindro com a franqueza de minhas palavras; vede nelas apenas a sinceridade sem a intenção de molestar.

Um vosso humilde aprendiz.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Sábado, 13 de Agosto de 1932 – página 07)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Dou-me por satisfeito, por bem empregado meu tempo e minhas palavras, pois ao que vejo quem ainda ontem discordava “in totum” já hoje se mostra inclinado a concordar com as manifestações de Caboclos e Africanos revestidas de suas habituais linguagens.

A questão agora está somente na repulsa ou na repugnância pelo uso de utensílios domésticos e ingredientes, os quais são utilizados nas referidas práticas, porque fora delas, no mundo material ninguém há que estranhe esse uso.

A questão limita-se, portanto, ao fato de se considerar que os Espíritos em sua qualidade não têm necessidade do referido uso, com o que, aliás, estou de pleno acordo, como, porém, não seremos nós quem teremos de concordar ou discordar, e sim eles que pela sua ignorância estão convencidos do contrário; temos que encarar e analisar a questão por esse lado.

O que tenho afirmado, é que nos não é dado transformar esses Espíritos, fazendo-os dar um salto na escala do progresso, salto impossível por que não se fará como quisermos e sim como tem de ser.

Não cabe o exemplo com o qual se procura argumentar em contrário, porque com tal exemplo, o que fica demonstrado é que, sendo o número de graus da escala do progresso infinito, o Espírito citado para esse exemplo com a sua manifestação provou ocupar um grau suficiente a poder aceitar as luzes que lhe foram dadas.

Se é verdade que existem irmãos em condições de poderem receber essas luzes, também é verdade que muitos outros seriam cegados pelas mesmas, pelas profundas trevas em que vivem ainda.

Se os prezados confrades a quem tanto repugnam esses utensílios e ingredientes, quisessem fazer um estudo minuciosos, talvez me pudessem responder: - qual a razão por que médium que com o Espírito incorporado absorve a tal marafa (paraty), nenhum paladar ou efeito sente dessa bebida quando terminada a manifestação ou incorporação?

Talvez me pudessem responder com acerto, porque razão o médium que não suporta sequer o cheiro da bebida alcoólica, absorve-a manifestado sem sentir absolutamente o menor vestígio, e como este, outros idênticos fenômenos pudessem ser melhor explicados?

O estado de atraso desses Espíritos empresta-lhes uma convicção de vida material, pela grosseria do corpo fluídico que os reveste, convictos de todas as necessidades materiais como se na Terra vivessem ainda, sendo por essa razão satisfeitos imaginariamente, em razão da Caridade que nos prestam, e de cujo exercício lhes advém um relativo progresso moral.

Mantendo-os nessa ilusão, parece-nos um erro ou um grande mal, não é, entretanto, tão grande se considerarmos que não se encontram eles aparelhados ainda para poderem compreender a verdade e a utilidade real resultante dessa forma de agir, não impedindo que cheguem a devida e verdadeira compreensão quando o seu estado o venha a permitir.

Tudo está no ponto de vista da análise se considerarmos que a desgraça como se nos apresenta, traz sempre consigo um bem, embora isto pareça um contrassenso ou uma utopia.

Repito ainda uma vez, não tenho capacidade para justificar o que à existência por si já justifica; limito-me a explicar a razão de ser, pela forma como entendo acertada, podendo errar, mas não lançando mão de sofismas ou de subterfúgios, antes sendo o mais claro possível para me fazer entendido.

Lembra-se a conveniência de unificar as modalidades das práticas, adaptando-as ao nosso meio de civilização, mas concordando com essa conveniência, eu continuarei a dizer que não me parece dependa isso exclusivamente da nossa vontade, não nos cabendo determinar, mas sim, obedecer aceitando as coisas como são e não como queremos que sejam.

Para melhor esclarecer o meu ponto de vista, vou fazer uma comparação material que me parece ter todo o cabimento no caso em questão.

As modalidades das práticas espíritas são como que os cursos escolares, divididas em primários, secundários e superiores. Aqueles que ainda não conhecem as primeiras letras, ingressam nos cursos primários onde podem aprendê-las, não se dirigindo de certo para as academias de estudos superiores, por serem primárias as escolas ou os cursos; não quer dizer que ali se não aprenda alguma coisa, assim como seria irrisório que os métodos das academias fossem adotados nas escolas primárias.

Os métodos ou modalidades são, portanto, de acordo em harmonia com os cursos; assim as práticas espíritas tão combatidas e a que me venho referindo, representam o curso primário da moral e da Caridade, para os que desconhecem completamente as primeiras letras.

Creio ter-me feito compreender com esta comparação, embora imperfeita talvez, mas é a que melhor me assaltou no momento.

Prosseguirei se me for permitido na firme intenção de esclarecer tanto quanto seja possível o assunto em questão.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 14 de Agosto de 1932 – página 04)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Em continuação...

Permita o prezado irmão e confrade que, embora indiretamente se tenha dignado a atender as minhas considerações, que me sirva do exemplo que contrapôs as mesmas, para que argumentando com o referido exemplo, sem me desviar de meu ponto de vista, chegar a conclusões que deixou de considerar e as quais reputo interessantes. Que me seja desculpada a minha prolixidade talvez fastidiosa, mas necessária a me tornar melhor compreendido, sem margem a sofismas. As conclusões que se tornaram evidentes com o exemplo demonstrado são a meu ver as seguintes:

Qualquer Espírito, por ser ou parecer de ordem inferior intelectual, não se encontra por tal razão inibido de exercer a Caridade alimentando sentimentos elevados, ainda mesmo que, em razão dessa inferioridade, julgue precisar satisfazer seus desejos e vícios materiais, os quais poderão ser ou deixar de ser satisfeitos segundo o pensar de alguém.

Que a satisfação desses vícios, não exerce ação prejudicial à boa moral que o Espírito possa possuir, provado como ficou com o citado Espírito no exemplo, o que era dotado dos bons sentimentos, apesar de absorver marafa (paraty).

Sendo esse o Espírito de desencarnado recente pela familiaridade e convivência, portanto, em condições capazes de uma fácil adaptação ao referido meio, não podendo nem devendo ser absolutamente comparado aos de inferioridade muito maior, como ex-habitantes de regiões virgens da civilização, de um desencarne que pode datar de muitos séculos.

Que o referido Espírito, sendo já bastante evoluído moralmente, não o era ainda intelectualmente, pela sua persistência no uso de sua linguagem peculiar.

Que a evolução moral se consegue também pelo exemplo, e não somente pelos conhecimentos de evangelhos; que a consciência espiritual se adquire sem a necessidade absoluta de tratados espíritas, reputados por muitos como indispensáveis (esta afirmativa não importa no menosprezo por todas as obras espíritas, cujo valor incontestável não foi ainda posto em dúvida pelos praticantes de modalidades divergentes).

Que se pode perfeitamente ser espírita cristão pelos atos e pelos pensamentos, sem se conhecer os mais modernos métodos e modalidades de escola.

Que o referido Espírito, a despeito de sua aparente condição de inferioridade (bebendo ainda marafa), era de tal elevação moral, capaz de lhe emprestar suficiente superioridade para assumir a direção espiritual de um grupo espírita, fonte de Caridade.

Depois destas simples conclusões, eu deixo aqui ao prezado irmão a liberdade de responder para melhor elucidação às seguintes perguntas:

Por que motivo a tal marafa absorvida pelo médium com o Espírito incorporado, não deixou o menor vestígio no organismo do mesmo?

Teriam os efeitos do álcool sido anulados, e como, ou teriam influenciado sobre o corpo fluídico do Espírito?

Como pode essa ação ser anulada no organismo dos médiuns, dando-lhes apenas o caráter de imaginária?

Se essa ação foi provadamente imaginária, porque então tanta repugnância e repressão sofre dos combatentes da orientação combatida, encarando-se essa ação simplesmente no ponto de vista material?

Pergunto ainda aos meus prezados irmãos:

Por que razão os adversários das modalidades em questão, não acusam e responsabilizam quem consente na existência de Espíritos em condições de tanta inferioridade, dando-lhes a convicção plena de que ainda vivem na Terra, carecendo de necessidades materiais?

Por que razão os intransigentes defensores de modalidades modernas não apontam ao Dr. Augusto Mendes os responsáveis pela existência desses nossos irmãos em tão lastimável estado de inferioridade?

Por que não responsabilizam e acusam quem permite a suas manifestações, revestidas ainda de seus desejos, compatíveis com seu estado espiritual?

Porque razões não mandam enclausurar nas masmorras do mundo espiritual esses infelizes, até que estejam em condições de poderem prescindir de seus vícios e seus hábitos, até que aprendam nossos hábitos e linguagem?

Não seria mais acertado proibir que se comunicassem conosco para não caírem no desagrado dos que os consideram indesejáveis, e mais ainda os que aceitam suas comunicações, procurando incutir-lhes o exercício de Caridade, ensinando-lhes os primeiros passos para sua regeneração moral?

Por hoje não vou mais longe; prosseguirei se for necessário e oportuno.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Terça-Feira, 16 de Agosto de 1932 – página 04)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – ADEDECISMO – A LINHA BRANCA DE UMBANDA

O nosso muito prezado e ilustre Leal de Souza, sem dúvida o mais profundo conhecedor da prática da Magia Branca da “Linha de Umbanda”, vem pelas colunas do “Diário de Notícias” com brilhantismo inigualável, procurando explicá-las minuciosamente, demonstrando a sua razão de ser, revelando-nos a maravilhosa organização existente no mundo espiritual, dos elementos combatentes do mal que assoberbadas criaturas humanas, especialmente as que se encontram ainda inclinadas.

Existindo, como é sabido e notório, considerável número de malvados formando falanges no espaço, ocasionando graves males e perturbações ao bem estar da humanidade, constituíram-se e organizaram-se verdadeiros exércitos com seu estado maior composto de Espíritos em missão (Guias e Protetores) para dar combate a essa falange de malvados por ignorância, por prazer ou por perversidade.

Fazem parte desses exércitos de Caridade, Espíritos de todas as raças usando, como conhecedores, os mesmos processos e as mesmas armas.

O que há de extraordinário é apenas a perfeição da organização, a grandiosidade do empreendimento, o heroísmo dos combatentes, a sublimidade da sua missão, o desprendimento e a abnegação desse formidável exército de obreiros do Bem e da Caridade, que age sob a proteção Divina, guiado por Jesus Cristo.

Ninguém, decerto, pensará em vencer simplesmente pela palavra de regeneração convertendo pela mesma, uma aluvião de maldades, armados dos mais baixos instintos e ardis, enfrentando os sem outras armas.

A palavra é sem dúvida suficiente sem, para aqueles, cujo estado moral lhes permita ouvi-la e compreendê-la, mas não basta infelizmente para muitos, e para estes só a força poderá convertê-los.

Haverá um mal no emprego desta força em tais casos?

Não, absolutamente, se a conversão não só aproveita ao convertido, com as vítimas indefesas de sua persistência na prática do mal, não podem ser em número bastante elevado.

Essa luta que se trava no espaço, entre os filiados à “Linha Branca de Umbanda”, e, esse incomparável aluvião de malvados justifica sobejamente o emprego de armas e processos idênticos, em harmonia com o meio em que essa luta se desdobra, e são esses processos que constituem as modalidades pelos adversários das mesmas.

A solidariedade de novos elementos que reforcem as hostes dos batalhadores, conseguida por dádivas e oferendas à sua atração exercida por vários e convenientes meios, são ainda um complemento das modalidades que se observam nas práticas espíritas da “Linha Branca de Umbanda”, adversária irreconciliável da Magia Negra, seus praticantes e seus efeitos perniciosos, das quais todos somos maiores ou menores vítimas.

A ação que exerce no mundo espiritual e a nós viventes na Terra, cabe-nos apenas auxiliá-la dada a sua sublime finalidade, não nos sendo motivo de preocupação e agrado ou o desagrado dos espectadores que se limitam a analisar as aparências sem mais quererem ou puderem compreender e aceitar, e deixem aos demais o direito de se sacrificarem numa luta que bastantes Espíritos têm sem dúvida, mas que não é menos grandiosa, menos gloriosa pelos riscos e pelos perigos de que se reveste.

É por certo bem mais cômodo e agradável ser praticante kardecista; não se lhes invejem essa comodidade e esse prazer; o que se pede como um direito e como justiça é um mais ponderado raciocínio, uma mais minuciosa análise, uma mais refletida atitude, para que não continue a predominar a calúnia e a perseguição.

Sejamos mais espíritas, menos vaidosos e orgulhosos.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Quarta-Feira, 21 de Dezembro de 1932 – página 04)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Prosseguindo nas considerações que vinha fazendo pelas colunas deste jornal, as quais como frisei por várias vezes, tinham como fim premeditado chamar a liça às autoridades no assunto, certo de que as havia, e ainda da necessidade de ver convenientemente esclarecida a mesma, propositadamente baralhado ou ignorado, causando uma série de desinteligências entre a família espírita.

Tenho hoje razões bastantes para me sentir regozijado vendo em campo como personagem principal, aquele que forceja e reconhece-lhe a maior capacidade aliada aos melhores conhecimentos do assunto, estudioso profundo das práticas espíritas em todas as suas modalidades, e que outro não é senão Leal de Souza, o autor da célebre reportagem de “A Noite”, que presentemente pelas colunas do “Diário de Notícias” ventila a questão.

Era de prever pela importância do assunto, que Leal de Souza fosse contraditado sinceramente pelos que discordem de suas teorias apesar de que as tem explicado suficientemente dentro da lógica e da razão, isso, entretanto, não é o que tem sucedido, como se poderá constatar, preferindo os adversários enveredar pelo terreno da agressão numa pretensão irritante em fugir a verdade, confundindo para caluniar, pelo prazer de negar publicamente aquilo que reconhecem intimamente por atos e por fatos.

Esses Papas do Espiritismo, como bem disse Leal de Souza, não defendem princípios, mas posições de destaque entre os adeptos das doutrinas, receando perdê-las, mais preocupados com a sua perda que com os esclarecimentos que necessitam os que nele confiam.

Tem o ilustre confrade envergadura suficiente para se defender das aleivosias de seus adversários, confundindo-os como vem fazendo, arrancando-lhe a máscara e sacudindo-lhes as teias em que se deixam envolver pela sua intransigência conservadora, que os tem levado a pretender impor normas e modalidades de se exercer a caridade, subordinando-a ao seu belo prazer.

Um de seus contraditores, vindo a público disfarçadamente, como gato sobre brasas, sem contestar as afirmações e argumentos de Leal de Souza, certamente por incontestáveis, lança a pecha caluniosa e faz uma insinuação inverídica e malévola, pretendendo convencer que são os kardecistas os perseguidos, quando em verdade são os perseguidores pela intransigência de atitude que assumem, as quais sem Kardec, não autorizam.

É falso que os praticantes da chamada “Linha Branca de Umbanda” combatam os kardecistas; eles apenas se defendem das acusações injustas que lhes fazem alguns de seus confrades, afirmando e prontificando-se a provar que suas práticas são espíritas e rigorosamente sinceras e caritativas Cristãs, muito embora não queiram admitir como senda kardecistas. Não se afirma que sejam kardecistas, mas incontestavelmente são Cristãs porque são caritativas as referidas práticas, queiram ou não os seus adversários e não é possível fazer ver quem não quer.

Estão esses confrades representando o papel dos inimigos do espiritismo que negam sem conhecerem aquilo que negam.

Chamados a analisar a questão, recusam-se para poderem persistir numa negativa que se não é de interesse particular é demonstração de ignorância ou de perversidade.

Mais lealdade meus caros confrades; dentro da doutrina espírita kardecista não há apoio para atitudes confusas, senão hipócritas, e perdoar as franquezas de um modesto.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Quinta-Feira, 22 de Dezembro de 1932 – página 08)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – ESPÍRITAS KARDECISTAS E ESPÍRITAS QUE NÃO O DEIXAM DE SER

O nosso prezado confrade Leal de Souza, focalizando essa tão debatida questão das modalidades das práticas espíritas, conseguiu com raro brilhantismo e precisão reunir uma série de argumentos colhidos das próprias obras de Kardec, pelas quais demonstrou claramente que já previa e admitia-o, a diversidade de formas sem prejuízo dos fins, não existindo, portanto, razões para que continuem os intransigentes a manter suas atitudes à sua sombra.

Os praticantes espíritas da “Linha Branca de Umbanda” sempre acataram com o devido respeito e consideração, os ensinamentos de Kardec, não o culpando nunca pela intolerância dos que os não souberam ler ou compreender, a qual vai ao ponto de negar que o intercâmbio que exercemos com o mundo espiritual e seus habitantes, seja espiritismo, esquecidos de que, não deixaria de o ser, ainda mesmo que nos não animassem as mais nobres intenções.

Não tem querido os nossos confrades, descer a uma análise dos nossos atos, preferindo lavrar condenações, sem permitir a defesa dos réus, e chamam a essa forma de julgar, kardecismo, nós, entretanto, fazemos mais elevado conceito de Kardec, acreditando-o e reconhecendo-lhe, pelas suas doutrinas que não desconhecemos, incapacidade para apadrinhar esses juízes de última hora.

Afirma um confrade, pelas colunas do “Farol”, jornal editado em Niterói, que não se pode admitir que um Espírito evoluído possa, como prova, tomar uma personalidade de categoria inferior. O seu erro está: primeiro em confundir missão com prova, muito embora a missão não deixe de constituir uma prova; e, segundo, em duvidar que, quando prova seja, possa ela ser perdida pelo próprio Espírito, que na mesma encontra utilidade para si ou seus semelhantes.

Prova ou missão tanto poderá ser imposta, como solicitada, e devemos concordar que não somos nós que os Espíritos devem satisfações de suas missões ou provas.

“A l’ocurez on connaît l’artisan” (*nota do autor: “Você pode dizer a um artista por seu trabalho”*), diz o velho provérbio francês, e se isso não basta para os nossos confrades, que nos ensinem melhor maneira de podermos identificar os bons e os maus, distinguindo-os.

O altruísmo das palavras e dos atos de nossos “Guias Espirituais” são para nós suficiente prova de sua elevação moral; sua personalidade nos é revelada, sendo motivo para anagogia.

Os nossos caros confrades parecem que gostam da chirinola e procuram fazê-la para satisfação e contento dos inimigos de nossas doutrinas, que divisam nela um excelente meio de propaganda contra as mesmas; nós, entretanto, estamos perfeitamente tranquilos quanto ao desfecho da contenda, da qual sairemos todos, amigos sinceros e leais.

Se o desejo é humilhar-nos, nós aceitamos a humilhação, convictos de que ela nos elevará; não nos diminuirá perante Deus, em nome de quem exercemos a nossa atividade na defesa dos que sofrem e que acorrem às nossas Tendões de trabalho.

Falo em nome coletivo, embora sem autorização para o fazer; faço-o porém por um dever de solidariedade moral, que, considero ingratidão negar.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Sexta-Feira, 23 de Dezembro de 1932 – página 10)

PRÁTICAS ESPÍRITAS - MODALIDADES

Tenho procurado dar uma vaga ideia sobre a significação do variado ritual das práticas espíritas que se distinguem nas suas modalidades e que por elas se caracterizam.

Vingando as da chamada “Linha de Umbanda”, delas me tenho ocupado especialmente por incompreendidas, e por tal razão reprovadas por confrades.

Não haveria papel e tinta bastante que pudessem comportar minuciosamente o significado e a razão de ser de cada ato, objeto, utensílio, cântico, dístico, traços, alimentos, bebidas, defumadouros, ponteiros, espadas, etc.

Todo esse cerimonial com tudo quanto o reveste, não é mais do que a cópia exata da vida material dos Espíritos que o usavam em vida nas regiões em que habitavam e que continuam a usar como se nelas habitassem ainda.

Se nos pudéssemos transportar a essas regiões, verificaríamos essa verdade e a variedade de hábitos entre as diferentes tribos de raças mais ou menos selvagens.

Cada tribo tem as suas insígnias, os seus chefes, suas danças, toadas, etc., pelas quais atendem quando precisa se torne seu auxílio como guerrilheiros propensos sempre para a luta, bem ou mal encaminhados pelos que a eles recorrem como instrumentos, dada a sua em geral completa ignorância.

Trava-se no espaço uma luta constante entre essas tribos as quais formam verdadeiras falanges, umas chefiadas por malvados ao serviço do mal, outras chefiadas por obreiros do bem (nossos Guias amigos e Protetores), em combate contra o mal e seus autores e ainda outras que tanto se prestam para um como para outro fim, segundo as recompensas que lhes são dadas ou prometidas.

Os nossos Guias chefiam falanges ao serviço exclusivo da Caridade, educando nessa ação os maus ou ignorantes, alistando-os em suas fileiras, com a plena consciência de seu estado, e com os poderes que lhes são concedidos para o desempenho da missão recebida de quem determina e não obedece senão a si próprio.

Os Guias das tribos ou falanges ao serviço do mal, são em geral conscientes de seu estado e da ação malvada que exercem, e chefiam, mantendo por conveniência própria a ilusão e a ignorância dos seus comandados para sua melhor utilidade à perversidade dos seus fins.

Estes guias perversos, indignos, são por vezes dotados de inteligência bastante, e perfeitos conhecedores do manejo da ação fluídica, exercendo-a com elevado poder, pelos seus conhecimentos e manhas; daí se poderá imaginar até onde, e qual a extensão da sua maldade aliada à inteligência tão indignamente aplicada.

São estes os piores inimigos e que mais difícil se torna vencê-los, contra os quais se explica a ação violenta e enérgica dos abnegados amigos que nos auxiliam a dominá-los na sua maldade, não só no benefício de suas vítimas, como no seu próprio, impedindo que se agrave cada vez mais a enorme responsabilidade que já lhes pesa.

Se há quem nisto veja um erro, de certo não possui o raciocínio bastante para discernir e distinguir de que lado está a razão.

Os manicômios estão repletos de vítimas de tão malvadas criaturas, as quais poderiam ser aliviadas, se a vaidade e o orgulho não cegassem os materialistas, intoxicados pelo seu extraordinário saber monopolizados.

Só a vaidade ainda impede que se deixe de reconhecer o valor dos benefícios recebidos; que se seja cego à nobreza e a sublimidade do sacrifício; que se seja surdo às palavras de amor e fraternidade; que se não queira ver a palavra de Deus presidindo todos os atos, para apenas fazer ressaltar o negro ou o bronzeado da pele que cobre esses obreiros da Caridade Cristã.

É preciso que se seja muito ingênuo ou muito hipócrita para desconhecer que as maneiras polidas, os gestos diplomáticos, as palavras sedutoras, a elegância dos trajes, e a alvura da pele, podem muito bem encapar um coração negro, uma ama de hiena.

Ainda que esta verdade possa ferir alguém, certo é que, mais facilmente se encontrará a sinceridade e o amor no coração dos humildes que nos dos poderosos; e a perversidade não é monopólio dos fracos, não é privilégio dos Negros ou de Caboclos. A maldade tem para o inteligente um campo muito mais vasto que para os ignorantes, que nem ao menos a sabem disfarçar.

E aqui eu inverteo o provérbio italiano: *“Se nom é vero, é bem trovato”*.

(Trecho de: *Aprendiz. Diário Carioca – Sábado, 24 de Dezembro de 1932 – página 10*)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – INTERCÂMBIO COM O MUNDO ESPIRITUAL

Em nossas relações com o mundo espiritual somos assistidos e recebemos comunicações diretas e indiretas de entidades espirituais de várias condições de adiantamento moral; é, pois, sobre estas comunicações que eu pretendo fazer alguns comentários na intenção de elucidar dúvidas, sem, entretanto, me acreditar incapaz de errar, ante agradecido, se corrigido for, em prováveis erros.

O corpo fluídico de cada entidade espiritual, seja encarnado ou não, tem um grau de intensidade vibratória, em perfeita relação com o seu desenvolvimento, ou seja, seu adiantamento moral, para que, portanto, um Espírito se comunique conosco, é necessário que haja uma determinada afinidade fluídica; ao contrário, essa comunicação ou se torna difícil ou mesmo impossível.

A afinidade fluídica ocasiona uma atração maior ou menor segundo a harmonia dessa afinidade; assim, como a sensível desigualdade provoca uma repulsa inevitável, assim, pois, como um Espírito muito atrasado tem grande dificuldade ou impossibilidade de em se aproximar estabelecendo contato com um Espírito elevado; pela mesma razão, um elevado encontra as mesmas dificuldades quando em relações com atrasados; daí as facilidades ou dificuldades observadas nas comunicações a que assistimos.

É comum em alguns Centros ou em Sessões Espíritas privadas, verem-se Espíritos manifestados direta ou indiretamente, declararem-se entidades elevadíssimas, como sejam as de apóstolos de Jesus, e como tal serem acolhidos, não passando entretanto, de médiuns ou Espíritos mistificadores, esses que assim se querem fazer acreditar, devendo ser repelidos e desmascarados.

Esses Espíritos pela elevada condição de progresso que desfrutam, apenas se poderão comunicar conosco por intuições a distância, servindo-se de médiuns dignos, ou por intermédio de enviados seus, Espíritos estes que ocupam um grau de progresso que lhes permite servirem como intermediários.

Suponhamos por exemplo, que o Espírito de um dos apóstolos ocupa o grau “dez” na escala do progresso enquanto que nós na Terra, apenas reunimos a média “dois”.

O Espírito intermediário será escolhido entre os que se encontrem, digamos, entre o “quatro e o oito”, para que assim se possa tornar mais fácil a afinidade fluídica, evitada a natural repulsa.

Estas razões não estão na dependência de nós ou desses Espíritos, mas sim, submissos a leis naturais imutáveis e invioláveis.

Os Espíritos de condição atrasada vivem como comumente dizemos, “terra a terra”, ocupando uma camada em que as energias, ou antes, as vibrações fluídicas se harmonizam mais ou menos, não podendo absolutamente ultrapassá-la, sair fora de seus limites, pela repulsa que lhes opõem as vibrações mais elevadas das outras camadas.

Por idênticos motivos os habitantes das camadas mais elevadas se encontram na impossibilidade de descerem as mais atrasadas, somente dentro das quais seria possível a comunicação direta conosco, pela incorporação ou outras mediunidades.

Mistificador é, portanto, todo aquele que diretamente se comunica conosco, sob a capa de Espíritos assaz elevado; e ignorante ou obcecado, aquele que a aceita cegamente.

Não há muito ainda que ouvi da boca de um infeliz médium a afirmativa e que no Centro que freqüentava, creio que na estação da Penha, recebiam comunicações, por incorporação, de “Jesus Cristo”.

Seria uma blasfêmia tal fato se não tivesse a perdoá-lo a obsessão e a crassa ignorância dos que em tal comunicação acreditam como verdadeira; e as consequências já se faziam sentir nesse mesmo médium, o qual foi dispensado pelos seus patrões descrentes, que, começaram a divisar no seu empregado, sintomas de loucura trágica.

Estas mistificações são geralmente o resultado de um castigo à vaidade de médiuns que a força de lisonjas se compenetraram dum valor e um merecimento que lhes não pertence, acabando ridicularizados e humilhados por essas mistificações, ou ainda em razão do uso indevido ou indigno que fazem da mediunidade.

Em tais casos, esquecidos ou ignorantes de suas faculdades mediúnicas, abusando das mesmas, as transformam de instrumento de resgate, em instrumento de maiores compromissos.

Voltando ao assunto de que me desviei, direi que a afinidade fluídica é o maior fator das comunicações, do intercâmbio entre o mundo material e o espiritual, e que quando um Espírito de condição muito elevada tem de se comunicar mesmo por intuição conosco, procura fazê-lo através de um médium que possua uma moral na altura do merecimento, e que, com a preferência se não envaideça; daí a razão dos preferidos serem escolhidos entre os mais humildes.

Explicado fica assim também a razão por que, quando os Espíritos se harmonizam por afinidades com um médium, o preferem e escolhem habitualmente para suas comunicações.

Essas afinidades resultam de uma aproximada harmonia de sentimentos, de pensamentos e atos; em resumo, de um grau de progresso idêntico, mais ou menos, podendo-se observar pela forma mais ou menos fácil dessas comunicações, o grau de afinidade entre o Espírito e o médium.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Quinta-Feira, 29 de Dezembro de 1932 – página 10)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – AFINIDADES FLUÍDICAS

Tem-se dito com razão e probabilidades perfeitamente racionais, que os Espíritos que se nos apresentam chefiando falanges de obreiros do Bem e da Caridade, investidos de personalidades que os caracterizam como chefes de tribos de Caboclos ou Negros são Espíritos de luz, em função de nobre e elevada missão junto aos obreiros que comandam e a todos nós que compartilhamos dos benefícios que semeiam. Há quem ponha em dúvida a sinceridade de seus atos e bem assim a sua elevação espiritual, pelo fato de não revelarem pela sua linguagem ou pelas modalidades de seus hábitos, essa elevação; mas essas dúvidas são infundadas e fácil é demonstrar a falta de fundamento. Investidos os Espíritos de luz, de uma personalidade de condição inferior para o desempenho de uma missão, essa investidura é completa, é perfeita, é real e sujeita a todas as suas consequências, as quais são tão inevitáveis, como serão para quem quer que se encontra ainda na mesma condição de atraso, não obstante podem esses Espíritos para o bom desempenho de sua missão usar forças e conhecimentos que possuem, nunca porem se sentirão na obrigação ou na satisfação de revelarem sua verdadeira condição para serem agradáveis, desfazendo dúvidas dos que por vaidade julgam seus superiores.

Não sendo a sua missão converter incrédulos vaidosos ou bisbilhoteiros, esperam apenas que pelas obras sejam identificados os seus autores, e se para alguém não bastarem essas provas, que continuem aguardando as diretas, que convencem pelo sentir, pela dor.

A personalidade de que se investe o Espírito de luz na missão referida, é correspondente a de alguma de suas anteriores encarnações, investido da mesma num meio conveniente e adequado, não se podendo furtar as influências desse meio, dentro do qual se justifica sua ação e investidura. O general identifica-se, comanda e é obedecido pelos seus comandados, pela farda que veste e pelos bordados e galões que a ornaram; sem estas insígnias apenas é conhecido pelos mais íntimos e a sua autoridade desaparece perante seus subordinados; assim acontece com esses Espíritos, em missão de comando e ação.

Verificada que fosse a falsidade da investidura por muito digno que possa ser o que o investe, desmoralizada e desprestigiada seria imediatamente essa autoridade fictícia por aqueles que infelizmente na sua ignorância apenas conhecem aparências e não realidade, fardas e galões, em vez de autoridade moral.

Investido da farda, o militar impõe e se submete à disciplina, evitando a anarquia entre as suas tropas; assim acontece também com esses Espíritos, que necessitam de serem obedecidos e respeitados pelos seus subordinados, com razões mais fortes e dignas de toda a nossa consideração e respeito, porque a sua missão é incomparavelmente elevada, sublime e nobre; é a de instruir soldados no combate ao sofrimento e a dor, levando o alívio aos que sofrem, o pão do Espírito aos famintos, a luz aos que vivem nas trevas, e a fé e a coragem aos que desfalecem, o amor aos corações empedernidos pela crueldade, a esperança aos desiludidos, a alegria aos que choram.

Quem tem por fito e missão tão prodigiosa obra de Caridade, não se sente de certo atingido pelas dúvidas, pelas humilhações, e pelo ridículo de que são alvo por parte dos inadvertidos críticos e juizes, aos quais poderão responder com as mesmas palavras de Jesus Cristo: “Perdoai-lhes Senhor; não sabem o que fazem, nem o que dizem”.

(Trecho de: *Aprendiz. Diário Carioca – Terça-Feira, 03 de Janeiro de 1933 – página 10*)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – RECEIOS INFUNDADOS

Ao que se presume, dada a repulsa manifestada publicamente por alguns de nossos confrades em evidência na atualidade, pelas práticas espíritas da “Linha Branca de Umbanda”, em suas modalidades de aparência exótica no nosso meio social, receiam esses confrades, que haja a pretensão de generalizar essas modalidades, impondo-as ou adaptando-as em substituição às que se caracterizam com a nossa civilização.

Supõem talvez os nossos confrades, que possam vir a ser introduzido nos salões de nossa sociedade, ou nos centros espíritas kardecistas, digamos para distingui-los no meio social espiritual, os caxambus (*nota do autor: Dança de Negros, espécie de batuque ao som do tambor*) e os batecuns (*nota do autor: Barulho de sapateados e palmas*) que tanto horror lhes causa, não devendo, no entanto, nutrir tais preocupações que não tem o menor fundamento.

Tudo no Universo é relativo, e nas criaturas não deixa de o ser.

Operam os obreiros kardecistas num meio que se nivela ao nosso, no seu grau de evolução, guiados por Espíritos superiores no exercício da Caridade, usando, portanto, modalidades peculiares, e se entre esses obreiros ou necessitados, alguns Negros ou Caboclos se confundem, pode-se afirmar sem erro, que a sua condição de progresso espiritual se acha nivelada ao meio, com a qual se confunde por afinidades fluidicas.

A ação caritativa exercida pelos praticantes da “Linha Branca de Umbanda”, meus caros confrades, se não quereis que seja tão nobre como a vossa, se em verdade reconheceis que se não reveste de aparato e serenidade tão sedutores, deveis ao menos fazer a justiça de reconhecer e proclamar, que é sem dúvida bem mais espinhosa, mais rude, mais povoada de perigos e abismos, mais infestada de sofrimentos e de dores pela triste condição de atraso moral do meio que é exercida.

Afrontado todos os perigos decorrentes desse meio, sofrendo por vezes suas consequências inevitáveis, esses abnegados obreiros da Caridade Cristã têm razões para se entristecerem com as acusações que lhes são feitas, e ainda mais quando elas partem de confrades, que deixam de ver em sua ação uma necessidade de cujos benefícios compartilham embora ignorando, para divinizarem a satisfação de um prazer ou finalidades malévolas.

Leal de Souza, o mais legítimo e o mais autorizado embaixador na Terra dessa falange de guerrilheiros do espaço, que combate com ardor a ação maléfica da qual somos todos os maiores ou menores vítimas, acaba de nos demonstrar clara e racionalmente, a surpreendente organização dessa falange do Bem com a mais poderosa combatente, o mais formidável exército espiritual mobilizados por espíritos elevados, investidos de personalidades e autoridades indispensáveis à luta que se trava com a Magia Negra, sua ação e seus autores.

Solidários nossos confrades com essa luta e seus comandantes, emprestam-lhe o concursos que lhes é pedido ou exigido, passíveis às suas ordens, em benefício próprio e de todos quantos lhes solicitam defesa, vítimas da ação maléfica dos ignorantes ou dos malvados do espaço.

Não são, portanto, criação dos praticantes terrenos essas modalidades com as quais se tornam solidários e passivos, explicadas as mesmas pela relatividade com o meio espiritual e necessária ao bom êxito das finalidades.

Repugna a muitos confrades esta luta por lhes parecer anti-caritativa; o meio, entretanto, assim o exige e o justifica, se não bastasse a necessidade de livrar a humanidade de tantos sofrimentos e ainda a de evitar agravem suas responsabilidades os praticantes do mal, persistindo em sua prática.

Essa luta é travada num campo onde as armas e os processos são equivalentes e as palavras seriam infrutíferas, não impedindo que se empreguem estas quando necessárias e profícuas.

Força não sobrepuja a palavra senão quando se torna aquela indispensável, e esta inútil, bastando-nos saber que os dirigentes superiores que comandam essas hostes de guerrilheiros, são Espíritos clarividentes de categorias elevadas no desempenho de missões que lhes foram designadas, para cujo cumprimento se investem de personalidades adequadas.

Jesus Cristo pregou pela palavra e pelo exemplo, o amor ao próximo, mas chicoteou quando achou que assim devia fazê-lo, como castigo aos que o mereceram, e infelizmente ainda há muito quem o mereça.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Sábado, 07 de Janeiro de 1933 – página 05)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Já se tem clara e categoricamente demonstrado que as práticas espíritas da “Linha Branca de Umbanda” estão em perfeita congruência com os princípios da doutrina Espírita, sem que desvirtuados sejam os fins premeditados, só quais se fundam no exercício exclusivo da Caridade Cristã dentro da qual nenhuma criatura se perderá.

A obra enciclopédica de Rivail não foi, não é, nem será deturpada por aqueles que sincera e honestamente se entregam aos exercícios da Caridade por modalidades que não traduzem métodos, mas sim necessidades ocasionais em harmonia não só com os meios, como os fins.

Um nosso confrade vem de há tempos classificando as práticas acima referidas como “empíricas”, combatendo-as incessantemente, não nos habilitando a lhe responder, e, contestá-lo por ignorâncias que o sentido que pretende dar à sua classificação por ser variada.

Se for sua intenção mimosar-nos com o título de charlatães, deve fazê-lo sem reboços, para que tenha direito ao mérito pela sua amabilidade e prova de tolerância, e bem assim para que se possa compreender a maneira como interpreta as doutrinas das quais se arvora intransigente defensor.

Se ao contrário, entende esse confrade que se baseiam as modalidades da “Linha Branca de Umbanda” na simples experiência, então lhe poderia dizer, que se por tal razão há quem nos julgue errados, mais errado está de certo, quem na experiência não tem base suficiente para suas afirmativas.

A cura das enfermidades sejam elas de qualquer origem, melhor, senão maior eficácia tem tido na experiência, do que na própria ciência dos homens, que na mesma tem seu apoio, sua base mais sólida.

Se algo há que lamentar nestas controvérsias entre os professantes de princípios e fins que se harmonizam, são as sentenças draconianas lavradas contra confrades, cujo maior crime consiste em não saberem, nem concordarem com disfarces, reputando suas atitudes e condutas nobres, dignas e elevadas a despeito do seu desagrado, para os que preferiram aparatos sedutores embora hipócritas.

Não ignoramos, prezados confrades, que as modalidades de nossas práticas, se não prestam em absoluto a satisfação de vaidades exibicionistas pela humildade do meio em que são exercidas, não sendo por esse motivo invejadas, se elevado é o número dos que as preferem, é sem dúvida porque, em nossas Tendas, e seus humildes Terreiros, tem encontrado a acolhida que necessitam os que às suas portas tem vindo bater.

Não me prende a essas Tendas chefiadas espiritualmente pelo “Caboclo das Sete Encruzilhadas” o mais pequeno cargo de responsabilidade; assistente não muito assíduo, apenas faço esta declaração para demonstrar a minha insuspeição, não importando ela na diminuição da mais completa solidariedade à sinceras, honestas e rigorosamente Cristãs práticas espíritas, que ali poderá testemunhar o mais escrupuloso observador, desconhecedor que seja da idoneidade dos elementos ativos materiais.

A vós, pois, que com tão infrutificado ardor combateis aquelas modalidades e seus compartilhantes, que os apontais a perseguição das autoridades policiais, da repudia de seus confrades, atraindo sobre eles a humilhação pública, eu ousarei perguntar-vos:

Tendes porventura conhecimento de que ali seja comerciada a Caridade por mais insignificante que tenha sido o seu preço?

A alguém foi pedida ou exigida qualquer recompensa pelos benefícios prestados nessas Tendas de Caridade?

Satisfeita a vossa curiosidade e a observação, se nada de desonesto ou de interesse material vos foi dado constatar, perguntai então a vossa consciência onde estão os charlatães, os falsos ou baixo espíritas praticantes de magia negra, que a vossa intolerância vos leva a divisar?

Lembra-vos prezados confrades que ninguém responde senão pelos seus próprios atos e pela extensão de suas consequências; dentro deste dogma se encontram os que acusam e condenam inocentes.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Terça-Feira, 17 de Janeiro de 1933 – página 02)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

O nosso muito prezado e ilustre confrade Leal de Souza tem com a sua aprimorada cultura e conhecimentos profundos sobre as práticas espíritas, em suas diferentes modalidades, sido feliz nas suas coarctadas, que não deixam margem a sofismas e subterfúgios.

Das suas considerações pela clareza com que vêm sendo expostas pelas colunas do “Diário de Notícias”, se conclui que ressalta não só a necessidade, como a grande vantagem de que se congreguem todos os de boa vontade e bem intencionados, coadjuvando a mesma finalidade que se resume na prática exclusiva da Caridade Cristã.

Para o feliz êxito e maior eficácia desse nobre desideratum, todos os meios devem ser tolerados, explicada suficientemente a sua razão de ser pela elevação e dignidade dos fins supracitados.

Se as práticas da “Linha Branca de Umbanda” não se revestem de um caráter doutrinário pela palavra, não deixam de ter esse caráter pela ação, pelo exemplo e pelo castigo quando necessário, indispensável e útil.

Tão depressa seja possível impedir que os maus elementos que povoam o espaço persistam em sua atuação maligna, mais depressa suas vítimas se livrarão da mesma.

Se a doutrinação se torna insuficiente, não só pela sua incompreensão, como pelo grau de perversidade dos malvados, justifica-se a violência da ação e o emprego do castigo como necessário e útil ao bem estar geral da humanidade.

O castigado se sofre com esse castigo merecido pela sua obstinação, aufere muito maiores benefícios com a sua conversão, ou pelo menos com o abandono do exercício do mal, porque não terá agravadas as suas responsabilidades se persistir no erro.

Há, porém, que notar ainda, que o fato de se impedir pela força que um malvado exerça o mal, não se pode em absoluto classificar como um castigo, antes um grande benefício para o autor e suas vítimas.

Há que notar ainda, que a ação violenta e enérgica se emprega unicamente quando indispensável, e em um meio no qual não pode ser evitado, sendo com prejuízo dos que pela sua condição assim o exigem, exercida a mesma por elementos de condição relativa.

Se a ação é exercida por elementos de raças e condições relativas, embora superiormente, é a esses elementos que cabe ditar modalidades não menos relativas, e não aos suplicantes ou as vítimas, e muito menos ainda aos espectadores e aos que se arvoram em críticos cegos e surdos.

Não se pode de certo apreciar uma representação, quando apenas se podem ver os camarins e os cordões dos cenários criticando ou aplaudindo-se uma representação que se não viu.

Esta é a situação dos que criticam modalidades sem possuir a sensibilidade visual capaz de atingir a ação no terreno espiritual onde elas têm o seu verdadeiro campo de proporções infinitas.

Não se pode absolutamente com razões por em dúvida a capacidade moral dos graus espirituais, principais orientadores dessas modalidades, pelas sobejas provas que os identificam, e se é verdade que essa idoneidade moral, essa elevação espiritual, se encontram encapadas na humildade de suas personalidades transitórias, que lhes não tiram o mérito, antes o dignificam. Seria interessante se não prova de ridículo orgulho pretender-se ofuscar seu mérito e a nobreza de sua ação, por não menos ridículos preconceitos sociais nos quais impera a hipocrisia.

Dezenove séculos são decorridos já, e os exemplos e ensinamentos de humildade que nos legou o Mestre, estão muito longe de poderem ser imitados pelos seus filhos, que o não tolerariam nem habilitariam hoje, senão como um diplomata de casaca e chapéu alto, insatisfeito com a elevação das palavras e atos.

A verdade deve ser dita e proclamada ainda que fira aos que a não querem ver.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Quarta-Feira, 18 de Janeiro de 1933 – página 10)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – FETICISTAS, FALSOS ESPÍRITAS, MACUMBEIROS

A conclusão a que se chega das críticas e reprovações das práticas espíritas da “Linha Branca de Umbanda” é que em geral os críticos e improvisados juízes desconhecem inteiramente aquilo que condenam; ao contrário não se desfariam em polêmicas e argumentos que nenhuma referência tem com o assunto em questão, e que nada absolutamente provam em contrário do que se tem dito sobre as modalidades das referidas práticas, nem ao menos explicando a razão de ser dos variados epítetos e das acusações formuladas por simples prazer de agredir ou caluniar.

Não conheço pessoalmente nenhum dos acusadores e agressores senão através das suas atitudes, as quais pretendem apoiar no Evangelho que interpretam ao seu sabor e que não pode de forma alguma acampar agressões.

Desprezados os princípios da tolerância e da fraternidade explícitos em todos os Evangelhos, desprezada a respeito pela idoneidade moral dos seus semelhantes, os críticos e juízes improvisados e apressados, transformam seus confrades em êmulos, escachando-os com epítetos que primam pela variedade e prodigalidade agressiva.

É fértil a imaginação desses Papas Espíritas em criar intenções que não existem, em ver crimes e criminosos na diversidade das modalidades, quando em verdade que provam desconhecer, não se derrogam princípios nem fins.

Fartamente explicada com toda a clareza a razão de ser das referidas modalidades, não por mim humilde e modesto aprendiz, mas pelo erudito digno e sincero confrade Leal de Souza, o mais devotado obreiro da Caridade Cristã dentro das modalidades que se caracterizam pela humildade de seus praticantes, persiste-se apesar de tudo, sem explicação, o porquê em achar na clareza das mesmas margem a dúbias interpretações.

“Fetichismo” (nota do autor: *“Culto dos fetiches, ou feitiços; veneração exagerada, supersticiosa, de objetos inanimados que se crê estarem ligados aos Espíritos e que, por isso, passam a representá-los simbolicamente”*). salvo erro, significa o culto a fetiches (nota do autor: *“Objeto que se cultua por se atribuir valor mágico e/ou sobrenatural”*). e não consta que entre os elementos ativos materiais ou espirituais se ensinem ou se renda culto a fetiches (entre os praticantes da “Linha Branca de Umbanda”), essa classificação não tem, portanto, nenhuma procedência senão ainda na ignorância dos classificadores.

Eu tomarei a liberdade de aconselhar ao confrade que de há tempos vem combatendo as referidas modalidades, designando-as ora como fetichistas, ora de falso e baixo espiritismo, ou ainda como de macumbas, a que procure analisá-las convenientemente, bem como a idoneidade de seus praticantes; procure como curiosidade ao menos ler a que a propósito das mesmas tem sido publicado pelas colunas do “Diário de Notícias” de autoria de Leal de Souza, contestando as suas considerações, se entender na sua perspicaz sabedoria não traduzirem a expressão da verdade, certo de que será o primeiro a lhe agradecer as melhores luzes que pode trazer sobre o assunto.

Deus, Cristo e os Espíritos que se destacam pela sua elevação moral, sejam Santos ou como lhes queiram chamar, tem para os praticantes da “Linha Branca de Umbanda” tanto ou maior merecimento, é digno de tanta ou maior veneração como são para aqueles que se acreditando privilegiados no saber, os pretendem monopolizar dentro de sua orientação, que pode ser mais adaptável a época, mas não aos meios nem aos fins.

Nega que a Caridade seja Caridade pela humildade de que a pratica; nega o valor da obra por que o artista não é um gentleman, porque não tem escola, porque é preto ou bronzeado, porque veste uma simples tanga ao invés de um elegante costume, e por tal prisma não tolerariam, hoje, novo messias que não viesse de casaca e chapéu alto, pretendendo disfarçar ante os papalvos um orgulho e uma vaidade patenteadas.

Convençam-se de uma vez para sempre que a Caridade não é privilégio de castas, raças ou indivíduos, seja qual for a sua condição social; o seu exercício é possível e permitido a todas as criaturas humanas, e maior é a sua nobreza entre os humildes e os incultos que os inteligentes e os poderosos,... dentro dela todos acharão a sua salvação.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Sexta-Feira, 20 de Janeiro de 1933 – página 07)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – ATITUDES QUE NÃO SE EXPLICAM

Já se vão tornando irritante a controvérsia sustentada sem o menos fundamento, pela intransigência de alguns confrades, que outra preocupação não tem demonstrado senão o prazer de florear agressões cuja razão não explicam.

Não será o estilo gongorista, nem com palavras eufônicas que se justificam agressões disfarçadas entre frases doutrinárias e capítulos do Evangelho; aos juízes improvisados cabe senão como satisfação ao auditório perante o qual lavram suas sentenças, como dever de consciências, fazer preceder essas sentenças das necessárias provas, positivando-as, se não quiserem vê-las transformadas em calúnias e em caluniadores ou juízes.

Não devem esquecer ou ignorar os juízes, que as acusações feitas publicamente podem ter como consequência, lógica, as perseguições das autoridades e dos inimigos que delas se utilizam como arma de ataque, e assim sendo, devem também saber qual a responsabilidade moral que assumem, pela qual terão que responder inevitavelmente um dia, como a mesma clemência que usaram para acusar.

Senhores juízes e críticos dos atos alheios; tenham ao menos a franqueza de demonstrar menos por palavras de retórica pueril, do que por atos patentes, que são detentores de uma moral superior à dos humildes Negros e Caboclos que se entregam a sincera prática da Caridade Cristã, e que acusais de fetichistas, macumbeiros, falsos ou indignos espíritas.

Meus caros confrades; não basta o saber empunhar ou ler de um Evangelho, destacar a beleza de seus capítulos para que alguém se julgue com direito de formular acusações sem provas. Os réus têm o direito de exigir essas provas e a idoneidade de moral dos que a não sabem divisar e respeitar em seus semelhantes.

Melhor seria silenciar ou confessar francamente o completo desconhecimento da etnografia humana, da razão de ser das coisas. Porque o bom senso e a razão não autorizam a persistência ridícula da afirmativa de que a Caridade não seja Caridade, ainda mesmo que se admitisse a hipótese de ser praticada por quem tem a intenção de mistificar.

Convenhamos caros confrades que se tendes autoridade para acreditar como mistificadores aqueles que a praticam, e mistificados os que em verdade recebem essa Caridade; abençoada seja sempre essa mistificação que traz o alívio aos que dele se sentem privados.

Que persista em ser vítima do mal quem não quiser dele ser aliviado como mistificação pelos mistificadores, como os julgam os seus acusadores, na suposição talvez de que não haja quem saiba como é fértil a imaginação dos vaidosos e orgulhosos na arquitetura de ardis que lhes impeça, de forçá-los a dobrar os joelhos para beijarem agradecidos, a mão do Preto-Velho ou do Caboclo, sempre pronta a enxugar as lágrimas que a dor faz deslizar pelas faces que o sofrimento enrugou.

Orgulho indomável que a tantos martírios e desgraças arrastas a humanidade; como quebrar-te senão pela dor e pelo sofrimento, senão te bastou o sublime exemplo que te legou o Nazareno, e que mil novecentos e trinta anos foram insuficientes para te fazer compreender a sua sublimidade e grandeza.

Que Deus se apiede de todos nós.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Sábado, 21 de Janeiro de 1933 – página 10)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Para a indispensável regeneração do caráter e consequente progresso moral da humanidade, em benefício de seu bem estar e felicidade, suponho que todas as modalidades e todos os caminhos trilhados se justificam, seja por habitantes das mais progressivas metrópoles, ou das mais selvagens regiões do Planeta.

Por maior que possa apresentar-se a diversidade de linguagens, a excentricidade de hábitos e costumes que caracterizam os povos e as criaturas humanas, identificando-as com o seu meio social, não constituem essas diversidades obstáculo ao desejo e ao exercício da prática efetiva da Caridade.

Não é Caridade, dever, obrigação ou privilégio exclusivo de raças, castas, classes ou indivíduos, mas sim, dever cristão de todos os filhos de Deus Pai, entre os quais se não podem tolerar ou admitir distinções.

A ninguém é dada autoridade moral para pretender impedir o exercício da Caridade, e quem pretensiosamente tentar assumir essa autoridade, seja qual for o pretexto, será pelo mais leve raciocínio e lógica reduzido ao ridículo.

É necessário que se não queira confundir Tenda de Caridade Cristã, com escolas de ensino leigo; se naquelas se proporcionam pelo exemplo, pela ação e pela palavra e educação moral como finalidade capital, nestas há especialmente o cuidado da educação intelectual.

Sendo inteiramente diversas as finalidades, não se pode exigir uniformidade de métodos, sendo os mesmos adequados as mesmas.

Incontestável é a utilidade de ambas essas finalidades, mas o raciocínio nos leva a reconhecer a primazia da educação moral, e, portanto, a razão de ser de nos merecer maiores cuidados e melhor atenção.

O Espiritismo não nos veio revelar uma moral nova desconhecida por nós; veio sim, consolidá-la mostrando-nos a imortalidade da alma, indicando à humanidade a maneira como se deve conduzir pela responsabilidade que cada um assume com a mesma conduta para com os semelhantes, o inevitável resgate dessa responsabilidade e como resultado a necessidade imprescindível de aperfeiçoar os seus sentimentos e os seus atos.

Não é necessário ser espírita para que se seja bom e digno, mas, somente pode ser encontrada na razão lógica dos seus princípios a razão de ser de nossos sofrimentos, de nossas alegrias e da nossa própria existência.

Alongados os horizontes pelas suas revelações de além-túmulo, é nos dado compreender quem fomos, o que somos e o que seremos segundo nossa conduta passada, presente e futura.

Pelas suas revelações, melhores compreensões podem ter da grandeza Divina, Sua Justiça e Seu Amor, constituindo todas essas revelações a mais sólida base no mais sólido terreno sobre os quais se ergue hoje majestosamente a sublime moral Cristã, só ela capaz de conduzir a humanidade aos pés de Seu Criador, como digna e merecedora das Suas Graças, numa completa harmonia de Paz e Amor.

Jesus, na sua passagem pela Terra, preocupou-se mais em legar nos exemplos de moral que de intelectualidade certo de que muito mais nos aproveitavam aqueles, e que foram sem dúvida a razão de ser de seu martírio e da sua missão.

Pregando e exemplificando o Amor entre todos os seus filhos, não deixou de castigar quando julgou necessário fazê-lo, mas não castigou a ignorância, e sim a maldade dos perversos, os que se utilizavam da crença religiosa e dos templos dedicados ao culto para explorar os seus semelhantes; e enquanto assim procedia com os vendilhões do templo, perdoava as ofensas diretas reconhecendo a ignorância dos seus autores.

Diante de tão nobres exemplos, os que agindo em seu nome procuram aliviar e confortar os sofredores, encaminhando os transviados do caminho do dever, fazendo-o pela forma que lhes é propícia e conveniente, não podem nem devem pela sua abnegação verem-se acusados, censurados, criticados e humilhados, por não observarem modalidades que lhes pretendem impor os que por tal razão se sobrepõem à autoridade do Mestre.

As modalidades podem agradar ou desagradar aos que se preocupam mais com os seus aparatos, mas para aqueles que têm uma nobre finalidade preconcebida, não valem senão pela sua utilidade e conveniência ao êxito do desideratum e isso deveria explicá-las suficientemente. Infelizmente, porém, nem a profusão a clareza dos detalhes e das minúcias tem bastado para os que preferem ignorar para persistirem nos prazeres de agredir e acusar.

Seja tudo pelo Amor de Deus.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Quinta-Feira, 26 de Janeiro de 1933 – página 09)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Devo confessar com toda a lealdade que, os meus vinte e cinco anos de crença, dedicação e observação das práticas espíritas em suas várias modalidades, a frequência com regular assiduidade nas Tendências Espíritas onde se praticam e exercem atividades caritativas, rigorosamente cristãs, por entidades do espaço, componentes da denominada “Linha Branca de Umbanda”, não consegui ainda sair do terreno do aprendizado, para que me possa apresentar como profundo conhecedor da significação minuciosa das referidas modalidades, certo de que outros há que com maior capacidade as poderão traduzir.

Consciente, preocupado mais com a razão de ser e as finalidades, absorvido com a beneficência dos efeitos resultantes da ação, com a análise da sinceridade e honestidade das intenções e de seus autores, tenho-me despreocupado com os pequenos detalhes e minúcias, com as aparências extravagantes, dos gestos, das linguagens e mesmo de atos, pela convicção lógica de que apenas caracterizam hábitos e costumes, maneiras de agitar energias fluídicas, peculiares e propícias das diferentes raças de povos, que constituem os meios, dentro das quais se desenvolvem e exercem as atividades, sem que por essas razões se tenha o direito de duvidar da sinceridade, recusando a solidariedade e passividade necessárias e úteis aos meios e as finalidades, indubitavelmente nobres.

Esforçando-me para publicamente demonstrar o resultado de minhas observações, justificando a razão de ser das modalidades combatidas sem razões lógicas que mereçam atenção, afastada de antemão qualquer suspeita de falta de sinceridade, expus claramente, exemplificando a lógica da razão de ser, mas a despeito de todos os meus esforços e boa vontade, não bastam reconheça, para satisfação dos incrédulos, dos cegos e surdos, por vaidade ou prazer, com os quais não pretendo gastar tempo e palavras.

Combatem-se as modalidades em questão, confundindo-as propositalmente com as práticas exploradoras, perseguem-se, ridicularizam-se humilham-se e infamam-se os seus autores como réus de crimes que se fantasiam, e quando os réus vítimas das injustiças desses juizes de fancaria, pedem, insistem pelo direito sagrado que lhes assiste como defesa, um exame minucioso, uma análise rigorosa em todos os seus atos taxados como indignos, desonestos e criminosos, como resposta apenas conseguem ver redobrada a violência das agressões, como demonstração de um desejo diabólico de caluniar, de agredir e chama-se a isso Espiritismo, chamam-se a tais processos de doutrinas evangelizadoras.

Que nos diga o bom senso, se não é mais preferível e agradável conviver com a ignorância humilde dos Pretos e dos Caboclos, que entre a mentalidade moderna dos sábios espíritas que professam essas sábias teorias.

Que nos digam esses sábios, se a ação nobre e caritativa deixa de o ser, ou perde sua virtude, quando praticada conscientemente por um humilde, pobre de cultura ou mesmo por um criminoso?

Que nos digam se por tais razões se torna digna de gratidão a boa ação?

Que nos digam se a condição de inferioridade social de qualquer criatura humana é motivo para que se impeça o exercício da Caridade, e logicamente por esse exercício a sua educação e progresso moral?

Que nos digam se hábitos e costumes de vida silvícola, são significados de perversidade ou de sentimentos indignos?

Que nos digam se Deus na Sua Sublime Justiça e Amor seja cego ou sendo para os que lhe dão outra denominação nas suas invocações?

Que nos digam, se as súplicas e as preces endereçadas a Deus tenham maior valor e eficácia, pronunciadas em Latim, Francês ou Guarani?

Que nos digam, se o Negro africano por ser habitante das selvas, não pode possuir tanta sinceridade nos seus atos, na sua palavra, na sua crença e na sua fé, como o mais “civilizado” parisiense?

Que nos digam se, por comer feijão com farinha em cuia, se alimentam sentimentos menos nobres, que quando se servem iguarias em pratos de porcelana?

Que nos digam enfim, se por uma simples tanga ou uma casaca se pode avaliar o caráter do seu dote?

E não vamos mais longe, para não sentirmos o contraste da moralidade entre um batuque ou um caxambu, e um baile da nossa alta sociedade.

Não humilhem aqueles que se nos não podem dar lições de civilização, talvez nos possam dar alguma proveitosa lição de moral e muitos há que delas sentem a sua falta.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Quarta-Feira, 2 de Fevereiro de 1933 – página 09)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Prosseguindo na série de considerações que venho fazendo sobre as práticas espirituais da “Linha Branca de Umbanda”, na intenção de explicá-las e a sua razão de ser, tanto como me permitem os rudimentares conhecimentos de que disponho sobre o assunto, tem-me animado ainda à preocupação de defender aqueles que, dentro dessas modalidades, agindo com sinceridade honestidade e eficácia comprovada, se tem tornado alvo constante de agressões, mais lamentáveis quando partem de criaturas que lhes negam a legítima qualidade de confrades.

Por várias ocasiões tenho frisado com clareza que não advogo práticas de exploradores e malvados, nem exploradores de práticas caritativas ou não. Esta ressalva deveria ser bastante para que deixassem de persistir os pretextos para as agressões, as quais, entretanto, continuam pelo prazer dos agressores e dos que os aplaudem.

Discordar sinceramente das referidas modalidades é um direito que se não contesta, mas essa discordância deve ser baseada em razões dignas de serem analisadas, comentadas e convenientemente esclarecidas pelos que nutrem esse desejo sincero de aceitar; mas o que se estranha, o que absolutamente se não explica é que haja criaturas acreditando-se espíritas só vejam motivos para caluniar e humilhar, dando publicamente um lamentável exemplo de intolerância e falta de fraternidade.

Graças à intolerância e a intransigência dos discordantes daquelas modalidades, segundo a sua mentalidade, a honestidade, a sinceridade, a idoneidade, a nobreza da ação no terreno exclusivo da Caridade Cristã nada valem, não merecem consideração nem respeito.

Por tal mentalidade, todos quantos se atreverem a escrever o Bem e a Caridade, fora dos métodos de agrado dos Papas do Espiritismo, serão por eles mimoscados com epítetos de variada expressão deprimente e difamatória, e se não se encontram enclausurados nas prisões comuns, não é de certo porque o não desejem os amáveis confrades, mas porque mais tolerantes se tem mostrado às autoridades policiais.

Estou crente de que não precisarei lembrar a esses caros confrades a reflexão, o raciocínio e a compreensão que devem presidir às suas sentenças condenatórias draconianas, as suas classificações, bem assim a inteira responsabilidade que assumem publicamente, devendo saber a quem terão de dar contas das mesmas.

Pelas responsabilidades das acusações terão que responder, um dia, perante o mesmo juiz, a quem todos devem a satisfação de seus atos, e não serão os que agem sinceramente, convictos de que os anima a intenção de semear a Caridade, socorrendo seus irmãos que se iludirão, com a arquitetura de disfarces sofismas ou hipocrisia de atitudes que não traduzem a realidade.

A “Linha Branca de Umbanda” como se denominou o exército de obreiros do espaço que tem a seu encargo o combate sem tréguas à Magia Negra, destruindo os seus efeitos, anulando-os, inutilizando os seus autores pelos meios que lhes são peculiares e propícios, tem entre nós um elevado número de auxiliares, os quais, isoladamente ou em agrupamentos (Tendas ou Centros de Caridade), se tornam solidários e passivos com a nobreza da iniciativa, sujeitando-se com essa solidariedade e passividade, a não pequenos sacrifícios em consequência lógica das imperfeições dos elementos que constituem o meio, entre o qual se operam a ação maligna e o seu combate.

O heroísmo, o devotamento, o desprendimento pessoal, a soma de pesados sacrifícios do próprio organismo carnal, a afronta de sérios perigos na defesa do sofrimento de seus irmãos, tem como prêmio dos ilustres confrades as humilhações e as insinuações caluniosas que lhes atiram publicamente.

Falsos ou mentirosos espíritas, baixos ou indignos, macumbeiros ou exploradores da Magia Negra, são deste quilate as condecorações que lhes reservam os seus confrades como prêmio ao mérito a que fazem jus.

Evidente se torna a preocupação e a intransigência que esses confrades têm na defesa de princípios e meios em flagrante desinteresse pelos fins, quando precisamente nas finalidades regida a explicação, a justificativa da razão de ser dos meios sem alteração dos princípios, que só a cegueira dessa intransigência vê derogados.

Não satisfazem, de certo, explicações justificativas para os que preferem ignorá-las, obsedados pelo horror e pela repugnância que sentem pela ignorância humilde do meio em que se exerce a ação, que a vaidade teima em negar seja caritativa.

Entre o elevado número dos que se contam como auxiliares nas referidas práticas, e entre os que a essas Tendas tem ocorrido em busca de alívio para seus sofrimentos, encontram-se, hoje, inúmeros que ainda ontem encampavam e aplaudiam as mesmas agressões.

Nenhuma animosidade ou ressentimento é dado alimentar-se contra inimigos que sejam; as portas da Tenda de Caridade da “Linha Branca de Umbanda” estão franqueadas não só para os sofredores, como para todos os que desejem testemunhar e analisar a honestidade da sua ação.

Nelas todas serão bem-vindos, sem distinções de raças, castas, cores ou posições sociais e cada um terá aquilo que merece e lhe é permitido por Deus.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 05 de Fevereiro de 1933 – página 13)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Permita-me o prezado confrade que abrilhanta as colunas desta seção com seus artigos de combate e reprovação às práticas espíritas da “Linha Branca de Umbanda”, que embora acatando com o respeito que me merecem todas as opiniões sinceras, continue a discordar das suas, até que lhe seja possível provar as acusações que formula sem distinções, contra todos aqueles que agindo com a mais rigorosa honestidade e sinceridade se sentem envolvidos nessas acusações pelas modalidades de suas atividades espirituais no exclusivo exercício da Caridade Cristã.

Há um ponto sobre o qual devemos estar de pleno acordo é quanto ao comércio e a exploração da Caridade, seja qual for o seu disfarce, seja quais forem às modalidades utilizadas, ambas de certo as condenamos, e, combatemos com toda a energia como contrárias aos mais sagrados princípios espíritas cristãos que ordenam se dê de graça o que de graça se recebe.

Feita esta ressalva, sinto-me a vontade para solicitar do prezado confrade se digne prestar o valioso serviço à opinião pública, de apontar onde se encontram os falsos, os baixos ou indignos praticantes da Caridade Cristã Espírita, na intenção ao menos de que os evitem aqueles que se acham animados da boa fé.

Estou certo de que se o prezado confrade se dignasse proceder a uma escrupulosa análise nas Tendas de Caridade onde as modalidades são as referidas em questão, observando com o máximo rigor os atos, as intenções, as causas e os efeitos, e, bem assim a idoneidade moral dos praticantes, terminaria por constatar que suas englobadas acusações difamantes e deprimentes, constituem um crime do qual se encontraria no dever de se penitenciar perante àqueles que se tornaram vítimas da sua irreflexão.

Acusando, está o confrade no dever de provar suas acusações, e é apenas isso que desejam os que se não consideram merecedores das mesmas.

Diz o ilustre confrade que não tolera que se emprestem a Caboclos ou Africanos poderes superiores, não admitindo, portanto, que um Espírito de condição elevada, possa assumir uma humilde personalidade no sublime cumprimento de uma nobre e digna missão caritativa, opinião esta, com a qual discordo inteiramente, porque admito até que a despeito da inferioridade e humildade de qualquer criatura que seja, não se encontra por tal razão impedida de fazer o bem, de poder praticar boas e dignas ações, tanto mais que o exercício do Bem e da Caridade é condição indispensável ao progresso de todas as criaturas.

Não ignora que haja infelizmente quem se utilize da ignorância de muitos dos nossos irmãos do espaço para a prática do mal, mas não procedem dessa forma, aqueles cuja finalidade consiste precisamente em combater, livrando-nos desses malvados e seus perversos condutores, procurando convertê-los pelos meios mais adequados em relação com os mesmos, inutilizando-os e as suas malignas ações.

Pergunta o prezado confrade, porque senão utilizam os falsos espíritas e os macumbeiros dos Espíritos já evoluídos para a prática do mal.

É uma pergunta ingênua para ser por eles respondida, e a qual eu não terei a menor dúvida em responder quando o confrade me puder provar que procedo dessa forma, ou aqueles a quem tenho emprestado minha solidariedade moral no nobre exercício da Caridade, defendendo-os de seus acusadores gratuitos.

Não é o cenário ordinário do feitiço que afugenta os bons, e sim, a perversidade, a hipocrisia, a vaidade e o orgulho dos autores; a pobreza do cenário traduz muitas vezes a humildade e a pobreza do meio, pelo que ninguém pode ser considerado criminoso ou indigno de merecer a consideração alheia.

Que cada um continue a dar aquilo que tem, com teorias baseadas em dados que podem ser taxados de falso, mas que sejam sinceros; que seja o produto de uma consciência e um raciocínio puro e honesto.

Ainda bem que o prezado confrade reconhece que Deus não faz seleções entre os seus filhos; somos nós que pretendemos estabelecê-las por vaidade ou orgulho, sentimentos estes que levam criaturas humanas a julgar que aqueles que por sua infelicidade se acham ainda nas profundezas dos abismos, só devem dali ser retirados quando puderem instalar um elevador automático moderno, porque as cordas são um instrumento e um meio muito antiquado e mais vagarosas, podendo ainda sujar as mãos dos seus salvadores.

Perdoe-me o prezado confrade a franqueza de minhas considerações, produto de um simples e modesto aprendiz.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Quarta-Feira, 08 de Fevereiro de 1933 – página 09)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

As atividades de nossos irmãos do espaço, as energias fluídicas dos que podem dispor, são provocadas e exercidas por várias formas, meios diversos e finalidades distintas.

Se alguém pretender identificá-las aos seus autores materiais, e, espirituais, sem o risco de caírem com ela, indispensáveis se tornam proceder a uma escrupulosa análise das referidas atividades, especialmente das finalidades pelas quais se explicarão os meios e as modalidades.

É preciso não se ignorar que há práticas espíritas de rigorosa e sincera honestidade com nobres intenções caritativas; há práticas exclusivamente científicas sem caráter algum religioso; há práticas mais ou menos rendosas, exercidas como profissão ou não, com intenções dignas, indignas ou indiferentes dos praticantes; há práticas de ignorantes sem maldosas intenções e sem visos de interesses pessoais; há práticas de vaidosos ou orgulhosos exibicionistas, e há, finalmente, as mais perniciosas, que são as dos perversos praticantes da Magia Negra por prazer, maldade ou interesse, exercidas com ou sem conhecimento das graves responsabilidades dos seus autores.

Sejam quais forem os meios ou modalidades e os fins não se podem negar sejam elas espirituais, desde que entram em ação entidades do espaço e suas energias fluídicas não se enquadrando em nenhum delas a classificação de falso espiritismo.

Falsas práticas, nenhuma são ainda que pareçam ser aos autores espectadores ou vítimas, sendo suficientes a vontade e as intenções para que provocada e exercida seja a ação, em maior ou menor grau, cujo grau está na respectiva escala, em relação com as circunstâncias do meio, da vontade, do desejo, das intenções e do merecimento de cada um.

Não deve haver dúvidas sobre a execução da ação a qual se poderá refletir nas pessoas visadas ou nos próprios autores, quando dignos da mesma, como recompensa relativa às intenções que os animam, uma vez que a referida ação seja provocada pelo simples pensamento traduzindo a vontade, podendo a sua execução ser feita consciente ou inconscientemente para as entidades materiais.

Sendo a ação do bem e do mal permitidas por Deus na razão direta do merecimento de cada um, explicado está o motivo porque, nem sempre a criatura boa e bem intencionada consegue ver satisfeitas as suas boas intenções e como por vezes uma criatura indigna e mal intencionada pode exercer o bem independente das suas qualidades, mas merecido por quem o receba. O mérito está mais na pessoa que recebe do que na que dá, podendo estar ambas ou nenhuma se não são dignas do mesmo.

É comum verem-se criaturas satisfeitas em suas aspirações quando justas e merecidas, recorrendo a reconhecidos exploradores de práticas espíritas, as quais propagam e enaltecem o valor dos exploradores, sem que mérito algum lhes caiba por atos, exercidos a revelia de suas personalidades, como instrumentos inconvenientes que foram da ação benéfica constatada.

Não é menos comum verem-se outras em contínua peregrinação pelos Centros de Caridade, sem conseguirem a satisfação de seus desejos, porque não sejam justos, ou porque os não mereçam, e então propagam a descrença e a ineficácia da ação caritativa dos referidos Centros e da própria doutrina.

As responsabilidades contraídas nesta ou em anteriores encarnações são inevitáveis; a ninguém é dado evitá-las, não há ardil ou força humana capaz de impedir que qualquer criatura se furete ao resgate dos compromissos assumidos, por força de Leis Naturais imutáveis.

Se todas as criaturas se compenetrassem de tão sublime verdade, não assumiriam decerto, com a prática de atos menos dignos a responsabilidade, cujas consequências não poderão ser evitadas e daí grandes benefícios resultariam para a paz e felicidade humanas.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Sábado, 11 de Fevereiro de 1933 – página 09)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

É no abuso do livre arbítrio que se encontra a causa dos sofrimentos de suas vítimas e seus autores, estes, pela responsabilidade desse abuso. Predominando ainda entre a humanidade a preocupação pela satisfação de interesses pessoais, desprezados são os interesses alheios, em consequência do que, se desenrola a luta desmedida de competições e conquistas numa inteira despreocupação pela única felicidade que se pode e deve aspirar a felicidade espiritual, para conquista da qual se torna absolutamente indispensável a regeneração do caráter, a condução pautada dentro dos mais sagrados princípios da pura e sublime moral Cristã.

As práticas espíritas caritativas sinceras e honestas são inegavelmente a mais salutar escola do exercício da bondade, tanto no mundo material como no espiritual, eficazes como o melhor meio de educação moral proporcionada pela palavra exemplificada por atos caritativos, são ainda a mais abundante fonte de alívio de grande número de sofredores e de seus sofrimentos.

Mas, se é verdade incontestável que estas práticas se revestem de tão sublimes virtudes, não é menos verdade que, quando exercida por exploradores e perversos, se transformam no mais pernicioso cancro humano nas mais intensas fábricas de martírios e desgraças, de misérias psíquicas e morais, são o melhor instrumento de perversão tanto de encarnados como desencarnados, de cuja ignorância se utiliza para fins de exploração e maldade.

Treme-se de pavor ante a simples lembrança de que criaturas há sobre a Terra, capazes de transformarem práticas espíritas malvadas em profissão ou fonte de renda, e a verdade infelizmente é que existem em não pequeno número espalhados em todos os cantos, essas infames e covardes criaturas que de humanas tem só a forma.

Aninhados nos seus antros de Magia Negra como feras repugnantes, desenvolvem suas negras e infames atividades convictas da impunidade de seus crimes, constatados pelas autoridades policiais, desde que essas ignóbeis atividades se desenvolvem entre o mundo espiritual, onde a justiça terrena não pode sentenciar.

Mudem-se, porém, esses miseráveis com a impunidade de sua atividade criminosa e indigna, a sua perversidade e as funestas consequências de seus atos, as suas tremendas responsabilidades terão de ser inevitavelmente resgatadas, até ao último ceitel, e essas responsabilidades abrangem a parte que lhes toca, pela infâmia de reduzirem infelizes ignorantes ou malvados, fazendo-os comparsas e cúmplices de seus crimes.

Ainda bem que contra esses ambiciosos e covardes, contra a sua negregada atividade, contra a ação maléfica que exercem servindo-se de seus irmãos do espaço, cuja ignorância e maus fluídos aproveitam, se erguem, se intensificam e arregimentam em maravilhosa organização guerreira espiritual, esses devotados e heroicos combatentes que constituem e exercem a defesa e o combate de tão perniciosas atividades, esses nossos amigos obreiros da Caridade, soldados da “Linha Branca de Umbanda”, terror dos malvados e dos exploradores.

É de lamentar que tão mal compreendidos sejam estes devotados guerreiros, pelos que desconhecendo as suas nobres virtudes colocam em dúvida a sua sinceridade, ridicularizando-os, humilhando-os, pela sua condição modesta e pela modalidade de suas atividades.

Infelizmente para a satisfação de caprichos e interesses pessoais, não trepidam os interessados ante a infâmia dos meios e das consequências recorrendo a esse, comerciantes da desgraça alheia, nem eles tão pouco pela sua ambição em servi-los, e entre os que assim procedem se encontram muitas criaturas de posição social destacada e que na sociedade onde convivem hipocritamente se fazem passar por descrentes da ação e da existência espiritual, servindo-se, entretanto, da mesma para vinganças, perseguições ou conquistas de proveitos materiais. A sua covardia, a sua perversidade e a sua falta de caráter se nivelam com a dos infames aos quais recorrem furtivamente para a satisfação de pretensões indignas ou merecidas, esquecidos ou duvidando da responsabilidade que lhes toca como prêmio da sua ação.

Triste, bem triste, será o despertar para a realidade, quando se sentirem esmagados pelo peso de seus crimes, afogados pelas lágrimas que fizeram derramar, atormentados pelos gemidos e pelos queixumes das suas vítimas indefesas; tarde demais para evitar o castigo merecido. Quisera poder gritar e ser ouvido por esses desgraçados para adverti-los das tremendas responsabilidades que assumem diante da extensão das suas maldades, pedirem-lhes que se reflitam um momento sequer no peso dessas responsabilidades e desgraças que semeiam, as quais não haverá força humana capaz de evitar como recompensa lógica de uma atividade indigna, do abuso vil e ignóbil do seu livre arbítrio.

E a esses inadvertidos que procuram conquistar posições imerecidas a custa do sacrifício e do sofrimento de seus semelhantes, servindo-se da ignorância dos nossos irmãos do espaço e suas energias ativas malignas, eu lhes direi que muito terão de amargar pelas satisfações momentâneas obtidas por tais processos na vida material, quando as vítimas sacrificadas lhes exigirem contas como seus autores.

Não se progride nem se conquista a felicidade real pela força, pelo ardil, ou pela moeda, mas sim pelo merecimento, pela elevação de caráter; fora disto, tudo ilusório, momentâneo e transitório.

Que Deus esclareça os ignorantes e os malvados.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 12 de Fevereiro de 1933 – página 13)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – COMBATE A MAGIA NEGRA

Deve ser este o brado que deve repercutir em todos os recantos da Terra, como quem anunciando a era de uma ofensiva sem tréguas contra autores, ação, e as funestas consequências das práticas espíritas de Magia Negra, profusamente exercida dos exploradores ambiciosos e perversos, numa extensão tão clamorosa que justifica a necessidade e a energia da luta do combate acérrimo.

Não cogita de uma luta para satisfação de vinganças, de ódios, de invejas ou quaisquer sentimentos anticristão, mas sim, de defesa contra a ação maléfica de indignos, de covardes e malvados que utilizando-se da ignorância e fraqueza de instintos de seu irmãos desencanados, os arrastam ao serviço das suas infames satisfações, ambições exclusivamente materiais e pessoais, conduzindo aqueles infelizes ao caminho da desgraça onde vão semeando o sofrimentos e a dor, agravando cada vez mais as suas responsabilidades, e elevando o número de desgraçados.

Falando elementos, as autoridades terrenas, para que exerçam uma indispensável repressão contra esses perversos exploradores praticantes da Magia Negra, sobram sem dúvida esses elementos para aqueles que dentro das práticas espíritas se sentem animados das mais nobres intenções, e encorajados pelo desejo de exercerem essa indispensável e útil repressão, sem que, desvirtuadas sejam essas nobres intenções pela energia de uma ação, cuja elevação de finalidade justifica.

A energia da luta e do combate tem e presidi-la tanto por princípio como por fim a exclusiva prática da Caridade, e não deve em absoluto descer ao terreno da vingança seja contra quem for, seja qual for o grau de perversidade do autor, seja qual for a extensão de seus males.

Quando a conversão dos perversos ou ignorantes não pode ser satisfeita mutuamente, seja pela palavra ou pelo exemplo demonstrativo da necessidade e das vantagens da mesma, resta como recurso extremo, quebrar e anular a ação desses malvados, sendo sem dúvida esse recurso mais digno, do que abandoná-los consentindo-lhe que semeando o sofrimento, agravem o peso das suas responsabilidades, pela persistência na sua ação devastadora da tranquilidade de suas vítimas.

As modalidades de que se reveste essa luta não poderão de forma alguma deixar de estar em relação com o meio e as circunstâncias que o cercam, não devendo absolutamente justificarem a separação ou a divergência dos combatentes, quando as finalidades não são quebradas em sua sonoridade identificando-se em perfeita harmonia pela sua elevação.

Tolher-se o livre arbítrio de uma criatura humana quando do mesmo abusa em prejuízo dos seus semelhantes, não pode constituir um crime ou um erro, quando se tem a convicção de que, desse abuso resultam vítimas, sendo a maior vítima o próprio autor desse abuso, pela responsabilidade de que sobre si acarreta. Ato de caridade deve ser, portanto, impedir-se de ser empregada a energia, que só o grau de rebeldia requer, e torna necessária.

Os praticantes da Caridade Espírita da denominada “Linha Branca de Umbanda”, chamaram a si a iniciativa dessa luta, de combate sem tréguas ante a extensão da maldade exercida pelos praticantes da Magia Negra, conhecendo bem a gravidade, a responsabilidade, as asperezas e os espinhos dessa luta, certos de que não lhes será recusada a assistência e o valioso auxílio capital dos bons amigos do espaço, aceitando agradecidos os de todos, seja qual for a sua personalidade, por mais humilde que seja ou pareça ser, desde que se identifiquem os desejos e as intenções, numa ação conjunta, conduzidos e iluminados por uma ofuscante estrela... a Virgem Mãe Santíssima, como guia Jesus Nazareno

Não importa de certo a esses trabalhadores, nem lhes sobra o tempo para que se preocupem com impensados, o que apegados aos preconceitos sociais se não limitam apenas a lhes negarem sua solidariedade moral que seja, nessa luta tão nobre e elevada, como confrades que negam ser, combatemos e apontamos a execração de seus irmãos, como indignos de merecerem consideração e respeito.

Não se satisfazem esses irrefletidos com as humilhações a que tem procurado submeter os obreiros da “Linha Branca de Umbanda”, procurando ainda embaraçar, dificultando a sua ação, senão a defesa intransigente desses preconceitos, os quais se esforçam por enquadrar dentro dos Evangelhos e das obras dos escritores, entre as quais se acomodam melhor que as palavras de retórica balofa, os exemplos das ações nobres e caritativas.

Nas fileiras dos combatentes contra a Magia Negra, há lugar pra todos os de boa vontade, seja qual for a sua raça ou cor, seja qual for a sua condição de progresso espiritual, e essas fileiras aumentarão cada vez mais pelos que com exemplos se vão convertendo de obreiros do mal, em combatentes do mesmo, em obreiros do Bem.

Se há quem acredite humilhar-se alistando-se nessas fileiras; se há quem se acovarde diante dos espinhos desta luta, que se recolha no silêncio desse orgulho e dessa falta de coragem, onde não seja perturbado pelos que apenas divisam a nobre missão que tem a cumprir.

Seja-me permitido advertir esses infelizes transviados, menos pelos males que possam ocasionar nessa luta, que pelas suas próprias obras cujas responsabilidades assumem, vós praticantes da Magia Negra, meditai bem, refleti no Negror e na imensidade de vossos crimes; lembrai-vos de que nunca será tarde para retroceder no caminho; lembrai-vos de que nunca será tarde demais para a reflexão e arrependimento; inevitável será a responsabilidade de vossos atos e suas consequências; o resgate é imprescindível, temeridade é sem dúvida e persistência no erro o agravo da responsabilidade, sob o peso das quais sereis vencidos, esmagados, fatalmente; recuar desse caminho que palmilhai em vosso próprio benefício.

Que Deus tenha piedade de vós, permitindo aos obreiros da “Linha Branca de Umbanda” possam, eles manietar a vossa ação, aniquilar as vossas maldades, cassar o vosso livre arbítrio, apressando a oportunidade do resgate da vossa criminosa ação.

Animam esses obreiros da Caridade o desejo e a ação de defesa das vossas vítimas, sem vos almejar senão a vossa conversão tão depressa quanto seja possível e permitido por Deus na sua misericórdia e bondade infinita.

Que Deus vele por todos os seus filhos.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Quinta-Feira, 16 de Fevereiro de 1933 – página 09)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – COMBATE A MAGIA NEGRA

É necessário que se compreenda a ação e se reconheça a enormidade de extensão dos graves malefícios espalhados pelos infames obreiros da Magia Negra, para se poder avaliar o quanto é necessária a conjugação de todas as criaturas de boa vontade, empregando o máximo de se esforço para que incentivada e redobrada seja a intensidade da luta, do combate sem tréguas aos autores e aos nefastos efeitos da sua ação.

A mais perfeita e poderosa organização de combate existente no momento, tal como no-la descreveu brilhantemente o muito ilustre e prezado confrade Leal de Souza, deve-se sem dúvida a esse Espírito iluminado que a chefia e que se acoberta na humilde personalidade do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Se grande é indubitavelmente o seu poder benéfico e o da organização que preside no espaço, coadjuvada por seus auxiliares terrenos, se eficaz e frutífera tem sido a sua ação, se extraordinários tem sido os benefícios semeados nessa luta titânica encetada e travada em favor das pobres vítimas indefesas da ação traiçoeira da Magia Negra, é indispensável que se reconheça o quanto mais fértil seria a colheita desses benefícios, se esse grande e abnegado trabalhador e seus soldados tivessem ao menos a solidariedade moral de todos aqueles que, ainda mesmo não sendo espíritas, ou não sendo apologistas das suas modalidades de ação, tenham a defesa de que, aliviados possam ser os sofredores e aliviados sejam os seus próprios sofrimentos como um dever de Caridade recíproca, reservando alguns poucos minutos diários para em fervorosa prece ao Criador, implorar a sua proteção e o seu amparo a esse devotado combatente e seus humildes soldados que engrossam as fileiras de seu admirável exército.

Nenhuma razão justa pode prevalecer para que recruzada seja essa coadjuvação, quando a mesma é solicitada e precisa em nome de tão digna missão, numa luta que prima pela elevação e nobreza das suas finalidades.

Recusem-se se assim o quiserem, a solidariedade, as modalidades prevalecer para que recusada se neguem a cooperar nas mesmas os que sinceramente discordam por motivos cuja razão se não pretende mais comprovar, quando o que se pede não é a aprovação ou a passividade com os meios, e sim a solidariedade moral que seja apenas as finalidades, que em verdade se não pode negar sejam dignas e merecedoras que não sejam úteis e necessárias ao bem estar a felicidade e a paz de toda a humanidade, especialmente das vítimas e dos autores da ação nefastas e devastadora da Magia Negra.

Não se imploram remunerações ou agradecimentos como retribuição aos esforços e aos sacrifícios dessa falange de abnegados obreiros da Caridade, ou que se ouse implorar em seu nome por voto espontâneo; é a insignificante contribuição de uma prece erguida com fervor e fé ao Pai de Misericórdia, para que esses batalhadores tenham revigoradas e centuplicadas as suas energias para com a possível brevidade alcancem o completo triunfo a definitiva vitória nessa luta, nesse renhido combate ao mal, pela conversão dos malvados pela sua inatividade ou transformação em obreiros da Caridade.

Cessem de hostilidades aos meios, a humildade de seus elementos ativos da Terra ou do espaço, a sua condição de progresso espiritual, a sua raça ou a cor da sua epiderme, a pobreza da sua linguagem, na certeza de que mais altos pairam os seus desígnios, mais elevados pairam os sentimentos que os guiam nessa heróica luta, na qual se não desconhecem os deveres fraternos para com os vencidos.

Se não bastarem à clareza destas palavras, se não forem suficientes para que se possam traduzir os sentimentos que animam os que se proferem, se ainda apesar de tudo apenas continuarem a ver modalidades e através das mesmas, macumbeiros, falsos e baixos espíritas, que Deus vos perdoe a vossa prazenteira cegueira, e que nos permita atingidos pela mesma em vossas acusações, perdoar-vos também.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 19 de Fevereiro de 1933 – página 05)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Por várias vezes tenho afirmado em minhas considerações, como resultado de uma demorada e criteriosa observação, que, em geral, os chefes Guias Espirituais das práticas da “Linha Branca de Umbanda” são Espíritos de elevado grau de progresso, investidos de uma personalidade transitória mais ou menos demorada, necessária e útil a uma predestinada finalidade de comprovada elevação, pelos atos e seus efeitos.

Quanto a mim, repito, pelas provas colhidas em minhas observações, adquiri razões suficientes para não alimentar dúvidas sobre a identidade real, ou antes, sobre a condição de progresso espiritual dos referidos Guias, testemunhando a sua sinceridade e honestidade de suas atividades espirituais, seus efeitos traduzidos claramente pelos benefícios profusamente semeados.

Para o bom êxito dessas atividades caritativas, têm esses Guias como seus auxiliares, Espíritos de todas as categorias, de todas as origens, mesmo de condição a mais atrasada, obedientes e identificados com as finalidades, animados de boa vontade, prestando os serviços que lhes são pedidos, ordenados e possíveis na medida de suas forças, num exercício que constituem a mais eficaz e produtiva escala de aperfeiçoamento moral primário, sem que prejudicada possa ser essa educação moral, pela liberdade que lhes é permitida nos seus usos e costumes familiares, caracterizando sua origem, com as quais se tornam possíveis aqueles que se utilizam dos seus serviços no seu próprio benefício e dessa causa santa, porque beneficia toda a humanidade.

Os referidos Guias ao se investirem da personalidade com que se apresentam, agem assumindo essa personalidade não apenas exteriormente, mas no corpo fluídico, um organismo fluídico por tal razão sujeito a todas as consequências naturais relativas a todos os que se encontram no mesmo grau vibratório, apenas podendo dispor de maiores energias conferidas para o desempenho da sua missão.

O seu organismo fluídico é perfeitamente idêntico ao da personalidade de que se investem, sendo esse o motivo por que as suas incorporações nos médiuns se revestem das mesmas dificuldades, com contrações que demonstram a diversidade fluídica existente entre eles e os médiuns de que se servem, não podendo em razão desse fato servir de base para por em dúvida a verdadeira identidade do Espírito.

Casos há decerto, e não são raros, em que a humilde personalidade de um Preto ou de um Caboclo, representa o complemento de uma provação, como um castigo do orgulho cultivado em anterior encarnação, numa posição social de destaque, seja de um médico, de um escritor, de um ministro, de um imperador, etc.

Essa personalidade, como digo, pode ser apenas momentânea, exigida pelo meio em que se torna precisa e útil; casos há constatados, em que o Espírito se apresenta em personalidades diferentes relativas ao meio, devendo ser elas correspondentes a suas anteriores encarnações, facultada e mudança pelas circunstâncias do meio e das atividades a serem desenvolvidas. À personalidade estão submissos todos os característicos reais, dentro das leis naturais que não podem ser alteradas; evitá-los é despir essa personalidade, e ela se destina como espiritual que é menos para nós que para o mundo dos Espíritos.

Não se pode em absoluto considerar seja um retrocesso o fato de um Espírito se investir de uma personalidade humilde, a não ser que se pretenda considerar a humildade como indignidade, mais lógica e racional é divisar-se, em tal fato, em certos casos, um processo intelectual avançado, mas um progresso moral que lhe não faz parelha.

Estas são as conclusões que posso deduzir de um raciocínio e de uma observação que demonstram um desejo de acertar, de aprender, e que inegavelmente fazem ressaltar a maravilhosa criação divina.

Sua justiça e amor.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Quarta-Feira, 22 de Fevereiro de 1933 – página 08)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – ESPIRITISMO E NÃO FETICHISMO

Não sendo apenas por prazer de travar polêmica, mas sim com o fito de esclarecer atitudes interpretadas indevidamente por criaturas que suponho animadas de boa vontade e sinceridade, é, no entanto, com satisfação que acolho a opinião divergente sustentada pelo prezado confrade que se tem dignado contrastar-me com devida cortesia.

Tenho motivos para me regozijar ao ver encurtada a distância que nos separa, sem que tenha eu tido precisão de arredar-me do meu ponto de vista, não ignorando que a despeito de nos encontrarmos separados por interpretações divergentes, ambos nos encaminhamos para um termo onde com certeza nos encontraremos numa perfeita harmonia de finalidades.

Lastimo que o meu ilustre antagonista, sequer por um instinto de curiosidade se não tenha dado ao sacrifício de ler a série de artigos publicados pelo insigne mestre Leal de Souza no “Diário de Notícias”, já agora reunidos em um pequeno volume à venda nas livrarias, nos quais encontrará valiosos esclarecimentos sobre a matéria que tem dado lugar a controvérsia, ou pegam nas práticas espíritas da “Linha Branca de Umbanda”.

Estou convencido de que lendo essa obra, o meu ilustre confrade daria por esgotados todos os argumentos falhos de que se tem servido para negar e duvidar da razão de serem modalidades que tanto lhe repugnam, confessando com justiça a sua falta de fundamento nas dúvidas suscitadas sobre a sinceridade e a honestidade dos que as praticam, tanto no terreno material como espiritual.

Atribuo apenas à falta de uma análise ponderada o fato do confrade acreditar que as referidas modalidades maculem a santidade do Evangelho que não é apenas seu, mas, nosso também, nem tampouco os princípios doutrinários de Kardec, nos quais se enquadram perfeitamente, com menos intransigência que a observada por alguns dos seus discípulos.

Que me perdoe o confrade, mas quer me parecer que as modalidades em questão, pela humildade do seu meio, são ao menos propícias ao cabotinismo, quanto à prática de atos imorais, onde interesses materiais à assunto fora de discussão, desde que as tenho reprovado com a máxima energia.

O que se não pode nem deve é torcer a verdade, negando-se que o exercício da Caridade praticado por inteligentes ou ignorantes, seja o mais eficaz meio de aperfeiçoamento moral. Ninguém pretende, de certo, convencer da grandeza das entidades inferiores, como diz o irmão, mas sim dos atos daqueles cuja grandeza se identifica pela elevação dos mesmos.

Lógica faltará com mais possibilidade aos que procuram analisar pela rama, aos que procuram ver irradiada outra luz nos Espíritos, que não seja a que provém das irradiações produzidas por atos e pensamentos dignos, nobres e elevados.

Apreciações exteriores de polidez de gestos e linguagens, elegância de porte e costumes; essas fascinam as criaturas ao ponto de cegarem-nas, levando-as a deixar de aceitar, negando agradecimentos pelos benefícios recebidos, sob o protesto de ser o beneficiado de condição social superior ao benfeitor, pretendendo-se escravizá-los a preconceitos que são o maior mal da humanidade.

Acha o prezado antagonista que na sua consciência é um mal ou um erro dar a Espíritos inferiores a incumbência de atividades caritativas, encaminhando-se nessa escola de progresso moral por outros mais adiantados e pelos que os estimulam, cegos a sua inferioridade, convicto de que a superioridade só poderá ser conquistada pelo exercício dessas atividades que beneficiam a todos indistintamente, inclusive os que os humilham.

Mas veja o prezado irmão, quanta incoerência há nas suas palavras, traduzindo o desespero da causa cuja razão lhe falha, quando escreve *(que é um fato conhecido que os seus confrades, falsos espíritas, se utilizam da magia para encontrarem Deus e Jesus nas macumbas denominadas, e dominadas por conveniências, locupletados com Caboclos e Africanos com o rótulo de “Linha” de suas invenções, cuja procedência não compreende)*, assim por ai fora.

Esforcei-me por compreender o que pretende significar com tudo isso, e confesso que fiquei aparvalhado sem saber senão que chama de confrades a esses patifes que fazem essas maluquices todas.

Mais aparvalhado eu fiquei ainda depois de tudo isso, quando o irmão declara finalizando que não acredita que a “Linha Branca da Umbanda” só trabalhe para o Bem, mas, se ela é uma ramificação do verdadeiro espiritismo, não quer saber da sua origem, não fala mal dela nem acusa os seus confrades.

Vou ver se consigo compreender agradecendo essa final declaração, lamentando tenha o meu prezado irmão se espalhado tanto, batendo-se contra moinhos de vento, supondo-os soldados inimigos.

Não sei se haverá por aí Linhas de outras cores. A Branca, pela sua palavra simples, significa cristaldade, limpidez, elevação, dignidade, nobreza, bondade de atos; não se pode confundir em absoluto com a oposta, a Negra, cuja ação combate, colocando-se na defesa de seus efeitos.

São perfeitas e rigorosamente distintas; confundi-las, só por maldade ou ignorância. Linha são a divisa; Brancas as intenções e as finalidades de Umbanda, por imperarem nas suas fileiras elementos silvícolas aparentes ou reais.

Permita o meu prezado irmão que não ultrapasse eu as raia de um simples e modesto.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Sábado, 25 de Fevereiro de 1933 – página 11)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – TOQUE DE RECOLHER

É chegado o momento de cessarem as divergências que separam aqueles que, dentro dos mesmos princípios, têm por finalidades a prática da Caridade Cristã e a regeneração moral da humanidade.

A fase de sofrimentos que atravessamos nos demonstra a necessidade de evitá-las, combatendo as suas origens, as suas causas, e estas residem sem dúvida, nas imperfeições das criaturas que se preocupam mais com a satisfação dos prazeres e vícios materiais, do que com a sua tranquilidade moral.

No mundo espiritual, bastante é o número de nossos irmãos em precárias condições de atraso que lhes emprestam baixos instintos, tornando-nos vítimas das suas malignas atuações fluídicas, causa de graves perturbações de consequências incalculáveis, traduzidas em sofrimentos de toda a ordem, provocando divergências, animosidades, ódios e rancores, que arrastam por vezes as criaturas às lutas fratricidas ou às conflagrações internacionais.

Entre os que povoam o espaço e nos vitimam com as suas influências fluídicas, se encontram os que partiram desta existência, tombando no campo das lutas com o coração transbordante de desejos de vingança; e nesse triste estado se conservam, atuando sobre os que se encontram ainda entre nós, na mesma afinidade de sentimentos, concorrendo para que perdure ou se alastre uma atmosfera que fatalmente nos arrastará às mais funestas calamidades.

É indispensável que se intensifique a campanha de regeneração por todas as formas possíveis, em todos os terrenos, especialmente no terreno espiritual, pela palavra de doutrinação, pelo exemplo da ação, usando a energia quando ela se torne útil e necessária às finalidades em questão.

Se as relações cada vez mais estreitas que mantemos com o mundo espiritual nos facultam como bem intencionados o desenvolvimento de uma benéfica e salutar campanha em favor do progresso moral da humanidade, proporcionam infelizmente aos perversos e covardes a oportunidade de se exercitarem nas práticas da Magia Negra, explorando-a nos seus interesses pessoais e materiais executando o ignorantes e malvados do espaço à atuar sobre suas vítimas terrenas, sob falsas promessas e ilusórias compensações.

É inacreditável que esses infames fabricantes de sofrimentos e sofrendores não compreendam a extensão da responsabilidade de sua negra devastadora ação.

Não nos cabe, decerto, a nós, a autoria do castigo que merecem, nem nos deve preocupar a sua execução, convictos da sua infalibilidade por força das Leis Naturais invioláveis pela Justiça Divina.

O que nos deve preocupar, sim, é a anulação das suas atividades nefastas, arrancando-lhes das suas mãos esses pobres infelizes que consciente ou inconscientemente lhes servem de instrumento, convertendo-os por bem ou a força, quando assim a exijam, em seu próprio benefício.

Que importa que para a eficácia de tão sublime finalidade tenham de ser utilizadas modalidades, não comprometendo a moral, cujo fito é precisamente elevá-la, engrandecê-la?

Que importa que a maioria dos obreiros dessa missão sejam constituídos por irmãos privados dos conhecimentos da civilização, se os animam os mesmo propósitos que visamos, se nos auxiliam no cumprimento dessa missão com a melhor boa vontade, usando os meios relativos aos seus conhecimentos?

Que direito nos assiste de lhes impor diretrizes num terreno que desconhecemos, quando mais do que eles, necessitamos do seu auxílio?

Infantilidade é sem dúvida querer alguém na Terra sobrepor-se aos conhecimentos e à autoridade moral dos Guias do espaço, que encaminham esses obreiros na sua missão sublime, desmerecendo a nobreza dessa missão, porque as modalidades sejam contrárias aos preconceitos sociais, persistindo numa atitude que se tornará ridícula pela falha da lógica que a explique.

Que todos os de boa vontade se congreguem nos mesmos desígnios; que todos se aliem na mesma campanha de saneamento moral; que todos se identifiquem nas mesmas finalidades; para alcançá-las todos os caminhos são dignos, não devendo ser interceptados para quem quer que lá deseje chegar.

Deus abençoará esses obreiros.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 26 de Fevereiro de 1933 – página 11)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – RÉPLICA

É com mais profundo pesar que sou provocado a vir em público lavrar o meu protesto, revoltado contra as aleivosias, contra as insinuações caluniosas contidas na carta do Sr. Presidente da Liga Espírita do Brasil, endereçada e publicada na “Vanguarda” de 22 do corrente, cuja carta acidentalmente me foi dada a ler por um confrade e amigo.

Estupefato, começo por não acreditar em absoluto que os membros das entidades filiadas à Liga Espírita, às quais seria de presumir o senhor presidente representa-se, endossem as aleivosias assacadas em seu nome contra os seus confrades, pelo crime de praticarem a Caridade Cristã usando modalidades adequadas ao meio espiritual, no qual são verdadeiramente exercidas com a desaprovação e o desagravo daquele senhor, que por qualquer motivo, arvorado em Papa Espírita, insulta e agride-os.

A despeito das afirmações e de todas as demonstrações públicas da sinceridade e da rigorosa honestidade das referidas práticas espíritas, da clareza e da elevação comprovada das suas finalidades, da idoneidade posta à prova dos seus praticantes, esse cavalheiro, contrariado publicamente na sua maneira de pensar, depois de haver declarado que não combateria em público, se bem que continuando a discordar, direito incontestável e reconhecido, surpreende-nos na sua incontida explosão de despeito, atirando sobre os que se atrevem a contrariá-lo uma série de insultos em insinuações baixas e caluniosas, pouco dignas da autoridade com que as profere. Não fora a autoridade de que se investiu para assacá-las, e não mereceriam a consideração da réplica.

Confesso, apelando para o testemunho dos que me tem honrado com a leitura dos meus rabiscos nas colunas deste jornal, que apesar da estreita convivência com a ignorância humilde dos Pretos e Caboclos, ainda não me ensinaram eles os baixos e indignos processos, aprendidos na elite, de caluniar e agredir os que discordam do meu pensar.

Na humildade ignorante, seja real ou aparente desses selvagens do espaço, eu apenas tenho colhido os mais sublimes exemplos de elevação moral, palavras de conforto e conselhos Cristãos, pronunciados na sua linguagem arrevesada mas traduzindo sentimentos de nobreza de seu caráter, não se confundindo absolutamente com a polidez das agressões que constituem os princípios exemplares dos Papas Espíritas, para quem os praticantes da “Linha Branca de Umbanda” não passa de “espertos”, “exploradores” e outras sandices que não vale repetir aqui.

Conhecida publicamente minha atitude na defesa e justificativa da sinceridade e da honestidade dos que se acham fora do alcance de qualquer suspeita dentro das referidas modalidades, mais do que a eles me atingem as acusações caluniosas, lamentando que o Sr. Presidente da Liga Espírita tenha feito trincheira de papel das obras de Kardec para o ataque desferido contra seus confrades, procurando nelas o apoio que jamais poderá encontrar para maneiras tão descorteses, intolerância tão chocante, intransigência tão agressiva, forma de julgar tão insensata, orgulho tão mal disfarçado.

Faço, entretanto, sem favor ao grande mestre Kardec, a justiça de o não acreditar capaz de abrigar em seus ensinamentos que não desconheço formas de proceder, de exclusiva responsabilidade e capacidade de seu autor.

Para que se não suponha que me acomodo com duelos de calúnias e agressões públicas, recusando antes a luta para a qual me falham armas e terreno, ignorante no seu manejo, convido insistente e respeitosamente o exmo. Sr. Presidente da Liga Espírita a vir nessa qualidade em público, positivar individualizando às acusações que formulou na referida carta, autorizando-o desde este momento a levar o escrúpulo da sua análise aos meus atos públicos e privados em todos os terrenos, nas minhas atividades comerciais e industriais, numa labuta consecutiva de trinta e dois anos nesta capital.

Frequentando com alguma assiduidade as seções práticas de Caridade das Tendas Espíritas de Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora da Guia, ambas nesta cidade e adotando as modalidades em questão, embora sem cargo de responsabilidade da sua direção, sem, entretanto me achar autorizado, tomo por mim a liberdade de convidá-lo a trazer publicamente as provas de que nelas seja explorada qualquer criatura humana, que se aceitem ou peçam recompensa por mais disfarçadas que sejam, que se exijam sequer agradecimentos pela Caridade distribuída, que se disfarcem por qualquer forma interesses de ordem material, que se explore aproveitando em proveito pessoal e ignorância de quem quer que seja.

Levado o exame e análise até a vida privada dos responsáveis pela direção terrena dessas Tendas, se provadas não poderem ser as aleivosias assacadas tão graciosamente, eu me julgarei com o direito de exigir publicamente que a Liga Espírita do Brasil não continue a ter seus destinos geridos por quem não possui o controle de seus nervos, de seus sentimentos e instintos, colocando em tão delicada e triste situação as entidades que represente, senão a própria doutrina que justifica sua organização e sua existência.

Que me perdoem Deus e os meus confrades, meus excessos de revolta, culpado como me acredito de os ter tornado alvo das agressões que os atingiram, talvez pela evidência com que os defendia, que considerarei a considerarei preferível a covardia de um silêncio que poderia ser interpretado como a confissão dos crimes imputados.

Não temo a responsabilidade da defesa assumida, certo quando tomei essa iniciativa de que não faltaria quem me sobrepujasse na intelectualidade que a possuo em fraco grau para que dela me envaideça ou orgulhe, da sinceridade das minhas palavras e da honestidade dos meus atos, especialmente no terreno espiritual, não pretendo fazer monopólio, mas não posso permitir sem revolta e protesto, que pretenda alguém, por mais cultura se julgar privilegiada na elevação e nobreza dos sentimentos que devem presidir essas palavras e esses atos, e que conferem a qualquer o direito de dizer-se espírita.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Quinta-Feira, 02 de Março de 1933 – página 08)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

“Os humildes serão elevados, os orgulhosos serão humilhados”. Este axioma cristão encerra em sua estrutura o mais sublime princípio da Justiça Divina.

Firmado neste princípio tenho encontrado nele o melhor e mais sólido apoio, para demonstrar claramente, à luz meridiana do Sol, sem subterfúgios ou sofismas a razão de ser dos fatos que vejo contestados ou postos em dúvida, sem que argumentos mais lógicos, mais sensatos lhes emprestem outra interpretação. Aceite a incontestabilidade desse preceito da Justiça Divina, não se pode negar, senão crer como verdade, que as criaturas humanas evoluídas apenas nas faculdades intelectuais sejam submetidas à investidura de uma personalidade, à qual pela sua condição social do meio se sujeite a humilhação.

Como consequência lógica, nada mais razoável e claro que um imperador ou um soberano de ontem cultivando o orgulho e a vaidade, se encontrem disfarçados hoje na carcaça um Preto ou de um Caboclo, humildes personalidades estas que significam o prêmio merecido pelos sentimentos cultivados em existências passadas, pela violação do preceito Divino.

Constituindo a humildade da personalidade uma prova indispensável ao progresso moral daqueles que incorreram nas penas da humilhação, pode-se decerto admitir que seja essa prova completada na Terra ou no espaço, como uma missão entre os irmãos da mesma raça. Sendo a vaidade e o orgulho, por infelicidade nossa, largamente cultivados entre nós, é de prever que, elevado seja o número de irmãos nossos no mundo material e espiritual, os quais se encontram submissos a essa prova de resgate.

A revelação da identidade dos que passam por essa prova, constituiria para os mesmo uma humilhação maior e isso nos é vedado a nós, como a eles talvez, a ninguém cabendo direitos de impor a revelação.

Por vezes nos é dado compreender ou conhecer essa identidade quando espontaneamente no-la revelam, ou a divisamos através dos conhecimentos e ensinamentos que desses Espíritos colhemos quando úteis e precisos às causas dignas, por tais permitidos e ministrados.

Inúmeros e constantes são os exemplos que se nos deparam no intercâmbio que mantemos com o mundo espiritual, especialmente no meio humilde e caritativo, só não testemunhados pelos que acreditam uma indignidade o convívio espiritual com os humildes, pelos que se julgam feridos no seu orgulho, tendo de dobrar o joelho e depositar o ósculo de reconhecimento na mão preta ou bronzeada que lhe proporcionou a Caridade, que o arrancou do abismo em que se afundava.

Para esses orgulhosos, digam-se eles espíritas ou não, não faltarão de certo às carcaças de Pretos-Velhos e de Caboclos que lhes deixarão aqueles a quem humilharam, que atiraram ao ridículo e ao repúdio dos seus irmãos, e então, quando engalanados com essas carcaças como prêmio ao seu mérito, quantos desejarão os carinhos, a passividade dos “falsos espíritas”, dos “macumbeiros” que divisam em todos os entes humanos filhos de Deus.

Ignoram esses espíritas de “Alta Cultura”, que pela qual fora condição de um filho de Deus, se não merecer ele a gratidão e a consideração de seus irmãos, é pelo menos merecedor da sua compaixão, em hipótese alguma podendo com razão e justiça tornar-se alvo de humilhações, de ridículos e muito menos atiradas por aqueles que se fazem acreditar como espíritas.

“Ad Majorem Del Gloriam”.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 05 de Março de 1933 – página 08)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – NO CAMPO DA LUTA

A hora permite o comodismo da inatividade aos cristãos de boa fé, de boa vontade, quando todos podem concorrer na medida das suas forças para o feliz êxito de um desideratum que se traduz com clareza, sem lugar para interpretações duvidosas. O concurso solicitado não é, como se possa imaginar, para métodos de atividades que a alguém desagradem; é sim, exclusivamente para as finalidades que se revestem de uma elevação e de nobreza incontestáveis; é para a regeneração do caráter dos que desconhecem a moral cristã.

A ninguém é dado recusar esse concurso solicitado, quando suficiente e valioso ele poderá ser, como o sacrifício de alguns minutos de recolhimento numa fervorosa prece ao Altíssimo para que conforte e revigore o esforço daqueles que na Terra e no espaço se empenham nessa luta, se submetendo às suas refregas, sentindo mais de perto as suas consequências, sujeitos a crítica e as acusações dos irrefletidos.

A súplica elevada ao Altíssimo será precedida pela imploração do perdão para esses infelizes que só a ignorância faz arrastá-los ao abismo, onde se encontram sob o peso das suas negregandas atividades.

Nem por sombras deve ser esquecido o sentimento de fraternidade que a todos deve unir, como filhos do mesmo Pai, numa luta em que a vitória favoreça mais aos vencidos que aos vencedores.

Proclamada a intensificação desta luta, redobram de atividade os praticantes da Magia Negra, fazendo voltar todas as suas atenções, cheio de ódios e de desejos de vinganças contra aqueles que se propõem a anular as suas nefandas atividades, contra os que lhes embargam os passos na estrada por onde tem semeado as dores, as lágrimas e o sofrimento, visando-os diretamente, forçando-os a uma defesa constante, a uma vigilância mais cuidadosa, abrigados e protegidos pelos bons amigos Guias do espaço, e pela muralha erguida, sustentada e solidificada pela fé em Deus, contra a qual se quebrarão e anularão todos os seus esforços.

Arregimentados no espaço todos os elementos de boa vontade, dentro da perfeita organização mantida pelos Guias Espirituais no desempenho da missão que lhes foi conferida, cresce dia a dia esse exército de combatentes, engrossando cada vez mais as suas fileiras pelos que vão sendo convertidos, numa luta que só terá tréguas quando conquistado pelo desideratum que a provocou e incentivou.

Que Deus ilumine os obreiros da Caridade.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Quinta-Feira, 09 de Março de 1933 – página 05)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – AMAI AO PRÓXIMO, COMO A VÓS MESMOS

Dentro deste preceito Divino terá que firmar-se a base da única e verdadeira fraternidade universal, não existindo forma de regime social capaz de estabelecer a igualdade, nem tratado internacional que possa assegurar a paz entre a humanidade antes da convicção absoluta e geral da necessidade imprescindível do respeito e fiel cumprimento desse preceito como o mais sólido alicerce para a paz duradoura e salutar.

Não formo ao lado dos pessimistas por índole, reconhecendo que, a despeito de todos os entraves criados pelos que se interessam pela lutas armadas, a despeito da falta de sinceridade que nem sempre preside os atos e as palavras dos que aparentemente se interessam pelo problema da paz, muito se tem avançado nesse terreno, mas muito mais se terá de avançar, cabendo a vanguarda aqueles que animados dos melhores propósitos, guiados e iluminados pelos ensinamentos espíritas, mais que ninguém tem por dever sagrado desenvolver e lavrar o campo para que profusa seja a sementeira e farta a colheita.

É deveras lamentável o contraste que nos oferecem alguns maiores, confrades do mesmo credo, investidos do bastão de “líderes” de seus irmãos de crença, demonstrando ignorarem ou tão mal cultivarem os sublimes princípios doutrinários, fazendo brotar e alastrarem-se animosidades alimentadas por uma intransigência de pontos de vista que só encontra acolhimento na vaidade e no orgulho disfarçado na intangibilidade, em que colocam e interpretam esses princípios, incompatibilizando-os com os mais sagrados preceitos cristãos.

Convenhamos que, por maior que seja a ignorância ou a maldade de ente humano, não lhes tiram o direito de irmãos, filhos do mesmo Deus, não sendo decerto repudiando-os, atirando-os ao isolamento do convívio da maldade de seus iguais que se pratica obra fraterna; não será ridicularizando-os, humilhando-os pela sua pobreza de cultura e sentimentos, pela sua precária e inferior condição social, pela pobreza de linguagem e costumes que se conseguirá fazer frutificar a verdadeira fraternidade.

Convenhamos prezados confrade, que essas formas de pensar e agir não se harmonizam com os ensinamentos espíritas cristãos, nem poderão ser interpretadas pelas criaturas de senso como a maneira aconselhável e exemplar de se “amar ao próximo, como a si mesmo”.

Não será separando, criando animosidades entre criaturas que tem a animar seus atos os mesmos propósitos de nobreza, que se praticará obra meritória espírita cristã.

Maior gravidade assume essas irrefletidas atitudes, quando partindo de pessoas ou em nome de coletividades, a quem cabe o dever de exemplificar a tolerância, o amor ao próximo, a fraternidade e a clemência para com os pressupostos criminosos, ou mesmo os que o sejam. Maior gravidade assume essas irrefletidas atitudes, quando partindo de pessoas ou em nome de coletividades, a quem cabe o dever de exemplificar a tolerância, o amor ao próximo, a fraternidade e a clemência para com os pressupostos criminosos, ou mesmo os que o sejam.

Se o criminoso assume com a prática do crime uma responsabilidade equivalente, inevitável não há senão que lastimar, e ter compaixão do seu ato pelo qual responderá com todas as suas consequências, desde que nos não seja dado impedir a sua prática para acusá-lo de seu crime; tem ele a própria consciência que melhor que ninguém julgará os seus atos sem errar.

Como espírita que procuro e me esforço de ser, confesso que me não seduz a toga de juiz de meus irmãos; antes, recusarei sempre que puder a investidura, consciente da sua responsabilidade.

O pseudônimo que adotei, traduz a aversão pela exibição e a modéstia de minha fraca cultura; dele não abrirei mão, como demonstração da falta de covardia moral.

Que me seja permitido permanecer na humildade da minha simples condição de aprendiz.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Sábado, 18 de Março de 1933 – página 09)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – LINHA BRANCA DE UMBANDA

Não é possível a clareza e a simplicidade das considerações que tenho feito sobre a razão de ser das modalidades dessas práticas espíritas, possam deixar margem a interpretações, insinuações e conclusões capciosas. Na falta de fundamentos lógicos, sinceros e honestos, torna-se a realidade das coisas e dos fatos, citando-se trechos dos Evangelhos, cuja verdadeira interpretação serve apenas para reforço das minhas considerações e do meu ponto de vista, contrário ao orgulho, a vaidade, ao egoísmo, a falta que naturalmente sentem de se pretender num esforço vão disfarçar com evasivas e subterfúgios, na suposição de que todos são leigos, de que possa ser confundida a Caridade com a maldade.

Os materialistas e os céticos negam a veracidade dos fenômenos pelos quais se comprova a existência espiritual, numa obstinada recusa ao estudo e a observação dos mesmos e suas causas, pelo receio que naturalmente sentem de se verem forçados a se curvarem ante a realidade que negam, sendo por tais motivos combatidos pelos espíritas.

A sua obstinação intransigente tem, no entanto, imitadores entre alguns dos que os combatem, esquecidos de que mantêm para com os confrades do mesmo credo procedimento semelhante; outra coisa se não observa entre os que combatem as práticas espíritas cujas modalidades se não restringem pela cegueira da sua vaidade inviolável.

Convidados com insistência a analisar a sinceridade, a honestidade e a razão de ser da diversidade dos métodos, preferem como se fora mais digna, mais nobre e elevada, a agressão e a calúnia, esquivando-se do convite da convicção, inconfessada de que aceitá-lo, seria reconhecer o erro de uma campanha injusta senão indigna.

Não serei eu que me deixarei arrastar para o terreno pessoal reconhecendo o incompatível com a moral Cristã que me esforço por elevar; não me agrada o lamaçal dos interesses, das paixões e vícios materiais, evitando-os tanto quanto me seja possível.

Defendendo-me e defendendo as vítimas das agressões desses irrefletidos maus espíritas, lancei um repto aos pródigos agressores, o qual não mereceu a consideração de uma resposta, de uma satisfação que a consciência dos acusadores ordena não seja negada, pela autoridade de que se investe para formular essas acusações, pela superioridade do plano em que se colocam e fazem empenho de serem vistos.

Como única satisfação, viram-se repetidas as irritantes e caluniosas acusações, sem elemento que as possam provar ou ao menos explicar, lamentando que entre os agredidos pela solidariedade que emprestam as modalidades em questão se encontrem intelectuais notórios, cuja notoriedade impede que, além de se verem emparelhados com “espíritas”, não a possam ser nos varais da carruagem triunfal que conduz esses altos dignatários espíritas, que não compreendem como esses intelectuais se não envaidecem de seu saber; repelindo a convivência com esses míseros Pretos e Caboclos.

Sejamos leais, convindo que haja uma dificuldade a vencer para que se estabeleça a harmonia de pontos de vista, consistindo essa dificuldade em não se querer deixar fugir a oportunidade da ostentação de uma superioridade moral, que não pode ser demonstrada por dotes intelectuais apenas, mas por exemplos que tenham por princípio a humildade, a fraternidade, o amor ao próximo.

Não podem compreender e conhecer as verdadeiras necessidades os que por covardia ou vaidade se recusam a descer a humildade e as imperfeições lógicas do meio, a sentir de perto o seu contato que lhes repugna, a suportar resignadamente todas as suas consequências, afrontando todos os perigos a que se expõem aqueles que tem como finalidade que reputam digna, nobre, elevada e Cristã, levar o alívio aos desgraçados que por sua desventura habitam ainda nas trevas dos mais profundos abismos, de onde talvez já foram arrancados por outros e onde não desejaríamos permanecer esquecidos, abandonados, pelo comodismo egoísta, pela covardia ou vaidade dos que se encontram livres, já na estrada ampla do progresso.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 26 de Março de 1933 – página 08)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – LINHA BRANCA DE UMBANDA

A insinuação de que combatemos o kardecismo é aleívosa; apresenta uma falsidade, com intenções que se diziam facilmente. Somos combatidos acusados e agredidos, e a nossa atitude tem sido apenas de defesa, cabendo a intransigência de alguns kardecistas a responsabilidade da luta que provocaram e mantém, muito contra o nosso desejo, distraídos dos afazeres espirituais, forçados a vir a público desfazer e anular essa campanha de intrigas e difamações, alimentada pelos que nada construindo, pretendem tudo destruir.

Cessem as acusações, ou provem-nas se isso lhes é possível, é esse o desejo que alimentamos e não o de manter polêmica como fosse parecer a alguém, e o assunto está por demais esclarecido para os que querem compreendê-lo.

Não é absolutamente exato que se pretendam estabelecer preferências para estas ou aquelas modalidades, classificando umas superiores as outras; há nessas insinuações perfídia evidente, pois tem-se frisado claramente que essas modalidades se explicam pela harmonia existente entre as mesmas e o meio espiritual, em cujo terreno se desenvolve a ação.

Não nos cabe impor métodos ou modalidades, senão no terreno material em que habitamos; é de certa infantilidade querer-se estender os nossos preconceitos sociais a um mundo de condições muito diversas, desconhecidas poderemos dizer, em sua grande parte.

Tudo tem a sua razão de ser, e é sabido que não tomba uma folha seca que não seja pela vontade de Deus.

Se somos os enfermos necessitados de ser curados, não temos senão que nos entregarmos confiantes nas mãos do facultativo, e se constatamos pelas suas curas que lhe não falha a competência para exercício da sua profissão ou missão, será porventura justo que se veja ele acusado de inepto, indigno ou desonesto, porque se alimente de ervas, fale o idioma diverso do nosso, use traje diferente, ou more numa cabana ao invés de um palacete?

Os medicamentos repugnantes em geral, mas nem por isso os recusamos quando necessitados pela cura dos males que nos afligem, sujeitando-nos por vezes a maiores sacrifícios e dores que os da própria enfermidade, tendo em vista a conservação da vida da matéria, ou seja do corpo material.

Não propagamos nem aconselhamos a preferência de métodos; cada qual segue ou adota os que melhor lhe convém e agrada, dentro das mesmas finalidades, é claro, sobre as quais não devem prevalecer dúvidas quanto a sua nobreza e elevação; o que não podemos é recusar a Caridade a quem no-la solicita, quando em nossas mãos estejam os meios precisos, e é isso que estamos crentes; todos os bons Espíritos devem fazer, sem a preocupação de mesquinhas de interesse pessoal.

Queremos a liberdade e o direito de agir com honestidade no exercício da Caridade, pelos meios que nos são facultados pelos seus principais e diretos autores, aqueles que os acharem por isso dignos de pedradas, que atirem.

P.S. – Agradecido ao prezado amigo Sr. Joaquim Ferreira do Nascimento pela sua solidariedade e conforto. Em resposta a sua pergunta tenho a dizer-lhe, que a Tenda de Nossa Senhora da Conceição é na Rua da Quitanda, nº 201, e as sessões públicas de Caridade nas Terças-Feiras, às 20 horas.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Terça-Feira, 04 de Abril de 1933 – página 05)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – MEDIUNIDADES E SUAS RESPONSABILIDADES

Já exemplifiquei uma das formas por que se castiga a vaidade dos médiuns sendo os mesmos abandonados nas salas de Sessões em franco funcionamento, em circunstância tais, que exigem a demonstração pública do mérito e da capacidade do médium envaidecido e assim castigado, uma vez que sem assistência dos Guias Espirituais nada mais consegue se não mistificando sujeitar-se ao ridículo.

Esta é uma das formas mais ofensivas do castigo, porque outras há que acarretam não pequenos dissabores e sofrimentos para as suas vítimas, obcecadas por Espíritos galhofeiros e zombeteiros que as sujeitam aos maiores vexames e humilhações em público, acabando por vezes nos manicômios.

Estes escrúpulos deveriam constituir uma advertência aos médiuns, para cuja atenção conviria serem chamados pelos dirigentes dos Centros Espíritas sempre que se oferecessem oportunidades durante as Sessões.

Os médiuns pela santidade do seu mandato, pela nobreza e desprendimento pessoal com que devem compreender a sua missão, devem ter sempre em mente a exemplificação de uma conduta irrepreensível, modelar, que, lhes assegure não só a confiança, como a sua própria defesa contra as influências fluídicas das imperfeições dos Espíritos atrasados.

A conduta moral do médium tem para a boa salutar e eficaz missão de que é investido, importância capital, nela residindo toda a responsabilidade que pesa sobre ele; é portanto indispensável que a não ignore, não sendo a recusa do cumprimento fiel dessa missão o meio aconselhável para que evitada seja qualquer parcela de responsabilidade.

A recusa desse cumprimento é um ato patenteado de falta de Caridade para com seus semelhantes, entre os quais se encontram os do espaço, privados pela recusa da falha do meio e da oportunidade para prestarem seus serviços Caritativos aos seus irmãos encarnados na Terra, exercício que lhes faculta o seu progresso moral espiritual.

Esse ato de falta de Caridade acarreta para o seu ator uma responsabilidade que poderá ser castigada com perturbações e sofrimentos somente remediados e evitados, quando compreendida e reparada a falta, sem mesmo ser levado em consideração o fato de se não utilizar o médium desprezando a oportunidade de seu próprio progresso que conquistado poderia ser com o fiel desempenho da sua missão, que por certo lhe não é dada para ser conservada inativa.

Pode-se imaginar a gravidade da falta da Caridade ocasionada com a recusa do médium; se olharmos o grande número de sofredores que dele necessitando se veem privados com o mesmo, recusa esse injustificado senão por subterfúgios e sofismas que só iludirão ao próprio médium faltoso.

Pela importância que reveste as mediunidades e todos estes fatos consequentes, quer-me parecer deverem merecer especial atenção os possuidores dessas faculdades, demonstrada a utilidade e a necessidade da sua doutrinação, educação e fiscalização, por parte daqueles que se entregam e dedicam ao seu aproveitamento e exercício, afastado do mesmo temporariamente como medida prudente todos os que se não encontrarem na altura moral do desempenho da sua elevada missão, ou seja, ante de convenientemente educados, para que conscientes das responsabilidades tenham a sua real compreensão, e não tenham que chegar essa realidade pela força do castigo, ao qual a irregularidade de procedimentos faz inevitável mérito.

Tanto maior seja a elevação moral do médium, tanto mais elevado seja o seu caráter, tanto mais elevados e nobres sejam os seus sentimentos, maiores serão os resultados, mais eficaz o produto da sua ação e o daquele que o utilizam na sua mediunidade, maiores os benefícios semeados e colhidos, maior será o progresso mútuo com a recompensa como salário merecido dignamente, prodigamente distribuído pelo nosso Pai de Misericórdia, infimamente Generoso e Bondoso.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Quarta-Feira, 05 de Abril de 1933 – página 09)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – MODALIDADES

Há quem condene a passividade que alguns praticantes espíritas dão especialmente dentro das modalidades diretamente visadas, e que se distinguem pela denominação de “Linha Branca de Umbanda”, vendo nessa passividade um erro ou um mal, mas em verdade o erro está mais no ponto de vista em que se colocam os juízes, os quais em geral primam pelo desconhecimento do assunto em suas minúcias.

Antes de mais nada há que considerar-se que a ação se desenvolve no mundo espiritual invisível salvo para os videntes, os quais nem sempre podem devassar toda a ação desenvolvida, sendo o número dos assistentes materiais ou auxiliares presentes relativamente insignificante diante dos milhares de Espíritos como elementos ativos, postos ao serviço de finalidades sobre cuja dignidade não podem haver dúvidas.

Identificados perfeitamente os Guias Espirituais como de grande elevação, de grande progresso moral, não nos caberia o direito ou a razão de duvidar da ação que presidem, e a passividade se acha explicada, sendo parte insignificante de um considerável número que se agita e opera em nosso benefício e dos que carecendo da Caridade, recorrem ao seu auxílio às suas atividades espirituais.

Ninguém pensa de certo em copiar e introduzir em nosso meio civilizado, hábitos, costumes e linguagens primitivas; esse receio é infundado; antes ao contrário, da convivência serão beneficiados os que se acham privados das luzes da civilização, enquanto que o progresso moral será mútuo, dele todos aproveitarão.

Os Guias Espirituais, comissionados nas posições de comando e orientação possuem a consciência exata de suas responsabilidades, as quais não podem depender da vontade de criaturas terrenas por maior que seja a sua intelectualidade ou autoridade; se nos colocamos na sua dependência não podemos recusar-lhes a obediência e a passividade que nos é exigida como necessária ao bom desempenho, a eficácia da ação, de cuja ação somos os maiores beneficiados, não sendo é claro, os únicos.

Essa ação representa sem dúvida a mais produtiva escola moral dos Espíritos cuja condição de progresso ainda só recente da sua falha; ali eles aprendem a praticar a Caridade, abandonando suas nefastas e indignas atividades, preparados e instruídos para que possam amanhã encarnar num meio compatível com o grau de progresso adquirido nessa escola, nesse exercício.

Encarnados amanhã, em nosso meio, facilmente se adaptarão aos costumes e linguagem do mesmo, sem que possam mais constituir em embaraço ao nosso progresso moral, como elementos perniciosos a sociedade.

Não podem eles serem responsabilizados pelo fanatismo de alguns, ou pela ignorância dos que não compreendendo a realidade dos fatos, os interpretam como querem, ao sabor das suas inclinações, levando a passividade mais longe do que lhe é exigido.

Não se deve crer que todos os Espíritos que tomam parte nessas práticas sejam possuidores de muita luz, embora todos coadjuvando para o Bem, cada um guarda a sua escala, no seu grau relativo, nela subindo proporcionalmente de acordo com o seu desenvolvimento, ocupando nesse exército de batalhadores posição relativa, não restando dúvida alguma sobre a elevação espiritual dos comandantes e chefes, pelas enormes responsabilidades que lhes estão afetas como condutores de muitos milhares de nossos irmãos de raças diversas.

Tão depressa seja possível converter todos os ignorantes e malvados existentes, nenhuma razão mais justificará a persistência nas modalidades que lhes são peculiares; mas até lá, estão, sobejamente explicadas.

A conversão, entretanto, não poderá ser feita por aqueles que os repudiam, os evitam e lhes negam o direito de progredirem, de se desenvolverem pelo exercício do Bem, numa atitude irrefletida e anti-humanitária, que nada tem de Espírita ou de Cristã.

O que se não pode negar é a docilidade, a grande humildade, o devotamento, a bondade dos Pretos e dos Caboclos na sua ação Caritativa, nas suas palavras de ânimo e conforto; os Pretos mais afáveis, mais expansivos, mais alegres, sempre bem humorados, enquanto que os Caboclos sempre ríspidos, sisudos, amigos da rigorosa disciplina e obediência, muito pouco sorridentes, mais ativos que faladores.

A bondade preside todos os atos e palavras e a evocação da fé, do respeito a Deus, as precede invariavelmente, sem que qualquer ultrapasse os limites da máxima humildade, cultivando o verdadeiro amor ao próximo.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Sábado, 8 de Abril de 1933 – página 09)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – RACIOCINANDO

As atividades da Magia Negra são por infelicidade um fato que se não pode contestar, especialmente pelas vítimas de suas tristes consequências.

É claro que essas atividades indignas e malignas são provocadas e exercidas por irmãos nossos do espaço e da Terra, cuja condição de atraso e ignorância lhes empresta instintos em relação com os mesmos.

Tanto maior seja esse atraso, essa ignorância, essa falta de sentimentos, maiores e mais graves se torna a extensão da ação maligna que esses infelizes semeiam entre os seus irmãos encarnados especialmente alvejados.

Em consequência da sua ignorância, da imperfeição dos sentimentos, mantém esses Espíritos uma situação que os impossibilita de poderem compreender por palavras doutrinárias, a necessidade, a utilidade e conveniência própria da sua regeneração, da sua conversão; daí a explicação do emprego dos meios violentos e enérgicos, da ação repressiva e do castigo por vezes infligido, para que impedida seja a persistência e como consequência o aumento de responsabilidade da sua ação nefasta, e a defesa das suas vítimas, quando recorrem ao auxílio da ação da Magia Branca.

Dada a condição de rebeldia e de perversidade daqueles infelizes, são os problemas de interesse mútuo e coletivo, nos quais esses elementos ativos se acham envolvidos, encaminhados para um meio onde melhor podem ser solucionados pela energia, e esse meio adequado está onde as práticas caritativas se distinguem como da “Linha Branca de Umbanda”, exercidas estas por Espíritos (embora guiados por outros de grande clarividência) de condição idêntica, mas bem intencionada, desejosos de praticarem o Bem como soldados obedientes à direção inteligente digna e nobre dos seus Guias.

Quando os problemas a resolver são dos que entram em seus meio, elementos maus sim, mas com alguns esclarecimentos, já capazes de os fazerem converter pela simples doutrinação, são então encaminhados para os núcleos espíritas, os quais há quem distingue como kardecistas, digamos.

Não se suponha que estas sejam incapazes de resolverem os problemas por mais graves, ou aqueles, estes por mais fáceis; o que se conclui é a harmonia estabelecida com o meio, tornando mais fáceis as soluções.

Assim, para os fortes na maldade e fracos na cultura, os mais fortes na ação e menos forte na palavra, para os fracos na maldade, os mais fortes na palavra, mais fracos na energia ativa.

Em resumo para maior clareza das considerações, exemplos:

Uns núcleos constituem as escolas primárias para os leigos, outros as escolas superiores para aqueles que já possuem o curso primário.

Os métodos não podem decerto serem os mesmo; devem ser adequados, e não se deve querer matricular leigos nas escolas superiores, onde nada poderiam compreender.

Para a educação e instrução de todos, são naturalmente designados professores capazes; assim se pode exemplificar a organização existente no espaço entre os Espíritos, bem assim a relação que há entre os espíritas e os meios para onde são encaminhados, para receberem a educação, ou para auxiliarem a proporcioná-la aos mais necessitados.

A necessidade de tornar profusas as escolas de ensinos primários se justifica diante do elevado número de leigos, pela necessidade de se apressar a evolução da humanidade, pela necessidade do seu progresso moral, evitando, diminuindo as consequências resultantes da ação perniciosa dos leigos.

Quando não existirem mais Espíritos em tão precárias condições de atraso (leigos) nem os métodos nem as escolas primárias terão mais razão para existirem; até lá há que compreender-se a necessidade da sua existência, não lhes criando obstáculos, porque isso importará no retardamento da marcha do progresso humano, na concorrência para a persistência da ignorância, ou seja, da maldade, do sofrimento e da desgraça.

Creio fazer-me compreender com as grosseiras comparações demonstrativas da ação caritativa exercida com as atividades dos espíritas por modalidades que podem variar nas suas formas, mas que se harmonizam nos fins indubitavelmente.

Nas práticas da “Linha Branca de Umbanda”, entra mais em ação a energia, não kardecistas; a palavra em erro estão naqueles que interpretando de forma diversa a sua razão de ser, teimam em querer que os leigos sejam matriculados nas academias, entendendo que os professores das escolas primárias são tão leigos como os seus alunos, a despeito das demonstrações comprovadas da sua capacidade educativa, da sua idoneidade moral.

A falta do raciocínio nos leva a erros que poderiam ser evitados, se houvesse mais ponderação e menos pressa nas conclusões.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Quarta-Feira, 26 de Abril de 1933 – página 05)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – A MAGIA NEGRA

Proliferam assustadoramente entre nós, os antros da Magia Negra, estendendo os seus tentáculos em todas as direções, lançando a desgraça, enfermidades, misérias, desarmonias e lágrimas em todos os lares, a troco de alguns mil réis, para satisfação dos infames, perversos e covardes, que se supõem ao abrigo das responsabilidades de seus negregados crimes.

Propagada e existência de organizações mistas cujo ponto de concentração se encontra nas Tendas Espíritas da “Linha Branca de Umbanda”, dispondo essas organizações dos mais poderosos elementos de combate à ação aos autores e aos efeitos da Magia Negra, contra as referidas organizações e os seus auxiliares da Terra se voltam a cólera e a peçonha desses infames obreiros da desgraça, visando-os particularmente com os seus trabalhos de magia, na intenção de os aniquilar, revoltados por verem anularem-se suas atividades, e sentindo por vezes o castigo das mesmas, que lhe é infringido quando necessário.

Forçados e uma rigorosa vigilância, os Guias do espaço, para defesa da integridade de seus auxiliares terrenos, não temem a ação desses malvados, a qual se choca e anula resvalando de ricochete sobre seus responsáveis, que atingidos se sentirão pelo peso das suas indignas responsabilidades, forçados a reconhecê-las, abandonando suas infelizes vítimas, suas infames profissões.

É necessário que esses desgraçados se convençam de que por maiores que sejam suas maldosas atividades, não conseguirão quebrar a muralha que se levanta em favor do Bem, defendida com galhardia, denodo, heroísmo e tenacidade, pela ação incessante dos obreiros da Caridade, dos soldados humildes da “Linha Branca de Umbanda”.

É inacreditável que dentro de organismos de aparência humana se acoitem almas de hienas, de tigres felinos, que a troco de recompensas materiais, não trepidam em levar ao luto, a orfandade, a loucura da obsessão, a fome e a dor a tantos lares da nossa sociedade. Mas sem isso nos parece inacreditável pela sua hediondez, que dizer das pessoas cultas, das criaturas de posição social de destaque, que se não envergonham, não sentem abrasada a consciência ao transpor o limiar desses antros da maldade, em busca da satisfação de ódios, paixões e desejos pessoais.

São conhecidos inúmeros desses cavalheiros e damas da alta sociedade, que só crêem nas práticas espíritas quando para fins ignóbeis, praticadas por criaturas que se igualam nos sentimentos, na moral e na alma, e quando se lhes fala em espiritismo sincero e honesto, dizem que é macumba e feitiçaria; isto quando não vão para as colunas dos jornais perseguirem os espíritas, ou para os confessionários papar hóstias e Salve-Rainhas, para demonstrarem que são bons católicos.

Cruel desilusão lhes trará a medalha no seu reverso; doloroso será o despertar para a realidade da vida; cruciantes as dores da recompensa; escaldantes como lavas as lágrimas do arrependimento.

Não é o pavor ou a covardia que nos leva a persistir na advertência a esses infelizes desgraçados, para que atentem na enormidade das suas tremendas responsabilidades; é sim a convicção absoluta do seu inevitável resgate, a certeza da recompensa ao mérito, a intangibilidade da justiça de Deus.

Seria sem dúvida preferível e desejo dos bem intencionados, vendo-os convertidos, ao invés de vencidos, o que indiscutivelmente sucederá senão pela energia dos que se lhes opõem, pela dor que os abaterá e aniquilará, e que de qualquer forma terão que bendizer agradecendo ao Criador, o ter permitido lhes fosse impedida a continuação da prática do mal, como meio caritativo de evitar responsabilidades maiores e mais graves.

Possuem os que se exercitam na prática da Caridade, a fé precisa e a confiança suficiente nos seus Guias Espirituais, para não temerem os efeitos da ação maléfica dos que por tal razão, os vêem como inimigos, não é receio que lhes inspirem esses infelizes cegos pela sua grande maldade, mas sim piedade e compaixão.

Avante pelo Bem da humanidade contra o mal em todas as suas formas por todos os meios Cristãos, contra o agrado dos cegos, dos tolos, dos orgulhosos e dos maus.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Sexta-Feira, 5 de Maio de 1933 – página 04)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

A humanidade em sua marcha progressiva para atingir a perfeição, acha-se mutuamente encadeada desde os pequenos núcleos constituídos por famílias, até os grandes continentes e aos planetas sucessivamente, num esforço igualmente mútuo, conjunto, independente da vontade isolada de quem quer que seja, subordinada a mesma, às Leis da Natureza.

A nenhuma criatura humana é dado com razão o direito, para que mantenha indiferença ante a fraqueza ou a precariedade do estado moral dos seus semelhantes, ante os males que os afligem, sendo dever cristão e de benefício próprio, o auxílio, a cooperação recíproca de todas as criaturas em geral, para que a marcha do progresso para a conquista da felicidade suprema e eterna não seja retardada, estorvada pelos inativos e os indiferentes, por indolência, por egoísmo, por ignorância ou perversidade, em atitudes condenáveis, as quais acarretam indubitavelmente para os que as assumem, responsabilidades relativas aos malefícios causados no seu grau de eficiência.

A desarmonia imperante observada entre irmãos, filhos dos mesmos pais, alastra-se e propaga-se assustadoramente pela cegueira da satisfação dos interesses exclusivamente materiais, até as lutas armadas entre potências, povos e raças, numa frisante demonstração de incompreensão, de desconhecimento ou desprezo pelos dois mais sublimes preceitos divinos legados por Jesus, gravados com letras de fogo que os séculos tornam cada vez mais incandescentes, e que a despeito da sua singeleza encerram um completo e perfeito Evangelho. *“Amar a Deus sobre tudo, e ao próximo como a si mesmo”... “Não fazer aos seus semelhantes, aquilo que não quiser que lhes façam”...*

Nenhum de nós ignora certamente que sobre o Planeta Terra existem muito milhões de criaturas humanas vivendo num estado de primitivo atraso, no qual nos cabem algumas responsabilidades pela indiferença, pelo isolamento em que os temos deixado abandonados, em geral apenas lembrados, não para lhes proporcionarmos as luzes da nossa civilização, mas para espoliá-los em suas propriedades e direitos, para explorá-los na sua ignorância, desinteressando-nos inteiramente do seu progresso moral e intelectual, persistindo em manter e aprofundar abismos que deles nos separam com os preconceitos vaidosos e orgulhosos das sociedades modernizadas, preconceitos que animam, que incentivam rivalidades e ódios, esquecendo por completo que o Pai é Deus, e que como irmãos nos devemos ver e tratar.

Privados do contato do convívio da sociedade civilizada permanecem ainda na Terra, e inúmeros povoando o espaço, desencarnados, num estágio que lhes permita oportunamente encarnarem naquele meio, de posse já então dos precisos conhecimentos, do necessário desenvolvimento, para que se não tornem estorvo a essa sociedade, ao seu progresso.

Os praticantes da Caridade espiritual denominados da “Linha Branca de Umbanda”, pelo convívio estabelecido nas suas práticas com esses nossos irmãos do mundo espiritual, com o intercâmbio de benefícios mútuos proporcionados nesse exercício concorrem sem dúvida alguma com satisfatória e valiosa eficácia para o progresso moral e intelectual dos mesmos, suprimindo assim a falha representada pela indiferença que nos tem merecido em vida na Terra, indiferença que significa uma demonstração de falta de Caridade, de Fraternidade, de Amor.

Não é exclusivamente esta a finalidade das práticas referidas, não consistindo apenas na reparação da falha observada, pois dentro delas, da sua ação, se harmonizam variados interesses de relevantes benefícios para a humanidade em geral, os quais ressaltam a mais leve análise, ao mais leve raciocínio, cujos benefícios são indiscutivelmente mútuos.

Convenientemente orientados, esses irmãos progridem e nos livram das suas maléficas atuações, as quais ocasionam graves consequências impedindo por todas as formas a persistência no erro e no mal, evitando que as graves responsabilidades se agravem; e diminuindo os efeitos sua maldosa ação, concorrendo eficazmente para que de futuro a paz possa ser solidamente implantada em todo o Universo.

Basta que se cite estes benefícios mútuos, para que se compreenda a dignidade dessas atividades, tão mal interpretadas por aqueles que primam por desconhecê-las e teimam em julgá-las, supondo explicá-las calunhando os seus autores.

Vastíssimo campo de observações e estudos oferece essas práticas espíritas, e mais acertados andariam os que as combatem, despidendo-se do orgulho que lhes impede descerem à humildade do meio em que são exercidas, para poderem compreender a beleza, a sinceridade e a grandeza dos sublimes exemplos nelas colhidos, constatando a existência de corações tão alvos em corpos tão negros, almas tão puras em personalidades tão humildes.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Sábado, 06 de Maio de 1933 – página 04)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – LINHA BRANCA DE UMBANDA

Não me tem falhado a preocupação de procurar entre nossos irmãos do espaço desencarnados, nas suas frequentes comunicações verbais ou por escrito, muitas das quais se acham publicadas em jornais e livros, sendo identificadas como de Espíritos de elevados conhecimentos intelectuais, e não menos elevada moral, uma opinião discordante de reprovação, de condenação, de censura, contra as práticas caritativas espirituais, dentro do meio e suas correspondentes modalidades, distinguindo pela denominação de “Linha Branca de Umbanda”.

Confesso que a despeito dessa preocupação, dessa minha curiosidade, não tenho conseguido senão, ver, ler e ouvir opiniões e interpretações de muitos ilustres confrades, ainda, com uma carcaça como a minha, os quais pelo ponto de vista de suas interpretações, demonstram persistir na análise dessa tão delicada questão, no terreno puro e exclusivamente material, numa obsessão mais pelo aparato do que se revestem as referidas modalidades, do que com as suas elevadas finalidades, pelas quais se explicam e justificam.

Os praticantes que se dedicam ao exercício da Caridade em que se observam essas modalidades, não se preocupam absolutamente em propagá-las aos meios sociais já senhores da nossa civilização, transpondo-as para fora daquele meio e recintos adequados com os quais se identificam e harmonizam, dando-lhes uma passividade requerida para o completo e eficaz êxito das intenções de que se acham animados, as quais ninguém de boa fé será capaz de negar sejam dignas, nobres e Cristãs.

Nas considerações que tenho procurado fazer a despeito, não sei como se possa ser mais claro, mais simples e compreensível, isso, entretanto, não tem podido evitar que surjam por várias vezes discordâncias, sem se revestirem de argumentos lógicos, apenas precedidas de acusações sem a menor base, constituindo um estribilho dissonante e irritante como se com ele fosse possível trazerem-se melhores esclarecimentos, melhores luzes, àqueles que se supõe carecendo delas.

Ainda agora, pelas colunas desta mesma seção, aparece mais um novo contendor, que se limita a repetir como estreia na arena, aquilo que todos devemos estar fatigados de ouvir, não conseguindo senão provar que, o seu autor é tão sábio e bom juiz como aqueles que o tem precedido na mesma discordância.

Como novidade, apenas se atira ardoroso confrade contra Rostaing que felizmente não era Preto nem Caboclo, contra os que entendem ser o Espiritismo uma religião, assuntos que não estão sendo pelo menos por mim discutidos, e termina desancando as macumbas e os macumbeiros; a novidade, porém, maior e mais curiosa, é a lembrança do ilustre confrade, que acha ser necessário um diploma para que se chefe e pratique a Caridade nos Centros e Tendas Espíritas, assim uma espécie de sacerdotes, sendo o diploma conferido pelos Papas Espíritas, aos quais o confrade, desde já se considera, submisso, ou quem sabe candidato ao Papado.

Por tais razões, por tão extravagantes formas de alguns espíritas interpretarem as coisas, é que meu caro confrade, há muito quem se satisfaça preferindo a humildade dos Pretos e Caboclos, em cujo meio esses sentimentos nefastos do orgulho e da vaidade, pela referida humildade não conseguiram ainda penetrar contaminando-os.

Que me perdoe o meu ilustre e prezado confrade se lhe desagradaram estas considerações, mas as minhas intenções são as melhores e as mais inofensivas, não desejando senão melhores e mais lógicos esclarecimentos em favor de uma causa que defendo com a máxima sinceridade e convicção, se me afastar da minha simples e modesta qualidade de aprendiz.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Terça-Feira, 16 de Maio de 1933 – página 04)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – LINHA BRANCA DE UMBANDA

Tem-se constatado ultimamente um maior desenvolvimento, uma maior profusão de Tendas de Caridade Espíritas, dentro dos moldes característicos da “Linha Branca de Umbanda”, fato este, que para confrades inadvertidos representa um retrocesso, pelo ponto de vista errôneo em que a falta de raciocínio e observação os coloca.

Sendo a capital finalidade dessas Tendas o mais enérgico combate a repressão indispensáveis contra as nefandas atividades malignas dos praticantes da Magia Negra, cujas atividades se vê alastrando num crescimento apavorante, não se pode deixar de ver com a máxima simpatia aquele desenvolvimento, e assim sendo, nada mais justo e razoável que aqueles que adquiriram essa plena convicção, se dediquem sincera e honestamente a essas atividades repressoras, que constituem um benefício de utilidade e vantagens indiscutíveis para a humanidade, mais ou menos, vítima das suas influências, dos seus efeitos, ainda que disso haja muito quem duvide.

É preciso que se compreenda nitidamente, que as atividades dos praticantes da “Linha Branca de Umbanda” são exercidas por criaturas habitantes do mundo espírita, com a cooperação de elementos terrenos, presididas por Guias do espaço, identificados pela sua elevação moral, capacidade de energias, e conhecimento completo de causa, não lhes faltando o das suas graves responsabilidades, as quais lhe são afetas por determinação superior, conhecedores perfeitos dos mais elevados princípios Cristãos.

Usando os meios adequados e precisos, a ninguém que se encontre em plano inferior é dado o direito de supor, que para conseguir a satisfação de uma finalidade caritativa, lhe seja preciso recorrer a processos que possam ser admitidos ou julgados desumanos indignos ou anti-caritativos; mandam a lógica e a razão, portanto, que acreditemos pela confiança que nos devem merecer esses Guias, pela sinceridade das suas intenções, pela fé que os anima, que se as aparências deixam de ser simpáticas, se as modalidades se não compatibilizam com a vida dos meios sociais cultos, muito mais alto falam e pairam as necessidades da evolução moral de todas as criaturas humanas, em cujo atraso se encontra a causa, a razão máter de todos os males, de todos os sofrimentos e desgraças em que ela se encontra afundada.

Por mais que se pretenda mascarar a verdade dos fatos e das palavras, não se conseguirá encobrir, que o principal motivo que anima os inimigos combatentes dessas Tendas de Caridade e seus elementos ativos, reside na sua vaidade, no pavor que lhes causa a humildade e a pobreza da cultura daquele meio, num receio vaidoso de que descende ao seu convívio, possa parecer ato de humilhação, seja desprestígio dos seus conhecimentos intelectuais, esquecidos quando se dizem espíritas, de que na humildade assentam todos os demais princípios Cristãos, e que se não poderá de forma alguma ser verdadeiramente Cristão, antes que seja humilde.

Para a satisfação de interesses e de vícios materiais, não trepidam as criaturas humanas em descer a prática dos mais baixos, dos mais indignos atos e crimes, entretanto, para o exercício da Caridade, há quem pretenda por modalidades ditadas por preconceitos idiotas, numa vaidosa intransigência, de tal forma cega, que leva os seus autores ao ponto de pretender submeter ao seu domínio, a sua autoridade, ao seu desejo, o mundo espiritual e as leis da Natureza, acastelados num ponto de vista, num plano de superioridade, que se torna ridículo diante da realidade dos fatos incontestáveis.

Convenhamos meus prezados confrades, especialmente, que não há como a carcaça de um humilde Preto ou Caboclo, para quebrar a vaidade de certas criaturas, as quais só por essa forma conseguirão compreender o verdadeiro sentido, o real significado, em que consiste o sincero amor ao próximo, a única e verdadeira fraternidade pregada por Jesus Cristo.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Sexta-Feira, 19 de Maio de 1933 – página 11)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Animado de um ardente desejo de aprender, de conhecer minuciosamente a vida no espaço e as energias ativas que se relacionam com a mesma, nesta constante preocupação, tenho por várias ocasiões voltadas a minha atenção para a análise e a observação de detalhes, que por parecerem insignificantes encerram na sua aparência medíocre, grandes e sublimes exemplos de elevação moral, grandes demonstrações de sinceridade e de modéstia, uma humildade que encobre profundo saber e excelsos dotes de bondade e de amor ao próximo. As práticas espíritas Cristãs são no seu exercício ativo, o mais fértil campo, profuso na colheita das mais sublimes lições de fraternidade, colheita que só não beneficia aos que se mantêm indiferentes diante do desenrolar, da sucessão dos fatos, e que tem a oportunidade de presenciá-los senão como praticantes auxiliares, como simples assistentes.

Onde, porém, essas lições, esses exemplos, assumem um caráter de elevação surpreendente em razão da grande humildade do meio social, é sem dúvida quando essas práticas caritativas espirituais Cristãs se distinguem pela denominação de “Linha Branca de Umbanda”, em cujo exercício ativo entram elementos espirituais em geral de origem primitiva, ex-habitantes materiais de regiões inteiramente afastadas do contato da civilização, ou muito pouco conhecedores do seu progresso intelectual. Fato este que como se tem podido constatar, não os impede de poderem cultivar sentimentos de nobreza chocantes.

Devo confessar com toda a sinceridade, que a despeito de meu esforço no sentido de conduzir-me dentro dos princípios educativos das doutrinas Cristãs, sinto-me por vezes diminuído, numa posição de inferioridade moral contrastante, diante da elevação com que vejo conduzirem-se muitos desses selvagens sejam Pretos ou Caboclos, que inegavelmente de selvagem possuem tão somente as aparências e as origens.

Os Guias Espirituais, condutores dessas imensas falanges, desse formidável exército de obreiros do Bem e da Caridade, tenho observado, são de uma intransigência dignificante em todos os atos que porventura atentem contra a mais e sã moral, abandonando ao castigo merecido aqueles que no seu convívio se atreverem a violar os preceitos dessa moral por atos ou por palavras e sentimentos.

O meio e a natureza da sua ação elevada e nobre, exigem energias poderosas as quais não podem nem devem ser quebradas por procedimentos que não estejam na altura da dignidade, da nobreza da ação, e essas energias indispensáveis ao êxito das sublimes finalidades estão na dependência direta da conduta, aumentando ou diminuindo em harmonia com a proporção; daí a responsabilidade que todos devem compreender e conhecer; só assim podendo avaliar as suas consequências, evitando-as, para não ter que sentir os seus efeitos.

É, portanto, lamentável, que ainda haja especialmente entre espíritas, quem se deixando obsedar pelo aparato de que revestem as modalidades em questão, não consiga por tal motivo, divisar, admirar e reconhecer o valor e a grandeza dos efeitos salutar e benéficos da ação caritativa, num desenrolar sucessivo de fatos que constituem um caudal do mais sublimes ensinamentos Cristãos.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 21 de Maio de 1933 – página 21)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – LINHA BRANCA DE UMBANDA E DEMANDA

Prosseguindo na série de considerações que venho fazendo sobre as atividades caritativas espíritas da “Linha Branca de Umbanda e Demanda”, tenho a acrescentar mais alguns comentários no sentido de explicá-las o mais claramente possível, sem a pretensão de me julgar senão um simples aprendiz, desejoso de acertar, mas com muitas probabilidades de errar, vendo com satisfação as melhores elucidações que os mestres no assunto possam trazer ao conhecimento público.

Com referência aos alimentos, bebidas, charutos, fumo, marafa (nota do autor: cachaça), etc., penso que tem uma razão de ser, as quais procurarei explicar, uma vez que não ignoramos, que os Espíritos na sua condição não carecem absolutamente de tais coisas, que representam necessidades e vícios inerentes do organismo carnal, mas devemos lembrarmos, de que esses Espíritos aos quais são proporcionados, não estão na altura de pensar e sentir como nós a desnecessidade, em consequência do grande atraso em que se encontram.

Esses Espíritos, em razão da sua precária condição de atraso, possuem um corpo fluídico demasiadamente grosseiro, composto de uma matéria fluídica imperceptível para a nossa visão normal, mas de uma grosseria quase que materializada para seus possuidores, dando-lhes a perfeita e completa ilusão a perfeita e completa ilusão de todas as funções do corpo carnal; assim, procuram eles a satisfação das funções próprias deste, a satisfação de necessidades e vícios, os quais lhes são proporcionados pelos interessados em utilizá-los aproveitando seus serviços no mundo espiritual.

Das comedorias, beberagens, etc., eles aproveitam somente a sua composição fluídica no grau relativo com a sua condição de atraso, sob a exata impressão da absorção dos alimentos, bebidas, fumo, etc., numa ilusão que não chegou a assumir o caráter de ofensiva.

Assim, devemos raciocinar, se para que uma criatura humana deixe de exercer o mal e pratique antes a Caridade, for necessário proporcionar-lhe a satisfação de inofensivos desejos requeridos pela sua ignorância, onde residirá o mal maior, na recusa da satisfação desses desejos, ou no impedimento do exercício da Caridade e persistência do mal?

Dir-se-á, que deveríamos convencer esses Espíritos, esclarecendo-os sobre a desnecessidade dos seus desejos mesmo sendo inofensivos, mas, perguntaremos... Estarão essas criaturas na altura de poderem compreender a verdade?

Logicamente que não, ao contrário não se justificaram esses seus desejos e como a lucidez que lhes falta, não se encontra na sua ou nossa exclusiva dependência, mas dentro da submissão das leis da Natureza, falta-nos a autoridade para violar essas leis, sobrepondo-nos as mesmas, esperando que esses nossos irmãos, pelo seu próprio esforço aumente o seu merecimento, este sim na sua dependência em relação com as responsabilidades com a sua forma de conduta.

Erro está decerto em querermos exigir, que as criaturas tenham uma visão clarividente imerecida, encontrando-se por esta razão envolvida num ambiente de profundas trevas, de cujo ambiente nos não é dado retirá-las antes que isso seja oportuno, por maiores que sejam os nossos desejos e esforços.

Impensadamente nos acreditamos mais justos que Deus, pretendendo corrigi-lo no que nos parece ter errado, supondo-nos mais altruístas, mas magnânimos, mais piedosos, sem repararmos no ridículo de nossas atitudes, não querendo aceitar as coisas como elas são, mas sim como as queremos, como se isso não fosse uma utopia, como se a nossa vontade fosse discricionária, não se achasse frenada, regulada pela nossa capacidade moral para que se não transforme numa energia perniciosa para nós mesmos.

Tenhamos a paciência de esperar que esses nossos infelizes irmãos do espaço, pelo exercício da Caridade que lhes proporcionará o seu desenvolvimento e progresso moral, possam compreender oportunamente que o seu verdadeiro estado dispensa tudo quanto lhes é desnecessário e que nós acreditamos o seja; até lá, adequemos esses desgraçados, afastando-os do exercício do mal e encaminhando-os para as hostes dos trabalhadores do Bem, arrancando-os dos exercícios do mal, alistando-os nos das fileiras daqueles que o combatem, sem nos preocuparmos sejam os seus soldados ou comandantes cobertos por epiderme negra ou bronzada, a qual lhes empresta uma condição de humildade imposta ou aceite que mais os eleva e dignifica nas atividades caritativas Cristãs.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 18 de Junho de 1933 – página 22)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Secretariando entidades do espaço (Guias), tenho tido oportunidade de observar que a maioria das criaturas que se dirigem a essas entidades para consultá-las, o fazem animados da esperança ou certeza de que todos os problemas de sua vida e de interesses exclusivamente materiais serão resolvidos por aqueles Guias, o que a ser verdade importaria na anulação das provas a que nos achamos submissos. É preciso não esquecermos que ao encarnar neste Planeta todos carregamos um maior ou menor acervo, compromissos assumidos que nos cabe resgatá-los, vencendo as dificuldades de ordem material que se deparam, e as quais nem sempre como a muitos parece, são provocadas por estranhos desejosos de praticar o mal, devendo antes de tudo lembrarmos se não tornamos credores dos efeitos e das consequências das atividades dos malvados. Que valor teria a prova que somos submetidos em nossas encarnações se os nossos irmãos do espaço pudessem impedi-las?

Bondosos como são, eles sabem o que representaria para as criaturas que a eles se dirigem a palavra de desânimo, de desilusão, e assim, dificilmente desiludem com a revelação da verdade, sendo as suas respostas sempre de ânimo, de coragem e de esperança, o que não quer dizer que nos não atendem, quando isso lhes é facultado pelo merecimento do paciente.

Não é mais repetir-se que: *“O mal e o bem, são por Deus permitidos com todos os seus efeitos e consequências, em razão direta com o merecimento das criaturas”*; ele não existiria, digo, o mal, o sofrimento, a dor e a desgraça, se não existisse quem fosse digno deles; o que importa em dizer ou saber-se logicamente, que para evitá-los é necessário não o merecer.

Tenho mesmo notado que, assuntos de relativa insignificância, demandando apenas um pequenino esforço das criaturas são levados à solução dos nossos irmãos do espaço, como se lhes coubesse resolvê-los, como se não tivessem esses nossos amigos atividades muito mais dignas e nobres a desenvolver, tamanhas são as desgraças que assolam a humanidade.

Tornaram recepto esses nossos irmãos terrenos, a extensão dessas desgraças, ao contrário, não ocupariam a atenção dos Guias e Protetores com mesquinhas, com problemas banais de interesses próprios materiais, quando não, casos íntimos de simples satisfação pessoais, o que revoltaria se não predominasse em geral a ignorância, o desconhecimento sobre a dignidade, sobre a elevação em que devem ser colocadas as práticas e as atividades daqueles Guias Espirituais. A missão desses obreiros da Caridade é precisamente a de velar pelos seus irmãos na Terra, conhecendo tão bem, ou melhor, do que nós, as nossas necessidades; cuidam das mesmas quando lhes é permitido e nos tornamos merecedores, procurando evitar impedindo que sofram os que não merecem; que se não veja, portanto, na falta de satisfação de nossos desejos, senão a falta de nosso merecimento e nada mais.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Sexta-Feira, 23 de Junho de 1933 – página 11)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

A propósito das atividades espirituais caritativas dos elementos da “Linha Branca de Umbanda” seja-me permitido ilustrar a série de considerações que venho fazendo, com alguns exemplos dos inúmeros que de aparência embora insignificante, refletem suficientemente a forma digna e nobre daqueles que, obreiros da caridade, indiferentes a insensatez dos que nas suas humildes condições de Pretos ou Caboclos, encontram sinônimos de ignorância e maldade, motivos ainda para amesquinhá-los, desprestigiá-los, perseguindo-os e negando-lhes o seu valor, o merecimento a que fazem jus, pelas suas elevadas condições, digo qualidades morais.

No terreno material, a cena desenrola-se em uma sala de sessões de uma Tenda de Caridade Espírita, no terreno espiritual, esse mesmo recinto representa e se denomina um Terreiro; nele se desenvolvendo as atividades caritativas dos trabalhadores da “Linha Branca de Umbanda”, ou seja, em geral, Caboclos e Pretos.

Incorporados nos seus preferidos médiuns, alguns Espíritos de Caboclos (Guias) atendem aos pacientes que a eles se dirigem consultando-os, implorando-lhes remédios para as suas necessidades psíquicas e morais, aceitando os conselhos e as recomendações, palavras de ânimo e conforto, ou alívio de atuações fluídicas malignas, proporcionados esses benefícios pelos referidos Guias.

Cada um desses Guias tem a auxiliá-lo um intérprete secretariando-o (cambono), o qual procura, já mais ou menos familiarizado com o mesmo, as suas palavras e recomendações por vezes mal pronunciadas, tornando-os assim mais facilmente compreendidos pelos pacientes.

Aproxima-se um cavalheiro de porte distinto, atendendo ao chamado pela ordem numérica. Interrogado sobre se é a primeira vez que assiste a uma sessão espírita daquele gênero, responde afirmativamente, perguntando-lhe o Guia, se não o surpreendem as modalidades de fato surpreendentes para quem as testemunha pela primeira vez, desconhecendo-as completamente em qualquer modalidade.

Descarregado por meio de passes ministrados pelo Guia, pergunta-lhe o mesmo a razão da sua presença e qual o seu desejo.

O cavalheiro queixa-se de sua grande dificuldade financeira motivada pelo fato de um seu inquilino já lhe ter dado grandes prejuízos não lhe pagando os alugueis, e que não podendo arcar com a continuação de maiores prejuízos, desejava que o mesmo fosse compelido a mudar-se.

O Guia pergunta-lhe seu endereço e o respectivo nome, e depois de breve concentração assim lhe responde:

Meu filho, o seu inquilino é um homem de bem, mas a sua situação de dificuldades, sobrecarregado com tantos filhos lhe impede de poder satisfazer só seus compromissos; ele de fato não paga porque não tem com o que; se tivesse não lhe daria prejuízo; contudo, o Caboclo é muito pequenino mas vai implorar a Deus nosso Pai que consinta em ajudar aquele filho, proporcionando-lhe meios de poder sair da situação aflitiva em que se encontra, para que não lhe dê maiores prejuízos, uma vez que o filho também está em dificuldades como reconheço; confie pois neste humilde caboclo e ajude-o a pedir a Deus a Sua proteção para que permita possa eu ajudá-lo.

Não sei se o cavalheiro esperava por outra resposta, ou por outra ação menos nobre e digna; se, entretanto, tiver tido a calma e o raciocínio para refletir, deve ter compreendido, que a humildade do meio, a ignorância. A falta de dotes intelectuais não impede as ações de nobreza, que a intervenção dos Espíritos em missão de Caridade, não pode nem deve ser solicitada e esperada, senão para assuntos e soluções compatíveis com a sua elevação moral.

Sirva, pois, este pequeno exemplo para os que souberem aproveitá-lo, compreendendo-o e reconhecendo-lhe na sua simplicidade e sua grandeza.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Sexta-Feira, 30 de Junho de 1933 – página 04)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Não são apenas os exemplos de elevação moral, de bondade e de humildade, que dignificam as atividades da “Linha Branca de Umbanda”, mas muitos outros que não devem ser desprezados ou passarem despercebidos. Entre alguns kardecistas intransigentes, combatem-se as práticas espíritas destas modalidades e seu meio, numa suposição muito errônea de seus praticantes e adeptos; repudiam, menosprezam ou lhes disputam primazias inadmissíveis no terreno da Caridade Cristã; essas suposições não têm o menor fundamento como se poderá verificar pelo exemplo que testemunhando-o, o torno público.

O cavalheiro em questão era pessoa culta, que pela primeira vez assistia a uma sessão espírita do gênero, embora segundo declarou não desconhece-se inteiramente as doutrinas espíritas.

Levado a presença do Guia (Caboclo), este depois de fitá-lo por alguns instantes como que procurando ler-lhe os mais profundos sentimentos e causas extraterrenas, interpelou-o sobre se tinha conhecimento da sua faculdade mediúnica psicográfica, latente, mas não desenvolvida, cuja falta de desenvolvimento era a causa primordial das perturbações que deveria sentir, mais acentuadamente no cérebro, em consequência de atuações de Espíritos, os quais divisando-lhe a mediunidade se sentiam por ela atraídos, pretendendo forçar o seu desenvolvimento para sua utilidade prática.

Respondeu o cavalheiro, que de fato acreditava na realidade desses fatos, pois sentia e possuía sem saber como, alguma consciência de influências espirituais; perguntando-lhe ainda o Guia se não tinha conhecimento de ser assistido espiritualmente por um Espírito, que declarava possuir alguma elevação.

Respondeu o paciente que também suspeitava, mas, não tinha a certeza, aceitando como real a explicação que acabava de receber, desejando que, o Guia (Caboclo) lhe dissesse quem era e o nome de seu assistente, ao que este retrucou não lhe ser permitido revelar a identidade, entretanto procurasse desenvolver a mediunidade, porque a revelação seria feita pelo próprio em ocasião oportuna.

Uma vez que se tornava indispensável o desenvolvimento da sua mediunidade, declara o cavalheiro estar pronto para isso, recebendo determinações do Guia nesse sentido, respondendo-lhe o mesmo, que teria de procurar efetuar esse desenvolvimento em outro Centro Espírita da modalidade Kardecista, visto que aquele onde se achava era impróprio, inadequado, visto que nestes a ação é mais prática, mais enérgica, mais violenta e direta, sendo a mediunidade por incorporação a mais precisa e útil, além de que era preciso procurar e estabelecer a afinidade entre o médium, o assistente do mesmo, e o meio para desenvolverem as suas atividades.

Como se verifica por este exemplo, não existe preferências, e quando pareçam existir, devemos compreender que razões capitais imperam, para que as afinidades sejam estabelecidas, podendo ainda constatar-se que os conhecimentos que possuem esses Espíritos de Pretos ou Caboclos, não são tão curtos, como supõem aqueles que apenas lhes divisam a carcaça espiritual que os personifica na sua humilde condição, sirva, portanto, mais este exemplo, para desfazer as interpretações apressadas ou vaidosas.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 02 de Julho de 1933 – página 22)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Conforme tenho procurado exemplificar, não são apenas as demonstrações de altruísmo que se constata nas práticas e no exercício caritativo da “Linha Branca de Umbanda”; são também as de inteligência, de pleno e amplo conhecimento de causa, de disciplina, obediência e energia, sem faltar a inteira responsabilidade consciente, da ação em todas as suas consequências. Tão nobres dignas e elevadas são indubitavelmente as finalidades daqueles obreiros de Caridade Cristã, que nos sentimos no dever de, acatar com o máximo respeito e tolerância, as modalidades, os meios de que se servem para atingi-las em toda a sua eficiência, não me parecendo caber a alguém o direito, e muito menos autoridade para condená-los como inúteis ou dispensáveis, tanto mais quando somos os mais beneficiados, sem capacidade para produzir nem mais nem melhor dentro do mesmo terreno.

Não me anima a intenção de fazer propaganda das modalidades em questão, certo de que seria inútil se a causa não fosse digna; observo, no entanto, que a anti-propaganda tem concorrido talvez para que dia a dia a frequência às sessões dessas Tendas de Caridade aumente extraordinariamente, e não se diga que essa frequência seja apenas de criaturas incultas, ao contrário, contam-se em elevado número as pessoas de elevada categoria social e cultura; quanto às suas preferências, melhor que eu esses frequentadores as saberão explicar, provavelmente pela satisfação de suas necessidades, outra não me parece possa ser a razão.

Se não é verdade que nos governam os mortos, como a muitos parece e creem, é certo que por eles somos guiados, amparados e encaminhados, para os meios onde as afinidades se harmonizam, atraídos consciente ou inconscientemente por força de energias naturais, e não serão sem dúvida as reprovações e as críticas dos mais irrefletidos, que quebrarão a harmonia dessas energias que representam a vontade soberana do Criador.

Não é único o caso verificado em uma dessas Tendas de Caridade onde um médium perfeitamente desenvolvido, habituado a desempenhar suas faculdades assistido pelo seu Guia Espiritual, em Centros Espíritas Kardecistas, apresentar-se na referida Tenda por ordem expressa de seu próprio Guia, para nesta passar a prestar os seus serviços em benefício do mesmo desideratum o que prova evidentemente que se desinteligências há quem as alimente não vão além do terreno puramente material, entre aqueles que supõem saber e poder determinar leis no mundo espiritual, colocando os preconceitos sociais acima de tudo.

As conclusões que tenho podido chegar são as mesmas decerto e que poderão chegar os que tenham o desejo sincero do aprender, e não se sintam humilhados com a humildade de que se reveste o meio, menos preocupados com ele, do que com a elevação das suas atividades caritativas.

Não é criterioso ou honesto proferirem-se acusações e fazerem-se afirmativas que se não provam, e quando convidados a provarem-nas, como resposta se obtenham apenas a repetição ou o silêncio, forma esta de agir, que traduz perfeitamente a falta de sinceridade e sem razão de seus autores.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 09 de Julho de 1933 – página 22)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – MISTIFICAÇÕES

São bastante frequentes as mistificações observadas o exercício das práticas espíritas mesmo as caritativas, sejam de cunho religioso ou científico, a despeito da repulsa que nos causam, das contrariedades e vexames a que nos submetem, causando por vezes sérios contratemplos.

Seja qual for à faculdade mediúnica, está ela sujeita a proporcionar-nos essas mistificações, as quais assumem aspectos diversos, sendo muito variadas as suas causas, tornando-se indispensável analisarem-se e conhecerem-se estas, para que se possa ajuizar seus autores e responsabilidades.

A não ser que essas mistificações se revestem de um caráter grosseiro, constatadas facilmente por finalidades mercantis, ou satisfação vaidosa e orgulhosa de seus autores e interessados, só um exame minucioso, prudente e ponderado nos pode levar a conclusões acertadas e justas da sua razão de ser, permitindo-nos ainda verificar que nem sempre são merecidas a severidade e a intolerância com que as criticamos e aos seus autores, cujas responsabilidades se nos apresentam sem a gravidade que aparentam.

Antes de tudo é bom não esquecermos que em inúmeros casos, as mistificações são permitidas e até facilitadas pelos Espíritos superiores, como prêmio merecido pela vaidade e pelo orgulho, daqueles que se esqueceram do pouco que valem e menos que merecem, fazendo barretadas com chapéus alheios, engalanados com penas de pavão.

Aos médiuns indiscutivelmente cabe talvez a maior responsabilidade das mistificações, não se podendo também negar, que agem muitas vezes sem a consciência dessa responsabilidade, muito especialmente quando por qualquer razão oferecem obstáculos a perfeita incorporação do Espírito que deseja manifestar-se, impedindo-lhe a liberdade de o fazer, fato este muito comum em todas as práticas.

A falta de afinidade fluídica entre o médium e o Espírito, a diversidade do grau de intensidade vibratória das irradiações fluídicas entre ambos, representa o mais forte obstáculo à perfeita manifestação, sendo por tais motivos atribuídas responsabilidades a um quando cabem ao outro, confundidas assim facilmente as mesmas.

No intuito de evitar essas irregularidades, é que os Espíritos esclarecidos se utilizam preferindo mediunidades e médiuns que lhes facilitem a boa manifestação, pela harmonia fluídica, recusando-as, quando a mesma não possa ser estabelecida, trazendo fatalmente como consequência erros e mistificações.

Seria decerto interminável a análise do elevado número das causas que podem levar os médiuns a ocasionar a imperfeição das manifestações, impedindo voluntária ou involuntariamente a livre ação do Espírito, o qual necessita da mais completa passividade do organismo material para regularidade da comunicação e das atividades; passividade esta, com razão recusada e impedida quando preciso se torne reprimir o abuso de entidades espirituais mal intencionadas.

Crente de que este assunto pela sua importância mereça mais amplas considerações, espero ter a oportunidade de voltar a abordá-lo; grato pela acolhida que tenho encontrado nas colunas desta benéfica seção.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Sábado, 22 de Julho de 1933 – página 04)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – MISTIFICAÇÕES

Entre as causas que arrastam os médiuns a provocar consciente ou inconscientemente as manifestações irregulares, a imperfeição das comunicações estão como vulgares as seguintes:

Sentimentos de orgulho e vaidade, carência de fé e confiança, falha de sinceridade e honestidade, intenções menos dignas, fraquezas de caráter, preocupações mundanas, etc., razões estas que impedem o necessário desprendimento e a indispensável passividade.

Anote-se que nem sempre a responsabilidade cabe exclusivamente aos médiuns ou aos Espíritos que se procuram comunicar no exercício de suas atividades espirituais, aos assistentes da mesma forma conscientemente ou não, por inadvertência, maldade ou ignorância, se deve essa responsabilidade pela razão de se não comportarem de maneira indispensável a evitar uma atmosfera de irradiações propícias às manifestações e atividades condignas.

Existem no espaço, em profusão, Espíritos galhofeiros e perversos, que espreitam todas as oportunidades que se lhes oferecem para a satisfação de seus instintos perniciosos, mistificando e provocando as fraudes observadas constantemente.

Se essas oportunidades não forem evitadas pelos responsáveis na direção das atividades espirituais, advertidos os médiuns e os assistentes da forma como devem fazer, fatalmente se tornarão vítimas delas, anulando-se as finalidades, prejudicando-se o seu êxito, demoralizando-as e aos seus autores responsáveis, semeando-se a desconfiança, implantando-se a falta de fé e aumentando o número de descrentes.

Não é suficiente ver-se reclamar com uma insistência que se torna irritante a concentração da assistência, sem que se procure explicar-lhe no que consiste essa reclamada e precisa concentração, para que se lhe dê a interpretação devida, em geral compreendida como se fosse a manutenção de uma atitude de quem vela por defuntos, sem mais objetivos.

Reputo contraproducente exigir-se do médium a facilidade da incorporação e manifestação, quando por qualquer circunstância ele a não deseja e procura repelir, oferecendo-lhe obstáculos que redundarão na fraude e na mistificação, consequentemente na desmoralização dos que na melhor das intenções emprestam a sua solidariedade honesta e atividade de finalidades nobres e úteis.

O exercício das faculdades mediúnicas, sendo um dever para os que a possuem, só deve ser admitido como espontâneo, sem coações, só devendo ser permitidas as imposições que interessam ao próprio médium, pelas obrigações que assumiu para consigo mesmo, consciente dos benefícios que o seu fiel e bom uso lhe trará no presente e no futuro.

Entre o fazer um mau uso das faculdades mediúnicas, e não fazer o bom nem o mau, é, de certo, menos grave e mais prudente e inatividade de que, se não proporciona alívio de sofrimentos e sofredores, também os não fabrica.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 30 de Julho de 1933)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Nas práticas espíritas caritativas da “Linha Branca de Umbanda e Demanda” pela natureza da humildade do meio em que são exercidas as suas atividades, é o terreno menos propício ao cultivo e desenvolvimento da vaidade e do orgulho, sentimentos estes nos quais reside a maior causa das mistificações, daí o serem elas menos frequente nesse campo. Os Guias Espirituais diretores responsáveis pelas referidas atividades não só condenam como recusam sua cooperação, desde que pressentem que os médiuns lhes impedem por qualquer motivo a necessária passividade, o indispensável desprendimento, e se as razões não forem mais ou menos justificadas, infligem aos autores castigos que se resumem no afastamento, abandonando-os sem defesa, entregues às influências nefastas dos maus elementos que perambulam no espaço, no meio dos quais e contra quem se trava e desenvolve a luta.

A severidade, o rigor da disciplina entre os trabalhadores, os abnegados soldados da “Linha Branca de Umbanda”, eles procuram manter estendendo-a aos que aqui na Terra se dispõem a lhes servirem de intermediários e auxiliares em suas atividades, impondo-lhes um regime e uma conduta moral compatível com a altura, com a dignidade das suas nobres finalidades.

Um dos seus lemas, pela sua clareza não admite segundas interpretações, e se resume nestas simples palavras: “*Filhos de Umbanda não tem querer*”, o que significa importando em dizer e saber-se, que quem não poder ou não quiser arcar com as responsabilidades decorrentes dessa luta entre o Bem e o Mal, quem se não sentir com a coragem e o ânimo preciso para cumprir os deveres que lhe são impostos, quem não se encontrar com a disposição e força de vontade precisa para arrostar com os sacrifícios exigidos nessa campanha em prol do sofrimento humano, melhor será que se não envolva nesse meio.

O caminho é reto; não existe lugar para vacilações, as quais acarretam consequências que podem não demorar a fazerem-se sentir sobre os seus autores, pelos obstáculos que podem oferecer nessa estrada que necessita da amplidão, para a boa jornada dos que a trilham, com uma finalidade que não merece dúvidas nem contestações, dos que se satisfazem e acomodam como espectadores.

Entre aqueles obreiros da Caridade no espaço, e seus auxiliares terrenos, há compromissos a serem fielmente observados e respeitados; da infidelidade do seu cumprimento, aproveitam-se os malvados, para alargarem o campo de ação de suas maldades, e os infiéis não serão poupados como responsáveis pelo abandono a que se atiram.

Devemos, pois, ficar certos de que quando constatada poder ser mistificação naquele meio, escusado será procurar encontrar a sua causa fora do médium que a faculta, único responsável pelo seu ocasionamento já indubitavelmente abandonado pelo seu Guia e Protetor, que o submete com o abandono, ao castigo merecido.

Sendo o campo de uma luta incessante, renhida e sem tréguas, fácil é avaliar-se a que perigos se expõem os que nesse combate se virem privados da defesa precisa, abandonados no meio desse campo entregues à sanha de inimigos que lhes são invisíveis.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 06 de Agosto de 1933 – página 22)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – “FILHOS DE UMBANDA NÃO TEM QUERER”

Neste lema está perfeitamente significada a severidade intransigente da disciplina, da obediência, as quais se encontram submissos os filhos de – “Umbanda”, ou sejam, os trabalhadores da “Linha Branca de Umbanda e Demanda”.

É familiar nesse meio, o tratamento de pai dado aos Guias Espirituais, e o de filhos dado por eles, aos que em si, e nas suas atividades, confiam ou coadjuvam; assim todos aqueles que lhes prestam concurso na medida das possibilidades e necessidades no mundo terreno, são por aqueles Guias distinguidos como “filhos de Umbanda”.

Quando uma criatura se dispõe a prestar o seu auxílio àquelas atividades espirituais caritativas, ingressando no meio em que são exercidas, seja como médium, cambono, ou ocupando qualquer outro cargo, desde que possua as qualidades, a sinceridade, a boa vontade e intenções, o desejo de concorrer para semear o Bem e combater o Mal, é da melhor vontade e agrado recebida, aceita preparada no espaço pelos Guias protetores, a sua defesa uma vez que, passa a ser mais um soldado alistado nas fileiras dos obreiros da Caridade Cristã, não mais podendo ser visto como persona grata por aqueles que formam nas fileiras dos exércitos da maldade, por consequência visado pelos seus efeitos.

No terreno em que se trava essa luta entre o Bem e o Mal, ou seja, no terreno espiritual, não podem os soldados que se de um organismo material, precaverem-se contra inimigos invisíveis do espaço, daí, ficar a sua defesa confiada aos que lhes são designados como Guias protetores, defesa essa observada e cumprida religiosa e severamente, enquanto que os protegidos e defendidos se não tornem indignos das mesmas, por transgressão das normas impostas pela boa e sã moral Cristã, indispensável à nobreza das atividades.

Existem compromissos mútuos a serem severamente respeitados, e poderemos ficar certos de que se quebrados forem, serão pelos protegidos e nunca pelos protetores, que tem a plena consciência das responsabilidades que lhes assistem, não mais sujeitos as vicissitudes da matéria, a se sujeitarem as consequências lógicas e naturais, que advirão pela conduta irregular, a qual impede a indispensável vigilância, precaução e defesa contra inimigos que espreitam todas as oportunidades e franquezas.

Em geral, todos os auxiliares coadjuvantes das referidas atividades recebem com ou sem cerimonial simbólico adequado, como em forma de um batismo, estigmas fluídicos, pelos quais são distinguidos, identificados no espaço como filhos de “Umbanda”, prontamente assistidos e defendidos em todo o qualquer terreno em que se encontre um soldado da “Linha Branca de Umbanda e Demanda”.

Molestar-se um “filho de Umbanda” consiste ofensa grave, punida por aqueles que têm a responsabilidade da sua defesa, a qual só lhe faltará se do abandono se tornar merecedor.

Os “filhos de Umbanda”, por força dos compromissos que a luta e suas finalidades exigem, obedecem subordinando-se humildemente aos que tem a direção espiritual da mesma, razão por que não podem ter querer, tornando-se escravos das circunstâncias das referidas atividades e das finalidades; são guiados, não se guiam por si; são meros auxiliares numa atalha em que o seu número é relativamente insignificante, diante dos formidáveis exércitos que habitam no mundo espiritual, onde se trava a ardorosa batalha pelo Bem de toda a humanidade. Se nesse combate, que os combatidos são os maiores beneficiados, não primam pela boa vontade, pela sinceridade de suas dignas e nobres intenções, pela nobreza dos sentimentos que alimentam, pela elevação moral, pelo desejo de fazer o Bem, aliando dos sofrimentos os desgraçados seus semelhantes sem a preocupação de cores, raças ou condições sociais, certos de progredirem concorrendo para o progresso geral de toda a humanidade.

O tratamento familiar que lhes é dado e a passividade às suas atividades, não podem absolutamente constituir motivo para condenações, para censuras e críticas, porque senso de seu agrado e conveniência, não causam males nem atentam contra a moral ou contra o bem estar de quem quer que seja, são compatíveis com a humildade do meio e a dignidade das referidas atividades e suas nobres finalidades.

Não se que explicações mais se tornem necessárias, para que se convençam os que falam mais o que produzem, dos que se não fatigam na sua obra de destruição, na satisfação de fazerem prevalecer os seus sentimentos de vaidade e orgulho incontidos, pretendendo impor como verdade, a mentira, a falta de lógica e razão.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 13 de Agosto de 1933 – página 23)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – RESPONSABILIDADES, DEVERES E COMPENSAÇÕES

Para a boa orientação e conduta de cada um, seria de indiscutível, real e proveitosa conveniência, muito particularmente aqueles que se dedicam às práticas caritativas espíritas, tivesse perfeita consciência de suas responsabilidades, deveres e proveitos a colher.

É preciso que se não ignore, que não constitui absolutamente favor a prática de um ato de Caridade, quando se deve ter a certeza de ser o seu autor relativamente beneficiado com o mesmo, embora não o pratique com a intenção de se favorecer, muito menos ainda, quando o autor carece de benefícios, tendo assumido antecipadamente compromissos, e esta é em verdade a situação daqueles que possuem uma mediunidade, dos que têm no exercício dessas faculdades mediúnicas a oportunidade do resgate de dívidas contraídas, as quais não poderão em hipótese alguma deixar de serem solvidas, pelo fiel desempenho dessas faculdades, não certamente em atividades indignas, porque estas agravam aumentando o número de desgraçados e as consequentes responsabilidades.

Se de fato alguém há que seja credor de agradecimentos, de louvores pela oportunidade das dignas ações e de seu proveito, esse alguém é Deus que nos faculta a oportunidade, proporcionando-nos por todas as formas o meio de alívios dos nossos sofrimentos, concedendo-nos a assistência espiritual de Guias e Protetores que nos amparam e encaminham.

Há, portanto, no exercício das atividades caritativas, um intercâmbio recíproco de benefícios a colher, no mesmo se encontrando o mais salutar cultivo dos verdadeiros sentimentos de fraternidade cristã, o mais seguro, o mais desbravado caminho, a mais ampla e luminosa estrada que poderá conduzir as criaturas humanas à única e tão desejadas paz na qual reside a felicidade eterna.

O nosso livre arbítrio nos permite a escolha do caminho a seguir; o bom e o mal; nenhuma criatura de bom senso poderá hesitar na escolha, se, contudo, a falta de serenidade e raciocínio nos faltarem enveredando pelo mau caminho, podemos esperar que bem depressa as consequências se farão sentir e então, impelidos pelas necessidades, pela dor e pelo sofrimento, nos sentiremos na dura contingência de recuar, de evitar fugindo-lhes, procurando o melhor caminho, muito embora aparentemente não seja o mais cômodo a matéria aos seus vícios e às suas paixões mundanas.

Conduzir-me, portanto, a criatura dentro dos elevados preceitos morais cristãos, constitui um dever para consigo mesmo, uma satisfação às suas próprias necessidades, como a mais beneficiada pela sua digna conduta, não podendo existir argumentos lógicos e razoáveis que justifiquem a alimentação de sentimentos de vaidade e orgulho, na suposição errônea de que, a Caridade seja favor conceder-la aos que dela carecem, convindo que se saiba que não há que se ser espírita para se nutrirem bons sentimentos, mas há que os ter para se possa ser em verdade.

Estas considerações não me parecem deverem apenas interessar aos que se entregam às práticas espíritas, vem, entretanto, muito a propósito como uma advertência aos médiuns que se acreditam privilegiados, que chegam a alimentar a ideia e a convicção toda, de que sejam as suas faculdades mediúnicas um prêmio merecido, daí, o se julgarem credores de lisonjas, de louvores, que o castigo bem depressa fará reduzir à humanidade que desconhecem ou esqueceram como indispensável, como imprescindível filha primogênita das iniciativas e das atividades nobres porque são cristãs, e deixarão de o ser se a humildade exemplificada por Cristo for desprezada.

“Que as aras não cresçam mais que os ninhos”

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Quarta-Feira, 16 de Agosto de 1933 – página 04)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – UM CASO ASSAS CURIOSO

Interessantes nunca deixaram de serem os problemas que se deparam nas Tendas de Caridade; ali são levados pelas vítimas da ação maligna dos perversos e dos ignorantes, maior sendo decerto o interesse que despertam para aquelas vítimas que buscam solucioná-los.

O caso em questão tem variados aspectos interessantes, despertando a curiosidade de sua análise, podendo-se por qualquer das feições que encerra avaliar-se o seguinte:

Há quantas desgraças nos poderão conduzir os perversos habitantes do espaço, quando encontram nos cientistas vaidosos e materialistas ótimos instrumentos inconscientes das suas perversidades.

Quanto ardis a perversidade desses infelizes é capaz de arquitetar, para levarem avante as expansões de seus indignos sentimentos.

Como aqueles que acusam as práticas espíritas de fábrica de loucos, poderiam em verdade e com razão, embora inconscientemente serem apontados por haverem concorrido, para que uma pobre criatura confiante na sua celebridade científica, fosse levada a prática de um duplo crime, salva do mesmo em tempo, pela assistência espiritual dos obreiros da Caridade, que no espaço se não descuidam das infelicidades de seu irmãos na Terra.

Como são consideráveis, extensos, profícuos e relevantes, os serviços que nos prestam esses nossos bons amigos, nossos Guias, salvando-nos da profundidade dos abismos que circundam a estrada da vida, por onde palmilhamos como cegos, aparados na sua extrema bondade e na Misericórdia Divina.

Os nomes não importam ao caso, no tenebroso drama cujas funestas consequências foram pela Providencia Divina evitadas.

Trata-se de um menor de 14 anos, vítima constante de ataques (de nervos, dizia-se), cujo tratamento foi confiado por sua extremosa mãe, a um especialista, psiquiatra de grande renome em nosso meio social.

Escusado será dizer-se que nada foi conseguido pelo referido especialista, a despeito da sua pouca parcimônia na cobrança do tratamento, acabando por confessar francamente estar diante de um caso em que nada lhe era possível mais fazer, para conseguir a cura desejada.

A sua franqueza produziu como era de prever, forte abalo moral e psíquico na delicada mãe do referido menor, levando-a a guardar o leito, e a um estado de grande fraqueza, o qual deu ensejo a que seu médico assistente suspeitasse tratar-se de um caso de tuberculose.

Procedido ao exame de escarro, constatou-se positivo o resultado e a infeliz criatura ao lhe ser revelada esse resultado, teve agravado seu estado de saúde, passando a alimentar no seu desespero a triste e funesta idéia de assassinar seu filho e suicidar-se em seguida.

Não quis Deus que semelhante desgraça fosse consumada, a que fatalmente seria arrastada aquela infeliz criatura, pela grossa ignorância dos cientistas cheios de vaidade, e pela perversidade dos malvados que no laboratório das suas maldades engendravam esse tenebroso drama, esse triste espetáculo, sendo essa pobre mãe encaminhada para a humildade dos Pretos e Caboclos do espaço, que nas Tendas de Caridade Espíritas remedeiam e corrigem os erros alheios.

E o problema cuja gravidade era patente, ali encontrou a sua fácil solução, tendo-se verificado que os ataques de que o menor era vítima não passavam de manifestações mediúnicas, embora exercidas ou provocadas por Espíritos obsessores, que foram afastados cessando seus efeitos. Quanto à tuberculose da pobre senhora, resumia-se na atuação de que estava sendo vítima, por um Espírito desencarnado como tuberculoso, o qual foi igualmente afastado, entrando a mesma em franca convalescença como se poderá constatar.

O mais interessante em tudo isso, é que verificou-se logo após, que tinha havido uma troca do escarro examinado, não pertencendo a referida senhora, o que deu resultado positivo e que realmente provinha de uma criatura vítima desse mal.

A atuação exercida sobre a pobre senhora lhe emprestava realmente o caráter de uma tuberculose; daí a convicção de se tratar de um caso declarado pelos sintomas de que se revestia, verificado como ficou posteriormente o engano pela troca do escarro, obra satânica dos perversos invisíveis, esses malfadados obreiros da maldade que proliferam no espaço.

Não tivessem essas criaturas à felicidade de serem encaminhadas como foram, e a estas horas o noticiário jornalístico teria registrado mais um sinistro drama, uma lamentável tragédia a qual Deus na Sua Infinita Misericórdia não permitiu se realizasse, e recaí-se em grande parte a sua responsabilidade moral, sobre aqueles que se orgulham como privilegiados no saber, ridículos deuses na Terra.

Não estou autorizado a revelar nomes, nem a apontar a Tenda de Caridade onde foi tão felizmente solucionado este caso; posso, entretanto, afirmar ser a expressão da verdade, não sendo o único a testemunhá-la, não só este, como inúmeros outros.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 17 de Setembro de 1933 – página 22)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Há cerca de trinta anos que me foi dada a ventura do primeiro contato direto com as práticas espíritas, iniciadas entre famílias, ou seja, entre pessoas que não mereciam suspeitas.

A curiosidade de melhor conhecer suas origens, levou-me a procurá-las nas teorias dos mais consagrados mestre em suas obras editadas a respeito, e tal foi à afinidade que encontrei nos seus elementares princípios, que me foi dada a impressão real ou fantástica de que tudo nessas obras encontrei me era familiar, aceitando-os desde logo como reais, como a expressão da verdade incontestável, desde que o meu raciocínio as admitia como lógicas irrefutáveis, provavelmente pela conjugação das teorias com as práticas iniciadas.

Devo confessar, realmente, que não foi pela constatação de surpreendentes fenômenos cujas manifestações conheço, através da leitura de suas narrativas, que fui conduzido a conversão; fenômenos esses que nos meus trinta anos de atividades espíritas, não tive oportunidade de testemunhar, nos quais entretanto creio sinceramente, sem que me causem surpresas, seja qual for o maravilhoso caráter que assumam, certo de que nunca serão tanto como o Criador que preside a todas as manifestações, inúmeras das quais fogem a percepção da inteligência humana.

A minha crença se encontra firmada em alicerces que podem e devem ser reputados como os mais sólidos, porque são os da lógica e da razão, não me tendo servido a constatação de fenômenos às provas da existência espiritual e da reencarnação, senão para consolidá-los cada vez mais.

Nunca pela minha mente passou a dúvida ou a vacilação sobre a existência da Suprema Inteligência Personificada no Criador do Universo, nas Suas Leis Naturais perfeitas e imutáveis, assim me seja sempre possível e permitido em obediência aos princípios da tolerância cristã, contra os profissionais exploradores que disfarçam as suas verdadeiras intenções, ludibriando as suas vítimas inebriadas pelas pompas e pelo fausto de um culto que prima pela insinceridade, numa consagração indistigível pelo ouro alheio.

Compreendendo os ardis engenhosos para a ascensão que aspiram para um mais vasto predomínio sobre as consciências incautas ou fanáticas, não me desejo preocupar aliando-me aos que se esfalfam no momento em combatê-los, no propósito de destruir os falsos preconceitos religiosos, a desmedida e pretensiosa ambição de seus mandatários, tão certo estou de que, a ascensão veloz permitida, o é de certo para que mais fragorosa seja a derrubada quando oportuna, de uma altura de onde se não podem divisar a fragilidade dos alicerces desse templo carcomido pelos interesses pessoais e puramente materiais, os quais se esforçam em demonstrar sólidos, mas que pressentem fugir-lhe o terreno em que assuntam.

Prosseguindo nas considerações interrompidas que motivam estas minhas, devo dizer que tenho encontrado no exercício das práticas Caritativas, um infinito campo de observação das mais sábias, sublimes, nobres e dignas lições de fatos e atos que se não surpreendem pelo aspecto fenomenal, se não extasiam a muitos, encantam-me pela sua pureza, pela sua simplicidade, pela inigualável humildade de seus autores, valendo a meu ver não menos que os extraordinários fenômenos apregoados aos quatro ventos como maravilhosos.

Estas sublimes lições e exemplos valem sem dúvida muito porque estão ao alcance das mais imberbes inteligências; não embriagam, não extasiam pelo aparato maravilhoso que impede geralmente a sua análise; o seu raciocínio claro, a sua verdadeira significação e consequente valor.

Na minha simples e modesta condição de aprendiz, na possível constância observada no exercício mais ou menos ativo das práticas espíritas de finalidades Caritativas, tenho achado satisfação plena, relevantes provas colhidas nas Tendas de Caridade, sucedendo-se numa caudal ininterrupta os casos, em uma multiplicidade de formas e de causas infindáveis, entre as quais os detalhes de aparência insignificante têm para mim uma importância relevante, um significado que aproveito e conservo com carinho.

Ainda há poucos dias quando secretariava um desses humildes obreiros da Caridade, em suas atividades numa seção pública, atendendo incorporado aos que recorriam aos seus serviços; ao pressentir eu a gravidade da situação originária de um sério problema que lhe foi encaminhado resolver, diante da rebeldia e perversidade de um considerável número de infelizes que atuavam sobre sua pobre vítima, gravidade essa tal, que arrastou pelo pavor um desses humildes obreiros a se deixar influenciar pela impureza das irradiações à prática de um ato de indisciplina, dirigi mentalmente uma prece ao Altíssimo, implorando-lhe as energias precisas ao amigo que procurava solucionar o grave problema, para que o mesmo triunfasse vencendo aqueles malvados na luta que aceitou e provocou, e que com tanta bravura e confiança travara.

Não poderia deixar de triunfar o Bem sobre o mal, para glória desses humildes obreiros da Caridade, trabalhadores da Santa Seara de Jesus para benefício dos vencidos; reprovado e castigado o autor do ato de indisciplina, cheio de boa vontade por certo, mas inadvertido, errado no ponto de vista em que se deixou colocar, mal compreendido, mas, explicável.

Terminada que foi a espinhosa tarefa, vencida a luta travada, antes que se afastasse desincorporando o Guia vitorioso, em favor de quem enderecei a referida “prece mental”, longe de imaginar tivesse ela sido testemunhada se não por mim, surpreendeu-me extraordinariamente o fato de ver esse amigo, esse Guia dirigir-se a mim, trocar uma afetuosa e fraternal saudação, e em singelas palavras assim dizer-me: “*Caboclo agradece de coração a prece que o filho fez por ele*”.

Pode esse fato ser banal e muito comum; para mim, no entanto, tem uma importância considerável, tem um valor muito relativo à circunstâncias, cujo comentário o momento pela sua extensão não comporta, esperando ainda oportunamente poder abordá-las.

Afastada de mim qualquer pretensão de me julgar credor pela prece endereçada, de acreditar me seja por isso devida à vitória da referida luta, alimentando tão somente a surpresa da revelação de um ato que me parecia ser apenas mental, sem reflexos exteriores pressentidos por alguém, alegra-me bastante a certeza que me foi dada do valor e da consideração da prece, não dita por mim apenas, mas por todos quantos possuam a boa vontade e a sinceridade de poder elevá-las aos pés do Criador, em favor das causas santas e dignas, nenhuma mais que as da Caridade Cristã.

Possam em circunstâncias idênticas ter a mesma eficácia e consideração, todas as preces de meus prezados irmãos no auxílio maior ou menor, que possam emprestar a essas atividades espirituais.

São os votos do mais modesto, aprendiz.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Sexta-Feira, 29 de Setembro de 1933 – página 04)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – CASOS INTERESSANTES

No exercício das atividades caritativas espíritas, como já tive ocasião de dizer aqui, é notório que se sucedem os casos, revestindo-se de caracteres dignos de serem considerados, pelas sábias lições que nos proporcionam, aproveitadas pelos que tem a ventura de os testemunhar.

Entre os inúmeros que me tem sido dado presenciar, não resisto ao desejo de tornar públicos os que considero os mais interessantes, para que sirvam de exemplos, e sejam conhecidos quanto são proveitosas as nobres atividades e o altruísmo daqueles que no espaço não permanecem no ócio, como condutores dos fracos e desprotegidos de defesa, entregues ao abandono e a ação maligna e invisível dos perversos.

O fato que passo a descrever desenrolou-se em uma modesta Tenda de Caridade Espírita, entre a humildade dos seus trabalhadores espirituais, compostos de Pretos e Caboclos denotados batalhadores da Linha Branca de Umbanda e Demanda, com a devida reserva dos nomes dos personagens em questão.

Uma pobre senhora dirige-se a um dos Guias incorporado, (Caboclo) no Terreiro (sala das Sessões), solicitando-lhe, cheia de aflições, a sua interferência no sentido de remediá-las, para que seu marido não continue mais a se embriagar como vem fazendo, apesar de fora do estado de embriaguez ser contrário a esse vício, mas não poder explicar porque se deixa vencer pelo mesmo, sendo que, a continuar nessa triste situação, seria fatalmente arrastado ao desemprego, a ruína de sua saúde e a miséria de seu lar, já tão infelicitado pelos desatinos de seu vício incorrigível pelos meios materiais, sendo a criatura em questão, guarda da Alfândega desta Capital. O Guia penalizado promete atender ao seu pedido na medida de suas forças e da permissão divina, recomendando-lhe desde logo que se torna precisa a presença do mesmo, ao que a pobre senhora retruca dizendo-lhe ser isso impossível, por várias razões, não somente pela sua pouca fé e crença, pela natureza de seus serviços que lhe não permitem a ausência nas horas determinadas para as Sessões, e ainda pela perturbação causada pela embriaguez.

Responde-lhe o Caboclo, que é preciso que ele compareça; que ela sossegue quanto a isso, porque ele irá com certeza.

Sucedeu que dois ou três dias após essa ocorrência, é pelo Ministério respectivo requisito um guarda para ser colocado à sua disposição, e apesar de existirem muitos disponíveis, o designado foi o esposo da referida senhora, e que por essa forma, livre da prisão de suas atividades fiscalizadoras, já dispunha do tempo preciso para seu comparecimento à Sessão e sem oferecer obstáculos, ali compareceu acompanhado da esposa.

Levado a presença do referido Guia, este interpelou a senhora, lembrando-lhe se ele não lhe havia prometido que seu esposo compareceria; logo, ele não tinha faltado a sua palavra; Deus lhe havia permitido socorrer a pobre vítima.

Depois de haver sido afastado a influência espiritual que ocasionava a irregularidade, causa mater do vício da embriaguez; aconselhou o referido Guia o uso de uma substância composta e preparada pelo mesmo, com propriedades fluídicas e materiais antialcoólicos.

São decorridos já cerca de vinte dias, e ao que se sabe, não voltou essa criatura a se embriagar, o que leva a crer nos benefícios e na eficácia da ação desse grande amigo do espaço, cujas condições de humildade lhe não impedem a nobreza da ação.

Dadas as provas que é lícito reputar como suficientes para que se confie no valor e na eficácia da ação, não nos pode merecer dúvidas o valor do seu autor.

Podem os incrédulos atribuir ao acaso o desenrolar dos acontecimentos narrados, eu, porém, tenho razões de sobra para acreditar na ação desses abnegados trabalhadores, reconhecendo-lhes a autoria de seu encaminhamento do espaço, tanto mais familiarizado com eles; já me habituei a acompanhá-los nas suas atividades eficazes, quando são permitidas por quem pode, e não precisa pedir permissão a esses incrédulos, esses cegos por prazer ou orgulho.

São sem conta os casos desta natureza, constatados, analisados, controlados e testemunhados, não atribuídos ao acaso que esta é a melhor explicação para aquilo que se não sabe explicar, se não são cientistas os que os resolvem, se não são abastados de cultura e são, no entanto, nas suas qualidades morais, na nobreza de seus sentimentos e ação, e isso nos parece bastante para nos merecerem a confiança que neles depositamos.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 08 de Outubro de 1933 – página 22)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Não entrei nos conhecimentos espíritas, nem devo a minha conversão penetrando pela porta das práticas da “Linha Branca de Umbanda e Demanda”, fazendo esta ressalva para que fique patenteado que não desconheço o Espiritismo nas suas modalidades, digamos rigorosamente kardecista, permitindo me fazer esta distinção, uma vez que há quem as queira distintas.

A maioria das obras escritas ou traduzidas em português sobre o assunto, eu as li; não me são, portanto, desconhecidas, e a minha curiosidade, o meu grande desejo de aprender, levaram-me a rebuscar o que de útil fosse possível encontrar nos autores ocultistas e teosofistas de caráter religioso ou puramente científico, desde o seu berço no Oriente, tendo estes conhecimentos reunidos me servido para melhor compreender a grandeza dos ensinamentos de Kardec.

Se presentemente, conhecendo suficientemente as finalidades e a razão de ser das atividades e modalidades da “Linha Branca de Umbanda”, a elas me venho dedicando nas medidas de minhas possibilidades com a precisa sinceridade, se consciente de minha ação, senhor de meu claro raciocínio me encontro espontaneamente envolvido no seu meio, não será decerto a satisfação de alguns confrades e amigos, motivos bastantes para que retroceda ou me afaste de um caminho que se lhes parece errado. É sem dúvida pelo desconhecimento que tem do mesmo, e pela suposição de que desconheça, eu, o terreno em que piso.

A minha solidariedade incondicional está por demais explicadas, pela nobreza e pela dignidade das referidas atividades, pelas suas incontestáveis finalidades caritativas Cristãs, tudo mais tem para mim um valor secundário, não alimentando outras preocupações, senão as precisas e indispensáveis para a completa eficácia, para a mais produtiva ação, desagrada ela a quem quer que seja.

Que importa que me classifiquem como obsedado, que me mimoseiem com epítetos graciosos ou deprimentes, humilhantes e desprezíveis, numa atitude de verdadeira ou fingida piedade.

Que me importa que os confrades aristocratas e de luxo não queiram compreender, não possam admitir, como uma criatura sabendo ler e escrever, beijar reconhecida a mão de um humilde Negro seu irmão, mão que o arrancou do atoleiro em que se achava.

Não compreendem esses espíritas modernizados, que se não deixam obsedar, como possa uma criatura sentir-se bem e feliz, entre a afabilidade desses humildes Pretos e Caboclos, desses humildes obreiros da Caridade – a quem Jesus classificou como obreiros da sua Santa Seara; como se possa preferir a convivência humilde espiritual desses dignos trabalhadores, afastados do convívio das celebridades intelectuais, cuja moral se desconhece.

Não compreendem porque ignoram decerto esses confrades, que tanto se esforçam em combater, ridicularizar e caluniar, aqueles que caminham por caminhos que desconhecem, como possa a carcaça espiritual de alguns desses humildes obreiros da Caridade, ser um instrumento de provação, de castigo por vaidades e orgulhos alimentados por senhores, feitores, carrascos e sabichões, figuras que brilham em destaque pela prepotência exercida sobre seus fracos irmãos em tempos que já lá se vão, esquecidos de que Jesus Cristo afirmou que os grandes e poderosos seriam humilhados, e os fracos e pequenos elevados!

Desejo com prazer ser encontrado, envaidecido sim pela humildade do convívio do meio, obsedado sim, pela bondade, pela nobreza e pela elevação dos sentimentos predominantes. O desejo de cooperar de qualquer forma, na grandiosa obra desses abnegados trabalhadores da Seara de Jesus, de tomar parte nessa incessante luta que com tanto denodo e verdadeiro heroísmo mantém contra o mal e suas funestas consequências, contra os sofrimentos que afligem a humanidade e seus autores conscientes ou ignorantes me leva a lhes emprestar a minha incondicional embora fraca solidariedade, em suas atividades, na defesa de incontestável sinceridade.

Inúmeros confrades se penitenciam hoje, de haverem julgado apressadamente esses humildes Pretos e Caboclos, pondo em dúvida a sinceridade de suas intenções; não me surpreenderá de certo ver amanhã os juízes de hoje seguir-lhes o exemplo, e oxalá não lhes seja preciso conhecerem o seu erro, levados pela necessidade de aproveitarem e valerm-se do socorro dos que tão mal julgaram, humilhando-os e repudiando-os.

É preciso em verdade conviver com esses sacerdotes da Caridade, sentir a afabilidade de seus atos e de suas palavras, aprender os seus sentimentos, para compreender a grandeza da sua humildade, a nobreza de seu caráter, vendo o quanto é injusta apreciação dos que ao em vez de lhes seguirem os exemplos, se comprazem em humilhá-los, em deprimi-los e repudiá-los.

Que Deus perdoe os insensatos, cegos pela vaidade e pelo orgulho.

(Texto de Aprendiz. Diário Carioca – Sexta-Feira, 27 de Outubro de 1933 – página 10)

PRÁTICAS ESPÍRITAS

Nenhum prazer sinto, e é constrangido que tenho de por vezes repetidas sido forçado a usar de uma linguagem em tanto violenta, para rebater referências deprimentes e ridículas pela persistência, contra as práticas espíritas da “Linha Branca de Umbanda e Demanda”, não observada a mais leve consideração pela idoneidade moral de seus autores praticantes, coadjuvantes e adeptos, sinceros, tachados de ignorantes, mistificadores, exploradores e causadores de desídias entre os professantes espíritas, começam os acusadores, juízes improvisados das causas alheias, por fazer empenho que se vejam como bacharéis espíritas, preferindo assim a pecha, aliás, bem merecida de caluniadores, torcendo a verdade por motivos que não confessam mas se divisam.

Entendem esses bacharéis, que a Caridade é seu privilégio, só podendo ser exercida por quem tenha lido e decorado os Evangelhos, esquecidos de que otram mais por palavras que por ações, falando mais por palavras que por ações, falando mais do que produzem, muitos prodígios em retórica e parcos em atos meritórios, cheios de autoridade para impor métodos e uniformidades que a Natureza contraria a todos o momentos, como se fosse possível uniformizarem-se de progresso, sobrepondo-se às leis de Deus.

Acreditam que em atividades caritativas, a orientação não tenha que ser ditada em perfeita harmonia com os meios, com as circunstâncias dos mesmos, as possibilidades, os limites da permissão, a capacidade dos autores, o merecimento das vítimas, num terreno espiritual que nosso organismo material impede conhecer suficientemente, para indicar caminhos aos que nele vivem. Farta e racionalmente tem sido explicada a razão de ser das atividades dos obreiros da “Linha Branca de Umbanda”; convidados têm sido insistentemente os seus adversários, a analisar a nobreza e a dignidade das mesmas, preferindo, entretanto, por motivos que se não explicam, persistirem por prazer ou por vaidade na posição de espíritas diplomados e aristocratas.

Bem se compreende o quanto é mais cômodo, conviver-se com criaturas de mais ou menos idêntico aperfeiçoamento, evitando-se o conto dos que por sua própria infelicidade, se encontram numa escala em que a maldade e as atividades indignas são fartas, mas se é mais cômodo, não é sem dúvida mais útil, que se saiba colocar as coisas nos seus devidos lugares, que nos não acusem como autores de discórdias entre a família espírita; se a nossa atitude é a de defesa contra os ataques e as calúnias dos intolerantes que nos não querem dar tréguas.

A triste condição desses nossos irmãos do espaço é motivo mais que suficiente para que pela forma mais adequada os auxiliemos e sair da mesma, não lhes tira em absoluto o direito de filhos de Deus, não nos cabendo impor-lhes condições para os socorrermos, exigindo-lhes conhecimentos e familiaridade com uma civilização que desconhecem e não podem compreender dado o seu atraso moral e intelectual.

Convençam-se pois os nossos confrades intransigentes e intolerantes, que se existem trincheiras dividindo os espíritas, não foram elas levantadas pelos que humilde e modestamente, sem alarde de suas nobres e dignas atividades, pedem apenas que não os julguem precipitadamente, que se não lhes convém imiscuírem-se na humildade deste meio, lhes concedam ao menos por tolerância, o direito de fazer bem, sem sair fora dos mais sagrados princípios espíritas, que não desconhecem e sabem defender condignamente.

(Texto de: Aprendiz. Diário Carioca – Sábado, 28 de Outubro de 1933 – página 11)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – “SUMMUN JUS, SUMMA INJURIA”

É de lamentar que se não fiquem os juizes das causas alheias, na sua faina de condenar o que por circunstâncias infundadas lhes desagrada. Esse tem sido o critério adotado por amáveis confrades, na sua inclemência manifestada sempre que se lhes oferece oportunidades, pelas aguilhoadas que tiram, disfarçadas e amenizadas por frases cheias de concórdia, em escritos de caráter doutrinário, colocando-me por visado mais diretamente na cruel contingência de repisar em considerações, cuja clareza ao que pareço lhes não convém ver e compreender.

Argumentando na defesa da sinceridade e intenções dos trabalhadores da “Linha Branca de Umbanda e Demanda”, tendo feito preceder esses argumentos com fatos positivos que comprovam suficientemente a realidade desses argumentos, tenho reclamado a análise metódica desses fatos, pelos acusadores e juizes; como resposta apenas tenho merecido de uns, felizmente, o silêncio que traduz a conformidade; outros entretanto, persistem nos ataques, negam por simples palavras vãs, como se essa forma fosse bastante para impor suas vaidosas convicções como verdades incontestáveis.

Desagrada-lhes verem as coisas colocadas em seus devidos lugares, disputando a primazia de uma superioridade, que os diminui em vez de elevá-los no conceito moral, estabelecendo divisões, cavando barreiras, levantando muralhas divisórias entre professantes de um mesmo credo religioso, dentro de doutrinas que as condenam por princípio inviolável e sagrado, demonstrando flagrantemente a falha de idoneidade moral, para falarem em nome dessas doutrinas e seus princípios.

Ninguém de entre nós pensou decerto ainda, em lhes negar, deixando de reconhecer o valor de sua ação quando sincera e benéfica, compreendendo-a dentro dos mesmos princípios, numa escala de relativa proporção intelectual, dentro dos limites do meio em que se tornam desnecessárias e inúteis as modalidades que combatem e condenam; mandam, entretanto, o bom senso e o raciocínio, que saibam reconhecer não como um favor, mas como justo e real, que não é inferior o valor da ação exercida numa esfera de maior inferioridade intelectual sim, mas onde as finalidades se identificam perfeitamente, a despeito da aparente diversidade de métodos, sem que violados sejam os princípios por todos reputados nobres e elevados porque são os Cristãos.

A liberdade de uso de hábitos e costumes familiares com a inferioridade do meio, dos elementos ativos do espaço, em finalidades nobres e dignas, não importa absolutamente na diminuição do valor das mesmas.

Não é decerto o progresso intelectual que preocupa os praticantes da “Linha Branca de Umbanda”, mas sim, o progresso moral, e aquele sem este, lamentáveis e funestas consequências têm trazido para a humanidade e talvez não seja erro o afirmar-se que as divergências suscitadas entre os professantes da mesma crença, as quais motivam estas considerações, sejam um reflexo do desaparelhamento em que se caminha nessa marcha em que distanciam tão acentuadamente a cultura e a educação moral.

A necessidade de se evitarem e corrigirem essas tristes consequências, é que nos leva a descer ao encontro dos que marcham distanciados ou à nossa retaguarda, levando-lhes o auxílio de que precisam para ajudá-los a subirem até onde nos achamos, na satisfação de inegáveis interesses recíprocos.

A despreocupação e o desprezo pela sorte, pela condição social de nossos irmãos do Planeta, o egoísmo em que temos vivido, não podia deixar de fazer sentir sobre seus autores as suas relativas consequências, apontando-os o caminho que deveríamos ter seguido, forçando-nos a retroceder ao encontro dos que esquecemos, daqueles que abandonamos desumanamente, na suposição errônea de que o poderíamos fazer impunemente esquecidos das responsabilidades que nos cabem, determinadas pelo Criador.

Não tem fundamento algum o receio de que os hábitos, os costumes que caracterizam o meio em que constituem as modalidades erradamente combatidas, possam ultrapassar os limites do meio em que se desenvolvem, possam transpor os terreiros das Tendas de Caridade, senão quando exclusivamente no complemento de uma ação puramente espiritual, indispensável ao êxito das finalidades caritativas.

Os fanáticos, os hipócritas e os ignorantes, são os únicos responsáveis pelos excessos que se possam verificar, e esses existem em toda a parte e em todos os meios sejam eles cultos ou não; a esses não há senão que perdoar-lhes esclarecendo-os sempre que se possa.

É indispensável que se saiba, que para conduzir e comandar nessa ação espiritual os menos afortunados de progresso moral e intelectual, existem os missionários investidos de personalidades adequadas, possuindo a consciência e as luzes suficientes ao fiel desempenho de suas nobres missões, cumprindo-os a nós acatá-los com o devido respeito em sua autoridade e conduta, não pretendendo elementares vaidosas pretensões, sobrepondo-nos a sua autoridade, em atitudes ridículas de críticos e juizes de seus atos.

Não podemos, nem devemos ir além da posição que nos é dada, como meros auxiliares e coadjuvantes terrenos, na sua muito nobre e digna ação Cristã, convictos dos grandes e relevantes serviços que prestam a humanidade inteira, com a eficácia completa da mesma.

Constitui certamente grave falta, pretender-se obstar a sua ação, sob fundamentos que não são mais que o produto de uma vaidade que o desenvolvimento intelectual empresta às criaturas desconhecedoras da boa e sã moral Cristã, e a essas eu me atrevo a adverti-las de que, não devem esperar do excesso da sua justiça senão a mais clamorosa injustiça.

(Texto de Aprendiz. Diário Carioca – Domingo, 12 de Novembro de 1933 – página 22)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – A EVOLUÇÃO E A “LINHA BRANCA DE UMBANDA”

A evolução moral e intelectual da humanidade, não se opera isolada e individualmente, como a alguém possa parecer. A despreocupação, o descaso e o egoísmo dos que desconhecem ou se desinteressam pelos mais sagrados sentimentos de fraternidade, têm sido o motivo de grandes males que afligem as criaturas humanas, somente possíveis de serem evitados e remediados, quando possamos ter a compreensão nítida e perfeita dos deveres, dos compromissos mútuos assumidos com a convivência nas sucessivas etapas da existência na Terra ou no espaço, cujo fiel cumprimento graças à perfeição da justiça Divina, se torna inevitável e indispensável.

Esquecidos, desconhecedores ou descrentes da igualdade que nos identifica como seres humanos, filhos de um mesmo Deus, expandimo-nos no cultivo e na alimentação dos mais nefastos e perniciosos sentimentos, imperando por tais razões o orgulho e a vaidade, criando castas, raças e classes privilegiadas, num desmedido egoísmo provocando funestas consequências não só para o presente, como para o futuro.

O desprezo votado pelos povos, pelas criaturas de condição social inferior e precária, pelos pobres de moral e cultura, o esquecimento e a ignorância de que pertencemos, ontem, ao seu número, nos leva a pretender fundir as cadeias que nos ligam na eternidade da existência, sob a ação do calor da falsidade, da hipocrisia dos preconceitos sociais, amoldados ao sabor de interesses individuais, prestigiados esses preconceitos e habilmente explorados, pelos menos hipócritas profissionais de crenças religiosas deturpadas, nos tem afastado repudiando o convívio social com aqueles que classificamos de selvagens, indiferentes à sua sorte, às suas necessidades e ao seu progresso.

Procurando estabelecer e manter o contato espiritual com esses nossos irmãos desencarnados, nada mais fazemos, se não retomar o caminho de onde nos desviamos, no cumprimento de deveres esquecidos proporcionando-lhes aquilo que lhes recusamos, auxiliando-os a se emparelharem conosco dentro da mesma escala na marcha incessante do progresso espiritual a caminho da perfeição, onde pode ser encontrada a felicidade a que todos aspiramos para onde nos impelem as leis da Natureza. Corrigindo o nosso descaso pelos nossos irmãos, proporciona-nos Deus os meios e a oportunidade de reparar essa errônea conduta, facultando-nos o convívio, do qual resulta um intercâmbio de ensinamentos e cultura, na satisfação de compromissos assumidos, de deveres recíprocos, num retorno ao caminho da razão e da justiça, numa demonstração evidente e provada, de que a evolução terá que ser coletiva e nunca isolada; assim o determinam aquelas leis naturais.

Os praticantes espíritas terrenos da “Linha Branca de Umbanda” servem-se aproveitando a oportunidade que se lhes oferece, mantendo o convívio com seus irmãos do espaço, desenvolvendo atividades associadas as quais indiscutivelmente pelas formas e meios apropriados, de conformidade com as circunstâncias, concorrem para o progresso moral e intelectual, para o alívio de sofrimentos e males da humanidade, beneficiando com isso não somente a si próprio, mas toda a coletividade, implantando a mais pura e verdadeira fraternidade.

(Texto de Aprendiz. Diário Carioca – Sábado, 25 de Novembro de 1933 – página 04)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – MODALIDADES

Há quem condene a passividade que alguns praticantes espíritas dão especialmente dentro das modalidades diretamente visadas, e que se distinguem pela denominação de “Linha Branca de Umbanda”, vendo nessa passividade um erro ou um mal, mas em verdade o erro está mais no ponto de vista em que se colocam os juízes, os quais em geral primam pelo desconhecimento do assunto em suas minúcias.

Antes de mais nada há que considerar-se que a ação se desenvolve no mundo espiritual invisível salvo para os videntes, os quais nem sempre podem devassar toda a ação desenvolvida, sendo o número dos assistentes materiais ou auxiliares presentes relativamente insignificante diante dos milhares de Espíritos como elementos ativos, postos ao serviço de finalidades sobre cuja dignidade não podem haver dúvidas.

Identificados perfeitamente os Guias Espirituais como de grande elevação, de grande progresso moral, não nos caberia o direito ou a razão de duvidar da ação que presidem, e a passividade se acha explicada, sendo parte insignificante de um considerável número que se agita e opera em nosso benefício e dos que carecendo da Caridade, recorrem ao seu auxílio às suas atividades espirituais.

Ninguém pensa de certo em copiar e introduzir em nosso meio civilizado, hábitos, costumes e linguagens primitivas; esse receio é infundado; antes ao contrário, da convivência serão beneficiados os que se acham privados das luzes da civilização, enquanto que o progresso moral será mútuo, dele todos aproveitarão.

Os Guias Espirituais, comissionados nas posições de comando e orientação possuem a consciência exata de suas responsabilidades, as quais não podem depender da vontade de criaturas terrenas por maior que seja a sua intelectualidade ou autoridade; se nos colocamos na sua dependência não podemos recusar-lhes a obediência e a passividade que nos é exigida como necessária ao bom desempenho, a eficácia da ação, de cuja ação somos os maiores beneficiados, não sendo é claro, os únicos.

Essa ação representa sem dúvida a mais produtiva escola moral dos Espíritos cuja condição de progresso ainda só recente da sua falha; ali eles aprendem a praticar a Caridade, abandonando suas nefastas e indignas atividades, preparados e instruídos para que possam amanhã encarnar num meio compatível com o grau de progresso adquirido nessa escola, nesse exercício.

Encarnados amanhã, em nosso meio, facilmente se adaptarão aos costumes e linguagem do mesmo, sem que possam mais constituir em embaraço ao nosso progresso moral, como elementos perniciosos a sociedade. Não podem eles serem e responsabilizados pelo fanatismo de alguns, ou pela ignorância dos que não compreendendo a realidade dos fatos, os interpretam como querem, ao sabor das suas inclinações, levando a passividade mais longe do que lhe é exigido.

Não se deve crer que todos os Espíritos que tomam parte nessas práticas, sejam possuidores de muita luz, embora todos coadjuvando para o Bem, cada um guarda a sua escala, no seu grau relativo, nela subindo proporcionalmente de acordo com o seu desenvolvimento, ocupando nesse exército de batalhadores posição relativa, não restando dúvida alguma sobre a elevação espiritual dos comandantes e chefes, pelas enormes responsabilidades que lhes estão afetas como condutores de muitos milhares de nossos irmãos de raças diversas.

Tão depressa seja possível converter todos os ignorantes e malvados existentes, nenhuma razão mais justificará a persistência nas modalidades que lhes são peculiares; mas até lá, estão sobejamente explicadas. A conversão, entretanto, não poderá ser feita por aqueles que os repudiam, os evitam e lhes negam o direito de progredirem, de se desenvolverem pelo exercício do Bem, numa atitude irrefletida e anti-humanitária, que nada tem de Espírita ou de Cristã.

O que se não pode negar é a docilidade, a grande humildade, o devotamento, a bondade dos Pretos e dos Caboclos na sua ação Caritativa, nas suas palavras de ânimo e conforto; os Pretos mais afáveis, mais expansivos, mais alegres, sempre bem humorados, enquanto que os Caboclos sempre ríspidos, sisudos, amigos da rigorosa disciplina e obediência, muito pouco sorridentes, mais ativos que faladores.

A bondade preside todos os atos e palavras e a evocação da fé, do respeito a Deus, as precede invariavelmente, sem que qualquer ultrapasse os limites da máxima humildade, cultivando o verdadeiro amor ao próximo.

(Trecho de: Aprendiz. Diário Carioca – Sábado, 8 de Abril de 1933 – página 09)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – O ESPIRITISMO E SUAS MODALIDADES

Antes de iniciar a publicação dos conceitos que me é dado externar, devo declarar que eles partem de um simples aprendiz; produto de observações e raciocínio de quem se sente animado das melhores intenções, possuidor infelizmente de uma cultura muito rudimentar.

O que tenho a dizer, não constitui segredo para os assistentes habituais às práticas espíritas que se distinguem pela denominação de Magia Branca da “Linha Branca de Umbanda e Demanda”, cujas práticas, a despeito de haver quem queira negar sejam espíritas, o são, no entanto, diferindo apenas nas suas modalidades.

Para melhor poder fazer-me compreender, eu me colocarei nas fileiras dos que exercem a Caridade pelas modalidades que são o motivo de minhas considerações, e onde em verdade me encontro, como meio auxiliar apagado.

As modalidades adotadas nos labores caritativos das entidades espirituais que lhes emprestam o seu concurso ou sua direção para o eficaz êxito do desideratum, têm sido por motivos infundados, pretexto para perseguições e menosprezo, numa atitude irrefletida bastante deplorável quando partida dos que se dizendo confrades esquecem totalmente um dos princípios das doutrinas espíritas, que é a tolerância.

Esquivam-se do conhecimento das intenções para só divisarem moralidades que reprovam pelo desconhecimento ou pela falta de sinceridade, seja por má fé.

Tão inadvertida atitude de confrades demonstra uma intolerância que só pode ter fundamento na falta de raciocínio, não lhes permitindo o direito de se exibirem como espíritas, advogando princípios que desconhecem ou esqueceram.

Por mais atilado que seja o observador, por mais perspicaz que ele seja, não poderá, em absoluto, descobrir e demonstrar que nas intenções e nos atos que as traduzem, praticados estes nas Tendas de Caridade, na humildade dos seus Terreiros, haja interesses subalternos, lucros pecuniários visados, ou mesmo a satisfação de vaidades, por mais disfarçadas que sejam.

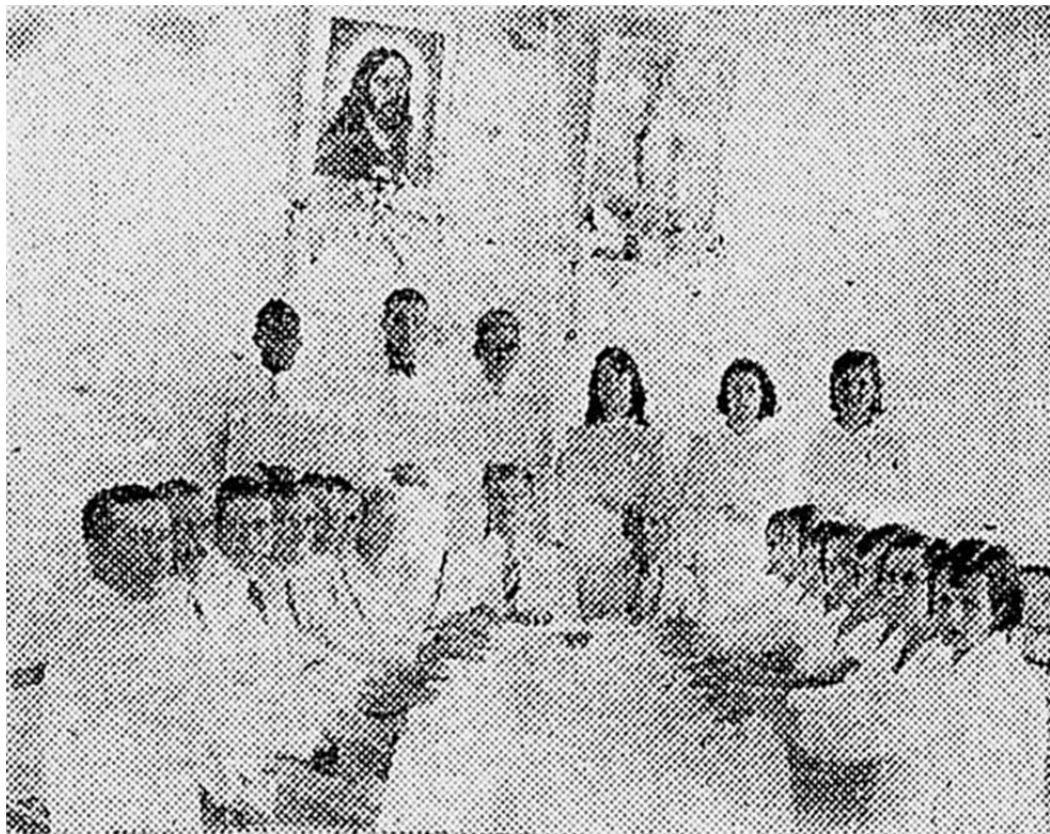
Todos os que se dedicam a essas práticas têm os seus afazeres materiais, de cujos proventos se mantêm bem ou mal, não temendo uma devassa em suas vidas, podendo os seus adversários ficar plenamente seguros de que a eles, mais do que aos seus antagonistas, lhes repugna a simples ideia de que possa haver criaturas humanas capazes de explorar a dor e o sofrimento de seus irmãos, fazendo do exercício da Caridade profissão ou meio de lucros pessoais.

O que se almeja como retribuição, pelos benefícios que é dado proporcionar é somente o que todos têm direito para desejar, é unicamente o progresso espiritual, convictos como estão da sinceridade de seus atos, sem desconhecer que a cada um cabe inteira e completa responsabilidade pelos mesmos, sejam eles bons ou maus, sendo suas consequências equivalentes e proporcionais.

Procura-se conquistar e fazer jus ao progresso espiritual, pela única forma que é dado conhecer-se para tal conseguir, ou seja, exercendo a Caridade, socorrendo todos os que batem às portas das Tendas em busca da mesma, valendo-lhes se Deus assim o permite.

Se desagradam a alguém as modalidades não serão de certo aos beneficiados, mas aos que, pela ignorância, pela falta de compreensão, preferem o comodismo da crítica e da negativa, a análise criteriosa, ao estudo e observação que provariam suficientemente a sua harmonia no campo em que são exercidos e o meio espiritual onde se desenrolam.

(Trecho de: Aprendiz. Diário de Notícias – Sábado, 27 de Abril de 1935 – 2ª seção)



Mediuns do Centro Espirita de Caridade Jesus e Maria da Graça, do Povoado de Monte Alegre, Município de Padua, Estado do Rio de Janeiro

Não é propriamente a defesa dos trabalhadores da “Linha Branca de Umbanda” que mais me preocupa, certo de que não podem ter acusações, nem seus acusadores, aqueles que têm a consciência perfeitamente tranqüila perante Deus, aqueles que têm a convicção sincera do fiel cumprimento dos deveres cristãos.

Os juízes improvisados julgam e classificam pelas aparências dos meios e com semelhante critério; não é de estranhar que classifiquem aqueles Obreiros da Caridade como mistificadores, feiticeiros, macumbeiros ou exploradores da credulidade pública, falsos espíritas e variadas designações deprimentes, procurando atrair sobre os mesmos a antipatia e a repugnância, isto sem a mais leve consideração e respeito pela idoneidade dos que emprestam sua solidariedade material à sua seção inofismavelmente caritativa.

Classifiquem-nos de ignorantes se isso lhes apraz, mas sem esquecer que por ignorantes, ou não possuir elevada cultura não é crime punível, nem tampouco razão bastante para impedir o cultivo dos mais dignos e nobres sentimentos de fraternidade ou a prática de atos que se harmonizem com os mesmos.

Acusam-nos de usarem modalidades incompatíveis com os hábitos dos povos civilizados, porque nos solidarizamos com práticas de entidades espirituais de condição silvícola, a qual lhes falha capacidade para julgar, seja real ou aparente, esquecidos da conveniência das finalidades, como se fosse a sua intenção proporcionar espetáculos extasiantes dos assistentes, quando muito mais nobre e altruísta é a missão que tem a desempenhar; dispensando perfeitamente os aplausos dos mestres na retórica espetaculosa na forma de agir daqueles Obreiros da Caridade, eu tenho visto apenas motivos para elevá-los no conceito moral das criaturas humanas, lamentando que ignorem que acusam; que condição indispensável ao progresso espiritual de todas as criaturas é o exercício do Bem, e que na certeza desta incontestável verdade não é dado a quem quer que seja o direito de impedir ou semear obstáculos a esse progresso; não explicarão de certo, com razão, porque recusam como meio e obra meritória a oportunidade que se lhes oferece para o exercício do Bem para com seus irmãos.

Esquecem-se ainda os irrefletidos juízes, de que precisamente os que mais necessitam de progredir são aqueles que consideramos em maior grau de atraso espiritual.

Esquecem-se de quem, do progresso coletivo, seja no mundo material ou espiritual, só poderão resultar benefícios comuns dos quais compartilhem sem dúvida alguma, os que os apontam e ocupam à condenação geral.

Ignoram, por completo, que aos Espíritos do espaço, no fiel cumprimento de nobres missões é facultado investirem-se de personalidades necessárias ou convenientes ao seu desempenho.

Ignoram certamente que lhes falha a eles, como a nós mesmos, autoridade e competência para desvendar segredos e verdades, que não estamos na altura de compreender, sendo demasiada pretensão exigir-se a revelação da verdadeira identidade de missionários que devem merecer, toda a nossa consideração e respeito pela sublimidade de seus atos, pelo poder de que se revestem e pelos benefícios resultantes dos mesmos.

Esquecem-se os críticos apressados de que entre as criaturas humanas nenhuma há que possua poderes ou capacidade bastante para ordenar se opere o progresso, em saltos, ao invés de gradativamente em obediência às leis que regem os destinos do Universo, ou sejam, Divinas.

Não sabem certamente os acusadores gratuitos de que, no estado primitivo em que se encontram nossos irmãos de aspecto silvícola no espaço, ou ainda na Terra, não podem conhecer ou usar senão hábitos e costumes, maneiras e linguagens que lhes são peculiares e conhecidos.

Seria uma utopia a pretender-se, exigir-lhes sua imediata adaptação ao meio que desconhecem, a sua rápida conversão em criaturas de nosso meio civilizado, antes que isso lhes seja possível e permitido, pelo seu grande desenvolvimento espiritual

(Trecho de: Aprendiz. Diário de Notícias – Terça-Feira, 30 de Abril de 1935 – 2ª seção)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – O ESPIRITISMO E SUAS MODALIDADES

Os símbolos, os cânticos e o cerimonial variados de que se revestem como complemento as práticas espíritas da “Linha Branca de Umbanda e Demanda”, para aqueles que habitam nos meios cultos e civilizados nenhuma significação tem; seriam inúteis, sem dúvida, mas não sucede o mesmo em relação ao meio espiritual em que se tornam precisos, onde se desenvolve sua completa ação, devidamente interpretados pelas entidades espirituais onde se explica toda a sua razão de ser.

Se conhecêssemos, se nos familiarizássemos com todas as raças, com os habitantes das regiões silvícolas, muitas ainda existentes em nosso Planeta, não nos surpreenderíamos com a variedade do cerimonial que representa seus hábitos e costumes tão variados quantos são os graus de sua civilização.

Ali está representada como em revista, a vida desses povos indígenas, na variedade de seus hábitos e costumes, na variedade de suas práticas de cunho religioso, da sua linguagem e de seu desenvolvimento moral.

Orientados e guiados por Espíritos esclarecidos, conhecedores de seus hábitos e de seu ritual religioso, são atraídos ou trazidos para os Terreiros de Umbanda, os irmãos desencarnados para que espontaneamente ou forçados, aliviem as vítimas terrenas de suas malignas cargas fluídicas (atuações), utilizados os mesmos depois de esclarecidos e convertidos em valorosos auxiliares a serviço da Caridade, na luta permanente dos bem intencionados contra os trabalhadores do mal, sabendo-se que toda a ação, seja ela benéfica ou maléfica, se exerce e se recente por energias fluídicas.

Como não ignoramos, os nossos irmãos, que no espaço ainda conservam uma condição de atraso primitivo, permanecem num estado que designamos terra a terra, motivo por que, sendo quase que materializados pela grosseria do seu corpo fluídico; esses infelizes mantêm uma convicção ilusória de que ainda se encontram encarnados, carecendo, portanto, de satisfazerem as mesmas necessidades psíquicas e todos os vícios da matéria, os quais ilusoriamente são satisfeitos, oferecidos na intenção de conquistar a sua simpatia e o seu concurso à causa do Bem da humanidade. Este é, sem dúvida alguma, e processo também usado pelos praticantes da Magia Negra para sua ação maléfica; há, portanto, que analisar e distinguir as verdadeiras finalidades, para que se não confundam pelos meios.

Por estas considerações se verifica que importância secundária tem para os assistentes materiais, as modalidades, em relação a nobreza dos fins e alvejar.

Não estranhemos o juízo daqueles que confundem os fins pela semelhança dos meios; apenas desejaríamos uma observação mais prudente, meticulosa e com melhor critério.

Dizem alguns e não sem razão, que os Espíritos não necessitam de satisfazer vícios que são próprios da matéria, mas, essa maneira de pensar se baseia no ponto de vista errôneo de os equiparar ao nosso grau de adiantamento, quando se encontram por sua infelicidade em um plano muito inferior,

Se os seus condutores no espaço com a nossa coparticipação lhe proporcionam a satisfação de seus vícios, procurando por essa forma sua obediência, sua subordinação, é pela impossibilidade em que se acham de convertê-los, obrigando-os a dar um salto na escala do progresso espiritual.

Para que melhor se compreenda, é preciso não desconhecer que na escala do progresso das criaturas humanas, o número de graus é infinitamente elevado, e que cada ser humano age, pensa e sente em perfeita harmonia com o grau que ocupa na escala do mesmo.

Se é verdade que os Espíritos desencarnados não possuem corpo material idêntico ao nosso, possuem, no entanto, um corpo fluídico de tal grosseria, que lhes dá a convicção de se encontrarem ainda encarnados, na posse de seu organismo psíquico, carecendo, portanto, da satisfação das necessidades inerentes do mesmo.

Aos médiuns videntes tem sido dado constatar esse fato, podendo identificar o grau de adiantamento dos Espíritos pela densidade de seu corpo fluídico, bem como pela luminosidade das irradiações emanadas pelo mesmo.

(Trecho de: Aprendiz. Diário de Notícias – Quinta-Feira, 02 de Maio de 1935 – 2ª seção)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – O ESPIRITISMO E SUAS MODALIDADES

Evidenciado, como ficou que os atos praticados nas Tendas de Caridade, embora parecendo obedecer a um ritual preestabelecido, ou parecendo a produto da fantasia de alguém, tem a sua razão de ser e a sua verdadeira significação no mundo espiritual em cujo meio se harmonizam.

Convenhamos que ninguém será capaz de levar a intransigência das suas ideias ao ponto de recusar seu salvamento num perigo eminente, somente pelo fato de ser negra ou bronzada a pele da mão que lhe é estendida, ou ainda porque essa mão não faça parte de um organismo de uma criatura culta.

Nenhuma criatura em perigo eminente se lembrará de exigir carteira de identidade e folha corrida ao seu salvador.

Será alguém capaz de negar o valor da esmola, ou desmerecer o ato de heroísmo pela humildade ou condição de ignorância do seu autor que a dá ou pratica animado de puros sentimentos fraternos?

Convenhamos afinal que tudo quanto existe tem na própria existência sua razão de ser, ainda que nos não seja dado encontrar sua explicação, e ainda que o Bem como o mal existem, sendo a sua ação permitida por Deus, na razão direta do merecimento de cada criatura.

Se não podemos arrancar das selvas aqueles que ali vivem ainda em seu estado selvagem, transformando-os por passe de magia em criaturas civilizadas comparadas às das grandes capitais, não nos é, pela mesma razão, possível efetuar essa transformação dos Espíritos ao espaço.

Se razões existem para que ainda habitem no Planeta Terra, não sei por que não admitir existam igualmente no espaço, e que em tais condições se nos apresentam e sejam identificados.

A missão na qual coadjuvamos, exercida pelos Espíritos esclarecidos, pode ser comparada a dos abnegados missionários que se embrenhando nas florestas virgens, levaram aos seus habitantes as luzes da nossa civilização, a fé religiosa e a crença em Deus. Para conseguirem aplacar as iras dos mais selvagens, atraindo as suas simpatias, os acumulavam, por vezes, de bugigangas, amuletos e gulodices, sem que isso constitua motivo de censuras e condenações.

Saibam ainda os nossos intolerantes julgadores, que tão relevantes são os benefícios prestados por esses humildes trabalhadores, tantos têm sido os sofrimentos de nossos irmãos por seu intermédio aliviados, que jamais poderemos permitir que sem o nosso protesto se ponha em dúvida a sua elevação moral, a nobreza da missão que desempenham, o valor e altruísmo de seus atos e suas palavras, o conforto de sua palavra cristã.

Não os acreditamos na obrigação de satisfazerem as dúvidas daqueles para quem os atos e os fatos são insuficientes provas, duvidam pelo prazer de duvidar, porque se fazem crer profundos conhecedores do que desconhecem.

Não será dos que duvidam que devem contas da sua elevada missão, mas sim, a quem tem o poder e a capacidade de lhe confiar.

Não nos move a nós a intenção de determinar diretrizes. de propagar ou aconselhar a generalidade de métodos e modalidades; nós a aceitamos, procurando simplesmente explicá-las bem assim a razão que nos orienta, sem esquecer que a cor da pele das criaturas humanas nunca foi símbolo de caráter, sem esquecer que a Caridade não é privilégio de intelectuais e demasiado egoísmo mantêm os que supuserem que um Negro ou um Caboclo seja incapaz de possuir todas as virtudes que são dadas possuir a qualquer outra criatura por mais civilizada que se a julgue.

(Trecho de: Aprendiz. Diário de Notícias – Sexta-Feira, 03 de Maio de 1935 – 2ª seção)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – O ESPIRITISMO E SUAS MODALIDADES

Confortamos a certeza absoluta de que muito mais a humanidade em geral será, sem dúvida, o seu progresso moral que o intelectual, fartos serão os benefícios regulantes de um futuro em que os nossos irmãos em atraso, hoje possam encarnar em nosso meio, já então encaminhados no exercício do Bem, pela educação que lhes é proporcionada nas práticas caritativas.

Acusam-nos de concorrermos para que aqueles nossos irmãos permaneçam no seu grau de atraso, mas essas acusações partem de um ponto de vista errôneo, não nos sendo possível, nem fazer com que estacione o progresso, nem impedir que um Espírito encarne tantas vezes quantas lhe sejam determinadas e precisas ao seu desenvolvimento espiritual, em obediência não a nós, que nada somos e nada valem, mas às Leis da Natureza que jamais poderão ser contrariadas por quem quer que seja.

O progresso se realiza em etapas, gradativamente em sucessivas encarnações e não em saltos como alguns assim o entendem.

Bem pernicioso tem sido o desenvolvimento da inteligência das criaturas humanas, quando desprovidas do freio da moral, funestas têm sido as consequências da intelectualidade, quando posta ao serviço do mal.

Dela tem saído o aperfeiçoamento dos aparelhos de guerra, os engenhos mortíferos, e os mais modernos processos de destruição humana, criação honrosa e digna de seus autores, atestado eloquente das suas qualidades morais, dos sentimentos morais, dos sentimentos paternos.

Toda a nossa preocupação deve voltar-se para o aperfeiçoamento moral das criaturas, especialmente aquelas que pela sua condição demonstram mais da mesma necessitar e assim, certos dessa imprescindível inadiável carência, todas as atividades se devem desenvolver dentro desse terreno, indiferentes aos juízes irrefletidos, ou aos que se interessa mais pelo exibicionismo das atitudes.

Que ninguém se atemorize com os apetrechos e os instrumentos da luta travada nos Terreiros; o seu uso se não é totalmente simbólico tem a sua ação toda fluídica, não se lhes dá a finalidade para a qual foram fabricados, Temos visto por vezes os médiuns nessas Tendões de Caridade absorverem cachaça (marafa), em quantidade mais que suficiente para fazer cambalear o mais inveterado bebedor, entretanto, nunca se viu nenhum desse médiuns com o mais leve sintoma de embriaguez, sendo de notar que alguns fora do estado mediúnico não suportam sequer o cheiro de bebidas alcoólicas, sendo que esse fenômeno se observa em relação a outras substâncias absorvidas das quais serve apenas a propriedade fluídica aproveitada para a ação espiritual.

Análise, pois, o contraste, e digamos com a sinceridade preciosa o que é mais nobre e digno: se utilizar ignorantes para combater o mal e seus autores, transformando-os em queixas da Caridade, ou utilizar irmãos cultos explorando um falso sentimento egoísta a que se chama patriotismo, atirando-os contra seus próprios irmãos em lutas inglórias nas quais os melhores prêmios são a orfandade, a viuvez, a mutilação dos que escapam com vida, a miséria e a dor?

Nas lutas travadas nos Terreiros de Umbanda, os soldados que formam em suas fileiras são armados sim, mas de sentimentos nobres, animados do desejo de praticar o Bem, convertendo o maior número possível de maldades, fazendo-os ingressar em suas fileiras enquanto que nas lutas terrenas servem aqueles que maior número de vítimas for capaz de fazer, fornecendo-lhes para tanto os mais hábeis engenhos que a inteligência humana tem conseguido engendrar. Quanto aos Guias Espirituais comandantes desse luta que se trava no espaço sem desfalecimentos, pouco lhes deve interessar que se os veja de pele bronzeada ou negra, possuindo inteira responsabilidade de sua missão, mais lhes deve preocupar o seu fiel desempenho, o seu bom e feliz êxito mesmo porque em verdade, aqui para nós, que não nos ouçam... aqueles que se supõem juízes, não são afinal réus.

Não vamos decerto fazer crer que sejam sedutoras as modalidades das práticas de Umbanda, no seu aspecto puramente vistas e contempladas no terreno das conveniências paramamente materiais, sem outra finalidade sendo, a espetaculosa.

Não é decerto agradável, mas necessária a ação exercida pelos trabalhadores da “Linha Branca de Umbanda” pelos riscos que correm, sofrendo as consequências naturais resultantes da luta travada no espaço, consequências a que se submetem todos quantos se envolvem em empreendimentos de tal natureza, muito embora sejam dignas de finalidades.

(Trecho de: Aprendiz. Diário de Notícias – Terça-Feira, 07 de Maio de 1935 – 2ª seção)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – O ESPIRITISMO E SUAS MODALIDADES

Parece, à primeira vista, um contrassenso a afirmativa de que são inevitáveis as consequências que se refletem sobre os trabalhadores da Caridade espírita, entretanto não é.

O Universo, em suas mais insignificantes coisas, é regido por leis naturais de perfeição imutáveis, pela mesma, nada, portanto, poderá existir fora dessas leis. Nós, como tudo mais, nos encontramos submissos às mesmas em todos os nossos atos, por mais insignificantes que pareçam ser.

Por tal prisma, o herói que se projeta no seio das ondas para salvar o náufrago seu irmão, a despeito do altruísmo de seu ato, não está livre do risco de perecer como vítima, das consequências de seu altruísmo.

Se desse mal aparente resulta um bem, não é, entretanto, por todos compreendidos, daí a variedade das sentenças quase tantos quantos são os juízes.

Esta é a situação em que se encontram aqueles que, no desempenho de uma nobre tarefa, heroicamente sofrem e suportam as consequências do meio em que se envolvem, sentindo e sofrendo as influências das cerradas cargas fluídicas dos infelizes que as carrega como bagagem de seu grande grau de atraso.

Esta é a situação dos abnegados médiuns, que cedem seu organismo material para a incorporação de Espíritos de uma condição de atraso tal, que provocam reações violentas, saindo por vezes ao menor descuido com contusões pela luta em que se debatem, sem que isso constitua razão para esmorecimentos, tendo a animá-los as benéficas intenções.

É. Sem dúvida, um sacrifício que os eleva, que os torna dignos de toda a consideração e gratidão da qual serão, sem dúvida, compensados, ainda que nos não seja dado testemunhar essa compensação, da qual não temos o direito de duvidar pela lógica do raciocínio.

Bem mais cômoda e agradável deve ser a convivência com os mais esclarecidos, mas a missão não é educar os já educados, não é dar lições de moral a quem delas não necessita. A missão desses infatigáveis Obreiros da Caridade consiste em arrancar das profundidades da escuridão dos abismos em que se encontram milhares de infelizes, nosso irmãos em espírito, levar-lhes a luz de que tanto necessitam; é procurar salvar os náufragos na eminência do perigo; é evitar que agravem as suas responsabilidades, pela persistência na prática do mal; esta é a verdadeira missão, e mais sublime não poderia ser.

Não lhes falta a compreensão do risco e da responsabilidade que sobre eles pesa; não desconhecem eles o terreno que palmilham, se grande é, entretanto, essa responsabilidade, não é menor a fé em Deus, e bem maior seu poder.

Por maior que sejam a maldade e a perversidade das criaturas humanas, não triunfarão sobre o Bem. Deus não permitirá nunca que os maus vençam os bons e bem intencionados.

(Trecho de: Aprendiz. Diário de Notícias – Terça-Feira, 08 de Maio de 1935 – 2ª seção)

PRÁTICAS ESPÍRITAS – O ESPIRITISMO E SUAS MODALIDADES

Nada haverá a recluir de mal, se tem dignas e nobres intenções; por ser-se espírita não se está isento das responsabilidades dos atos presentes e passados; convictos desta inconfundível verdade só por grande inadvertência se poderão argumentar agravando-se as responsabilidades já contraídas pela prática de atos que não sejam condignos com os mais elevados princípios espíritas cristãos, em perfeita harmonia com a consciência de crente e sincero praticante.

Deus não é para nós diferente, porque é o de todos; é único; nós o veneramos tanto ou mais do que aqueles que mais o veneram; não é Um Deus que possa ser monopolizado por literatos ou pelos que julgam possuir cultura ou moral privilegiadas, antes, assistindo com a sua misericórdia aos que dela mais necessitam pela sua pobreza de inteligência, de sentimentos e de bens materiais.

As portas das Tendias de Caridade nunca se fecham nem para os curiosos e menos ainda para os necessitados, ou para os que pretendam analisar a sinceridade da conduta dos seus obreiros, não existindo em absoluto a preocupação em disfarçar atitudes, certos de que ainda que fosse possível fazê-lo perante os homens, jamais se conseguirá perante Deus.

Não nos julgamos de tal covardia, capazes de recusar a Caridade, desviando-nos do caminho trilhado, receosos da crítica e condenação de juizes que demonstram sua falha de critério. Em nossas atividades espirituais não vamos além dos limites da permissão, crentes de que nos não é dado contrariar as Leis da Natureza, desenvolvendo-as em harmonia com o meio, sem pretendemos exigir como absurdo que irmãos nossos, cuja condição é ainda de inferioridade prematura se nos apresentem diferentes do que em verdade o são, como lhes é facultado serem, assim identificando perante nós.

Concordamos sem desconhecer que há casos em que o Espírito pode expressar-se em diversos idiomas, os quais lhe são desconhecidos, sendo necessário que as condições o permitam, nunca, porém, o poderão fazer por imposição de quem quer que seja para satisfazer a curiosidade ou a pretensão dos que se encontram com direitos de exigir que Espíritos, digamos, que se encontram no embrião da vida, conheçam hábitos, costumes e linguagens peculiares dos meios civilizados. Não pretendemos forçar os limites das leis da Natureza, nem nos seria possível fazê-lo sujeitando-nos ao ridículo das mistificações; se espinhoso é o caminho por onde trilhamos, não é menos honroso e digno.

Fiquem certos os inadvertidos que nos acusam de que quando não mais existirem no Universo, irmãos nossos encarnados ou desencarnados, em condições tão precárias de atraso, nenhuma razão de ser haverá que explique ou justifique as práticas espíritas em questão, ou sejam, as que se distinguem como da “Linha Branca de Umbanda”; até lá, porém, se justificam, pela necessidade de se tornarem necessárias.

Cabe-nos o dever fraterno caritativo cristão de envidar todas as atenções e esforços para promover os meios de progresso dos atrasados; não o conseguiremos certamente, evitando o convívio indispensável com nossos infelizes irmãos, nem decerto lançando-os no isolamento de nosso desprezo, furtando-lhes os meios e a oportunidade de progredirem pela forma mais nobre e digna que é o exercício da Caridade.

Nós não desejaríamos sentir o peso das consequências da vaidade e do orgulho dos que se julgam diminuídos e humilhados no convívio dos humildes, sabendo que se não regeneram criminosos, fazendo-os conviver com outros que ainda mais o sejam.

Estas são, repito ainda uma vez, as considerações que nasceram do raciocínio embrutecido ainda de um modesto.

(Trecho de: Aprendiz. Diário de Notícias – Quinta-Feira, 09 de Maio de 1935 – 2ª seção)

Depois de tudo lido, lembrei-me de alguns dizeres de Chico Xavier, dispostos no livro: “Com Você” – Carlos Bacelli:

“Se nas Casas Espíritas, que são consideradas mais liberais, já se aventou a possibilidade de se entregar o comentário apenas aos que fossem portadores do título de doutor ou professor, que dirá das outras religiões, onde os dogmas são tirânicos?”

“Às vezes, estamos tão separados, a ponto de uma outra autoridade religiosa de um outro culto dizer: Os espíritas do Brasil conseguiram ser inimigos íntimos”.

“Precisamos respeitar todos os trabalhos e todos os companheiros”.

Finalizando os artigos do Sr. José Rodrigues Lopes de Barros (Aprendiz), disporemos a reportagem onde o mesmo foi preso, somente por ser um trabalhador da Linha Branca de Umbanda e Demanda, em governo de Getúlio Vargas, pelo chefe de polícia: Filinto Müller, o qual agia por ordens superiores. Filinto Muller pronunciara-se totalmente favorável às atividades do espiritismo, julgando-o inofensivo ao regime, mas, agiu em nome da lei, a fim de prender os que eram julgados como suspeitos de agirem contra a lei, com grandíssima influência dos líderes católicos.

Observamos que, especificamente, o Aprendiz foi preso, dentre tantos outros umbandistas da frente intelectual em época; cremos que tal se deveu pelo fato de ter sido ele a ir em público, através de periódicos, em total franqueza, defender a Linha Branca de Umbanda e Demandar de seus detratores, que com certeza, deixaram-no em evidência, ocasionando rancores entre religiosos, que com certeza delataram-no como macumbeiro perante a polícia repressora, como era comum.

“... Em 1941, Filinto Müller, chefe da polícia no governo de Getúlio Vargas, passou a exigir o registro dos “Centros Espíritas” na Delegacia Política. Todas essas manobras legais justificaram o desencadeamento de mais uma forte onda de repressão aos Terreiros, na maioria das regiões brasileiras em que a religião estava fortemente implantada”... (“A discriminação contra as religiões afro-brasileiras: ontem e hoje” – Ari Pedro Oro e Daniel F. de Bem)

A UMBANDA E A IMPRENSA CATÓLICA



O Espiritismo e o Sr. Filinto Muller

O Sr. Filinto Muller impôs-se a conceito geral da nação pelas múltiplas medidas acertadas que tem tomado. É um patriota de boa fibra. (...)

Agora é a vez do espiritismo, a maior praga de minha terra. Começou com macumbeiros. Prendeu tudo quanto foi pai de santo dos Terreiros cariocas, que a Radio Tupi em tempo apresentara entusiasticamente em suas redes radiofônicas. Mandou-os para a ilha. Depois fechou todos os Centros, para uma regularização mais rigorosa, e nós sabíamos que poucos se salvavam. Inesperadamente, vem o Sr. chefe de polícia explicar atingirem suas medidas os centros suspeitos e não os dedicados a um culto religioso. Não apoiamos o Sr. chefe de polícia. Deve saber S. Ex.^a que todo o espiritismo é nefasto. De qualquer centro, alto ou baixo, saem os desequilibrados para o hospício.

Quer S. Ex.^a concordar com os Centros altos porque são frequentados pelos ricos e, uma vez alteradas as faculdades mentais, eles não precisam de hospícios porque tem o quibus necessário para seu tratamento? Essa medida é economicamente acertada, mas patrioticamente desastrosa.

Admite S. Ex.^a o funcionamento de certos Centros porque se dedicam a culto religioso. É um remanescente do liberalismo. Em matéria de religião o governo não se intromete. Mas aí é que está o absurdo. Permite a polícia a existência de certos Centros por motivos religiosos. Ora, onde ela devia inspirar-se para saber o que é religião? Junto às autoridades eclesiásticas brasileiras, que, mercê de Deus, não desmerecem no conceito universal da Igreja Católica. Então a polícia veria que no espiritismo o que há de religião não é religião, mas uma simples fachada para enganar a ela e outros coitados. (...)

A S. Ex.^a, o chefe de polícia do distrito federal apresento um critério acertado, já que ele está por meias medidas: Permitir o funcionamento de tantos Centros Espíritas quantas vagas disponíveis houver no hospício da Praia Vermelha.

Através desse artigo pode-se perceber a postura da Igreja em relação às últimas medidas repressivas tomadas pela chefatura de polícia do Rio de Janeiro em 1941. Vilaça critica as atitudes seletivas de Filinto Müller no que se refere ao combate do espiritismo, pois apesar de aplaudir a prisão de pais-de-santo e “macumbeiros”, a Igreja se mostra irritada e ao mesmo tempo surpresa com as atitudes do chefe de polícia, quando este resolve explicar o objetivo de suas medidas: atingir os “Centros suspeitos e não os dedicados a um culto religioso”.

Em função dessa postura, a Igreja acusa o Sr. Filinto Müller de querer manter os Centros ditos “altos” abertos por esses serem frequentados por pessoas “ricas”, levando o autor do texto a entender que Filinto Müller é um “remanescente do liberalismo”.

Nesse momento fica evidente o que Maggie já havia mostrado em relação aos processos criminais que analisou: o aparato policial acabava julgando a própria crença, pois se as medidas repressivas visavam fechar apenas os “centros suspeitos” então é porque a polícia julgava compreender o que era a “verdadeira religião”, ou seja, “sabia” diferenciar quando um Centro Espírita se dedicava ao “verdadeiro culto religioso” e quando se dedicava a “outras coisas” que não poderiam ser entendidas como religião...

(A Umbanda Vista do “Altar”: uma reflexão sobre a religião umbandista no discurso católico em Juiz de Fora – Dilaine Soares Sampaio. Este documento é de autoria de Fuchs Vilaça e foi retirado da Cruzada da Boa Imprensa para “O Lampadário”. É um dos mais interessantes, pois trata da postura da Igreja diante das atitudes do Sr. Filinto Müller enquanto chefe de polícia da capital, em 1941)

Díário de Notícias

SEGUNDA SECÇÃO

Terça-feira, 1.º de Abril de 1941

VAREJADOS SETENTA "TERREIROS" E PRESOS OITENTA "MACUMBEIROS"

Enérgica campanha policial contra os adeptos e os exploradores da "magia negra" — Como agiam os "pais de santo" para iludir os incautos — Alarmante o número de casos de alienação mental provocada pela "macumba"



Trinta e um dos oitenta macumbeiros presos pela policia e que vão passar seis meses na Ilha Grande, conforme noticiario que abaixo publicamos

Por determinação do Chefe de Polícia, a Diretoria Geral de Investigações, agindo em colaboração com a 1ª delegacia auxiliar e com a Secção de Repressão aos Tóxicos e Mistificações, iniciou, sexta-feira última, uma enérgica campanha contra os "macumbeiros" e demais adeptos da "magia-negra".

Esta nova "blitzkrieg" policial, realizada com a mesma técnica da campanha empregada contra o denominado "jogo do bicho", foi levada a efeito rapidamente, tendo sido para isso mobilizadas nada menos de trinta e cinco turmas de investigadores.

Nas diligências realizadas durante as primeiras quarenta e oito horas de trabalho, não só no centro da cidade, como na zona rural, a polícia varejou setenta casas de "macumba" ou "terreiros", prendendo cerca de oitenta mistificadores. Todos esses indivíduos, conhecidos e perigosos "pals de santo", bem como os que forem presos posteriormente, contra os quais pesarem acusações comprometedoras, serão recolhidos à Penitenciária Agrícola de Dois Rios, onde permanecerão pelo espaço de seis meses.

ESTATÍSTICAS ALARMANTES

A presente campanha, segundo informou à reportagem o diretor da D. G. I., foi determinada pelo major Filinto Muller, em virtude de uma solicitação do Hospital Nacional de Alienados e dos sanatórios e colônias existentes na capital.

Acompanhando a referida representação, as autoridades psicopatas fizeram chegar às mãos do Chefe de Polícia uma estatística alarmante sobre o número de doentes mentais ali recolhidos, em consequência da ação nefasta do baixo espiritismo.

Todas estas vítimas dos mistificadores eram fervorosas adeptas da "magia negra" e acabaram por ficar perturbadas das idéias com os rituais africanos...

COMO ERAM ILUDIDOS OS INCAUTOS

Os "macumbeiros" presos, em seus depoimentos, confessaram às autoridades como agiam para tornar mais rendosas as suas atividades. Salientaram que lançavam mão de tudo para impressionar os clientes. O aparato dos "terreiros", as vestimentas típicas, o aturdimento dos "atabaques", o bater furioso dos tambores, o misterio dos "pontos" riscados no chão, ilustrados com pólvora, punhais, etc., enfim tudo o que pudesse misturar o medo à confiança e ao respeito.

Para cada vítima que se apresentava, tinham eles, por intermédio de uma boa espionagem, conhecimento dos seus males e sofrimentos. E, por esta forma, diagnosticavam, doutrinavam, davam conselhos e se prontificavam a remediar situações aparentemente insalutíveis.

Quando erravam o que geralmente acontecia, alegavam que o "consulente" não havia observado as recomendações; e quando acertavam era mais um adepto da "felicitaria" que se juntava aos muitos que exploravam, valendo-se dos "gulas" e "canbonos".

OS "MACUMBEIROS" PRESOS

E' a seguinte a relação dos mistificadores presos:

Na rua Barão de São Francisco Filho n.º 221 - casa I, Manuel José Ferreira e Dolores de Carvalho Ferreira; na rua Luiz de Camões n.º 89 - sobrado, José Rodrigues Lopes de Barros; na Estrada do Caja n.º 165 - Penha, Heleno Babo e Adelaide Babo; na rua Nova Jerusalem n.º 204, Guimar Martins; na rua Capitão Carlos n.º 80, Elisa Lopes da Silva; na rua João Magalhães n.º 19, Jardel Rodrigues dos Santos; na rua Visconde de Itauna n.º 103, Fernando Copolino e Alberto Amorim Azevedo; na rua Lopes Quintas n.º 103, José Miguel Augusto e Jaime Miguel Augusto; na rua General Câmara n.º 60, Adelino de Almeida Guerra, Anibal Pimentel e Manuel Vasco; na rua da Bica n.º 16, José Francisco Vieira; na rua Nabuco de Araujo n.º 151, Lici Felisberto Penha; na rua Caracas n.º 34, Henriqueta Benedita da Glória e João

Lourenço das Mercês; na rua Eulina n.º 43, Leopoldina de Oliveira; na rua Carolina Amado s/n, Regina Maria Francisca; na rua Tapajoz n.º 10, Iolanda dos Santos; na Vila Ema, rua 4, casa VII, Idolina de Andrade; na rua Oliveira Ribeiro n.º 26 - Bangü, Dilermando Joventino da Silva; na rua Jacinto Alcides n.º 8, Cipriano dos Santos; na rua Coronel Rangel n.º 66, Cândido Narciso Camacho Gomes; na rua Zelia, n.º 4 - Madureira, Custodio Caravana Filho; na rua Rosa de Almeida n.º 44 - Bangü, José Francisco dos Santos; na rua Mario Carpenter n.º 206 - Engenho de Dentro, Ricardina Gomes da Costa; na rua Carmo Neto n.º 213, Altina Maria da Conceição; na rua Visconde Duprat n.º 10, Jupira Ferre; na rua Argentina Reis n.º 11 - Quintino Bocaluva, Secundina Rosa da Associação; na rua Soares Caldeira n.º 40, Luiza dos Santos; na rua Rubis n.º 48, Noemia Emilia Ribeiro; na rua Pluna n.º 38, Geraldo de Oliveira; na rua Tomaz Lopes, n.º 262 Hortência Blache de Araujo; na Estrada Braz de Pina n.º 966, Otília Costa; na rua Idomé n.º 604, Aristolino da Silva Coelho; no Morro da Cachoeirinha - Cabuçu, Luiza de Sousa e Judite Oliveira da Silva; na rua Arassuaí n.º 11, Alvaro Rodrigues da Costa; na rua Piumi s/n, Maria de Lourdes; na rua Roberto da Silva n.º 158, Maria das Dores Neze; na rua Almoré n.º 189, Francisco Germano dos Santos e Maria Alice; na Travessa Oeiras n.º 24, José Joaquim Ferreira da Silva; na rua Ouricá n.º 655, Valdemar de Sousa e Cecília dos Santos; na rua José Vicente n.º 60 - fundos, Joana da Cruz Parres; na rua Ferreira Catão n.º 236, Gumerindo Pereira Duarte; na rua Pernambuco n.º 154, Armando Manuel de Melo; na rua Ferraz n.º 123, Benedito Cunha.

José Luiz da Costa, José Batista Barcelos, Josefa Murilo Passos, Manuel Passos Salgado, Manuel Rodrigues Filho, Manuel Pestana, José Antonio da Silva Elzio dos Santos, Carlos José da Silva Junior, Maria Isabel, Jairo Teixeira, Marieta Oliveira de Assiz, Benedito dos Santos, Pedro Luiz da Silva, Fernanda Ildia da Conceição, Sezinando José da Silva, Manuel Fernandes, José Peixoto, Américo Bispo de Oliveira, Sebastião Menezes da Costa, Augusta Lima de Azevedo, Benedita Fernandes, Maria Nazaré da Costa, Francisca Justina da Silva, Rosa Fernandes, Isabel Duarte, Maria Isabel da Silva e Bernardino Carneiro de Araujo.

"REIS" E "RAINHAS" DA "MACUMBA"

JOSEFA PASSOS MURILHO, residente à rua Ana Leonidia, n. 217, com 52 anos de idade, é proprietária de muitos terrenos e dona da companhia de ônibus "Viação Brasil". Prática a

doutrina há 11 anos. Especializada em "passes".

JUPIRA FERRE (cabocla Jupira), residente à rua Visconde Duprat, n. 10, sobrado, com 40 anos de idade, trabalhando há 20 anos na "magia negra", sob a "proteção Euxorsse" "Caboclo Pena Branca". É especializada em "despachos", joga "busos" e faz "reações" de "comida de Anjo da Guarda", desmancha e faz casamentos. Figura principal e popularíssima nos meios dos crentes do "terreiro".

LICI PENHA, residente à rua Nabuco de Araujo, n. 151, em Bento Ribeiro, com 30 anos de idade, trabalha há 3 anos como dona de "terreiro". Protegida por "Inhassan", especializada em "Ebó", que quer dizer "despacho". Também receita, dá passes e "reza".

AUGUSTA LINA DE AZEVEDO, residente à rua Abassi, n. 159, em Osvaldo Cruz, com 59 anos de idade, trabalha há mais de 30 anos na "magia negra", protegida por "Exum" (Rainha das Águas). Especializada em "trabalhos" e "despachos" para as curas dos males de amor.

ALTINA MARIA DA CONCEIÇÃO, residente à rua Carmo Neto, n. 213, Cidade Nova, filha de africanos legítimos, tem 45 anos de idade, trabalha há mais de 10 anos nos "serviços de terreiro" sob a proteção de "Oxalá". É especializada nas "rezas", nos "passes" e em "banhos". "Feça" e "abre" corpos. Executa todos os "trabalhos da magia".

RICARDINA GOMES DA COSTA, residente à rua Mario Carpenter, n. 206, no Encantado, com 45 anos de idade, trabalha há 8 anos no "terreiro", "protegida" de "Vovó Maria", especializada em "problemas do coração", dando também "consultas" e "recelando" para doentes da alma e do corpo.

DOLORES DE CARVALHO FERREIRA, residente à rua Barão de São Francisco Filho, n. 221, casa I, com 47 anos de idade, pratica a "doutrina" há 2 anos, "protegida" de "Cango Mirim", especializada em "reza" d'água.

ADELAIDE RIBEIRO BABQ, residente à estrada Cajá, n. 155, na Penha, com 41 anos de idade, trabalha há 5 anos na "magia", tem como protetor o "Caboclo 7 Estrelas", faz "sessões", dá "passes", "reza" e faz "trabalhos".

ADELAIDE RIBEIRO BABO, residente à estrada Cajá, n. 155, na Penha, com 41 anos de idade, trabalha há 5 anos na "magia", tem como protetor o "Caboclo 7 Estrelas", faz "sessões", dá "passes", "reza" e faz "trabalhos".

HORTENCIA BLANCHE DE ARAUJO, residente à rua Tomaz Lopes, n. 266, na Penha, com 43 anos de idade, "trabalha" há 10 anos em "serviços" de "terreiro" com o "protetor" "Caboclo Rompe Mato". Joga "buzos" e é "especializada em despachos".

DILERMANDO JUVENTINO DA SILVA, residente à rua Oliveira Ribeiro, n. 26, em Bangú, com 45 anos de idade, "trabalhando" há mais de 10 anos em toda a espécie de "serviços" da "magia negra". Filho do grande "chefe de terreiro" Napoleão Juven- tino da Silva, que deixou renome no Estado do Rio. É protegido pelo "rei do Gongo". Exerce o "poder de Cura", dando "receitas e medicamen- tos" para os males do corpo. Especial- izado em "dar geito" nos "casos" considerados "perdidos", na ciência dos esculapios. Não acredita na "cura" dos males do coração, "festeiro afri- cano" dos mais célebres no Distrito Federal.

CUSTODIO DE SOUSA CARAVANA FILHO, residente à rua Zelia, n. 4, em Madureira, com 27 anos de idade, trabalhando há muitos anos na "dou- trina", filho do grande "chefe" Custodio de Sousa Caravana, "céle- bre" na "prática dos serviços" da "magia negra". Custodio é presidente do centro "S. Sebastião de Queima- dos". É proprietário de várias casas e sítios, tem uma renda de mais de 4:000\$000. Especializado em "trabalhos" da alma e do coração. O centro de sua direção é o mais procurado pelos "crentes".

CIPRIANO DOS SANTOS, residente à rua Jacinto Alcides, n. 83, em Ban- gú, exerce os "serviços" da "magia negra", há mais de 12 anos, sob a proteção de "São Cosme e São Da- mião". É especializado em "passes e rezas", diz-se "procurador" por mi- lhares de crentes.

FERNANDO COPOLINO, residente à rua Visconde de Irauna, n. 103, com 28 anos de idade, "trabalha" há 5 anos, sob a "proteção" de "S. Jorge", dá "passes" e faz "rezas".

JOSE FRANCISCO DOS SANTOS, residente à rua Rosa de Almeida, n. 44, em Bangú, conhecidíssimo pela al- cunha de "José Marinheiro", com 52 anos de idade, exercendo a prática da "magia negra" há mais de 25 anos, sob a "proteção" do velho "Joaquim Africano". É procurado principalmen- te pelos "maiorais da cidade". Só aceita "trabalho" de "gente impor- tante", "reza", dá "passes" e "re- ceita". Sua "tenda", chamada a do "Senhor do Bonfim", é das mais bem frequentadas de Bangú.

CARLOS JOSE DA SILVA JUNIOR, residente à rua Barão de Cotegipe, n. 79, casa III, com 49 anos de idade, "trabalha" na "magia" há mais de 15 anos, "receita", dá "passes" e "exe- cuta trabalhos" e é especializado em casos de amor.

CÂNDIDO NARCISO DE CAMACHO, GOMES, residente à rua Coronel Ran- gel, n. 66, Cascadura, português, com 48 anos de idade, "trabalha" na "ma- gia" há mais de 28 anos, sob a "pro- teção" de "Xangô". Considera-se "grande iluminado". É iniciador de "mediumnidades", dá "passes", faz "rezas" e "receita".

SIZENANDO JOSE DA SILVA, resi- dente à rua Cardoso de Melo, n. 52, em Osvaldo Cruz, com 60 anos de ida- de, filho de índios, trabalhando há 16 anos para a "magia negra", no "terreiro" e no "estado", sob a pro- teção do "Caboclo Iama". Especiali- zado na "terapêutica" de loucura, di- zendo ter "curado" inúmeros "casos", trabalha em toda sorte de "ebô", que na linguagem "macumbeira" quer di- zer "despacho".

Depois desse episódio, cremos que por força coercitiva, o Sr. José Rodrigues Lopes de Barros (Aprendiz) calou-se; não encontramos mais nenhuma reportagem assinada por ele.

CURIOSIDADES

Em meio às pesquisas efetuadas em periódicos disponibilizados, desde 1908, encontramos algumas reportagens curiosas que se referem a Umbanda. Disponibilizaremos as que achamos importantes:

A primeira, parecendo ironia, de 1916, portanto, após 08 anos da fundação, encontramos o termo – Umbanda –, pela primeira vez, num pequeno anúncio alusivo a um “comercial”.

CORREIO DA MANHÃ — Terça-feira, 21 de Março de 1916

CASA DE UMBANDA
HERVAS MEDICINAES
Trata-se sobre atrasos de vida e
qualquer negocio para o bem estar.
Consultas gratis, para os enfermos.
Medium somnambulo. Das 10 da manhã
às 4 da tarde. Rua Lia Barbosa n. 15,
em frente á estação do Meyer.
(J. 3784)

O próximo, de 1923, portanto, 16 anos após a fundação, muito interessante, relata o culto conhecido em época por Macumba, onde cita a “Linha de Umbanda”. O que nos chamou a atenção, para a época, é que se trata de uma reportagem séria, sem toques de preconceitos, onde o repórter tenta elucidar da melhor maneira possível.

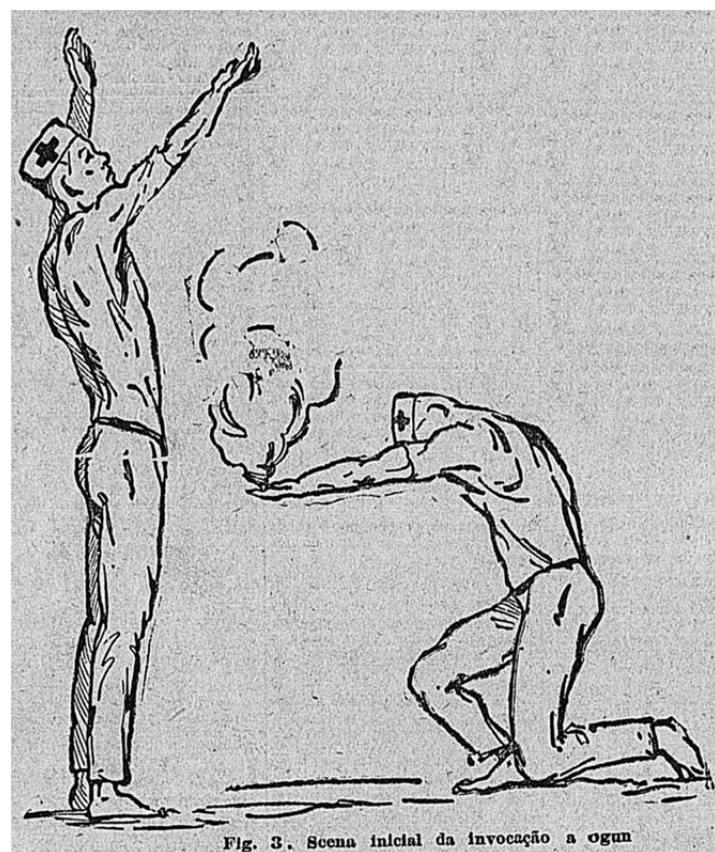
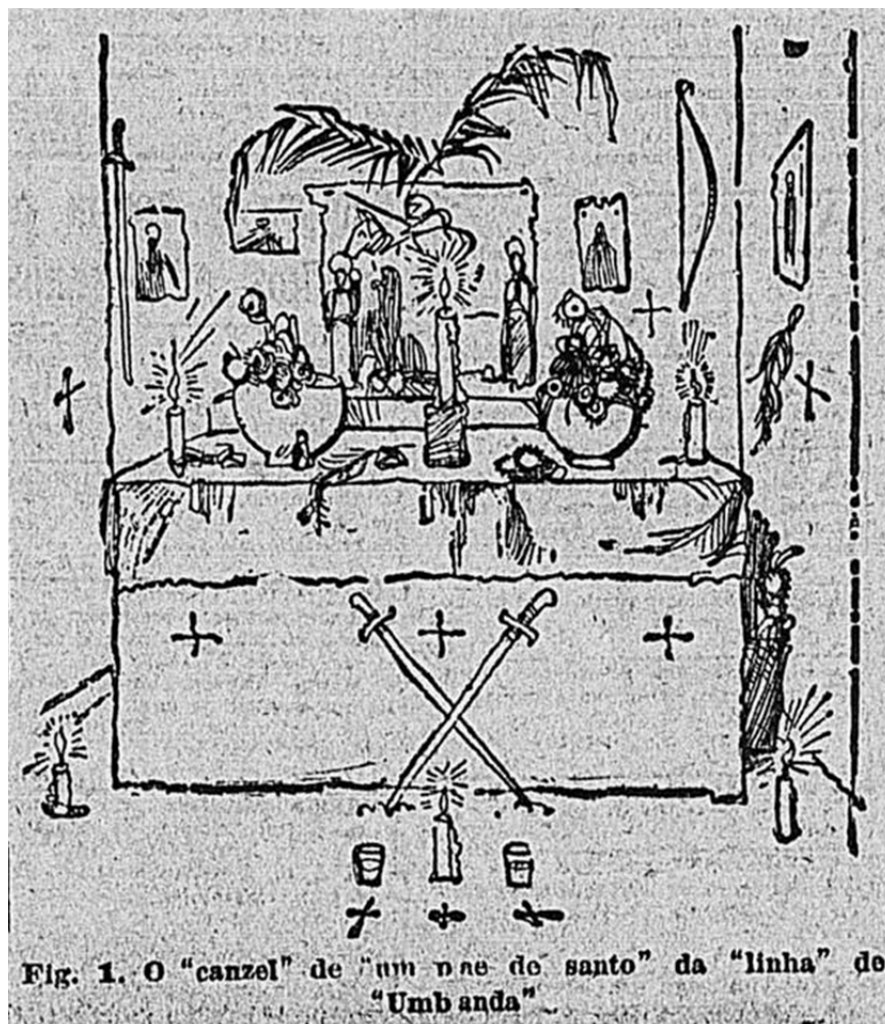
Reparem a similitude atual, principalmente no canzuá (dito em época: canzol ou canzel), e no “bonezinho”, conhecido hoje como: filá, que invariavelmente tem bordado no topo e nas laterais, uma cruz. Foi a primeira reportagem onde encontramos citado no termo Umbanda, utilizado como indicativo de culto religioso:

Correio da Manhã
Propriedade de EDMUNDO BITTENCOURT & Cia Limitada

RIO DE JANEIRO — TERÇA-FEIRA, 4 DE SETEMBRO DE 1923

O MYSTERIO DA 'MACUMBA'
Curiosas revelações sobre os ritos africanos no Brasil

**UM ESBOÇO DA COSMOGONIA, SEGUNDO OS
ENSINAMENTOS DOS "PAES DE SANTO"**



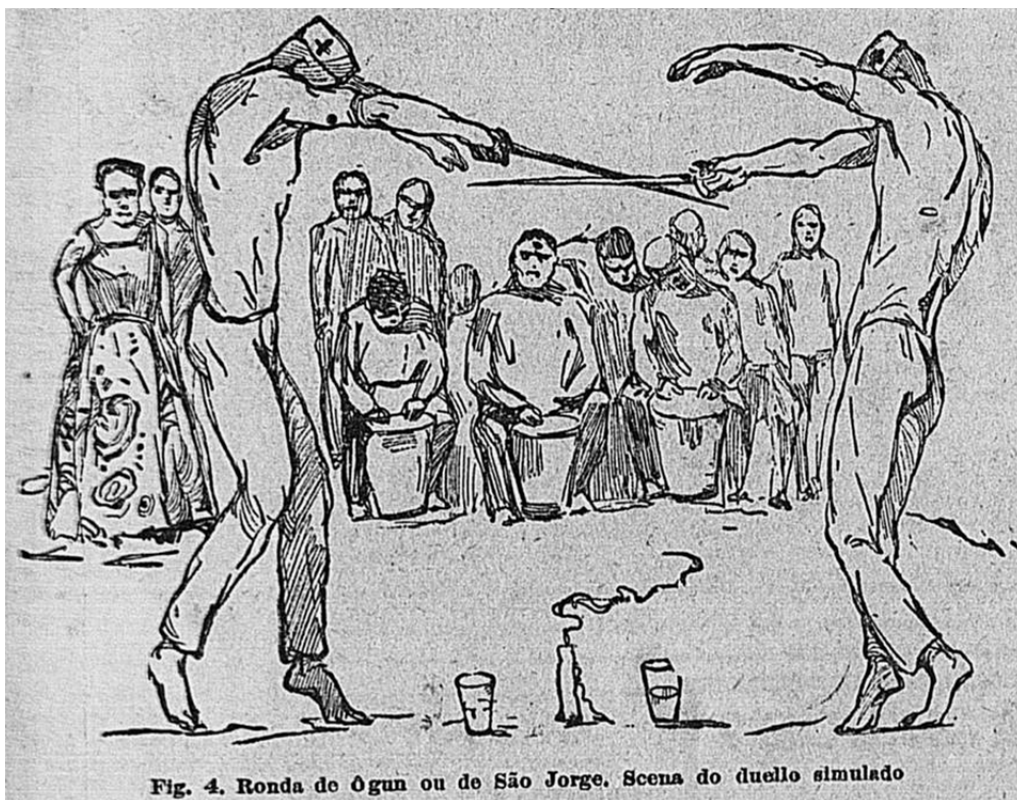


Fig. 4. Ronda de Ògun ou de São Jorge. Cena do duello simulado

Uma revelação * desconcertante para o leitor: os povos barbaros da Africa, como os indios selvagens da America, não são fetichistas, nem praticam simplesmente o animismo.

São espiritualistas.

Lançada assim, a affirmativa causará espanto, pois a opinião universal — contraditada apenas e de maneira vaga por poucos sabios — admite piamente os ensinamentos de missionarios que viram feiço, em tudo que se afastava da sua fé, ou de viajantes e ethnographos materialistas que, observando as coisas superficialmente, reduziram a totemismo ou a animismo todas as manifestações religiosas, cujo sentido intimo não puderam penetrar.

A verdade, entretanto, é o contrario. E a prova, quanto aos africanos (dos indios tratarei quando se me offerecer outra oportunidade), pôde ser encontrada aqui, mesmo no Brasil, entre os descendentes dos milhões de escravos que, durante tres seculos de martyrio, amassaram, com suor e sangue os alçercos economicos da grandeza nacional. Elles trouxeram para o

soo americano costumes, dansas e ritos originarios de suas terras, e seus descendentes ainda os conservam e praticam na forma quasi primitiva, se bem tenham sido influenciados pelo Catholicismo.

Estudando-se esses ritos, em torno dos quaes já correm lendas, pôde-se observar a capacidade creadora de raças inferiores que, não obstante um grande atrazo intellectual, tinham alcançado, desde tempos immemoriaes, uma alta concepção da Vida e do Universo, notavel, principalmente, pela sua extraordinaria semelhança com a concepção biblica, segundo a moderna exegese dos tratadistas do Espiritismo e da Theosophia, fóro do espirito dogmatico do Catholicismo.

Todas as formas religiosas africanas praticadas no Brasil, com denominações varias e pequenas divergencias de detalhe no dogma e no ritual, conforme as regiões de onde procedam, são, na essencia, variantes da Macumba, rito que me parece a expressão mais primitiva e rudimentar do espiritualismo.

Se não, vejamos.

O DOGMA

O dogma da *Macumba* é simples, ao contrario do ritual que, como o de todas as religiões no seu período primitivo, é tremendamente complicado.

Para sua fácil comprehensão, convém ficar salientada aqui a existencia das variantes a que me referi e que são seitas ou *escolas*, simples maneiras, ligeiramente diversas, de se interpretar o dogma ou cumprir o ritual, peculiares ás diferentes raças, e a cada uma das quaes os adeptos, entre si, dão a denominação de *linha* ou de *lei*. Dahi, o haver a *linha de Umbanda*, dos povos de Angola e do Congo, que é a mais conhecida nesta capital e que recebeu mais directa e profunda influencia do Catholicismo; a *linha do Candomblé*, praticada largamente na Bahia pelos individuos da raça *nagô*, oriunda de certa região vizinha do Dhomey, á qual ethnographos europeus attribuem, não sei por que, uma *religião do sangue*, cuja natureza, infelizmente, não nos sabem explicar nas suas obras: a *linha de Gêge*, dos

individuos da raça do mesmo nome; e outras ainda de menor vulto, dada a diminuta porcentagem de representantes de outras raças negras no Brasil.

A *linha de Umbanda*, supponho, deve ser uma forma eclectica, pois parece uma verdadeira fusão das outras *linhas*, das quaes contém innumerables caracteristicos. Por esse motivo, e pela difficuldade de examinar, num simples artigo de jornal, cada uma dellas de per si, tomo aquella para objecto deste ligeiro estudo.

CONCEPÇÃO DO UNIVERSO E DA VIDA

Religião de povos atrezados e incultos, a *Macumba* não possui uma biblia que coordene e transmita a doutrina. O seu dogma está na tradição oral dos adeptos e vem passando, de geração em geração, sendo, por isso, absolutamente impos-

sivel asignalhar-lhe uma origem, um fundador, uma historia.

Tendo feito, no *bas-fond* carioca, um inquerito meticoloso e paciente que durou annos, cheguei, finalmente, depois de muita observação e

muito interrogatorio, ao seguinte esboço de cosmogonia segundo os ensinamentos dos *pães* de

(I):

I

O Universo é unico sob dois aspectos: um visivel, outro invisivel.

Todos os seres — asnos, homens, animaes, plantas, pedras, etc. — participam dessa dupla natureza e tem, portanto, dois aspectos: corpo e alma, isto é, visivel e invisivel.

II

Oxalá é o Rei do Universo, divindade suprema, pae e senhor, absoluto de tudo e de todos, cuja vontade criou e mantém o céu, a terra, o Mar, os Astros e todos Seres.

III

Oxalá é bom porque é pae, e é justo porque é bom. Tudo que faz, a sua mesmo parecendo mau para as suas creaturas, é util a ella, porque só elle sabe o que é bom, o que é justo, o que é util.

IV

Oxalá mora no Céu, num palacio maravilhoso e encantado, para lá da Lua, para lá do Sol, ainda mais para lá da região azul das estrelas.

V

E, de seu throno, que ha de ser deslumbrante pois que é o do Rei de Tudo, administra o Reino por intermedio de uma infinidade de servidores, agentes da sua vontade, fiéis executores de suas ordens, que percorrem os quatro cantos do mundo como passaros, como ventos.

VI

Os servidores de *Oxalá* são entidades de ordem espiritual, dotadas de poderes proporcionaes aos attributos na hierarchia. São tres esses grãos: — *Tatá*, *Orixá* e *Quiumba*. Correspondem, pelas funções, na hierarchia do Catholicismo, a: *Archanjo*, *Santo* e *Alma*.

Os *Tatás* têm a seu cargo a direcção de grandes divisões do Universo, e d'elles o maior é o proprio *Oxalá* que recebe por isso, a denominação de *Tatá Grande*.

Os *Orixás* são os zeladores dos reinos da Natureza e dos agrupamentos humanos, como os santos catholicos são padroeiros de paizes, cidades e instituições.

Os *Quiumbas* são as almas dos mortos, que, separadas dos seus antigos corpos, vagam no espaço, enquanto esperam novo nascimento.

O *Quimba* nasce para *penar*. Morre, voltando ao aspecto invisivel e, no intervallo de duas vidas, vagueia pelos logares em que viveu, acompanha e auxilia os parentes e amigos, ou persegue os inimigos se ainda lhes conserva odio. A proporção que se succedem as suas reencarnações, melhora, desenvolve-se, adquire conhecimentos e poderes, e vae assim tornando-se, aos poucos, em *Orixá*. Este, por sua vez e pelo mesmo processo, pôde chegar a *Tatá*.

VII

Cada *Quiumba* incarnado, isto é, cada um de nós não está abandonado sobre a superficie da Terra, porque um *Orixá* (tal como o *Anjo da Guarda*, do Catholicismo, e o *Protector*, do Espiritismo), acompanha-lhe os passos attentamente, procurando oriental-o no caminho bom e desviando os perigos que o ameaçam. Esse *Orixá* é o *santo* de cada um.

Por esse esboço, que resumi reproduzindo, com a mais approximada fidelidade, as idéas e até as expressões dos *macumbeiros*, verifica-se quanto elles se avizinham da concepção b.b.l.ca. creando uma religião espiritualista bastante adeantada no dogma pelo menos, relativamente ao atrazo intellectual em que se encontram ainda hoje.

HIERARCHIA DOS ADEPTOS

A hierarchia dos adeptos comporta quatro grãos: *Cafiôto* (filho), simples crente que observa e cumpre as regras do rito: *Ogan* (masc.) e *Gibonan* (fem.), homem e mulher por cujo corpo, dotado de qualidades mediumnicas, os *Orixás* e os *Quiumbas* se manifestam nos actos do ceremonial; *Cambondo*, *ogan*, instruído nos principaes mysterios da linha e que, por isso, desempenha as funções de auxiliar ou sacristão do sacerdote; e *Pae de Santo* ou *Mãe de Santo*, sacerdote ou sacerdotiza do rito, que conhece o mysterio dirige as ceremonias invoca os *Orixás* e os *Quiumbas*, e faz e desfaz trabalhos...

O "CANZOL"

A *Macumba* não tem organização, nem ha, entre as diversas linhas como entre os proprios *paes de santo* de uma mesma linha, nenhum entendimento, nenhuma união, nenhuma idéa de solidariedade que as

ligue num corpo só com um aparelhamento estabelecido, conforme succede ás outras religiões.

Por isso, não ha tambem templos para o culto, nem escolas onde se preparem os candidatos ao sacerdocio.

Cada *pae de santo* pontifica isoladamente perante o seu povo. Elle mesmo inicia os *cafiôtos* no rito e ensina a *mironga* da sua lingua aos que demonstram aptidão para o grão de *ogan* ou de *gibonan*, como prepara estes para *cambondos* e, dos *cambondos*, escolhe, instrue e sagra os futuros *paes de santo*.

Dalhi, as pequenas divergências que se observam dentro da mesma linha na interpretação do dogma e na pratica do ritual.

Todo *pae de santo* tem, em sua casa, um compartimento especial, que recebe a denominação de *Canzol*, reservado para oratorio, e no qual elle arma o estado do seu santo, especie de altar como o das egrejas, contendo imagens e uma infinidade de objectos utilizados no culto ou no preparo dos trabalhos: espadas — *symbols dos poderes dos Orixás de raça branco, como Ogum* (S. Jorge) e *Xangô* (S. Sebastião); flores, conchas e pedras do fundo do mar — *symbols dos Orixás das Aguas, como Yamanjá* (Yara, dos indios, e Mãe d'Agua, dos caboclos); arco e flexas — *symbols dos poderes dos Orixás do Matto, como Poê, Pombagira e Eirun*; espingardas do typo *pi-co-pão* — *symbols dos poderes dos caboclos*; páos, bengalas, porrêtes — *symbols dos poderes dos Orixás do Congo, da Angola e da Guiné*. Além desses objectos symbolicos, ha sempre no *Canzol*: facas, cachimbos, pólvora, cera, fumo,ervas, sementes, pelles e chifres de animais, figas, bentinchos, giz, pedra de cevar, busos, collares especiais de vidro ou de taquarinha, chamados *guias de santo* e que todo individuo, ao ser iniciado no rito, recebe das mãos do *pae de santo* e passa a usar, no pescoço, durante o resto da vida...

O *Canzol* conserva-se fechado communmente e só se abre, nos dias de ceremonial, para retirada dos objectos do culto, ou, em occasiões especiais, para a realização de trabalhos secretos, como *fechamento de corpo* e outros, que não devem ser executados deante de todos os fideis.

O RITUAL

O ritual da *Macumba* é uma serie de ceremonias de invocação aos *Orixás* e aos *Quiumbas*, empregando-se canticos, dansas, encantamentos e operações magicas para que elles, incorporando-se aos *ôgans* ou *ês gybonans*, possam entrar em comunicação com os fideis e attender aos seus pedidos.

Tudo se passa, ao ar livre, no terreiro, e, só em caso de chuva ou de receio da policia, é que se executa dentro de casa e a portas fechadas.

Fôrma-se uma grande roda em que homens e mulheres tomam posição, em pé ou sentados em pedras, troncos, tamboretas ou bancos, sem ordem de collocação. Apenas os torçadores de *tabaques* (tambôres conicos, feitos de troncos excavados), ficam todos mais ou menos juntos devido à necessidade de uniformizar o rythmo, elemento de summa importancia no ceremonial.

É' então que o *pae de santo*, depois de ter feito algumas orações no *Canzol* apparece, acompanhado pelos *tamboradas* e todo paramentado, isto é, mettido numa camisa vermelha e

com a cabeça enfiada num gôrro da mesma cor, tendo nos lados e no torço uma cruz e um friso dourados, colloca-se no centro da roda e dá inicio ao ceremonial, ficando, no chão, uma vela accesa entre dois copos contendo agua. Ajoelhado ante a vela, sacode com a mão direita e atira á frente o *songôrô* (meia dúzia de busca), cantando, ao mesmo tempo, o *ponto da licença* para abertura da *mesa*, isto é, da cerimonia a realizar-se, *ponto* que os fideis, em côro, repetem como uma ladainha:

"Dá licença,
Oîê,
Dono do Reino?
Dá licença,
Oîê,
Dono do Reino?"

Conforme a posição dos busos — caindo metade branca, metade preta, ou a totalidade de uma só cor — considera-se dada a licença. Se, porém, ha desencontre, repete-se a operação mais duas vezes e, segundo o resultado, faz-se ou não se faz a cerimonia.

Dada a licença, levanta-se, suspende o *ponto*, que estava sendo cantado, e, em silencio, reza mentalmente, durante alguns minutos, certas orações que só elle sabe e só transmite aos *cambondos*, quando os sagra sacerdotes. Depois, com o dedo, risca no chão o signo cabalístico do *Orixá* que vae *arriar*, e começa a cantar, acompanhado pelo coro dos adeptos e pelo *rythmo* monotonos dos *tabaques*, uma outra oração que é o *iman* desse *Orixá*, isto é, a oração especial, para invocal-o, porque para cada um ha signo e *iman* proprios. Ao mesmo tempo chama para o centro da roda e colloca, em duas filas, numas os *ôgans*, e noutra, as *gibondas*, para a dança que, então, se inicia e dá a impressão de uma quadrilha barbara em que os individuos se movem

isoladamente, sem formação de pares, mas mudando de posição segundo o canto como se este marcasse o desenvolvimento do bailado. Os fieis repotem o *iman*, acompanhando-o com palmas.

Em pouco tempo, começa a exaltação dos sentidos. A ladainha accelera-se, accelerando a dança e transformando a expressão physiologica dos individuos, cujos olhos arregalados e fixos, parecem, então, encobertos por uma névoa vitrificada...

Approxima-se o momento de *des-cida* do *Orixá*.

O *pae de santo*, sentindo essa approximação, cujo successo depen-

de, em grande parte, da firmeza e da intensidade do *rythmo* — pois o que se está fazendo é verdadeiro *encantamento magnetico*, operação empregada, em todos os tempos, por todos os povos nos trabalhos de magia — entusiasma os fieis, excitando-os com exclamações, para

citando-os a mais exaltar o canto e, assim, fortalecer a cadeia formada pela concentração de todas as atenções:

— *Eh, mias fio! Eh, guentá iman, mias fio!*

Outras vezes, e para o mesmo fim, intercala no canto o seguinte estribilho:

"Oi, chama, chama,
Que elle ven!
Oi, chama, chama,
Que elle ven!"

E, de facto, vem. Lá pelas tantas, *arria* o *Orixá* sobre um *ôgan* ou uma *gybonan*, tomando-lhe, de assalto, o corpo e incorporando-se-lhe com tal vehemencia que quasi sempre o atira violentamente ao chão. Levanta-se e, mal se apruma entra a *brincar*, isto é, a dansar, o que faz durante muito tempo. De um dos *Orixás* mais fortes.

Todos os annos, no seu dia (23 de abril), faz-se uma grande festa em homenagem a esse *santo*.

O ceremonial é o mesmo quanto á abertura dos trabalhos, mas a invocação differe da usada em outros casos.

Um *cambondo*, escolhido para recebê-lo, ajoelha-se deante da vela, e, cabeça pendida para a frente, estende o braço esquerdo, horizontalmente, em linha recta.

O *pae de santo* tira, então, o seu *iman*:

"Ogun-ê-ê!"

Ogun-ê-ê!"

Depois que todos os fieis, formando o coro, alcançam a entoação necessaria, o outro *cambondo*, a um signal do *pae de santo*, approxima-se do primeiro, despeja-lhe certa quantidade de polvora na palma da mão e, em seguida, incendeia-se com um phosphoro ou um tição.

Dá-se a explosão. Immediatamente, *baixa Ogun*, apoderando-se do seu corpo, dominando-o por completo.

O *pae de santo*, com novo gesto, suspende o canto e muda o *ponto*:

"Saravá, Ogun,
Saravá!
Saravá, minha corôa,
Saravá!" (2).

É o *côro* responde, com diferença de uma oitava no tom:

"Saravá, Ogun,
Saravá!
Saravá, minha corôa,
Saravá!"

Ogun, possuidor do corpo do *cambondo*, montado nelle, o conduz aos *corcovos* pela roda, primeiramente acurvado, equilibrando-se com dificuldade, e, depois, aos poucos apurando-se, até poder dansar.

O canto continúa, entrecortado, de quando em vez, pelo *pae de santo* que o reforça, recomendando:

— *Eh, mias fio! Óia a ronda!*
Guenta ponto, mias fio. Eh, óia
Ogun, mias fio, que tá no jôgá...

Os *fiéis*, estimulados pelas exclamações do sacerdote, alteiam a voz; os *tocadores* redobram de energia batendo os *tabaques* com mais força; e *Ogun*, já senhor do equilíbrio,

dansa com mais desembaraço. Quem o observa, sente uma sensação estranha, porque vê uma creatura humana com movimentos de boneca de engonço, e membros que não têm rigidez: o *rythmo* é brusco, barbaresco, suave às vezes, outras violento, mas sempre molle e desarticulado...

Em dado momento, aproxima-se de outro *cambondo*, puxa-o, com a mesma molleza de gestos, para o centro da roda e, segurando-lhe as mãos de modo a curvar-se para a frente, esfrega-lhe a cabeça na sua até que elle, tomado por outro *Ogun*, recue, executando os mesmos movimentos desarticulados...

Então, o *pae de santo*, pegando pela lamina, entrega uma espada a cada um. Transforma-se a dança num duelo simulado. Brilham as laminas no ar como fusis dentro da noite, em golpes de ataque ou de defesa, vibrados sempre com os mesmos gestos estranhamente molles e característicos...

É a cerimonia, que dura, às vezes, horas a fio, só termina quando os contendores, arquejantes de cansaço, um após o outro, aproximam-se da vela e enterram as espadas no chão, dansando ainda. O *pae de santo*, nesse momento, pára o canto bradando:

— Louvado seja *Oxalá!*
— Pr'a sempre seja louvado.
— Louvado seja os *Tatá!*
— Pr'a sempre seja louvado.
— Louvado, os *Orixá!*
— Pr'a sempre seja louvado.
— Louvado, o Céu que nos cobre;
— Pr'a sempre seja louvado.
— Louvado, a Terra que nos oria!

— Pr'a sempre seja louvado.
— Louvado, o Mar que nos alimenta!
— Pr'a sempre seja louvado.
— Louvado, o Matto que nos esconde!

— Pr'a sempre seja louvado.
— Louvado, o Sol que nos esquentam!

— Pr'a sempre seja louvado.
— Louvado, a Lua que nos alumia!

— Pr'a sempre seja louvado.
— Louvado, as Estrellas que nos espia!

— Pr'a sempre seja louvado.
— E louvado, *mias fio*, seja *Ogun!*

— Pr'a sempre seja louvado.
Finda a serie dos louvores, canta-se, então, o *imã* de despedida:

"*Angô, angô, mia cambondo,*
Eu vai s'embora.
Fica cum Deus,
Cum Nossa Senhora."

De novo recomeça a dança, mas, ao fim de vinte a trinta minutos, cada um, de sua vez, desprende-se, deixando os *cambondos* extenuados. Canta-se o *ponto* de encerramento:

“Encerra a mesa,
Com licença de Congo,
Encerra a mesa,
Com licença de Congo.”

Mais um gesto do *pae de santo*. Cala-se o *côro*. Emmudecem os *tabaques*.

Está finda a cerimonia.

Nobrega da Cunha.

Rio — Agosto — 1923.

(1). A expressão *pae de santo*, dada ao sacerdote da Macumba, não é correcta. Emprega-se no sentido de *ancião que tem conhecimentos e poderes com, os quaes póde forçar os santos a arriarem*, isto é, a tomarem parte nas *cerimonias do ritual*. Um *pae ds santo*, aliás o mais intelligente, embora inculto, de quantos tenho conhecido, dizia-me certa vez, na sua linguagem rude e pittoresca:

— A gente anda errado chamando de *pae de santo*. *Cavallo de santo* é que a gente é, pois os santos amonta em nós...

(2). Nunca pude obter uma explicação satisfatoria da formação do Universo. Interroguei muitos *paes de santo* sobre como *Oxalá fizera o mundo*, mas todos elles, invariavelmente, me responderam:

— Fazendo.

(3). *Saravá*, corruptela de *Salva*.

Creemos, que a reportagem acima, deva ter sido efetuada no Terreiro do Pai Quintino. Chegamos a essa conclusão, pela fama do “pai de santo” em época, e pelo desenho do (altar), e as “espadas” presentes, que seguem os mesmos moldes da foto na segunda reportagem, abaixo.

A reportagem a seguir, efetuada por Leal de Souza em 1924, nos mostra um “pai de santo” famoso no Engenho Novo no Rio de Janeiro, praticante da Macumba, mas já, derivando para as práticas da Umbanda. Observemos que eram utilizados elementos que o Caboclo das Sete Encruzilhadas aconselhou não se usassem:

Rio de Janeiro — Quarta-feira, 23 de Abril de 1924

A NOITE

NO MUNDO DOS ESPIRITOS

O terreiro da macumba

UMA LUZ NUMA ARVORE

Dando agua ao bode preto



Pae Quintino, chefe da macumba da
rua Ararajo Leitão, no Engenho Novo

Temo no terrero! Pro baixo, a terra
dessa. Pro cima, o grande véo! Lá, no lado,
dessa mãe, a Santa Lua! bradava, entre os
seus adeptos, "Pae Quintino".

No terreiro, cercada de arvores, entre
pedras de pedra, sob o céu estrellado, a ma-
cumba, na véspera do dia de S. Jorge, ini-
ciava, com um ensaio ruidoso, a festa de
Ogun. Alinhados, entre os "filhos" de "Pae
Quintino", no círculo de homens e mulhe-
res que o rodeavam, appareciam, estranhos
aquelle meio, junto ao escriptor Nobrega da
Cunha, o poeta Murillo de Araujo, o dese-
nhista Cornelio Penna e o joven cathari-
ense Bello Wildner.

A claridade tremula de algumas velas,
entre os rufos de dous tambores e de um
pandeiro, sob palmas cadenciadas, ao som
monótono de um canto barbaresco, tres ra-
parigas, — olhos dilatados, em fixidez sem
alvo, braços descaídos ao longo do corpo,
pernas bambas ou rígidas, dansavam, aos

pulos, inconscientes, com o busto tombando
para a frente, para os lados, em movimentos
bruscos, desconnexos, sacudidos.

Puzeram, entre as dansarinas em transe,
uma negrita alla e magra, de tenra idade,
com um chapéo masculino, de palha, sob a
saforinha. Chamaram um rapaz escuro, de
frenome entre os ultimos capoeiras cariocas,
e, pondo-lhe, amoroso, o braço ao pescoço,
"Pae Quintino" arrastou-o ao centro do ter-
reiro, e mudou a letra do canto, substitui-
do, assim, por um cântico mais plangente e
mais amplo. O capoeira, em poucos minu-
tos, cambaleou e, dansando, caia sobre os
adeptos, atirava-se de cabeça, sobre as pe-
dras, sendo, então, amparado e detido pelos
circunstantes.

Uma das dansarinas rojou-se de brucos,
na poeira, com os cabellos desgrehados,
mas, reerguida, continuou em seus volteios
bizarros:

- Viva Ogun!
- Viva o general de Umbanda!
- Viva a espada do nosso general!
- Viva o cavallo do nosso general!

Repetiu a macumba estes brados do ma-
cumbreiro, e uma creoula sympathica, de
farfalhante vestido branco, apresentou, com
respeito, a "Pae Quintino", um comprido
sabre Comblain. Passando-o a um de seus
auxiliares, ordenou o chefe que se collocas-
se o sabre nas mãos do rapaz em crise repu-
lada mediumnica.

Levantando acima da cabeça o braço que
empunhava a arma, o capoeira saiu a vol-
tear, em pulos, em saltos, em pinotes, ao
recredescer dos rufos dos tambores e do
pandeiro. De prompto, jogou o sabre ao
chão e deitou-se de brucos, na terra. Tra-
çou-lhe, então, sobre as costas, "Pae quin-
tino", uma cruz aerea, e, fazendo-o levan-
tar-se, repoz-lhe o sabre na mão.

O rapaz, de novo armado, estendeu a mão
esquerda á extremidade da lamina, e collo-
cou, á maneira de uma canga, sobre o pes-
coço, a folha cortante do ferro, dando guin-
chos agudos, estridulos, reiterados. Alçou,
de subito, o sabre, para assental-o sobre a
testa, pela empunhadura, onde se enlaçaram
os seus dez dedos. Um canto vibrante de
estímulo e desafio irrompeu, alto, no ter-
reiro.

Agitada em cadencia de dansa, desprenden-
do-se da frente de seu portador, a arma
riscou um traço no pó, e, fincada na terra,
ficou a tremer, enquanto, de joelhos aos pés
do "Pae Quintino", as mãos postas, o ca-
poeira gemia, de modo lancinante, parecendo
chorar.

Levantou-se "Pae Quintino", e, com uma vela, descreveu-lhe um círculo luminoso ao redor do crânio, ao tempo em que fazia vibrar uma campainha. Recobrando-se esse medium, a moça que trouxera o sabre, dobrou os joelhos e alçou, em offerenda, uma tijella chela dagua, com algumas pedras e duas velas accesas.

Uma das dansarinas em transe, tomou a tijella e, pondo-a sobre a cabeça, encruzou as mãos sobre as costas, começou a dansar, em movimentos de crescente rapidez. Dando signal para um canto de louvor á Mãe dagua, "Pae Quintino" entrou, enthiasmado, na dansa, gyrando em torno do sabre fincado no sólo.

Com os cabellos engordurados pelo derretimento das velas, a rapariga parou, perguntando:

— Meu Pae, posso começar o serviço?

— Espera, minha fia, quero convresá comtigo. Segunda, terça, quarta-feira, quarta-feira de trevas, quarta-feira de endoenças. Quando a Virge via Nosso Senhor na Paixão, dos seus olhos caia uma lagrima na terra, e toda a terra tremia. Tremam assim, meus fios, os nossos inimigos, o fique elles tudo. Já, debaixo da planta do meu pé esquerdo. Já, disse, e bateu, no sólo, com o pé esquerdo.

A rapariga, então, molhando as mãos na agua da tijella que tinha sobre a cabeça, lavou os selos, os braços, o rosto, a cabeça da menina do chapéo de palha.

Julgando que, nessa occasião, um de seus "filhos", — um homem de boa idade, de bigode louro — não guardara a compostura

conveniente, "Pae Quintino", applicou-lhe ás palmas das mãos com uma palmatoria, dous fortissimos bolos.

Mudara o motivo do côro. Falava-se, agora, num tronco da floresta, tronco que estava ali, e tinha as raizes na Costa da Africa. "Pae Quintino", encostando-se a uma grande arvore, como se se offerlasse para ser amarrado, pediu:

— Quem me dá uma luz?

Levou-lh'a um dos adeptos, mas, surpreendendo-o, o velho macumbeiro, com agillidade de moço, suspendeu-se a um galho, passou para o outro, attingindo aos ramos mais altos. Lá, prendendo a vela entre as folhas, gritou:

— Viva o Céu! Viva a Terra!

Ardia, na altura, a vela, clareando as frondes, e, sem que o vissimos descer, "Pae Quintino" appareceu estirado no chão do terreiro, a gritar:

— Viva a Terra! Viva o Céu!

Revirou-se em algumas cambalhotas, e, correndo por entre as arvores, annunciava:

— Eu vou me embora!

Reapparecendo no terreiro, perguntou, aos gritos:

— Quem me tirò a minha chave? Quero abri a minha prota! Meus fio, a minha chave?

— Eu dô a sua chave! respondeu-lhe um de seus sobrinhos, e mergulhou na sombra das ramagens, correndo.

Quando voltou, trazia, apertada contra o peito, uma tijella com agua e folhas verdes, e arrastava, pelos chifres, um bode preto. "Pae Quintino" agarrou a tijella, e na bocca do bicho, que o pulso de seu sobrinho abriu, derramou a metade da agua, e bebeu elle proprio a restante.

Já o novo dia raiava, annunciado em longes de aurora. Começaram a dansar um samba, duas a duas, seis mulheres. Soaram, a cadenciar-lhe o sapateio, instrumentos de cordas. Era o fim do inicio da festa de Ogun!

LEAL DE SOUZA

E finalizando o nosso livro, só para se ter uma idéia mais clara sobre o Terreiro do Pai Quintino em particular, vamos à uma reportagem efetuada anteriormente (Janeiro de 1924) de Leal de Souza (cremos que Leal de Souza ainda não tinha contato com o Caboclo das Sete Encruzilhadas), onde nos relata com mais detalhes os rituais da dita Macumba. Reparem a similitude com muita coisa da Umbanda atual. Gostaríamos de colocar a reportagem original, mas, optamos por transcrevê-la, devida a má qualidade do original:

A NOITE

NO MUNDO DOS ESPIRITOS

O ESPIRITISMO NA MACUMBA

DO CAVALLO DE S. JORGE À CONJURA DAS TREVAS

Outros aspectos e scenas de feitiçaria



Pai Quintino, paramentado e com a sua espada de Ogum, em seu canzel, em companhia de seu auxiliar e de uma criança

Íamos, no Engenho Novo, pela Rua Araújo Leitão. Sob os nossos pés, arbustos rasteiros, gramas tenras, águas paradas, buracos enganosos. Aos lados, à espessa vegetação condensando massas de sombras. Era meia noite. Reinava a treva.

Cercada de árvores, advínhamos uma casa pelo desenho das portas e janelas, a traços de luz. Um rumor cadente de palmas acompanhando um sussurro melancólico de vozes escapava por entre essas frinchas luminosas. Quando nos aproximamos, abrindo-se uma porta silenciosa em nossa frente, surgiu dela um vulto que, após uma breve inspeção, mandou que entrássemos.

Éramos quatro pessoas, pois estavam conosco um jovem paraense de óculos, o senhor Paulo Torres, e o escritor Carlos Nóbrega, homem de prestígio na “Macumba”. Penetramos um aposento escuro, onde se esboçavam figuras em movimento. Mãos quase invisíveis arrebataram os nossos chapéus. Rolamos, então, para a sala contígua, o “candel” de “Pai Quintino”, tomado assento, após o seu consentimento, num banco encostado à parede.

Ao fundo, numa espécie de altar, forrado de plano branco, com ornatos vermelhos, imagens diversas, e numerosas, em quadros, e, sobretudo, em estatuetas, representando santos da igreja e talvez ídolos barbarescos; tigelas cheias de água, contendo pedras e cruces de pão; latas, copos, vidros, um cachimbo, velas acesas em candelabros, um polvarim, garrafas, pacotes de velas, caixas de fósforos...

Diante do altar, enterramos no chão, encruzando as lâminas, uma espadas de dois sabres de Comblain, com as folhas cheias de cruces de giz; uma estrela de metal; punhais de varias dimensões; velas ardendo; uma pedra preta, um bloco de vidro branco...Pelas paredes brancas, imagens sagradas e velas bruxuleando em suportes especiais de madeira. Três bancos encostados ao muro, estavam cheios de gente, ficando, porém, as mulheres de um lado, e os homens do outro.

No meio da sala, sentado numa cadeira, com os rugosos pés nus e a camisa fora das calças, tendo uma vela acesa na mão, um negro de estatura vultuosa, quase velho, "pai Quintino", passeava os olhos pelo solo, e tinha, na sua frente, um sabre fincado, um copo, e um santo de gesso enrolado num rosário e pesando sobre dois papeis garatujados.

"Pai Quintino" fez um sinal a uma preta, que se ajoelhou aos seus pés e mandou que ela amarrasse aqueles papeis na saia, bateu a palmas e cantou:

-Oia o nó, Guiomá!

Em coro, os assistentes repetiam: *"Oia o nó, Guiomá"*. Os papeis não tinham sido amarrados com segurança e, desprendendo-se da saia, rolaram na poeira. Pedindo uma bengala, Quintino deu duas fortes pancadas na cabeça da mulher, ordenando-lhe que reatasse com cuidado a saia, guardando nela os papeis.

Riscou, a giz, um circulo no chão, e, dentro do circulo, uma cruz, sobre o qual emborcou o Santo. Apanhando um copo, entornou cachaça em quatro pontos diversos, em torno da imagem emborcada; rabiscou diante de nós e nossos companheiros umas figuras cabalísticas, que foram cobertas de pólvora. Apagou as velas que lhe ardiam aos pés e mandou chegar fogo aos desenhos de pólvora, que deflagravam, ao canto, cadenciado a palmas:

-Quema o maus oio ! Quema a má língua !

Era, disseram-nos, um ato preventivo, motivado pela nossa presença de desconhecidos, e destinado a conjurar forças que nos impedissem de fazer mal à "macumba".

Tomada essa precaução, Quintino traçou uma cruz na palma da mão direita e estendeu-a a um homem que nela pois um pouco de pólvora, logo incendiada. Ao clarão estrondante, o negro, erguendo-se, fez o circulo da sala, e todos lhe beijaram a mão. Quintino passara a ser o Pai Raphael de Umbanda. Chamou a mulher de saia amarrada, e, indicando-lhe a vela que estivera entre seus dedos, determinou:

-Minha fia, enterra esta vela de pavio pra baixo, inté a metade numa valla in que não passa água.

Falou, por momentos, numa língua africana incompreensível, sacudiu a cabeça violentamente e abaixou o tronco, a dobrar-se, fazendo, com os lábios: "Burr! burr ! burr ! burr !

-A minha língua é a lingua de Angola, mas eu me experico p'ra os meos fio comprehendê.

Fez uma dissertação confusa sobre o Gênesis, e terminou:

-Mas que há Deus, há! Que há bons esprito, há! Com a graça de Deus, não temo o inferno e diabo. Com a graça do nosso veio Oxalá eu entro em bataia co o inferno, co diabo, cãs treva e eu sô vencedô na bataia.

Cravou um punhal na parede, apontou para a imagem do Cristo, com um sorriso embevecido, e disse:

- O nosso pai véio Oxalá! Viva o nosso veio Oxalá!

Voltando-se para um soldado do Exercito, perguntou:

-Quem é mais veio? Quem é mais premero, tu ou teu pai?

-Meu pai.

-Pois viva o teu pai! E quem veio premero que o premero? Quem é o maió que ta por cima? É os podê de Deus ! Viva os podê de Deus, meu fio ! Viva o mais maió que ta por cima !

A assembleia repetiu as aclamações, e Raphael continuou:

- Há uma justiça do céu e há uma justiça da terra. È preciso arrespeitá os podê do céu e obedece os podê da terra, porque os home não é ermão, meu fio. Uma muié tem dois fio; um é arto, outro é baixo; um é moreno, o outro é claro; um dá pra deputado, outro dá pra ladrão. Deus fez o mundo dereito, meus fio, mas os home pois o mundo às avessa. Agora os home é que tem de endireitá o mundo que elles entortaro.

Sentou-se, e pediu o “Santo Gronhonhô”. Alcançaram-lhe numa bandeja, comida pela ferrugem, umas sementes que ele pois na palma da mão e sacudiu no chão, como dados, cantando:

-Minha baráio de mamona !

Os assistentes, em coro, repetiam: “minha baráio de mamona”. Raphael, ou Quintino, chamando uma mulata de enorme cabeleira, fez ela ajoelhar-se ao seu lado, de face para o altar, e cantou: “*Maria, eh! Maria eh!*”

Por uns quinze minutos, o coro, batendo palmas, em toada dolente, clamou:

-Maria, eh! eh! Maria eh! eh!

A mulata começou a mover com os ombros em requebros e passou a bater com as mãos espalmadas no chão... A poeira, batida cadentemente subia em nuvens, espalhando-se pelo ar, e a cabeleira da dançarina genuflecta, desprendendo-se, varria o solo e resvalava sobre o fogo das velas. Depois, levantada por dois homens, a mulher, braços caídos, pernas rígidas, a face a aparecer horripilante por entre o véu dos cabelos, ficou a cambalear volteios, dançando sem consciência até o raiar da aurora.

Raphael reatou o sermão, dizendo às mulheres:

-Quando o seu fio chora e faiz a travessura, nunca chama ele de peste nem de diabo, porque as criança, é o nosso anjo da guarda. Mãe que chama o fio de diabo, mete o azar dentro de casa. Quando seu marido for desinfeliz e não pode comprar as coisa, não zanga co ele, minhas fia. Diz: a minha fome é grande, mas o pode de Deus é mais maió.

Aos homens disse Raphael:

-Tudo não pode sê iguá. Tem de have deferença pra se cumprir as lei de Deus. Se todo os home fosse rico, quem havera de querê faiz as molasinhas piquena das machina grande? E quem prantava o feijão e o mio? Quem suava no cabo do machado? E quem é que fazia o machado meus fio? Portanto, viva o mais maió que tá por cima e viva o nosso véio Oxalá !

-Viva ! Viva ! bradavam os filhos de Raphael.

Mandou ajoelhar-se ao seu lado uma negrinha jovem, de lindas faces, pés descalços, vestido branco, cabelos curtos, e que obedeceu sem alegria. Fez com que lhe tirassem os grampos e cantou:

-Ogum eh! Ogum eh!

Batendo palmas, os circunstantes romperam a cantar: “Ogum eh! Ogum eh!”

-Ogum é São Jorge, segredou-nos o nosso colega Nóbrega. Repare e verá o Espírito incorporar-se à médium.

Sebastiana, este era o nome da rapariga, como a outra, entrou a bater com as mãos no solo, porém, verificando que ela evitava o transe, Raphael fazendo-a sentar-se sobre os calcanhares, empunhou uma palmatória, e deu-lhe dois bolos bem puxados. Pediu: “Sangue!” e recebendo um copo de vinho, verteu-o no solo, dando o restante à médium.

Esta estendeu a mão a um homem que lhe depôs, na palma, uma porção de pólvora, a que chegou um fósforo. Ao estrondo luminoso, Sebastiana, contorcendo-se continuava, mas modificada:

-Percura a minha falange ! Percura a minha falange!

De repente, num salto, erguida, a moça, também com as pernas rígidas, com as articulações perras, saiu a voltear, inconscientemente, e tombou de costas, diante do altar.

-Levanta ela!

Levantada por dois homens, Sebastiana continuou a dança cambaleante, ao canto de:

-Percura a minha corôa!

Com os olhos parados, os maxilares comprimidos, os beijos apertados e escondidos os braços sem governo, respirava em bufidos, quebrava o corpo em corcovos, batia rudemente com os pés.

-Eles acreditam que ela recebe São Jorge, mas que é o cavalo do Santo, sussurrou Nóbrega ao nosso ouvido.

Mas, atirando-se de bruços, a bailarina de pernas duras bateu com a fronte na pedra preta e, pois os lábios no bloco branco de vidro. Reerguida, puseram-lhe na mão o grande sobre o riscado de cruzeiros, cantando o coro:

-Defende a minha coroa!

Ela, ora arrastando o sabre, ora pondo-o no ombro, rodava, rodava, rodava, e de repente, riscando uma cruz no chão, cravou, sobre ela, a arma; e estendeu, para nós, os braços.

-Levante-se, abrace-a! Aconselhou Nóbrega.

Obedecemos. Abraçando-nos, Sebastiana bateu com o seio esquerdo em nosso ombro direito, e, após, num movimento rápido, tocou o nosso ombro esquerdo com o seio direito, reproduzindo a cena com os nossos companheiros. Fez um sinal a um rapaz indiano, em mangas de camisa, voltou-se com ele para o altar e, como se o coroasse, pôs-lhe a mão na cabeça.

Em seguida, começaram a surgir diante dela os que haviam recorrido a "Pai Raphael", por doenças ou negócios. Sempre inconsciente, pernas endurecidas, a reluzir o suor, a rapariga, quando se lhe aproximava o indivíduo a ser atendido, tomava as sementes que nos pareceram dados, e, fechando-as, na mão, batia na sua e na cabeça do outro, alongava o braço em oferta à imagem de São Jorge, e jogava as sementes no chão. Davam-lhe, então, uma vela acesa, e a dançar, a moça fazia essa luz girar ao redor de cada uma das pernas, dos braços, da cabeça e da cintura do cliente, apertava-lhe, em seguida, a destra, e impelia-o, para que se afastasse.

Jogadas, uma vez, em intenção a um moço acaboclado, de boas roupas, as sementes, ao serem examinadas, alarmaram os circunstantes.

Sebastiana deu um pulo, e acicatando as ilhargas com os punhos cerrados, batia com os pés no mesmo lugar, como se estivesse correndo. Colocou, depois, a vela na cabeça do paciente, e, largando-a, vimos a luz cair, apagando-se.

A ansiedade geral argumentou. Novo pulo da dançarina que, desta vez, apoiando-se unicamente sobre o pé direito, com a perna esquerda estendida, a cabeça ereta e os braços abertos como azas, dava a impressão de querer voar. Tornando, porém, ao rapaz, refez, com a vela, a experiência anterior, e, vendo-a apagar-se ao tombar, empunhou o sabre.

-É perigo de vida! disse-nos o nosso confrade Nóbrega.

Sebastiana dançando de pernas rígidas, descreveu um círculo ao redor do moço, olhando com face arrogante, como a encarar inimigos. Com a ponta do sabre, riscou no chão o círculo que percorrera, e, rodilhou-o, em seguida, brandindo a arma sobre e entre as nossas cabeças, a desferir pontas e golpes defensivos. parou, e, levantando o corpo sobre as pontas dos pés voltada para a imagem de S. Jorge, alçou magnificamente o braço e elevou a espada ao teto. Nesse momento, aquela negrinha descalça, de vestido sujo de pó, com os olhos dilatados, o rosto majestoso, resplandecia de beleza, como um anjo esculpido em ébano. Fincando o sabre no solo, retomou a vela, e, resoluta, pô-la sobre a cabeçada rapaz. A luz tombou, rolando pelo solo sem apagar-se.

-Viva a fé! Gritou Raphael.

-Viva a fé! Gritaram mulheres e homens.

Um tipo gordo, claro, de fartos bigodes, avançando, apresentou a Sebastiana os pulsos justapostos, como se estivessem amarrados. Ella, recolhendo um charuto aceso, que lhe alcançaram, descreveu alguns giros de dança, a fumar; apertou a mão do gorducho, encheu a boca de fumo, e, curvando-se, fez a fumaça insinuar-se a atravessar as duas palmas unidas, e, com um giz, gravou cruzeiros nos sapatos, na testa, nas fontes, na nuca e nas mãos do consulente.

Colocando as duas mulheres diante de sua cadeira Pai Raphael, movendo uma vela acesa, recitou uma oração feita de pedaços de outras orações e mandou “acordem”. Sylvia e Sebastiana continuaram a cambalear. Pai Raphael cantou, repetindo-lhe o côro, o canto:

-Andorinha, leva o meu anjo pr'o ceó !

De repente, a mulata estacou, e, levantando a cabeleira com a mão, olhou em roda, e disparando, saiu do cancel! A pretinha, porém, não saía do transe. Pai Raphael gritou:

- Levanta o ponto, e o côro mudou:

- O anjo que trouxe, o anjo que leve!

O transe não passara.

- Encruza ela!

Dois homens pegaram Sebastiana pelos braços. Terceiro traçou-lhe, com força, uma cruz na face. Quarto soprou-lhe o rosto.

Como Sylvia, está, recobrando-se, deitou a correr, desaparecendo no aposento escuro.

Raphael, fazendo aproximar-se dele uma cabocla de lisas madeixas, encheu a boca de paraty, e, com os dentes, arrancou uma porção de cabelos à mulher, e, cuspiendo-os no chão, resolveu:

- Manda abri uma bananera de São Tomé e bóta esses cabelo dentro, e, anunciou:

-Eu vô m'imbora.

Todos, um a um, deitando-nos de bruços, no pó, beijamos o solo, entre os pés do bonzo vivo da macumba. E ele, derramando água no chão e formando um barro, considerou:

- A terra te fez. A terra te abençoe. A terra te coma.

Um a um, todos, metendo os dedos naquele barro, fizemos, com ele, o sinal da cruz, enquanto Raphael cantava:

-Eu vou m'imbóra, fica com Deus e Nossa Senhora.

Virando-se para o altar, ofereceu:

-Deus, Espírito Santo, Maria Santíssima, eu te ofereço esta obrigação, e, ao fim de uma longa reza, aclamou:

- Viva os esprito da medicina. Viva os dotô que já morrêro há mais de sessenta anos e tá no céo e tá aqui com nós também !

Tirou os paramentos, pô-los sobre os copos da espada que oscilava no chão, diante do altar e começou a cantar:

- O Zamby me chama. Eu tenho de ir. O Zamby me chama, eu tenho de ir.

De repente, como um cadáver, como todo o peso do seu corpo, caiu de costas, mas foi amparado vigorosamente por seis braços possantes.

Acabara a sessão. Eram quatro horas da madrugada.

(Leal de Souza)

HOSPITAL NACIONAL DE UMBANDA

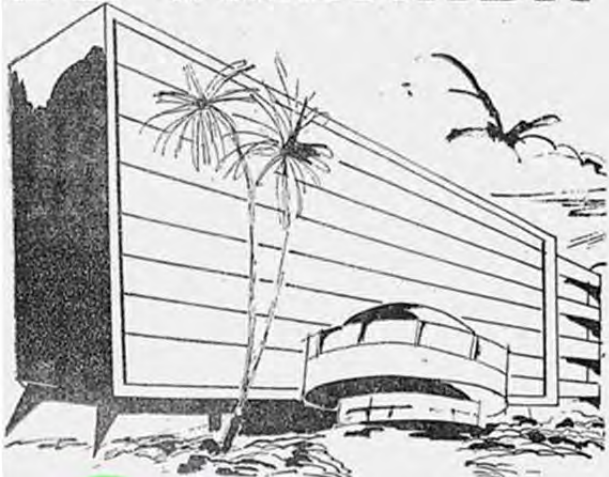
Em 1964, por iniciativa de alguns umbandistas idealistas, iniciou-se um grande projeto para a construção do Hospital Nacional de Umbanda. Alguns periódicos da época relataram o fato:

ERGUER-SE-Á EM JACAREPAGUÁ O HOSPITAL NACIONAL DE UMBANDA – Em prosseguimento ao trabalho de preparação para o lançamento da grande obra que será o HOSPITAL NACIONAL DE UMBANDA, a Junta Governativa do HNU anunciou que já se encontra em fase adiantada a elaboração do projeto arquitetônico do Hospital, e, em breve, será escolhida a fimar construtora que se encarregará da obra. No terreno escolhido e adquirido pela HNU, em Jacarepaguá, deve ter início em fins de fevereiro a construção do que será o maior Hospital da América do Sul, assim como um dos mais modernos em suas instalações e equipamentos. O HNU se destina precipuamente a atender às necessidades dos milhões de umbandistas do Brasil. (A Noite – 09 de Janeiro de 1964)

“UMBANDISTAS CONSTRUIRÃO HOSPITAL – A “Confederação Espírita Umbandista”, a “Tenda Espírita Mirim” e o “Centro Espírita Caminheiros da Verdade”, três das principais instituições umbandistas da Guanabara, estão colaborando na campanha do lançamento da construção do Hospital Nacional de Umbanda, que se destina a ser o maior e mais moderno da América do Sul. A cooperação destas entidades e junta administrativa do HNU, além do apoio moral ao empreendimento, se expressa em ajuda material com a instalação de postos de venda de títulos do Hospital entre os umbandistas. Os postos de venda oferecem aos candidatos e sócios fundadores do HNU, todas informações sobre a natureza e finalidade da grande obra que terá incício, brevemente, possivelmente em Jacarepaguá, em terreno já escolhido. (Diário Carioca – Rio de Janeiro, Sábado, 18 de Janeiro de 1964)

“UMBANDA TERÁ HOSPITAL MAIOR DA AMÉRICA LATINA – Para atender a mais de 15 milhões de umbandistas de todo Brasil, será construído brevemente o Hospital Nacional de Umbanda, O maior da América Latina. A encarregada da construção é a Endra S/A, instituição com finalidades filantrópicas que em tempo o mais breve, erguerá o nosocômio em Jacarepaguá. O culto de Umbanda, de formação afrobrasileira estendeu-se, no Brasil, sobretudo às classes mais pobres, razão pela qual se faz necessário esse projeto”. (Diário Carioca – Rio de Janeiro, Domingo, 19 de Janeiro de 1964)

O que é o HOSPITAL NACIONAL DE UMBANDA



O Hospital Nacional de Umbanda é uma associação filantrópica, que oferecerá a todos os umbandistas do Brasil assistência médico-hospitalar, ambulatorial, dentária, jurídica e social.
Será construído numa área de 25.000 m2, em Jacarepaguá, em local de excelente clima.



O HOSPITAL NACIONAL DE UMBANDA TERÁ:

- 100 apartamentos para internados e acompanhantes.
- Amplo centro cirúrgico, seção clínica e cirúrgica de acidentados e queimados.
- Serviço de socorro médico domiciliar e hospitalar de urgência funcionando as 24 horas do dia.
- Seção de maternidade.
- Assistência a recém-nascidos, clínica pediátrica, pronto socorro infantil.
- Os mais modernos equipamentos.
- Aparelhagem completa de raio-X.
- Aparelhagem de assistência respiratória e endoscópica, eletro-cardiogramas, laboratório de análises, Aparelhagem de fisioterapia e massagem - berçários, Equipamentos de clínica bronco-pulmonar, serviço de ambulâncias.
- Apólice de seguro no valor de Cr\$ 400.000,00

PRESTIGIE ESTA BENEMÉRITA INICIATIVA. TORNANDO-SE SÓCIO FUNDADOR DO HOSPITAL NACIONAL DE UMBANDA.

HNU HOSPITAL NACIONAL DE UMBANDA

Incorporação, Administração Geral e Vendas: - ENDRA S.A. - Empreendimentos e Administrações. - Av. Rio Branco, 156 (Ed. Av. Central) - gr. 2807 e 2809

TEL.: 52-7460

Consultoria de Relações Públicas: CONSULTEP Consultoria de Relações Públicas S. A.
Consultoria Jurídica: Sociedade de Advogados Correa Sobrinho e Outros Ltda

12 — 1.º Cad., Jornal do Brasil, Domingo, 22-1-64



A UMBANDA E A CIÊNCIA

O bem-estar físico do homem e o alto objetivo da Ciência. Para atingir esta meta, a Ciência se empenha em tôdas as direções, lança mão de todos os recursos, não prescinde de apoio algum.

É uma guerra abençoada, mas de muitas batalhas, que se vão vencendo sucessivamente, graças às progressivas conquistas científicas.

É esse bem-estar físico é tão importante quanto o espiritual.

Por isso, os umbandistas de todo o Brasil, ao mesmo tempo em que procuram, na prática permanente dos ensinamentos evangélicos, a saúde e a paz do espírito, se empenham também na realização de uma grande obra, que será um outro templo em que a Ciência lhes dará a saúde do corpo.

Ao invés de se antagonizarem, a Ciência e a Umbanda se aliam, por caminhos distintos, mas convergentes, para alcançar a elevada finalidade de dar ao homem os meios de conseguir seu bem-estar físico e espiritual.

Esta a idéia que norteia e inspira a grandiosa iniciativa do **HOSPITAL NACIONAL DE UMBANDA**.



HOSPITAL NACIONAL DE UMBANDA

Incorporação, Administração Geral e Vendas: - ENDRA S.A. - Empreendimentos e Administrações.

Av. Rio Branco, 156 (Ed. Av. Central) - gr. 2807 e 2809 - Tel. 52-7460

Consultoria de Relações Públicas:

CONSULTERP - Consultoria de Relações Públicas S.A.
Av. Franklin Roosevelt, 194 - gr. 807

Consultoria Jurídica:

Sociedade de Advocacia Cerrão Sobrinho & Outros Ltda.
Rua São José, 90 - gr. 7410

Jornal do Brasil, Domingo, 15-3-64, 1.º Cad. — 29 27

Para ajudar, todos envidaram esforços para que o projeto saísse do papel, realizando arrecadações, festivais, encontros, shows, para angariar fundos. Infelizmente o projeto não se realizou, e não sabemos o porquê.

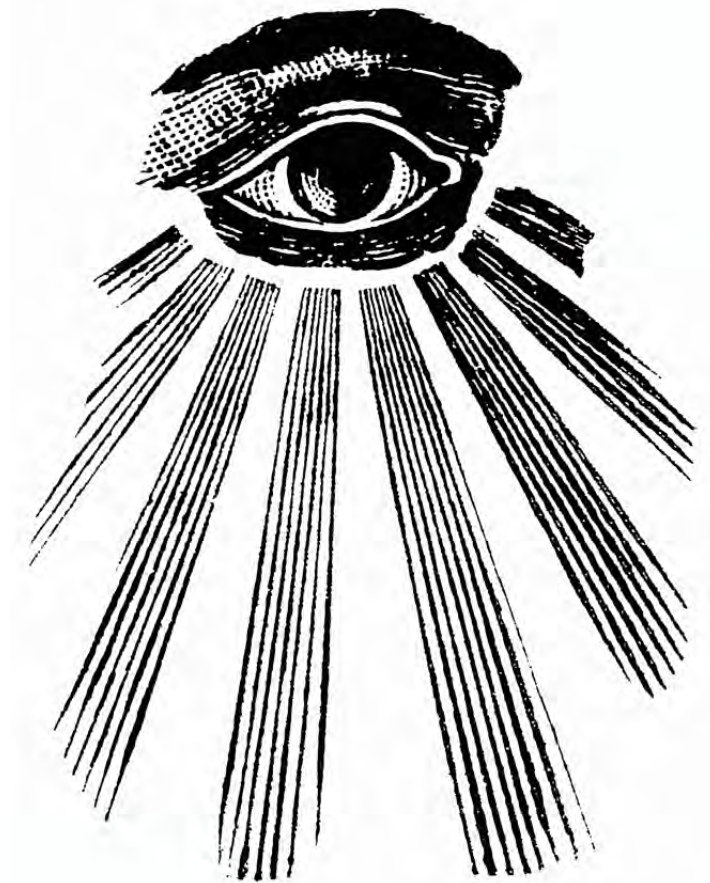


Acima a capa de um LP (vinil), com a maquete do futuro Hospital, disco este, cuja toda a renda foi endereçada à construção do nosocômio. Participou deste LP o autor do Hino da Umbanda, J. M. Alves.

*****//*****

Terminando, não poderíamos deixar de expor um maravilhoso texto de José Álvares Pessoa, onde, não podendo explicar quem é Deus, porque ninguém até hoje o conseguiu dizer com simples palavras, expôs com clareza e sabedoria, um dos Seus atributos:

O OLHO DE DEUS



É um olhar gelado e transpassante o desse olho incomensurável, que tudo vê, através de sua ronda infatigável pelos mundos sem fim, que são o seu domínio.

Na impassibilidade da sua pupila, que se fixa sobre os seres, devassando todos os seus mistérios, esmiuçando todos os seus segredos, existe a força que domina e o raio que estigmatiza.

O seu campo de ação é ilimitado; a capacidade humana insignificante para compreendê-lo.

Não há, entretanto, criatura que, pelo menos uma vez na vida, não o tenha sentido fixar-se sobre si, sem poder determinar o que nesse momento se passa em seu íntimo, em sua alma.

Na interminável ronda dos séculos, o olho vigilante passa e imperturbável se fixa em cada ser e em cada um põe a sua marca.

Qual máquina fotográfica, dotada da mais sensível objetiva, que ininterruptamente batesse as suas chapas, o olho Todo-Poderoso, penetrando no íntimo dos seres, esquadrinhando os mais recônditos escaninhos, fixa todos os aspectos interiores da criatura, tirando de cada uma a sua mais perfeita psicografia.

Instantaneamente batida, no mesmo momento revelada, esta psicografia é salvo conduto para uns, para outros é a condenação.

Entretanto, o olho vigilante nem é bom, nem é mau, nem é justo, nem é injusto, porque está mais além do bem e do mal.

A ele não compete determinar o prêmio ou o castigo, limita-se a ver e a gravar nas criaturas o sinal de sua passagem.

Atrás de si vêm aqueles a quem ele outorgou o poder de distribuir a sua justiça.

Guiados pela luz desse holofote incomparável, que ilumina os abismos mais insondáveis, que marca os maus, pondo a nu toda a hediondez das suas ações, esses auxiliares não precisam fazer estudos sobre as almas, limitando-se a olhar a chapa de cada uma

Deste simples exame eles inferem qual o prêmio ou o castigo que merecem os seres, fazendo cada um colher o fruto de acordo com a semente que plantou.

As Leis de Deus são imutáveis, porque são eternas e são perfeitas, porque emanaram da sua onisciência.

Diante do tribunal de sua justiça, não há o perigo de condenar-se o inocente, porque antes de apresentar-se a esse tribunal, o paciente já passou pelo crivo do seu olho imutável, que tudo perscruta, que tudo vê e ao qual nada escapa.

O homem, ainda que mergulhado na mais trevosa das ignorâncias, como que tem a presciência dessa coisa terrível, e quanto maior é o crime praticado, tanto maior é a sensação de ter sido visto por alguém... Daí o pavor que se apodera do criminoso, logo após consumado o crime.

Do mesmo modo, aquele que pratica uma ação de reconhecido valor, sente sobre si algo que não sabe explicar, e que é a luz gelada desse olho penetrante, que não aprova os atos e nem os desaprova, mas que os fotografa instantaneamente.

Na linguagem sânscrita, há um termo - "AKASA" -, que significa éter, e onde se diz estarem registrados o ativo e o passivo da cada entidade. A este registro, os orientais chamam "Livro Akásico".

Esse "Livro Akásico" é como um álbum, onde se encontram todas as chapas fotográficas batidas pelo olho incomensurável, cuja luz gelada transpassa todos os seres e todas as coisas.

Quem poderá dizer de onde ele veio, por onde passou, para que lugar se dirige?

O olho penetrante, sob cujo controle tudo se encontra, não pode ficar a mercê do controle de ninguém; as mais elevadas entidades se acham sob a sua vigilância, porque o olho incomensurável é o Olho de Deus.

(Texto de José Álvares Pessoa. Jornal "O Semanário" – Ano II – número 73 – página 07, segundo caderno – 1956)